

As Levadas da Ilha da Madeira
Património sociocultural e linguístico
(contribuição para o processo de candidatura
a Património Mundial da UNESCO)

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DE MESTRADO

Maria Luísa Correia Gouveia

MESTRADO EM LINGUÍSTICA: SOCIEDADES E CULTURAS



UNIVERSIDADE da MADEIRA

A Nossa Universidade

www.uma.pt

dezembro | 2020

As Levadas da Ilha da Madeira
Património sociocultural e linguístico
(contribuição para o processo de candidatura
a Património Mundial da UNESCO)

RELATÓRIO DE ESTÁGIO DE MESTRADO

Maria Luísa Correia Gouveia

MESTRADO EM LINGUÍSTICA: SOCIEDADES E CULTURAS

ORIENTAÇÃO
Naidea Nunes Nunes

CO-ORIENTAÇÃO
Susana Maria Gouveia e Sá Ventura Fontinha

AGRADECIMENTOS

A realização deste estágio e conseqüente trabalho de investigação só foi possível devido ao contributo de algumas pessoas. Assim, agradeço reconhecidamente:

à Professora Doutora Naidea Nunes Nunes e à Doutora Susana Fontinha pela disponibilidade na orientação do meu estágio de mestrado, pelo rigor científico e pelas sugestões e críticas que se mostraram fundamentais para a concretização deste trabalho;

ao Professor Doutor Rui Carita pelo incentivo demonstrado sobre o estudo deste tema, na unidade curricular de Sociedades e Culturas Insulares do Mestrado em Linguística: Sociedades e Culturas, e ao Professor Doutor Thierry Proença dos Santos pela orientação inicial deste trabalho;

à Secretaria Regional de Ambiente, Recursos Naturais e Alterações Climáticas (SRAAC), por aceitar e acolher a realização deste trabalho de estágio;

aos colegas de curso, Alexandra Nunes e Andreia Carvalho, pelo interesse, disponibilidade e carinho demonstrados;

à Sara Andrade que, ao longo do estágio na SRAAC, sempre me manifestou apoio e ajuda;

ao meu filho Francisco, que sempre acreditou na conclusão deste trabalho, pelo entusiasmo e encorajamento transmitidos.

A todos a minha imensa gratidão!

“Para este povo, o problema das levadas é a própria Vida. Sem água, as terras permanecerão maninhas. (...) Pela água o madeirense tornou-se gigante a medir forças com outro gigante: a montanha. (...) As levadas (...) não se limitam também a ser um prodígio de esforço, persistência e técnica que tem custado vidas e vidas.”

Maria Lamas, 1956, pp. 110 e 112.

“(...) obra grandiosa [as levadas] (...) um sistema primitivo, mas com características de originalidade própria e distinto dos sistemas congêneres, antigos e modernos. Consiste numa vasta rede de canais rudimentares que cortam a Madeira em todas as direções e vão da serra ao mar, fertilizando os terrenos aráveis de todas as zonas. (...) O povo chama levadas aos aquedutos regionais de água de irrigação porque assim as designou, em 1493, D. João II, em Carta Régia. (...) Quase todas as levadas têm a sua origem no norte da ilha, porque a água corre ali todo o ano em toda a parte, enquanto que no Sul falta ou diminui no verão. Costeiam elevadas e alcantiladas serras, atravessam apuradas ravinas, transpõem abismos, perfuram montes num perigoso e titânico trabalho de longos anos e com dispêndio de avultadíssimos capitais e até de bastantes vidas.”

E. C. N. Pereira, vol. I, 1989, pp. 679-681.

“Os poios (socalcos) e as levadas são as mais belas peças do património cultural da ilha da Madeira e a expressão viva de como foi possível a intervenção humana sem criar ruturas significativas no funcionamento dos ecossistemas.”

Raimundo Quintal, 2011, p. 140.

“O inestimável valor patrimonial das levadas exige que estas sejam devidamente protegidas, corretamente recuperadas e adequadamente geridas em termos ambientais, económicos, turísticos e, sobretudo, como herança cultural.”

Nelson Veríssimo, “Levadas da Madeira”, *Boletim do CIERL-UMA*, 2015, p. 6.

“[Levadas] publicação (...) que documenta o tempo presente e, por outro, as vozes de autores (...) que – presume-se viveram e relataram o contacto com esse sistema de condutas de transporte de água, partilhando significados, usos e emoções. Nesse sentido, intenta-se (...) dar voz e visibilidade às formas sensíveis de representação das relações de homens e mulheres com a rede de canais de irrigação nessa Ilha. (...) o que mais surpreende é o entrecruzamento de dizeres e imaginários vários que tal paisagem motiva ou convoca.”

Thierry Proença dos Santos, 2017, pp. 11- 12.

RESUMO

O presente relatório de estágio do Mestrado em Linguística: Sociedades e Culturas é o resultado do trabalho realizado durante mais de 640 horas, na Secretaria Regional de Ambiente, Recursos Naturais e Alterações Climáticas (SRAAC), tendo como objetivo contribuir para o processo de candidatura das Levadas da Madeira à classificação de Património Cultural da Humanidade pela UNESCO. Deste modo, o trabalho consistiu numa extensa revisão da literatura sobre o estado da arte ou conhecimento sobre as levadas, na pesquisa e consulta de documentação sobre os critérios a satisfazer para a classificação de um bem cultural como património mundial, seguindo-se a pesquisa e consulta de documentação dispersa e variada sobre canais de irrigação similares existentes nos outros arquipélagos da Macaronésia (Açores, Canárias e Cabo Verde), no norte de Portugal, na Suíça (*les bisses du Valais*) e em Omã (os sistemas de irrigação *aflaj*, já classificados pela UNESCO). Este estudo resultou na sistematização da informação, de forma sintética e estruturada, sobre os seus aspetos fundamentais, como contributo para o desenvolvimento do estudo comparativo a apresentar na candidatura das levadas da Madeira a Património da Humanidade, com vista a determinar a sua especificidade e autenticidade enquanto património cultural, em relação às estruturas hidráulicas dos outros territórios.

Compreende também o trabalho de investigação efetuado para o levantamento de vocabulário, termos e expressões, em documentação escrita, digital e audiovisual, resultando na construção do glossário temático associado às levadas da ilha da Madeira. A partir deste, foi elaborado um questionário onomasiológico (partindo dos conceitos para recolher os termos), aplicado a *levadeiros*, de modo a obter a documentação oral incluída no glossário, complementando os outros tipos de documentação e enriquecendo-o com novos conceitos, termos e expressões, assim como com variantes sinonímicas e de significado (polissemia). No glossário, destaca-se ainda a documentação lexicográfica consultada e sistematizada, que permitiu conhecer a origem etimológica das palavras, através da consulta do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*, e confirmar alguns significados dos termos atestados (quando se encontram dicionarizados) no *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* da Academia das Ciências de Lisboa, mas principalmente em vocabulários madeirenses.

Os resultados obtidos na parte do estudo comparativo das levadas, nos diferentes territórios pesquisados, revelam a existência de similaridades entre alguns desses sistemas

de irrigação, porém as levadas da ilha da Madeira destacam-se pela sua multifuncionalidade atual, densidade e complexidade, que constitui um património cultural material único da região. Este é indissociável do património cultural imaterial, sociocultural e linguístico madeirense, ou seja, dos termos e expressões associados às levadas da Madeira, registados no glossário, incluindo variantes fonéticas, morfossintáticas e geográficas das palavras, assim como a indicação da ocorrência de sinonímia e de polissemia. A grande quantidade e diversidade dos vocábulos sistematizados, sobretudo palavras compostas e derivadas, mas também palavras simples e expressões, mostram bem as especificidades das múltiplas funções das levadas da Madeira e o seu valor único excepcional.

Palavras-chave: Canais de irrigação; Património cultural; Património linguístico; Glossário temático; Ilha da Madeira; Arquipélagos da Macaronésia.

ABSTRACT

This internship report of the Master in Linguistics: Societies and Cultures is the result of the work carried out for more than 640 hours, at the Regional Secretariat for the Environment, Natural Resources and Climate Change (SRAAC), with the objective of contributing to the application process from *levadas* of Madeira to the classification of Cultural Heritage of Humanity by UNESCO. In this way, the work consisted of an extensive review of the literature on the state of the art or knowledge about the *levadas*, in the search and consultation of documentation on the criteria to be met for the classification of a cultural asset as a world heritage, followed by research and consultation of dispersed and varied documentation on similar irrigation channels existing in Macaronesia (Azores, Canaries and Cape Verde), in the north of Portugal, in Switzerland (“les bisses du Valais”) and in Oman (the “*aflaj*” irrigation systems, already classified by UNESCO). This study resulted in the systematization of information, in a synthetic and structured way, about its fundamental aspects, as a contribution to the development of the comparative study to be presented in the candidacy of the *levadas* of Madeira as a World Heritage Site, to determine its specificity and authenticity as heritage and cultural landscape, in relation to the hydraulic structures of other territories.

It also includes the research work carried out to survey vocabulary, terms and expressions, in written, digital and audiovisual documentation, resulting in the construction of the thematic glossary associated with the *levadas* on the island of Madeira. From this, an onomasiological questionnaire (starting from the concepts to collect the terms) was elaborated, applied to *levadeiros*, to obtain the oral documentation included in the glossary, complementing the other types of documentation, and enriching it with new ones: concepts, terms, and expressions, as well as synonymic and meaningful variants (polysemy). In the glossary, the consulted and systematized lexicographic documentation also stands out, allowing to know the etymological origin of the words, through the consultation of the *Houaiss Dictionary of the Portuguese Language*, and to confirm some meanings of the attested terms (when they are dictionaried) in the *Contemporary Portuguese Language Dictionary* of the Lisbon Science Academy but mainly in Madeiran vocabularies.

The results obtained in the part of the comparative study of the *levadas*, in the different territories surveyed, reveal the existence of similarities between some of these irrigation systems, but the *levadas* of Madeira stand out for their current

multifunctionality, density and complexity, which constitutes a unique cultural heritage of the region. This is inseparable from the intangible cultural and linguistic heritage of Madeira, that is, the terms and expressions associated with the *levadas* on the island of Madeira, recorded in the glossary, including phonetic, morphosyntactic and geographic variants of the words, as well as the indication of the occurrence of synonymy and polysemy. The large quantity and diversity of the systematized words in the glossary, especially compound terms and derivatives but also simple terms and expressions, show the specificities of the multiple functions of the *levadas* of Madeira and their unique exceptional value.

Keywords: Irrigation channels; Cultural heritage; Linguistic heritage; Thematic glossary; Madeira Island; Macaronesian archipelagos.

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	I
Epígrafes	II
Resumo	III
Abstract	V
Índice geral	VII
Índice de fotografias	IX
Índice de tabelas	IX
Lista de abreviaturas	IX
Introdução	1
1. Objeto e âmbito do estágio de mestrado	1
2. Objetivos do trabalho	4
3. Organização do relatório	5
Capítulo I – As atividades desenvolvidas	7
1. As diferentes etapas do estágio	7
2. Atividades realizadas na SRAAC	8
2.1. Recolha e análise bibliográfica sobre as levadas da Madeira	8
2.2. Pesquisa sobre os critérios de elegibilidade da UNESCO	9
2.3. Consulta de documentação sobre canais de irrigação de outros territórios	9
2.4. Participação no evento “Levadas da Madeira 600 Anos”	10
2.5. Redação da parte do relatório relativa ao estudo comparativo	10
2.6. Participação em reuniões multidisciplinares	10
2.7. Revisão e conclusão da redação do trabalho feito na SRAAC	11
3. Atividades realizadas na UMA	11
3.1. Listagem dos termos e expressões associados às levadas da Madeira	12
3.2. Elaboração do glossário temático das levadas da Madeira	12
3.3. Construção de questionário e realização de entrevistas	13
3.4. Transcrição da documentação oral e sua inclusão no glossário	14
3.5. Revisão do glossário e junção de termos sinónimos	15
3.6. Consulta de documentação lexicográfica	15
Capítulo II – O estado da arte e a candidatura das levadas da Madeira a Património Cultural Mundial da UNESCO	16
1. A construção das levadas da ilha da Madeira	16
2. Tradições orais e literatura associada às levadas	19

3. A candidatura das levadas da Madeira	21
3.1. Valor excecional universal e critérios de elegibilidade	22
3.2. Integridade e autenticidade	25
Capítulo III – Levadas da Madeira e canais de irrigação comparáveis existentes noutros territórios	27
1. A multifuncionalidade das levadas da Madeira	27
2. Arquipélagos dos Açores, Canárias e Cabo Verde	31
2.1. Açores	31
2.2. Canárias	32
2.3. Cabo Verde	35
3. Portugal continental	37
4. Suíça	39
5. Omã	41
Capítulo IV – Glossário temático do património linguístico associado às levadas da ilha da Madeira	43
1. Macro e microestrutura do glossário temático	43
2. Glossário temático	44
Capítulo V – Análise e discussão dos resultados	121
1. A candidatura das levadas da Madeira a Património Cultural da UNESCO	121
2. As levadas da Madeira e os canais de irrigação em diferentes territórios	122
3. O glossário temático das levadas da Madeira	123
3.1. Resultados do glossário	123
3.2. Análise dos resultados do glossário	126
Conclusões e considerações finais	133
Fontes e Referências bibliográficas	140
1. Fontes do glossário	140
1.1. Documentação escrita	140
1.2. Documentação digital	141
1.3. Documentação audiovisual	141
1.4. Documentação lexicográfica	141
2. Referências bibliográficas	143
2.1. Madeira	143
2.2. Açores	143
2.3. Canárias	144

2.4. Cabo Verde	144
2.5. Portugal continental	145
2.6. Suíça	145
2.7. Omã	146
3. Outras referências bibliográficas	146
Apêndices	147
1. Apêndice I – Questionário sobre as levadas da ilha da Madeira	147
2. Apêndice II – Modelo da Ficha do Informante e Autorização	154
Anexos	155
1. Anexo I - Lista Indicativa do Bem Levadas a Património da UNESCO	155
2. Anexo II - Cartaz do Programa do Encontro “Levadas da Madeira”	168

Índice de fotografias

Fotografia 1 – Levada do Norte (Encumeada, ilha da Madeira)	17
Fotografia 2 – Levada com revestimento de telha (ilha Terceira)	31
Fotografia 3 – Acequia de Marcos y Cordero (ilha de La Palma)	35
Fotografia 4 – Canal de água em Cabo Verde	36

Índice de tabelas

Tabela 1 – Perfil sociocultural dos informantes	14
Tabela 2 – Entradas lexicais e respetivos termos sinónimos	129

Lista de abreviaturas

- a – Antes de (datas).
- acp. – Acepção ou acepções.
- adj. – Adjetivo.
- al. – Alemão.
- alt. – Alteração
- ant. – Antigo.
- ár. – Árabe, arábico.

art. – Artigo.
art. def. – Artigo definido.
cat. – Catalão.
der. – Derivação, derivado(s) .
desin. – Desinência.
dvg. – Divulgação, divulgada.
emprt. – Empréstimo(s).
esp. – Espanhol, espanholismo.
f. – Forma.
fem. – Feminino.
form. – Formação.
fr. – Francês.
fr. ant. – Francês antigo.
friul. – Friulano.
ger. – Geral, geralmente.
gót. – Gótico.
gr. – Grego.
id. – Idem.
inf. – Infinitivo.
infl. – Influência.
ing. – Inglês.
it. – Italiano; italianismo.
lat. – Latim, latinismo.
lat. cl. – Latim clássico.
lat. hsp. – Latim hispânico.
lat. imp. – Latim imperial.
lat. lus. – Latim luso.
lat. medv. – Latim medieval.
lat. tar. – Latim tardio.
lat. vulg. – Latim vulgar.

masc. – Masculino.

nom. – Nominativo.

orig. obsc. – Origem obscura.

orig. contrv. – Origem controversa.

origin. – Originalmente, originariamente.

p.ext. – Por extensão.

part. – Particípio.

part. pas. – Particípio passado.

part. pres. – Particípio presente.

pas. – Passivo/a.

pl. – Plural.

port. – Português.

poss. – Possessivo.

pref. – Prefixo.

prep. – Preposição.

prov. – Provavelmente.

provç. – Provençal.

rad. – Radical.

regr. – Regressivo, derivação regressiva; derivado regressivo; forma regressiva, deverbis.

s. – Século (datação).

substv. – Substantivação.

suf. – Sufixo.

supn. – Supino.

tar. – Tardio.

tb. – Também.

us. – Usado.

v. – Verbo.

INTRODUÇÃO

1. Objeto e âmbito do estágio de mestrado

No âmbito do Mestrado em Linguística: Sociedades e Culturas elaborou-se o presente relatório de estágio, parte do mesmo efetuado na Secretaria Regional de Ambiente, Recursos Naturais e Alterações Climáticas (SRAAC), de acordo com o protocolo estabelecido entre a Universidade da Madeira (UMa) e a atrás referida entidade para a prossecução desse fim. O estágio foi acompanhado pela orientadora da entidade de acolhimento, Doutora Susana Fontinha, coordenadora da candidatura das levadas da Madeira a Património Cultural da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). A candidatura tem de demonstrar o valor universal excecional do bem cultural (material e imaterial) a ser classificado: tem de cumprir pelo menos um critério do património mundial, condições de integridade e de autenticidade e requisitos de proteção e de gestão, implicando as questões do contexto cultural, do uso, significado, identidade e relevância para a vida quotidiana da comunidade, entre outros valores. Neste sentido, este trabalho é um contributo para a valorização, salvaguarda e transmissão da importância cultural do património sociocultural e linguístico das levadas da ilha da Madeira para as gerações atuais e futuras de toda a humanidade, sendo a proteção permanente do bem da maior importância para a comunidade internacional.

Assim, o estágio na SRAAC debruçou-se sobre a identidade e a excecionalidade das levadas da Madeira, mostrando como estas se diferenciam de similares canais de irrigação existentes, nomeadamente noutros arquipélagos da Macaronésia (Açores, Cabo Verde e Canárias), na Europa (Portugal continental e na Suíça) e em Omã. A este trabalho acresceu a investigação sobre o património imaterial, sociocultural, linguístico e etnográfico em torno das levadas. O interesse sobre esta temática está relacionado com o facto de a mestranda, ao longo da sua carreira profissional, na qualidade de agente cultural e turístico, ter desenvolvido atividades de promoção e valorização do património cultural e natural da Região Autónoma da Madeira (RAM) e, por isso, apresentar interesse em contribuir para a candidatura e subsequente classificação das levadas da Madeira como Património Cultural da Humanidade sob a égide da UNESCO.

Uma das razões da escolha do tema depreende-se do facto de as levadas serem uma parte relevante da identidade da Madeira, como património sociocultural e linguístico e elemento da paisagem madeirense. Estas atraem visitantes, turistas, amantes da natureza,

aventureiros e desportistas, por vezes levados a visitarem-nas mesmo sem conhecerem a sua função, o seu modo de construção e a gestão complexa inerente ao vasto sistema de transporte de água, tão importante no quotidiano, nas atividades e até na sobrevivência da população madeirense. Outra das razões da escolha do tema é o facto de as levadas serem reconhecidas pela sua ancestralidade e serem um património único, que envolve métodos de construção peculiares que atravessam várias gerações de trabalhadores e que quebram barreiras que outrora pareciam inultrapassáveis, salvaguardando não só a beleza natural, mas também servindo de caminho para conhecer lugares e paisagens que, de outra forma, não seriam tangíveis.

Ao medirem força com a natureza, são o reflexo de um modo de superação da orografia insular por parte dos madeirenses. Estão associadas a um trabalho hercúleo, transformando estes homens em distintos construtores que implantaram esta tradição em diversos locais onde foram viver. O trabalho para a sua construção incluiu técnicas de manuseamento, muitas vezes contra o curso natural das águas, para aproveitar ao máximo os recursos da natureza. Sendo as levadas da ilha da Madeira elogiadas, de forma geral, por todos os que as conhecem e aqueles que as procuram visitar, neste trabalho propõe-se fazer um levantamento sobre as suas funções ou multifuncionalidade, tipo de construção e gestão, bem como elencar o património cultural imaterial que lhes está associado, principalmente o património linguístico, de modo a enaltecer o seu valor e promover o seu conhecimento.

Pelos acima referidos motivos, as levadas, além de refletirem parte da História da Madeira, são um dos maiores meios para publicitar a ilha, pois despertam a atenção dos visitantes, que, cada vez mais, procuram novas experiências e, sobretudo, atividades ao ar livre. Ao mesmo tempo, querem conhecer e vivenciar a autenticidade da realidade regional e local, como é o caso das palavras e das coisas ou tradições etnográficas das levadas, da literatura escrita e oral e tradicional, das lendas e das histórias dos lugares, incluindo a história da construção das levadas.

Desta forma, além de serem um Património Cultural Material, constituem um Património Cultural Imaterial. O conceito de Património Cultural Imaterial (PCI), de acordo com a Convenção Para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial da UNESCO¹, é definido como:

¹ Cf. Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Imaterial, UNESCO, 2003. Disponível em <https://www.unescoportugal.mne.pt/pt/temas/proteger-o-nosso-patrimonio-e-promover-a-criatividade/patrimonio-cultural-imaterial>.

As práticas, representações, expressões, conhecimentos e competências – bem como os instrumentos, objetos, artefactos e espaços culturais que lhes estão associados – que as comunidades, grupos e, eventualmente, indivíduos reconhecem como fazendo parte do seu património cultural. Este património cultural imaterial, transmitido de geração em geração, é constantemente recriado pelas comunidades e grupos em função do seu meio envolvente, da sua interação com a natureza e da sua história, e confere-lhes um sentido de identidade e de continuidade, contribuindo assim para promover o respeito pela diversidade cultural e a criatividade humana.

Neste sentido, o PCI inclui as tradições ou expressões vivas herdadas dos antepassados e transmitidas aos seus descendentes, nomeadamente as “tradições e expressões orais, incluindo a língua como vetor de património cultural imaterial”, tal como “competências no âmbito de processos e técnicas tradicionais”, conhecimentos transmitidos de forma espontânea dentro da comunidade. Salvar estas tradições significa a “adoção de medidas destinadas a assegurar a viabilidade do património cultural imaterial, incluindo a identificação, documentação, pesquisa, preservação, proteção, promoção, valorização, transmissão, essencialmente através da educação formal e não formal, bem como a revitalização dos diferentes aspetos desse património”. Desta realidade surge o conceito de Património Linguístico (PL), segundo Rebelo (2016: 287):

conjunto de bens verbais, orais e/ou escritos, próprio de uma comunidade porque a identifica e distingue das restantes, nas suas formas de comunicar ou de vivenciar a própria experiência. Manifesta-se a diversos níveis, nomeadamente fonético, fonológico, morfológico, lexical e semântico. Inclui também a sintaxe e as especificidades frásicas, nomeadamente idiomáticas. Comporta várias vertentes relacionadas com a linguagem: geográfica, histórica, social e cultural. É transmitido de geração em geração e, se não o for, pode desaparecer. (...) É, portanto, um conjunto de bens (linguísticos) de uma comunidade em permanente dinâmica. (...) o PL está em constante modificação, sendo enriquecido ou empobrecido, consoante os usos de uma geração que, claramente, o altera, no presente, antes de o legar à geração seguinte. Logo, o PL é a herança linguística global de uma determinada comunidade (local, regional, nacional, internacional) que vai sendo renovada. Como é evidente, comporta, intrinsecamente, todas as áreas do agir humano, seja artesanato, lazer, cultura, etc. Pela definição aqui proposta, associa-se PL a comunidades bem delimitadas. Embora possa ter um alcance internacional ou nacional, é, sobretudo, a sua dimensão regional ou local que importa observar. (...) Por exemplo, assume contornos regionais com o registo de vocabulário específico de uma variedade linguística (...) ou a tradição oral de uma certa área geográfica (ex. os romanceiros da Madeira que recolhem versões dos tradicionais rimances de que as gerações mais velhas ainda têm memória).

Assim, trata-se de um património linguístico e sociocultural madeirense, ou seja, palavras e expressões associadas às realidades linguísticas, sociais e culturais do Arquipélago da Madeira. Quando se estudam os vocábulos e expressões característicos da Região Autónoma da Madeira, há um vasto património lexical em todos os domínios da vida social em que se registam regionalismos madeirenses. Porém, nem todos são exclusivos da Madeira, podendo ser termos que se encontram também noutras regiões do país, e mesmo em outros espaços lusófonos, como é o caso de *levada*. Contudo, o extenso património imaterial construído em volta do bem das levadas da ilha da Madeira revela bem a sua autenticidade e integridade. Alguns exemplos dessas palavras e expressões são: *comissão da levada, levadagem, levadeiro, madre da levada* (com os sinónimos *madre de água e cabo da levada*), *tornadouro* ou *tornadoiro*, entre muitas outras.

2. Objetivos do trabalho

Tendo isto em conta, os objetivos gerais do estágio de mestrado foram os seguintes: i) contribuir com um estudo sociocultural, linguístico e etnográfico para a candidatura das levadas da Madeira a património da humanidade; ii) conhecer a documentação existente sobre as levadas da Madeira, principalmente do ponto de vista sociocultural e linguístico.

Quanto aos objetivos específicos do trabalho realizado no estágio de mestrado, na SRAAC e na UMA, foram:

i) conhecer o estado da arte sobre as levadas da ilha da Madeira, ou seja, sintetizar o conhecimento existente sobre a sua história enquanto bem evolutivo e as suas funções;

ii) fazer um estudo comparativo do sistema de irrigação das levadas madeirenses com outras infraestruturas hidráulicas similares existentes em outras áreas geográficas, nomeadamente da Macaronésia, do norte de Portugal, da Suíça e de Omã, relevando a identidade e a excecionalidade das levadas da Madeira;

iii) fazer o levantamento do vocabulário associado às levadas da ilha da Madeira na documentação escrita e em fontes digitais e audiovisuais;

iv) recolher documentação oral sobre as levadas da Madeira, nomeadamente através da realização de entrevistas a *levadeiros* de várias localidades da ilha e a um antigo trabalhador na construção de levadas;

v) sistematizar os termos e expressões recolhidos na documentação escrita, digital, audiovisual e oral e a respetiva informação lexicográfica existente num glossário temático sobre as levadas da ilha da Madeira;

vi) referir lendas, contos, tradições e ditos populares relacionados com as levadas madeirenses, ou seja, investigar o património imaterial, sociocultural, linguístico e etnográfico existente em torno delas.

Em síntese, com este trabalho pretende-se destacar a identidade e o valor excepcional universal das levadas da Madeira incluídas na Lista Indicativa de Portugal a Património Mundial (LIPPM), realçando-se o registo de memórias coletivas no uso das levadas e do léxico associado a elas, nomeadamente no que se refere à sua construção, partes constitutivas, estruturas anexas, distribuição das águas de rega e levadas particulares e públicas (principais e secundárias). Posto isto, referir-se-á o património sociocultural e linguístico relacionado com as levadas e os *levadeiros*, os heréus e a população em geral, por exemplo nas atividades de núcleos rurais em que as mulheres usavam o curso de água para realizar tarefas simples como lavar a roupa.

3. Organização do relatório

Tendo em conta o trabalho realizado, o relatório de estágio de mestrado apresenta a seguinte estrutura: o capítulo I apresenta as atividades desenvolvidas na SRAAC e na UMa; o capítulo II é composto pelo estado da arte sobre a construção e a história das levadas da ilha da Madeira, referindo algumas tradições orais e literatura associada a elas, e pelo enquadramento da sua candidatura a Património da Humanidade sob a égide da UNESCO; o capítulo III realça a multifuncionalidade das levadas da ilha da Madeira e apresenta um estudo comparativo com similares canais de irrigação localizados nos outros arquipélagos da Macaronésia (Açores, Canárias e Cabo Verde), assim como no continente português, sobretudo no norte de Portugal, na Suíça (cantão de Valais) e em Omã; o capítulo IV expõe o levantamento do vocabulário madeirense associado às levadas, através da elaboração de um glossário temático; o capítulo V apresenta a discussão dos resultados do estudo comparativo do bem levadas da ilha da Madeira com os outros canais de irrigação referidos e do levantamento do património linguístico sistematizado no glossário, enquanto herança sociocultural, articulando os dois polos complementares do estudo (o património material e imaterial).

Seguem-se as conclusões e considerações finais; as fontes do glossário e as referências bibliográficas; os apêndices, com a apresentação do questionário semiestruturado das entrevistas (cf. Apêndice I) realizadas aos *levadeiros* (sendo que, no caso da entrevista ao trabalhador na construção das levadas, foi uma conversa livre sobre o tema) e a apresentação da ficha do informante (cf. Apêndice II), elaborada para

obtenção de alguns dados socioculturais e autorização com consentimento esclarecido para a gravação e uso dos dados fornecidos. Optou-se por não apresentar em apêndice as transcrições das entrevistas realizadas, de forma a salvaguardar o anonimato dos informantes, protegendo os seus dados pessoais.

Nos anexos, apresentam-se documentos relativos à candidatura das levadas da Madeira a Património da Humanidade, nomeadamente o formulário da candidatura das levadas da ilha da Madeira à Lista Indicativa de Portugal a Património da UNESCO (cf. Anexo I) e o cartaz do programa do Encontro “Levadas da Madeira, 600 Anos a Vivificar a Terra Madeirense” (cf. Anexo II).

CAPÍTULO I – As atividades desenvolvidas

1. As diferentes etapas do estágio

A elaboração do plano de trabalho do estágio de mestrado iniciou-se com algumas reuniões preparatórias, nomeadamente com o Professor Doutor Nelson Veríssimo, docente da Universidade da Madeira, que em 1995 terá contribuído para uma proposta de candidatura das levadas da Madeira a património da humanidade. Esta reunião foi organizada pela Professora Doutora Naidea Nunes, enquanto docente da unidade curricular do mestrado denominada Projeto de Dissertação/Trabalho de Projeto/Estágio com Relatório, e teve lugar na Universidade da Madeira, em maio de 2018, aquando da escolha da temática do estágio.

Seguiu-se uma reunião, organizada pela Professora Doutora Naidea Nunes, na qualidade de Diretora de Curso do Mestrado em Linguística: Sociedades e Culturas, com a Doutora Susana Fontinha, coordenadora da candidatura das levadas da ilha da Madeira a Património da UNESCO, para aferir a viabilidade e utilidade do Estágio de Mestrado. Foi quem nos indicou a importância e a necessidade de realização de um estudo sociocultural e linguístico comparativo entre as levadas da Madeira e outras infraestruturas de irrigação em diferentes áreas geográficas, de forma a determinar a excelência e a autenticidade do bem cultural candidato a Património da Humanidade.

Posteriormente, a Professora Doutora Naidea Nunes organizou uma reunião com a Doutora Susana Fontinha, o Professor Doutor Rui Carita, ambos membros do conselho técnico-científico para acompanhar a candidatura, e com o Professor Doutor Thierry Proença dos Santos, docente da Universidade da Madeira que assumiu a orientação científica do projeto de estágio do mestrado. Depois do projeto de estágio ter sido aprovado pelo Conselho Científico da Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira, em junho de 2018, o Estágio de Mestrado, na SRAAC, teve início em setembro de 2018. Este terminou em junho de 2019, cumprindo mais do que as exigidas 640 horas de trabalho e investigação previstas no Regulamento de Estágio do Mestrado.

Por várias razões, académicas, pessoais e profissionais, não foi possível concluir o Relatório de Estágio de Mestrado até o final do ano letivo de 2018-2019, ou seja, até setembro de 2019, pelo facto de estar feita apenas a parte relativa ao estado da arte sobre a candidatura das levadas da Madeira a património da humanidade e a sua

contextualização e se ter apenas iniciado a parte relativa ao estudo comparativo com os canais de irrigação similares existentes noutras áreas geográficas, faltando toda a parte do património linguístico e sociocultural ou património cultural imaterial das levadas madeirenses.

Para tal, foi solicitada a prorrogação da conclusão do mestrado por mais um ano letivo. Esta prorrogação coincidiu com a saída do Professor Thierry Proença dos Santos da Universidade da Madeira, o que conduziu a uma orientação à distância, durante o primeiro semestre do ano letivo 2019-2020, levando a alguma desmotivação. Foi então, que a Professora Doutora Naidea Nunes contactou o orientador científico do estágio e este propôs a sua substituição na orientação do relatório de estágio de mestrado. Como a Prof^a. Doutora Naidea Nunes acompanhou todo o processo do estágio, enquanto diretora de curso do mestrado, assumiu a orientação do mesmo. O pedido de alteração de orientador da Universidade da Madeira foi submetido aos órgãos competentes e foi aprovado pelo Conselho Científico da Faculdade de Artes e Humanidades (FAH) a 26 de junho de 2020.

Foi, então, iniciada a parte da investigação relativa ao levantamento dos termos e expressões na documentação escrita, digital e audiovisual sobre as levadas da ilha da Madeira para a construção do glossário temático. Seguiu-se o trabalho de campo em áreas rurais da ilha da Madeira, através da elaboração de um questionário onomasiológico aplicado a *levadeiros*, para recolha de documentação oral, e a consulta de fontes lexicográficas para complementar a informação sobre os vocábulos estudados, incluindo a sua origem etimológica e evolução ao longo do tempo.

2. Atividades realizadas na SRAAC

Aqui indicar-se-ão e descrever-se-ão as atividades realizadas durante o estágio, incluindo o tempo em que foram realizadas, o que foi feito, por que foi feito, como foi feito e quais as competências adquiridas ou desenvolvidas em cada uma das atividades. No que se refere ao estágio realizado na SRAAC, foi desenvolvido numa componente teórico-prática, incidindo sobretudo na realização de pesquisa bibliográfica sobre a temática em estudo – as levadas da ilha da Madeira.

2.1. Recolha e análise bibliográfica

De setembro a dezembro de 2018 e em janeiro de 2019, procedeu-se à recolha e análise das fontes bibliográficas que abordam as levadas da ilha da Madeira, numa

vertente regional e local, de forma a sistematizar o estado da arte ou conhecimento sobre as mesmas. Para tal, foram usados livros e outros documentos fornecidos pela entidade de acolhimento e em arquivos e bibliotecas regionais, nomeadamente no Arquivo Regional e Biblioteca Pública da Madeira (ABM), na Biblioteca Municipal do Funchal, na Biblioteca do Centro de Estudos de História do Atlântico (CEHA) e na Biblioteca da Universidade da Madeira, na tentativa de obter o máximo de dados para permitir a melhor caracterização do património alvo. Compilou-se a informação pertinente sobre o estado da arte ou conhecimento das levadas da ilha da Madeira. Desenvolveram-se competências de seleção de informação e de referenciação bibliográfica.

2.2. Pesquisa sobre os critérios de elegibilidade da UNESCO

De fevereiro a março de 2019, foi realizada pesquisa de informação sobre os critérios definidos pela UNESCO para a classificação de um bem cultural como património da humanidade. O conhecimento dos critérios de elegibilidade é essencial para a preparação da candidatura. Assim, partiu-se da Lista Indicativa do Bem Levadas a Património da Humanidade, datado de 2015-2016, que passou a integrar a Lista indicativa de bens candidatos de Portugal em janeiro de 2017, para o estudo das convenções sobre Património Cultural da UNESCO. Foram desenvolvidas competências de conhecimento e interpretação de legislação internacional, europeia e nacional sobre Património.

2.3. Consulta de documentação sobre canais de irrigação de outros territórios

A partir de abril e até agosto de 2019, procedeu-se à pesquisa e consulta de documentação dispersa e variada sobre canais de irrigação afins existentes noutros territórios, feita de forma a aprofundar os conhecimentos sobre a temática. De facto, a informação sobre canais de irrigação semelhantes permite-nos conhecer melhor as especificidades do bem cultural no território da ilha da Madeira, quando comparado com o de outras regiões. Neste caso, as regiões consideradas foram Açores, Canárias e Cabo Verde, pelo facto de fazerem parte da Macaronésia, por indicação da Doutora Susana Fontinha, tal como os canais de irrigação de Omã já classificados pela UNESCO como Património da Humanidade. Por indicação do Prof. Doutor Thierry Santos, então orientador do trabalho de estágio, foram incluídos na pesquisa Portugal continental e a Suíça (*Les Vallais*). Desenvolveram-se vários contactos com entidades dos Açores, Canárias, Cabo Verde e Portugal continental de forma a se obter informação fidedigna e

ultrapassar assim a dificuldade em conseguir bibliografia consultável sobre a matéria de estudo.

2.4. Participação no evento “Levadas da Madeira 600 Anos”

A 21 de maio de 2019, houve a oportunidade de participar no evento “Levadas da Madeira 600 anos a vivificar a terra madeirense” (cf. Anexo II), realizado, no Auditório do Museu da Eletricidade – Casa da Luz, organizado pela SRAAC e pelo Instituto das Florestas e Conservação da Natureza, integrado na Comemoração dos 600 Anos da Madeira. Foram desenvolvidas competências organizacionais e comunicativas, sociais e pessoais, ao acompanhar a organização do evento e participar nele.

2.5. Redação da parte do relatório relativa ao estudo comparativo

Depois da interrupção do estágio, apesar do pedido de prorrogação para a conclusão do mestrado, de setembro de 2019 a maio de 2020, retomou-se a pesquisa, com a sistematização da informação e redação da parte do relatório relativa ao estudo comparativo das levadas da Madeira com outros canais de irrigação existentes nos territórios acima referidos. Esta atividade decorreu de junho a agosto de 2020. Desenvolveram-se competências de sistematização das informações recolhidas e de redação de forma comparativa do sistema de canais da ilha da Madeira com outras infraestruturas hidráulicas similares.

2.6. Participação em reuniões multidisciplinares

A partir de 29 de junho de 2020, houve a possibilidade de participar em reuniões multidisciplinares de trabalho mensais sobre a candidatura das levadas da Madeira a Património da UNESCO. O primeiro encontro foi dedicado à apresentação da dissertação do Mestrado Integrado em Arquitetura da Universidade de Évora da Arquiteta Dalila Teixeira, intitulada *Caminhos de água. O caso das Levadas dos Piornais e da Ribeira da Janela enquanto Patrimónios*, seguida de discussão sobre o tema, que decorreu no edifício da SRAAC.

A segunda reunião multidisciplinar de trabalho sobre a candidatura das levadas da Madeira a Património da UNESCO, que decorreu no edifício da SRAAC, foi realizada no dia 29 de julho de 2020 e dedicada à apresentação da dissertação do Mestrado Integrado em Arquitetura da Universidade do Porto do Arquiteto Carlos David Oliveira, intitulada “*Terroir Madeira, uma vocação reencontrada. (Trans)formações na arquitetura*”

da paisagem vitícola”. Foi seguida de discussão multidisciplinar sobre o tema com os participantes convidados.

A terceira reunião multidisciplinar de trabalho sobre a candidatura das levadas da ilha da Madeira a Património da UNESCO teve lugar no dia 23 de setembro de 2020, no edifício da SRAAC, tendo sido dedicada à apresentação da Engenheira Beatriz Jardim da Empresa de Eletricidade da Madeira (EEM), com a temática “As Levadas enquanto «Caminhos» de energia”.

A quarta reunião multidisciplinar de trabalho sobre a candidatura das levadas da ilha da Madeira a Património da UNESCO ocorreu no dia 30 de outubro de 2020. Esta foi dedicada à apresentação da Engenheira Ana Sé, do Instituto das Florestas e Conservação da Natureza (IFCN), com a temática “Levadas da Madeira na Lista Indicativa de Portugal ao Património Mundial da UNESCO”, e decorreu no edifício da SRAAC.

A quinta reunião multidisciplinar de trabalho sobre a candidatura das levadas da ilha da Madeira a Património da UNESCO realizou-se no dia 27 de novembro de 2020. Foi dedicada à apresentação do Mestre em Gestão Cultural Marco Livramento sobre a temática “Levadas da necessidade ao lazer – Levadas como produto turístico”, que decorreu no edifício da SRAAC.

Através da participação nestas reuniões multidisciplinares, desenvolveram-se competências de reflexão e de discussão de variados aspetos relacionados com as levadas da ilha da Madeira e a sua multifuncionalidade.

2.7. Revisão e conclusão da redação do trabalho feito na SRAAC

Em setembro de 2020, foi feita a revisão e reestruturação da redação sobre as levadas da ilha da Madeira e do estudo comparativo do relatório de estágio, com a orientação da Doutora Susana Fontinha. Deste modo, foi concluída a parte do trabalho relativa ao estágio na SRAAC. Nesta fase final do estágio, foram desenvolvidas competências de reflexão crítica e de rearticulação dos resultados obtidos na pesquisa realizada.

3. Atividades realizadas na UMA

A partir de junho de 2020, realizou-se o trabalho de investigação desenvolvido na UMA, com orientação da Prof^a Doutora Naidea Nunes, para a construção do glossário temático das levadas da ilha da Madeira.

3.1. Listagem dos termos e expressões associados às levadas da Madeira

Em junho de 2020, fez-se o levantamento do património linguístico e sociocultural das levadas da ilha da Madeira. Este foi realizado através da listagem dos termos e expressões associados à realidade material e imaterial das levadas, retirados das documentações escritas, digitais e audiovisuais consultadas. Uma expressão consiste num “grupo de palavras”, enquanto um termo é “uma palavra própria de certo registo da língua, campo de conhecimento ou atividade; unidade lexical de uma terminologia” (DLPC, 2001). Ocorrem expressões relacionadas com a atividade das levadas, como *abrir uma levada e soltar o poço*, formadas a partir de verbos com os respetivos complementos diretos, que constituem sintagmas verbais mais ou menos lexicalizados.

Foi feito o levantamento de todas as ocorrências dos vocábulos no seu contexto de uso, com a indicação da respetiva fonte documental. Esta informação foi associada à respetiva palavra, usada como lema no glossário temático. Nesta tarefa, desenvolveram-se competências de seleção e organização de informação, tal como de identificação de termos e de expressões sobre a temática das levadas de forma sistemática.

3.2. Elaboração do glossário temático das levadas da Madeira

Em julho de 2020, procedeu-se à construção do glossário temático das levadas da ilha da Madeira, com os termos organizados por ordem alfabética. Para cada uma das entradas lexicais ou verbetes foram registadas as ocorrências dos vocábulos documentados nas fontes utilizadas, juntamente com o seu contexto de uso, atestando assim os respetivos significados. Esta informação contribuiu para a elaboração de uma definição clara, concisa e precisa de cada um dos lemas registados. Seguiu-se a redação de uma nota com informação gramatical e histórica ou enciclopédica sobre os vocábulos.

Procurou-se elaborar um glossário temático com as palavras e expressões associadas direta e indiretamente à realidade dos canais de irrigação da ilha da Madeira, enquanto forma de organizar e de sistematizar toda a informação recolhida na documentação consultada, ou seja, em fontes escritas, digitais e audiovisuais (Documentário da RTP 2 “Água vai, pedra leva”, partes 1 e 2). Desta forma, com a realização desta tarefa, foram desenvolvidas competências de elaboração de um glossário temático, mais precisamente quanto à sua estruturação, desde a sistematização da informação recolhida nas diferentes fontes e a elaboração de uma definição, até à nota gramatical e informativa sobre a respetiva unidade lexical.

3.3. Construção de questionário e realização de entrevistas

Em agosto de 2020, partindo das definições dos termos do glossário temático, procedeu-se à elaboração de um questionário onomasiológico (partindo dos conceitos ou definições para a recolha da sua denominação ou termos correspondentes). Este método, segundo Baldinger (1970), contribui para a recolha e elaboração de repertórios lexicais. No entanto, por vezes, foi necessário recorrer ao método semasiológico, ao dar o termo para testar o (re)conhecimento do seu significado e/ou uso por alguns *levadeiros*, quando estes não indicam nenhum vocábulo para denominar um conceito. O questionário foi organizado do geral para o particular, com uma sequência lógica de questões, de forma a recolher palavras e expressões utilizadas pelos *levadeiros* de diferentes áreas rurais da ilha da Madeira.

Do questionário constam as seguintes partes: a construção das levadas e a profissão de *levadeiro*, as partes constitutivas das levadas, as estruturas anexas das levadas, a distribuição da água das levadas e expressões e ditos populares relacionados com as levadas. A construção do questionário sobre as levadas da ilha da Madeira visa a recolha de documentação oral com o vocabulário em uso pelos *levadeiros* em várias localidades da ilha. O questionário constitui um guião e estruturado com uma sequência lógica de questões, do geral para o particular, de forma a não esquecer nenhum item a questionar na recolha do léxico em estudo, o que permite recolher o léxico associado às levadas de uma forma sequencial, dos conceitos gerais para os mais específicos, e, simultaneamente, ser flexível na estruturação da conversa, de acordo com o ritmo do entrevistado.

Seguidamente, foi elaborada uma ficha de entrevista a ser completada com alguns dados socioculturais dos informantes e para obter as respetivas autorizações esclarecidas de gravação da entrevista e de utilização dos dados orais recolhidos para este estudo, sem o uso dos dados pessoais na sua identificação. As entrevistas com a aplicação do questionário foram realizadas durante o mês de agosto de 2020, a cinco *levadeiros*, nos seus locais de trabalho, através da SRAAC, com a autorização e colaboração da empresa Águas e Resíduos da Madeira (ARM), enquanto empresa pública que gere as águas da região. As entrevistas foram gravadas, usando um telemóvel para a sua gravação.

Apresenta-se, de seguida, uma tabela com a codificação dos informantes e algumas informações socioculturais sobre eles.

Informantes	Sexo	Idade	Escolaridade	Profissão	Localidade
Inf. 1	Masculino	75	4ª classe	Pedreiro na construção de levadas	Ribeira Brava
Inf. 2	Masculino	59	6º ano	Levadeiro	Gaula (Santa Cruz)
Inf. 3	Masculino	57	9º ano	Guarda de canal	Machico
Inf. 4	Masculino	56	4ª classe	Levadeiro	Boaventura (S. Vicente)
Inf. 5	Masculino	58	4ª classe	Levadeiro	Prazeres (Calheta)
Inf. 6	Masculino	69	analfabeto	Levadeiro reformado	S. Jorge (Santana)

Tabela 1 – Perfil sociocultural dos informantes

No mesmo período, foi também realizada uma entrevista a um antigo trabalhador na construção de levadas, sendo este o informante 1. Pretendeu-se recolher termos relacionados com a construção das levadas da ilha da Madeira, através de um relato de memória. Desenvolveram-se competências metodológicas de construção e organização de um questionário onomasiológico, assim como de aplicação deste, através da realização de entrevistas a *levadeiros*. Treinou-se igualmente a realização de uma entrevista não estruturada a um antigo trabalhador na construção das levadas da Madeira, tal como a recolha de dados socioculturais dos informantes e a sua codificação.

3.4. Transcrição da documentação oral e sua inclusão no glossário

Em setembro de 2020, procedeu-se à transcrição das entrevistas realizadas, dando conta das particularidades da fala de cada um dos entrevistados na escrita e assinalando a negrito os termos e expressões relacionados com as levadas madeirenses. De seguida, passou-se à inclusão no glossário dos dados orais recolhidos nas entrevistas, agrupando e sistematizando toda a informação sobre cada um dos termos e expressões estudados.

Assim, a informação recolhida através do questionário foi integrada no glossário, complementando a restante documentação consultada. As transcrições das entrevistas, que registam particularidades da língua falada e da linguagem popular dos informantes, não são facultadas na íntegra, por necessidade de proteção dos seus dados pessoais, mas, como houve consentimento esclarecido para a gravação e utilização dos dados fornecidos, transcrevem-se algumas partes da informação nas entradas do glossário. Desenvolveram-se competências metodológicas e linguísticas de transcrição ortográfica de documentação

oral e de inclusão desta num glossário temático, juntamente com outros tipos de documentação.

3.5. Revisão do glossário e junção de termos sinónimos

Em outubro de 2020, foi realizada a revisão das entradas lexicais ou verbetes do glossário, com termos antigos e termos correntes ou atuais. Devido à grande quantidade e diversidade dos termos e à variação denominativa dos conceitos, só depois de terminada a composição das várias entradas do glossário, e ao ser feita a revisão do vocabulário, ficou claro que alguns termos eram sinónimos de outros aparentemente distintos, mas cuja definição se revelou semelhante. Procedeu-se, então, à junção dos termos sinónimos numa mesma entrada lexical, apresentando estes na nota, logo depois da definição, seguindo a classificação morfossintática do termo. Foram desenvolvidas competências de revisão lexicográfica e linguísticas de aferição de vocábulos sinónimos, procedendo à sua junção e articulação com os termos de significado idêntico.

3.6. Consulta de documentação lexicográfica

Em novembro de 2020, foi feita a consulta e levantamento dos termos e expressões registados em documentação lexicográfica, nomeadamente para recolha de informação etimológica no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*. Seguiu-se a consultado *Dicionário de Regionalismos e Arcaísmos* de Leite de Vasconcelos, de vocabulários madeirenses e dos Açores, de antigas monografias de licenciatura na área da Linguística Românica sobre a ilha da Madeira, de glossários de dissertações de mestrado e teses de doutoramento e do *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* da Academia das Ciências de Lisboa. Foram desenvolvidas competências de consulta lexicográfica e de contraste entre diversos vocabulários e dicionários da Língua Portuguesa, bem como de sistematização da informação obtida sobre o léxico estudado.

Capítulo II – O estado da arte e a candidatura das levadas da Madeira a Património Mundial Cultural da UNESCO

1. A construção das levadas da Madeira

A Região Autónoma da Madeira é constituída por dois arquipélagos, o da Madeira que compreende a ilha da Madeira, o Porto Santo e as Desertas, e o arquipélago das Selvagens, sendo na ilha da Madeira que os canais de transporte de água apresentam maior representatividade e uma elevada dimensão, ou seja, onde a “rede de levadas, se considerarmos as regadeiras, atinge, presentemente, uma notável extensão aproximada de 3100km de canais (públicos principais, públicos secundários e particulares principais), dos quais várias dezenas de quilómetros (80km) são em túneis, atravessando e percorrendo toda a ilha como um autêntico sistema circulatório” (LIPPM).

Frutuoso (1873: 92), em *Saudades da Terra*, descreve lanços de levadas junto das ribeiras, destacando a “aventureira invenção” dessas estruturas, referindo que, nos arredores da Ribeira dos Socorridos, havia a existência de: “huma furna grande que serve de casa para os levadeiros, e para guardar as munições necessárias de enchadas, alviões, barras, picões e marrões, e outras ferramentas; e nella se metem cada anno dez e doze pipas de vinho para os que trabalham nas levadas e outras pessoas que vão ajudar”.

Sabe-se que as levadas foram introduzidas na ilha da Madeira no século XV, mas já existiam no norte de Portugal, segundo Vieira (2015: 6), de onde terá vindo o conhecimento para a sua construção. A este propósito, Sousa (2011) associa as levadas às primitivas estruturas criadas pelos homens, desde o povoamento, como seja o escavar a rocha para abrir furnas para abrigo, guardar o gado, assim como para fazer poços e lagares.

Aquando do povoamento da ilha da Madeira, a população deparou-se com dois grandes obstáculos aparentemente insuperáveis: a gigantesca vegetação, uma floresta abundante e cerrada que se estendia desde o oceano até aos píncaros das montanhas; e o terreno extremamente acidentado (Silva e Meneses, 1984). Entende-se assim que esta situação levou a que a edificação dos canais de irrigação fosse o reflexo dessas contrariedades, manifestando igualmente “a luta e o esforço dos madeirenses, com uma autenticidade ímpar, transparecida na sua construção, utilização de materiais e técnicas de gestão de água” (Marujo, 2015: VII).

Sabe-se que o trabalho dos que edificaram estes canais de transporte de água foi feito com recurso a ferramentas rudimentares. Segundo Quintal (2007), durante o

processo de construção, foram usados inicialmente materiais como pedra, cal e tábuas provenientes de espécies arbóreas nativas, preferencialmente de til e barbusano, em forma de calha. Mais tarde é que a técnica se foi aperfeiçoando, passando-se a usar a alvenaria sólida, que posteriormente foi substituída por betão armado e ciclópico. O autor acrescenta que “o comprimento dos canais foi crescendo e a secção transversal aumentando” (Quintal, 2007: 32). Livramento (2015) explica que, com a modernização dos métodos de construção, nomeadamente o uso de explosivos, foi possível abrir túneis e galerias de captação de água com mais de 2km de comprimento.

Ao longo da história, constata-se que as levadas da Madeira adquiriram características de “originalidade própria, distinta de sistemas congéneres antigos e modernos” (Pereira, 1989: 679), por se adaptarem à singularidade deste território insular e às suas múltiplas funções.



Fotografia 1 - Levada do Norte (Encumeada, Ilha da Madeira).

Fonte: Susana Fontinha.

Visto no norte da ilha da Madeira a água existir durante todo o ano, as levadas foram construídas para compensar a escassez da mesma no Sul, principalmente durante o verão. Segundo Pereira (1989: 681), o trabalho “para aproveitar as condições naturais do clima e do solo madeirense para fazer chegar a água” a todas as zonas, era forçoso, arriscado e demorado, por estas atravessarem ravinas e abismos, transporem montes e, ao mesmo tempo, por ser esta uma obra dispendiosa.

A tradição de fazer levadas fez com que os madeirenses fossem apelidados de distintos construtores, revelando uma força hercúlea e “usando o saber adquirido em todo

o lado onde se fixaram” (Vieira, 2001: 239). Desta forma, “pode-se avaliar os milagres que os madeirenses conseguiram fazer para sobreviver e modificar os calhaus em terra, abrir trilhos e arquitetar as levadas (...) que leva o oiro e luto associados”, porque foram edificadas com um somatório de sofrimento de vidas (Ferraz, 1994: 15). A autora alude ainda à origem dos construtores das levadas que não seriam apenas madeirenses, mas também escravos negros e mouros, referindo que, na época em que foram construídas, havia distinção entre o trabalho dos escravos negros e mouros, ou seja, aos negros “competia perfurar a rocha e britar a pedra, aos mouros a construção da levada, na qual participava também gente da ilha e do reino” (Ferraz, 1994: 15).

Quando se fala do perigoso trabalho de construção das levadas para a distribuição das águas de rega pela população da ilha da Madeira, garantindo a sua subsistência, não se pode deixar de enaltecer todos os trabalhadores que participaram na sua construção, em especial os *rocheiros*. Estes arriscaram a sua vida para a edificação dos canais de irrigação, perfurando as montanhas para trazer a água do norte da ilha, onde ela é abundante, para o Sul, onde se concentra a maior parte da população e ela é escassa. Em relação aos construtores das levadas, Quintal (2007: 32) descreve “que metidos em cestos, esses heroicos trabalhadores perfuravam as rochas até abrir a concavidade para passar a levada”.

As levadas mudaram o trajecto natural da água, de modo que não se perdesse ao desaguar no mar, tornando-se possível conduzir a água num sentido horizontal em vez de apenas vertical, apresentando variadas inclinações de acordo com o intuito pretendido (Marujo, 2015). De forma geral, a inclinação dos canais de água é mínima, apenas para que a água circule e não estagne. Desde a sua implementação, aproveitou-se esta água para regar as terras e fazer acionar os moinhos e engenhos, sendo considerada uma fonte de riqueza essencial para o desenvolvimento económico da Madeira, desde o povoamento da ilha (Macedo, 2014).

Constata-se que as levadas sempre exigiram legislação, inicialmente regulamentada pela coroa, uma vez que era essencial a garantia de água às zonas onde estavam localizadas as culturas mais lucrativas para os proprietários e o Estado, sobretudo nas zonas do litoral. De acordo com Marujo (2015: 85), “uma das primeiras medidas tomadas, numa carta régia de D. João II, a 7 de maio de 1493, foi assegurar que as águas existentes nas zonas altas chegariam aos terrenos aráveis a sul, através da proibição aos particulares de adquirir e tomar posse de fontes, olhos de água e tornos, ainda que estes se encontrassem em terrenos privados”. Por outras palavras, as levadas eram propriedade

exclusiva da coroa. Assim, os donos das terras, mesmo que as nascentes e canais proviessem dos seus terrenos, não podiam alterar o curso das águas, pois não eram suas.

A administração das levadas e a sua distribuição era um fator importante da competência da monarquia e dos senhorios que tinham autoridade sobre elas, através dos *juízes das levadas*. Estes eram nomeados como intermediários, para evitarem o abuso e resolverem os litígios entre os regantes, os quais deveriam preservar o usufruto das águas e proibir a apropriação das mesmas. De acordo com Vieira (2015: 15), “A questão da divisão da água levou a diversas disputas, ao longo dos tempos, obrigando a que os poderes da coroa interviessem, após vários conflitos, de forma a regulamentar a forma da sua distribuição entre os heréus”. Verifica-se que, ao longo dos tempos, houve reivindicações e dificuldades nos cumprimentos das normas.

Quanto ao fornecimento de água para terrenos particulares, funcionava através do giro que consiste no espaço decorrido entre a rega de um terreno e a sua rega subsequente, como descrito em Pereira (1984). Por exemplo, se uma propriedade tivesse direito a uma hora de giro, durante 15 dias, isto significava que esta teria o direito de ser irrigada de quinze em quinze dias, dentro do período normal de irrigação. Os giros eram organizados tendo em consideração a disposição dos terrenos, o que significa que os primeiros a regar os seus terrenos eram os mais a norte da levada e, por último, os que estavam mais a sul (Pereira, 1984).

Segundo Marujo (2015: 90), com o Código Civil, em 1867, “procurou-se compilar a legislação dispersa num só documento, pelo qual todo o território fosse regido, invalidando as leis especiais, sobretudo aquelas que diziam respeito às levadas e águas”. Acrescenta que “uma lei semelhante à criada por D. João II, no século XV, foi criada em julho de 1888, cabendo ao Estado todo o poderio sobre as águas. Contudo, isto não se manteve, devido à existência de contradições, nomeadamente a regra geral de que os heréus eram os verdadeiros senhorios das levadas”. Como refere Fernandes (2003: 3), os usos das levadas estão “associados a regras e práticas sociais que regem e regulam a apropriação da água partilhada”.

2. Tradições orais e literatura associada às levadas da ilha da Madeira

Quanto às tradições de lendas e narrativas sobre as levadas da ilha da Madeira, assim como cantigas e poesia popular, enquanto património sociocultural e linguístico madeirense, como refere Cabral (2009), o património oral apresenta uma grande variedade de formas e expressões, uma vez que reproduz a memória coletiva de um povo,

devendo a língua utilizada nessas práticas socioculturais ser protegida, uma vez que se trata de um vetor do património cultural imaterial. Assim, ditos e expressões populares como provérbios e máximas ou sentenças e aforismos, frases feitas ou fixas e idiomatismos são materiais linguísticos que guardam a memória coletiva e sabedoria ancestral de uma comunidade, região ou país. Neste caso, ditos e expressões populares associados às levadas da ilha da Madeira, transmitidos oralmente, de geração em geração, perpetuando um antigo conhecimento sociocultural.

Neste trabalho, esta temática não é desenvolvida, por razões de limitação do estudo, bem como pelo facto de já existirem algumas compilações destas expressões culturais, como são os casos das várias lendas populares na ilha da Madeira, associadas ao heroico esforço de construção das levadas, tendo todas como protagonista “uma velha”, referidas em Pereira (1989), em Freitas (1964), sendo “A lenda das levadas” uma compilação de várias versões de uma mesma história com alguns pontos de semelhança mas também com variantes, e em Moutinho (2011), que parte desta compilação e apresenta quatro lendas separadas e com nomes distintos, de acordo com as diferentes levadas da ilha da Madeira a que se referem: a “Lenda da Levada do Moinho”; a “Lenda da Levada Abandonada” da freguesia do Estreito de Câmara de Lobos; a “Lenda da Levada da Velha Avarenta” na freguesia de S. Jorge (concelho de Santana) e a “Lenda da Levada da Bendita Velhinha” (Ribeiro Frio, Fajã da Nogueira e S. Roque do Faial).

Santos (2017) regista alguns versos populares, recolhidos pelo Grupo Folclórico do Curral das Freiras, que contam a história de “A levada da velha”. Moutinho (2011) apresenta ainda a “Lenda da Ribeira das Cales” da freguesia do Monte (no Funchal), que também refere a construção de levadas a partir da referida ribeira. Marujo (2015), sobre as levadas do Rabaçal, refere uma lenda que conta que quem se aventurasse a mergulhar na lagoa formada pelas 25 fontes nunca mais aparecia à superfície. Em *Levadas da Madeira: uma antologia literária*, Santos (2017) reuniu contos, crónicas e poemas, excertos de diários, cartas, romances e reportagens sobre as levadas da ilha, narrativas e fotografias que fixam imagens das levadas e da sua paisagem, da rega e dos *levadeiros*, do quotidiano agrícola, de superstições e crendices.

No que se refere a cantigas populares, Santos (1941) apresenta algumas quadras de cantigas que mencionam os termos *levadeiro* e *levada*, tal como as águas da Levada dos Piornais, na freguesia de S. Martinho (no Funchal), e a abundância de água e rega na freguesia de Boaventura (concelho de S. Vicente). Pereira (1951-1952), no seu estudo linguístico-etnográfico sobre a ilha da Madeira, recolheu, em Santa Cruz, uma quadra

onde também ocorrem os termos *levadeiro* e *levada*. Santos (2017) usa como epígrafe para a antologia literária sobre as levadas da Madeira uma quadra recolhida por Eduardo Pestana, datada de 1965. Lília Mata, em “O camalhão da levada” (no blogue *O Rabo do Gato*, sexta-feira 5 de outubro de 2007), diz que o termo *levadeiro* “é referido nas cantigas espontâneas, inventadas na hora – no brinco ou no xaramba – num daqueles inícios-tipo, que se usam para facilitar algumas rimas. Velosa (2000) e Neves (2008) também apresentam composições em verso que referem as levadas da ilha da Madeira.

3. A candidatura das levadas da Madeira

As levadas da Madeira são um dos bens portugueses que, desde 2017, constam da Lista Indicativa de Portugal a Património Mundial. A inclusão nas listas indicativas é um pré-requisito indispensável para a candidatura de bens a Património Mundial. Da atual Lista Indicativa de Portugal a Património Mundial (LIPPM), constam 22 bens, merecendo destaque as levadas da Madeira. Esta lista tem a validade de 10 anos, ou seja, durante esse período, a candidatura das levadas da Madeira poderá ser oficialmente entregue à Comissão Nacional da UNESCO, que por sua vez determinará se a mesma preenche os requisitos e, assim sendo, será encaminhada para a UNESCO, de modo a ser analisada e integrar a Lista do Património Mundial.

Do exposto, e face aos valores e interesses a salvaguardar na Região Autónoma da Madeira (RAM), em Portugal e para a Humanidade, em setembro de 2015, o Governo Regional da Madeira, ciente da exigência do processo de classificação em curso, criou o Conselho Técnico-científico para acompanhar esta candidatura, constituído pelo Professor Doutor Rui Carita, pelo Engenheiro Jorge Pereira, pelo Doutor Raimundo Quintal e pela Doutora Susana Fontinha, este último elemento fazendo parte do conselho a partir de novembro de 2017, em substituição da Doutora Aida Pupo. Durante o processo, destaca-se o apoio manifestado pela Assembleia da República a esta candidatura, através da resolução n.º 18/2015, de 19 de fevereiro.

Segundo a UNESCO, e de acordo com a definição dos artigos 1º e 2º da Convenção o património mundial, seja cultural ou natural, faz parte dos bens inestimáveis e insubstituíveis da humanidade, constituindo a sua perda, por degradação ou desaparecimento, um empobrecimento do património de todos os povos. A UNESCO reconhece «um Valor Universal Excepcional» a certos elementos do referido património que, por essa razão, merecem ser especialmente protegidos contra os perigos que os ameaçam.

As levadas são “um sistema de canais ou aquedutos construído, ao longo de extensos quilómetros, em grande parte, bordejando montanhas ou através das mesmas, com frequentes traçados sobre rochedos escarpados, para a condução da água desde as suas diferentes origens para os seus usos intermédios ou finais”, assim definidas na candidatura das “Levadas da Madeira” à Lista Indicativa de Portugal ao Património Mundial (LIPPM), da responsabilidade do Governo Regional da Madeira, através do Instituto das Florestas e Conservação da Natureza, IP-RAM (IFCN), e da atual Secretaria Regional de Ambiente, Recursos Naturais e Alterações Climáticas (SRAAC).

As levadas da Madeira são candidatas a Património Cultural Mundial, na categoria de Paisagem Cultural, pois são “obras conjugadas do homem e da natureza” e representam “a evolução da sociedade humana e a sua consolidação ao longo do tempo, sob a influência das condicionantes físicas e/ou das possibilidades apresentadas pelo seu ambiente natural e das sucessivas forças sociais, económicas e culturais, externas e internas” (LIPPM). Relembre-se que as paisagens culturais frequentemente refletem técnicas específicas de utilização sustentável das terras, considerando as características e os limites do ambiente natural onde se inserem, bem como uma relação espiritual específica com a natureza.

Neste sentido, o património cultural é identificado e interpretado por Pereiro (2009: 40) como uma “(...) representação simbólica das identidades dos grupos, isto é, um emblema da comunidade que reforça identidades, promove solidariedade, cria limites, encobre diferenças internas e conflitos e constrói imagens da comunidade”. Assim, a população da Madeira, ao conhecer e reconhecer as levadas como um bem patrimonial singular, está a valorizar a sua própria identidade social e cultural.

Posto isto, as levadas da ilha da Madeira são um património histórico-cultural, material e imaterial, a proteger. Pois, segundo Almeida (2015: 54), é “fundamental preservar o património tanto material como imaterial”. Estes não se podem dissociar, visto que os dois se encontram interligados, sendo o “imaterial que dá o verdadeiro sentido da existência e permanência do material”.

3.1. Valor excecional universal e critérios de elegibilidade

A acima referida candidatura é coordenada pela SRAAC e tem vindo a ser preparada de acordo com as regras estabelecidas pela UNESCO e seguindo as suas orientações técnicas (*Guide lines on the inscription of specific types of properties on the World Heritage List*, 2017), de modo a demonstrar o seu “Valor Excecional Universal”.

As normas para o registo dos bens na Lista do Património Mundial são definidas pelo Comité do Património Mundial, sendo os bens, de forma periódica, examinados por estes, de maneira a espelharem o desenvolvimento do próprio conceito de Património Mundial.

Para um bem integrar a Lista do Património Mundial da Humanidade tem de preencher pelo menos um de dez critérios definidos pela UNESCO, que se apresentam de seguida:

- (i) ***representar uma obra-prima do génio criador humano;***
- (ii) *exibir um intercâmbio importante de valores humanos, durante um dado período ou numa determinada área cultural do mundo, sobre o desenvolvimento da arquitetura ou da tecnologia, das artes monumentais, do planeamento urbano ou da criação de paisagens;*
- (iii) ***constituir um testemunho único ou pelo menos excecional de uma tradição cultural ou de uma civilização viva ou desaparecida;***
- (iv) ***representar um exemplo excecional de um tipo de construção ou de conjunto arquitetónico ou tecnológico, ou de paisagem que ilustre um ou mais períodos significativos da história humana;***
- (v) ***ser um exemplo excecional de povoamento humano tradicional, da utilização tradicional do território ou do mar, que seja representativo de uma cultura (ou culturas), ou da interação humana com o meio ambiente, especialmente quando este último se tornou vulnerável sob o impacto de alterações irreversíveis;***
- (vi) *estar direta ou materialmente associado a acontecimentos ou a tradições vivas, a ideias, ou a crenças, a obras artísticas e literárias de significado universal excecional (o Comité considera que este critério deve de preferência ser utilizado conjuntamente com outros critérios);*
- (vii) *conter fenómenos naturais notáveis ou áreas de beleza natural e de importância estética excecionais;*
- (viii) *ser exemplos excecionais representativos dos grandes estádios da história da Terra, nomeadamente testemunhos da vida, de processos geológicos significativos em curso no desenvolvimento de formas terrestres ou de elementos geomórficos ou fisiográficos de grande significado;*
- (ix) *ser exemplos excecionais representativos de processos ecológicos e biológicos significativos em curso na evolução e desenvolvimento de ecossistemas terrestres, de água doce, costeiros, e marinhos e de comunidades de plantas e de animais;*

(x) conter os habitats naturais mais importantes e significativos para a conservação in situ da diversidade biológica, nomeadamente aqueles em que sobrevivem espécies ameaçadas que tenham um Valor Universal Excepcional do ponto de vista da ciência ou da conservação.

Em relação às levadas da Madeira, considerou-se que estas preenchem quatro dos dez critérios acima referidos, destacados a negrito, nomeadamente (i), (iii), (iv) e (v). Segundo a candidatura apresentada à LIPPM, com a seguinte fundamentação:

Critério (i) - “a edificação das Levadas exigiu, ao longo de quase seis séculos, o esforço enorme de muitos homens, de onde sobressai a persistência do povo da Madeira no domínio da natureza. As Levadas são uma majestosa obra-prima, tornando-se num dos bens culturais portugueses de maior genialidade criativa”.

Critério (iii) – “as Levadas têm desempenhado um papel determinante no desenvolvimento socioeconómico da Madeira desde o século XV, quando a sua construção foi iniciada. Na verdade, são verdadeiros monumentos vivos que testemunham a persistente luta da povoação madeirense para assegurar a sua sobrevivência, e que celebrizaram a Ilha internacionalmente”.

Critério (iv) - “a primeira fase da construção das Levadas surgiu em meados do século XV e, provavelmente, estendeu-se até meados do século XVI. Neste período eram canais pouco extensos, construídos em áreas litorais e escavados na rocha, não tendo sido ultrapassado o limite de zona agrícola mais rica (300 m de altitude). Do século XVI até meados do século XVIII, a construção desenvolveu-se para cotas superiores, entre os 300 e os 600m, mas não ultrapassando a encumeada dorsal da Ilha. Na segunda metade do século XIX e particularmente nas décadas de 50 e 60 do século XX, deu-se a perfuração da cordilheira central. As Levadas principais deste período estenderam-se por patamares de nível aproximadamente constante, a maioria nas altitudes dos 600 e dos 1000 m, dando depois lugar a redes secundárias de distribuição. Ainda se encontram em uso Levadas muito antigas e os perfis longitudinais das Levadas são também um tipo de construção que se manteve ao longo dos tempos”.

Critério (v) - “as Levadas da Madeira são um relevante exemplo do desenvolvimento de uma obra sem precedentes na captação da água e a sua distribuição para a agricultura, para a produção de energia elétrica e para o consumo humano, tornando-se essenciais para a vivência dos madeirenses. Na verdade, foi em torno do seu percurso que a Ilha assentou o seu quotidiano”.

3.2. Integridade e autenticidade

Para um bem integrar a Lista do Património Mundial, além de ter de apresentar “Valor Universal Excecional”, tem de responder às condições de integridade e/ou de autenticidade e beneficiar de um sistema de proteção e gestão adequado para assegurar a sua salvaguarda. A unicidade a nível mundial das levadas da Madeira é justificada pelo seu “Caráter único da relação do Homem com a Natureza numa situação de escassez e adversidade dos elementos naturais – a água, o solo e a orografia; Caráter sábio desta relação resultado de um conhecimento profundo dos elementos naturais; Caráter único de multifuncionalidade ao longo dos diversos períodos da história”, de acordo com a sua candidatura à LIPPM.

A integridade é uma medida da totalidade e do caráter intacto do património e dos seus atributos, devendo ter uma dimensão adequada para permitir uma representação completa das características e processos que transmitem a importância desse bem. A integridade das levadas da Madeira está justificada, uma vez que os canais constituem “um excecional empreendimento multifuncional pois, além de transportarem água para o consumo humano, para fins agrícolas e para a produção de energia elétrica, são igualmente caminhos de descoberta e contacto com a natureza e com a paisagem agrária, constituindo um ex-libris do turismo regional” (LIPPM).

Quanto à autenticidade, esta está associada a uma elevada diversidade de fontes de informação, tais como o desenho, os materiais e a substância, o uso e a função, as tradições e as técnicas, a localização e o enquadramento, o espírito e o sentimento, bem como outros fatores internos e externos. A autenticidade das levadas da Madeira é justificada pelo seu “funcionamento, nomeadamente as normas de distribuição da água, os princípios que regem a sua gestão, a forma com esta é assegurada, segundo a sua natureza associativa ou pública; os interesses económicos e sociais que se confrontam ao longo de quase seis séculos e as lutas travadas pelas populações em defesa do direito à água” (LIPPM). Daqui depreende-se que a UNESCO sugere incluir formas de património imaterial entre os atributos que exprimem a autenticidade.

Assim, é fundamental que se proteja e revitalize o património cultural material das levadas, juntamente com o seu património linguístico e sociocultural, enquanto património cultural imaterial, dando-o a conhecer, divulgando-o e valorizando-o. Desta forma, constrói-se uma ligação entre o passado, o presente e o futuro, de modo que as futuras gerações compreendam a evolução do bem candidato a Património Cultural Mundial ao longo dos tempos.

Para se demonstrar a excecionalidade das levadas da Madeira é necessário comparar estes canais com bens que integram a Lista do Património Mundial, por exemplo os *Aflaj Irrigation Systems of Oman*, assim como com sistemas análogos que existam noutras regiões, mesmo não constando da Lista do Património Mundial. Neste sentido, no capítulo III, alude-se à rede de canais que existem na Madeira e de forma mais sumária aos que ocorrem noutros arquipélagos da Macaronésia, na Europa (Portugal continental e Suíça) e em Omã, por forma a dar um contributo para o desenvolvimento do estudo comparativo da candidatura.

Capítulo III – Levadas da Madeira e canais de irrigação comparáveis existentes noutros territórios

Neste capítulo, começa-se por fazer referência à multiplicidade da rede de levadas que existe na ilha da Madeira, seguindo-se uma alusão semelhante, embora de forma mais sumária, a canais de transporte de água que ocorrem noutros arquipélagos da Macaronésia (Açores, Canárias e Cabo Verde), na Europa (Portugal continental e Suíça) e em Omã. Pretende-se, assim, dar um contributo para o estudo comparativo das levadas da Madeira, bem candidato a Património da Humanidade, comparando-o com canais de irrigação similares, existentes nos territórios acima referidos.

1. A multifuncionalidade das levadas da Madeira

Na ilha da Madeira, as levadas servem mais de um propósito, apresentando uma multifuncionalidade que tem evoluído ao longo dos tempos, desde a moagem, à serragem, ao abastecimento do consumo de água e irrigação dos terrenos agrícolas. Mais tarde, são também utilizadas para o transporte de água para a produção de energia elétrica e, depois, passaram a ser usadas como produto turístico, por serem uma das melhores vias para conhecer o território, enquanto destino de turismo de natureza. De seguida, passa-se a expor, de forma resumida, estas funções das levadas.

Em relação aos fins agrícolas, desde a sua criação, no século XV, as levadas serviram de canais de água de rega para diversas plantações, como a cana-de-açúcar, a vinha e cereais. No período entre os ciclos da cana-de-açúcar, a ocupação agrícola do território foi predominante vinícola e hortícola (Silva e Menezes, 1978: 227). Como informa Orlando Ribeiro, na ilha da Madeira, os canais são indispensáveis para assegurar a distribuição da água, a rega e, naturalmente, a produção agrícola. Pois, “uma quarta parte da ilha tem de alimentar uma população abundante, fornecer os produtos de qualidade que serão exportados, e permitir a criação intensiva de gado graúdo. A agricultura capaz de responder a tais exigências apoia-se em três factores: a construção de socalcos, a rega e a abundância de estrume” (1985: 55).

Para Gouveia (1996), as levadas e a agricultura são indissociáveis, adiantando que é uma componente que se destaca na paisagem natural e agrária. Esta dualidade é vista por Mestre (2002) que afirma que esta grande rede de levadas dá origem a terrenos produtivos, que estão sempre relacionados com a constante presença de uma vegetação variada. Esta opinião é reforçada por Oliveira (2019: 207), em *Terroir uma vocação*

reencontrada, ao apresentar “o poio” como constituinte de “um dispositivo que está sempre associado à levada e ambos se complementam para permitir a agricultura”.

Quanto à funcionalidade de produção de energia elétrica, a construção de canais de transporte de água para centrais hidroelétricas começou mais tarde, na década de 1940, mais precisamente em 1943, com a criação da Comissão Administrativa dos Aproveitamentos Hidroagrícolas da Junta Geral do Distrito do Funchal. A sua qualidade é vista por Londral (2014: 150) como uma obra de arte de engenharia, que coloca a Madeira “como um bom exemplo de aproveitamento hidroelétrico”. Posteriormente, foi criado o instituto público de Investimentos e Gestão da Água (IGA), com competências de autoridade na distribuição da água e responsabilidade de estabelecer um plano hidráulico capaz de satisfazer as necessidades do abastecimento público, sem prejuízo do regadio e da produção hidroenergética.

Na atualidade, e quanto à água para regadio, os serviços são prestados em alta e em baixa em toda a região pela Águas e Resíduos da Madeira, S.A. (ARM), uma empresa pública que efetua a exploração e a gestão do sistema multimunicipal de águas da Região Autónoma da Madeira, bem como a conceção e construção das infraestruturas e equipamentos necessários à sua plena implementação, segundo o Decreto Legislativo Regional n.º 10-2019-M, 5.ª alteração ao Decreto Legislativo Regional n.º 17-2014-M, de 16 de dezembro. É também da responsabilidade da ARM a gestão de água de abastecimento público em regime de alta, incluindo captação, transporte, produção, tratamento, armazenagem, adução, distribuição e aproveitamentos hidroenergéticos. Por sua vez, as centrais hidroelétricas são geridas pela Empresa de Eletricidade da Madeira, S.A. (EEM), também responsável pela gestão da maioria das levadas que conduzem a água a essas centrais.

Além dos fins convencionais de transporte de água para rega, consumo e uso humano e produção de energia, estes canais têm grande peso na vertente turística, com a difusão de caminhadas ao longo da esplanada que acompanha a levada. É sabido que a ilha da Madeira tem grandes aptidões no turismo de pedestrianismo e nos percursos pedestres temáticos e, nesse sentido, as levadas contribuem para a economia local, como espaços de lazer, de fruição do ambiente natural e cultural, e de atividade turística. Deste modo, existem vários percursos pedestres recomendados que estão associados a levadas. Quintal (2010) refere nove exclusivamente compostos por levadas, nomeadamente: Levada do Caldeirão Verde; Ribeiro Frio – Balcões; Levada do Furado ou da Serra do Faial; Ribeiro Frio – Portela; Levada 25 Fontes; Levada do Moínho; Levada do Barreiro;

Levada da Fajã do Rodrigues; Levada do Rei; Levada do Risco. Assinala quatro percursos mistos, integrando levadas, para além de referir outros percursos não recomendados que incluem diversas levadas.

A propósito da publicação *Levadas* de Livramento (2016), Fontinha (2018: 142) escreve: “leva-nos a percorrer trilhos e a descobrir tesouros recônditos, por entre vales e montanhas, desafiando escarpas, do mar à serra, nas ilhas da Madeira e do Porto Santo, numa busca contínua pela descoberta do que virá depois, dos testemunhos dos nossos antepassados, do fortalecimento do espírito de equipa e da ligação tão especial entre o homem e a natureza”. Na referida obra, são indicadas 54 levadas que nos permitem ir à descoberta da biodiversidade madeirense, de paisagens únicas e do património cultural associado a elas.

No caso da Levada dos Piornais, com carácter urbano, que foi alvo da dissertação de mestrado em Arquitetura de Teixeira (2019: 172), é considerada uma “levada extremamente acessível e interessante, pois passa por terrenos de extenso bananal e por peças que remetem para o imaginário da arquitetura, como os túneis, o aqueduto, moinhos, lavadouros e a casa de água que encontramos ao percorrer a levada”. Neste percurso pode-se beneficiar de uma paisagem diversificada que causa admiração, apesar de já não ser uma levada rural.

A rede de levadas da ilha da Madeira pelos seus atributos ímpares é motivo de orgulho e de admiração por parte dos locais e turistas que, passando por elas, ficam rendidos à sua história, às suas características, multifuncionalidade e beleza. Este sistema de transporte de água tem a sua origem nas nascentes, geralmente localizadas nas montanhas, e término nas zonas populacionais, inclusive na capital da Madeira, a cidade do Funchal.

Embora a ilha do Porto Santo não faça parte da candidatura das levadas da Madeira a Património Mundial, importa dizer que, nesta ilha, foram construídas várias levadas de carácter pluvial e de inundação, de apoio à atividade agrícola, consistindo em valas de captação e distribuição de águas pluviais, dado que não poderiam ser explorados de forma constante e benéfica sem um fornecimento estável de água, segundo Pereira (1989). O autor refere que, aquando da construção do aeroporto, na década de 1960, numa zona por excelência agrícola, a maioria das levadas foram destruídas. Atualmente, a única levada operacional é a Levada do Pico do Castelo, recentemente recuperada pelo Governo Regional. Este canal, nalgumas alturas do ano, faz a distribuição de água e o caminho que o acompanha corresponde a um percurso pedestre recomendado do Porto Santo (PR3),

que proporciona ao pedestriano uma visão peculiar sobre a natureza e a ruralidade da ilha.

Com menor representatividade do que nas anteriormente referidas ilhas, existem pequenos canais e valas na Selvagem Grande, que são referidos em Pereira, *Ilhas de Zargo* (1989: 291), deste modo: “existe água em duas cisternas alimentadas pelas chuvas, canalizada por regueiras cortadas na rocha da encosta”. Em relação às Desertas, não foi encontrada nenhuma indicação da existência de canais nessas ilhas.

2. Arquipélagos dos Açores, Canárias e Cabo Verde

Neste subcapítulo, abordam-se as levadas nos arquipélagos dos Açores, das Canárias e de Cabo Verde, por pertencerem à região da Macaronésia, como foi referido anteriormente.

2.1. Açores

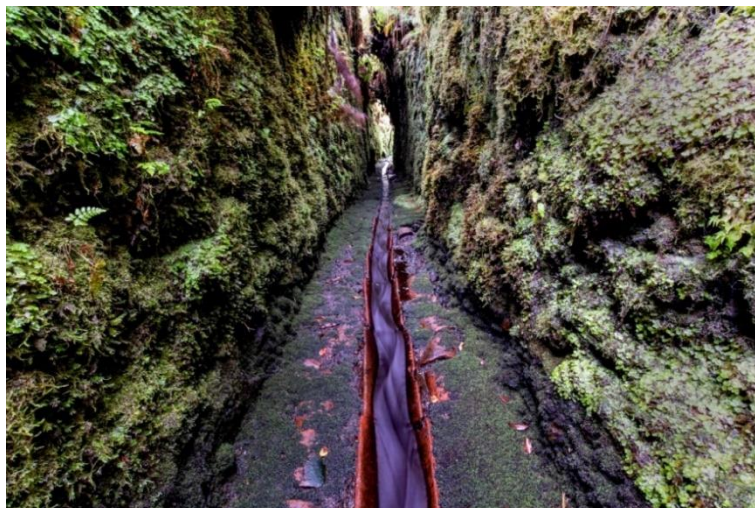
Os Açores estão situados no oceano Atlântico e compreendem nove ilhas divididas em três grupos: o grupo oriental, que inclui as ilhas de São Miguel e Santa Maria; o grupo central com as ilhas Terceira, Graciosa, São Jorge, Pico e Faial e o grupo ocidental que compreende as ilhas das Flores e Corvo. O estudo centra-se nas ilhas para as quais foi identificada a presença de levadas, nomeadamente São Miguel, Santa Maria, Terceira, Pico, Faial e Flores.

Segundo Martins (2012), nas ilhas açorianas a falta de água potável foi uma das condicionantes à fixação dos habitantes, e para fazer face a esta contrariedade, desde o início do povoamento, construiu-se, um pouco por todo o território, um património hidráulico contemplando meios de captação das águas pluviais e o seu armazenamento, como sejam açudes, cisternas, levadas e aquedutos.

Rodrigues (2010: 45), em *Contributo arqueológico para o conhecimento dos aquedutos de São Miguel*, menciona: “Sabe-se, pelos relatos de Gaspar Frutuoso, que, antes do incêndio e do terramoto de 1563, as águas da ribeira e das levadas eram de muito boa qualidade, servindo a população através de fontes e chafarizes localizados no limite Nascente da vila”. Ainda para esta ilha, estão citadas a Levada da Condessa ou da Vala, a Levada da Ribeira Seca e a Levada dos Calhambazes, com a finalidade de transportarem água desde as ribeiras até os moinhos (Almeida, 2015). Estas levadas são formadas por muros de blocos de pedra assentes com uma argamassa resistente, ou por muros de pedra irregular sobrepostas, podendo tomar a forma de pequenos aquedutos de pedra que

vencem as depressões existentes no terreno, ou sendo um simples canal ou rego em terreno firme (Almeida, 2015). Ainda nesta ilha, Vieira (2018), para o concelho de Vila Franca do Campo, cita uma levada de alvenaria de pedra à vista, associada a um moinho e a uma ponte que data de 1887.

Para a ilha Terceira, Martins (2012) refere a existência de um canal de água, na Ribeira dos Moinhos, ao longo do qual estão inseridos 12 moinhos, tratando-se de uma levada em cantaria de pedra aparelhada. Ainda em relação a esta ilha, Henriques (comunicação por e-mail, 2020) refere que, na Serra de Santa Bárbara, existem duas levadas com revestimento de telha denominadas Reguinhos da Serra e Minas da Serreta, ambas construídas no século XIX, com a finalidade de transportarem água às populações.



Fotografia 2 - Levada com revestimento de telha (Ilha Terceira).

Fonte: Henriques – SIARAM (2020).

Martins (2012: 5) explica que “Na ilha das Flores, os habitantes instalaram sistemas motores nas levadas dos moinhos na década de 30 do século passado. Essa produção de energia era para o autoconsumo e, em 1967, iniciou a produção pública numa central mista, alimentada pela Ribeira de Além da Fazenda”, o que confere a presença de várias funcionalidades das levadas nesta ilha.

Além da importância das levadas na condução da água das ribeiras até aos moinhos, para o processo de moagem (Martins, 2012; Almeida, 2015; Mendes, 2017; Vieira, 2018), há referências ao transporte de água até às populações, para abastecimento das mesmas (Martins, 2012; Henriques, comunicação por e-mail, 2020) e para a produção de energia a partir de centrais hidroelétricas, assim como ao pedestrianismo.

Tal como refere Martins (2015: 5), “graças ao empenhamento do Eng.º José Cordeiro (1867-1908) e da florescente empresa que criou, a produção de hidroelectricidade, aproveitando torrentes em declive e cascatas, por meio de tomadas de água e condutas forçadas (...) inicia-se em 1897, na Ribeira da Praia, onde se construiriam cinco centrais, sendo a última inaugurada em 1991” e, mais recentemente, usadas como uma via que possibilita a observação da fauna e flora dos Açores (Turismo Açores, 2017), existindo um percurso pedestre recomendado no Parque Natural da ilha do Faial que se designa Levada (PR3 FAI Levada).

Segundo o “Registo Regional de Bens Culturais” (<http://www.culturacores.azores.gov.pt/rrbc/listagem.aspx?id=300>), com informação datada de 2003, verifica-se a existência de levadas na ilha do Pico, na freguesia de São Roque, que tem como unidade paisagística a constituição de “um núcleo de sete moinhos, um caminho que a liga, a ladeira, as respectivas comportas das levadas e as passagens/pontes que ligam os moinhos aos terrenos adjacentes”. Descreve-se ainda que a ladeira é pavimentada e as levadas e os moinhos são construídos em pedra.

Em relação ao pedestrianismo, Mendes (2017: 209), no *Guia dos Percursos Pedestres: Trilhos dos Açores*, enumera 79 percursos pedestres, classificados pelo Governo Regional. Destes percursos, 15 são indissociáveis dos moinhos de água ou de centrais elétricas, maioritariamente em São Miguel e no Faial. Na ilha de Santa Maria, a única referência da existência de uma levada encontra-se no descritivo do percurso PRI SMA Costa Norte.

Saliente-se que, no território dos Açores, as levadas não são usadas na irrigação de terrenos agrícolas (segundo Estrela, comunicação por e-mail, 2020). Algumas tinham e ainda têm a função de acionar moinhos (moagem de grão), outras são usadas na condução de água para produção de energia elétrica, nas centrais hidroelétricas, e poucas estão inseridas em percursos pedestres.

2.2. Canárias

O arquipélago das Canárias, situado no oceano Atlântico, é constituído por sete ilhas: Gran Canária, Tenerife, Lanzarote, Fuerteventura, La Palma, La Gomera e El Hierro. Algumas delas são áridas, como Lanzarote e Fuerteventura, outras mais verdejantes, como Gomera e La Palma. O estudo centra-se nas ilhas de Gran Canária, Tenerife, Gomera, La Palma e Fuerteventura pela evidência de *acequias*, designação local que corresponde a vala ou levadas.

A gestão e o uso da água nas Canárias prosperaram numa cultura em torno deste singular recurso, desde as origens aborígenes das ilhas até à presença dos europeus (Moreno, 1996), resultando num rico património hidráulico, que alcançou o seu auge em finais do século XIX e meados do século XX. Segundo este autor (1994), o processo de irrigação por levadas surgiu com a necessidade de cultivar as terras, desviando águas das montanhas para a produção de cana-de-açúcar.

As mais primitivas consistiam em escavações simples na rocha ou no solo, reforçadas por paredes de argamassa ou pedra, e devido aos desafios impostos pela orografia, por vezes, eram construídos túneis nas rochas ou canais feitos de madeira ou blocos de pedra (Moreno, 2011). O mesmo autor refere que somente mais tarde é que começaram a ser construídos com ferro, betão ou mesmo plástico, substituindo a infraestrutura tradicional. Afirma que o desuso das *acequias* e *cantoneiras* põe em perigo de desaparecimento essa herança cultural.

A água era distribuída pelos canais de irrigação por turnos, num sistema temporário de medição, organizados para que cada agricultor tivesse o volume e tempo em circunstâncias iguais, sendo o processo supervisionado por um oficial credenciado, responsável pela repartição das águas, profissão que recebia o nome de *acequero* (Moreno, 2011), provavelmente o correspondente ao *levadeiro* madeirense.

Era necessária a construção de canais em regime de propriedade privada para a irrigação dos campos agrícolas, o que possibilitou “a exploração da cana sacarina por parte de nobres” (Teixeira, 2019: 68). De La Rosa (2005) refere que nalgumas propriedades a água era distribuída à vez, para irrigar as terras, e noutras era dividida em porções. Santana (2019) alude ao mundo agrícola que existia ao redor das *acéquias* e que desapareceu, tendo estas sido um dos principais meios de transporte de águas do interior para abastecer a população e essencial para a irrigação dos pomares mais férteis de Gran Canária e outras culturas.

Em Gran Canaria, associa-se às levadas a função de transporte de água para barragens ou galerias, tal como a *Acequia de la Cumbre*, *Acequia de Crespo* e *Acequia Honda* (de acordo com o portal de Turismo de Valleseco), desde muito cedo edificadas com esse propósito. Para além do transporte de água para a irrigação de campos agrícolas, ou para galerias ou reservatórios para consumo humano, as levadas também transportavam água para lavar roupa (Moreno, 2009), sendo uma outra função a de mover os moinhos de água, como por exemplo a *Acequia Honda*, em Valleseco, que data da

primeira metade do século XIX, construída em pedra e cal, com 0,7m de largura (<http://fichacarta.fedac.org/fichas/8778>).

Ainda em Las Palmas, destaca-se a *Acequia Real de la Heredad de Arucas y Firgas* com 17km de comprimento, dos quais aproximadamente 59% são subterrâneos (segundo informação disponível no portal do Município de Firgas, 2012), construída maioritariamente com blocos de pedra, cal e areia de montanha, mas apresentando na atualidade inúmeras secções com cimento e betão. Em Santa Brígida, existe a *Acequia Tafira*, construída no século XVI, feita de pedra e cal, apresentando entre 25 e 40cm de largura em diferentes secções, e que transportava água de uma nascente para o bairro *Tafira*, na atualidade ameaçado de ficar em ruínas.

Na ilha de Tenerife, as levadas eram usadas na irrigação de explorações agrícolas, alterando-se o panorama com o aumento do uso urbano e turístico do território (<https://cuadernogeografiacanaria.blogspot.com>).

Em relação a Gomera, existem referências a levadas, tendo existido uma Associação de Regantes nesta ilha, que se destinava a controlar os problemas de irrigação, segundo Aguilar (1989).

Em Fuerteventura, havia um canal, desde o final do Século XIX, de nome *La Esperanza*, com 14km, que transportava água aos habitantes de *Tesjuate*, estando em desuso desde 1903 e tendo sido considerada uma obra de valor arquitetónico (<https://radiosintonia.com>). Morales (2015: 242) assinala a sua importância na irrigação dos terrenos, informando que “Mais tarde, quando o recurso começa a escassear, a água move-se para áreas onde a água deve ser transportada através de infraestruturas (valas de madeira ou valas escavadas no solo, canais...)”.

Para além do transporte de água para a irrigação de campos agrícolas, ou para galerias ou reservatórios para consumo humano, as levadas também transportavam água para lavar roupa (Moreno, 2009), sendo uma outra função a de mover os moinhos de água, como por exemplo a *Acequia Honda*, em Valleseco, em Gran Canária, que data da primeira metade do século XIX, construída em pedra e cal, com 0,7m de largura (<http://fichacarta.fedac.org/fichas/8778>).

Na ilha de La Palma, existe a *Acequia de Marcos y Cordero*, considerada uma das rotas paisagísticas e culturais mais impressionantes e populares das Canárias. Numa extensão de 4km, ao longo do percurso pedestre associado ao canal, pode-se contemplar uma obra de engenharia hidráulica, do início do século XX, com canais e com uma rede

de túneis que conduzem a água através das montanhas (<https://silvestresezcaray.com/los-nacientes-del-agua/>).



Fotografia 3 - *Acequia de Marcos y Cordero* (Ilha de La Palma).

Fonte: Dani (2018).

Moreno (2009) refere que, de um modo geral, o património hidráulico das ilhas Canárias está num processo rápido de abandono, o que é consubstanciado por outras fontes. Por exemplo, a *Acequia de la Cumbre* (em Gran Canaria), que data do século XX, com partes esculpidas na rocha com 0,3m de largura e 0,4m de altura, nalgumas partes com uma parede de pedra, é uma das que estão abandonadas (<http://fichacarta.fedac.org/fichas/8688>). Outro exemplo de abandono é a *Acequia de Crespo* (Gran Canaria), construída no século XX, sendo uma vala cavada no solo e reforçada com pedra e cal, apresentando 0,7m de largura e 0,5m de altura (<http://fichacarta.fedac.org/fichas/8632>).

Verifica-se que, neste território, as levadas foram inicialmente usadas na irrigação de terrenos agrícolas, contribuíram para acionar moinhos e transportavam água para consumo e uso humano, estando na atualidade e na maioria deixadas ao abandono, outras subsistem e fazem parte de percursos pedestres.

2.3. Cabo Verde

Cabo Verde, oficialmente República de Cabo Verde, é um país insular composto por dez ilhas na região central do oceano Atlântico e perto da costa de África Ocidental. As ilhas de barlavento são: Santo Antão, São Vicente, Santa Luzia (desabitada), São

Nicolau, Sal e Boa Vista, enquanto as ilhas de sotavento são: Maio, Santiago, Fogo e Brava. As maiores ilhas são as de Santiago e de Santo Antão, sendo a cidade da Praia, capital de Santiago, o principal aglomerado populacional do arquipélago, seguida por Mindelo, na ilha de São Vicente. Este estudo prioriza as ilhas de Santiago, Santo Antão e São Nicolau.

A existência de levadas é atestada por Mendes (2009: 1), ao indicar que “o único sistema de rega tradicional utilizado era o alagamento, conduzido através de levadas construídas de terra batida, proporcionando um desperdício enorme de água”. Santos (2015: 49) diz que os “canais são construídos com a finalidade de transportar a água da barragem ou das nascentes para os reservatórios, sendo muito populares em Cabo Verde”, localizados maioritariamente em Santo Antão e Santiago, não existindo toponímia associada às levadas.



Fotografia 4 – Canal de água em Cabo Verde

Fonte: Ferreira *et al* (2013)

A água maioritariamente proveniente de nascentes é recolhida em reservatórios denominados localmente por *tanques*, a partir dos quais é distribuída pelos agricultores num esquema de calendarização de rega, com intervalos muitas vezes extensos (15 a 22 dias). Este sistema de irrigação, que promove a rega por alagamento, predomina no litoral de Santiago (Silva, 1995).

Em São Nicolau, no “sistema de rega tradicional, a água é conduzida sobretudo em levadas de betão ou parte em levadas de terra, dentro das parcelas do agricultor”

(Sequeira, 2015: 35), conduzindo a uma perda significativa de água por evaporação e por infiltração.

Na ilha de Santo Antão, que, em termos climáticos e orográficos se assemelha à ilha da Madeira, Oliveira (2018) refere que há levadas que não estão bem sinalizadas e não se posicionam, por enquanto, como um produto turístico de excelência da ilha.

Neste território, as levadas foram utilizadas para abastecer os reservatórios a partir da água das chuvas e das ribeiras, como canais de irrigação dos campos agrícolas. Contudo, no atual contexto climático, este método foi substituído por outros sistemas de irrigação que promovem a poupança de água, num território onde esta é um bem escasso.

3. Portugal continental

Em Portugal continental, a presença destes canais é mais abundante no Norte, existindo também em Évora e no Algarve, embora com menor expressividade.

Sobre a origem destes canais, Azevedo (2014), em *Levadas no contexto das paisagens culturais*, um estudo que resulta de um trabalho de campo comparativo, entre duas levadas na ilha da Madeira e o curso de água de Mondim de Basto, refere que as levadas são uma herança da presença dos romanos no território, consistindo num sistema de regadio de “complexas redes de canais, que se alongam por dezenas de quilómetros” (2014: 10).

Desde modo, as técnicas terão sido melhoradas pelos árabes, pois sabe-se que “na Península Ibérica, os árabes tiveram de desenvolver engenhos de rega, misturando e aperfeiçoando as técnicas deixadas pelos romanos e visigodos com as suas próprias, trazidas do Oriente. Assim, ao longo dos rios construíram moinhos e azenhas, cisternas, levadas e canais de irrigação, bem como mecanismos que permitiam tirar a água dos poços, de entre os quais se destacam as noras para que as suas hortas prosperassem” (<https://algarvevivo.pt/noras-um-testemunho-do-nosso-passado-agricola/>).

Vieira (2015: 6) refere que as levadas existiam no norte de Portugal, região que não mereceu a influência moura, e acrescenta: “Note-se que, ainda hoje, na Serra da Estrela, o sistema de distribuição de água faz-se por levadas, sendo as atividades de nomenclatura em tudo semelhante à madeirense”.

Em “O Regadio no Desenvolvimento Territorial”, publicado na *Revista Rede Rural Nacional* (2019), que se dedica à temática da agricultura em Portugal, existe a referência de que as levadas eram construídas em terra, mas foram substituídas por canais em betão,

uma solução que permitiu uma maior eficácia no transporte da água, por minorar as perdas devidas à infiltração, quando comparada com a que ocorre nas levadas em terra.

Este tipo de regadio encontra-se essencialmente no norte de Portugal (Salesse, 2003), em particular no Minho, a norte do Douro, a noroeste de Trás-os-Montes, estendendo-se para o centro de Portugal e zonas de Barrocal (Fernandes, 2013). Para a região de Évora, Mendes (2009: 81-82) refere que “certas levadas são construídas em alvenaria, outras são canais tipo vala, mas a generalidade exhibe características mistas, ou seja, são canais que possuem num dos lados alvenaria e no outro lado o aproveitamento do próprio declive do terreno servindo de barreira”, podendo ser “tão longas ou tão curtas conforme a distância do açude ao moinho, em que “duas das levadas mais compridas são as dos moinhos da Ponte de Évora e do Porto das Lãs”.

De seguida, são apresentadas levadas associadas a passeios pedestres, para além de conduzirem água para a irrigação dos campos agrícolas, ou para produção de energia elétrica, ou moagem: Levada de Pardelhas, no distrito de Braga, na cidade de Fafe, considerada uma grande obra humana e que moveu vários moinhos de água e irriga campos de cultivo (<http://www.walkingportugal.com>); Levada do Piscaredo, no distrito de Vila Real, construída no século XIII, para colmatar a falta de água para irrigar os campos, inicialmente construída em terra batida, depois reconstruída em blocos de granito ligados por argamassa (Azevedo, 2014), também usada para levar água a um moinho (Pereira, 2000 *apud* Azevedo, 2014), além de ser um percurso recomendado, com 8,80km de comprimento (<https://municipio.mondimdebasto.pt>); Levada de Agunchos e Formoselos, no distrito de Vila Real, é “uma obra de regadio tradicional, com cerca de 14km de extensão, construída no século XVI, revestida a pedra nos anos 50 e beneficiada no ano 2000 (<https://gazetadabeira.pt/cultura/>); Levada do Aleixo, no mesmo distrito, é um canal de regadio associado ao cultivo do milho, onde se podem observar moinhos (<https://cm-rpena.pt/documentos/turismo/>); Levada da Paradela, no Vale do Vouga, é um exemplo de canal de água para a irrigação e ostenta um percurso pedonal que proporciona paisagens que faz lembrar as levadas da Madeira, pela sua vegetação (<http://montanhasmagicas.pt/>); Levada das Montesinhas, na Loriga, concelho de Seia, que oferece um percurso ao longo do qual é possível contemplar velhos moinhos de água (<http://www.walkingportugal.com>). Na Serra da Lousã, no distrito de Coimbra, existe uma levada que canaliza água da serra para a Central Elétrica, tida como a primeira do género construída em Portugal continental e ainda hoje em funcionamento (<https://cm-lousa.pt/turismo/o-que-fazer/trilhos/pr3-rota-da-levada>).

No Valongo do Vouga, no concelho de Águeda, no distrito de Aveiro, há um elevado número de moinhos, o que denota bem a importância que a moagem teve durante largos anos junto da comunidade agrícola do concelho e, conseqüentemente, a justificação para a presença de açudes e levadas que, no passado, conduziam a água até aos moinhos (<https://www.cm-aguada.pt>).

Como se observa, é essencialmente no Norte e noroeste de Portugal que existem levadas com funções idênticas às da Madeira, havendo a relevar o caso de Melgaco, uma das zonas mais húmidas da Europa. Nesta localidade, é notória uma organização social e rural semelhante à da ilha da Madeira, no que se refere a aspetos da rega dos cultivos agrícolas, à presença de levadas e poças, à paisagem luxuriante, a que não escapam os conflitos criados à volta da água, em tempo de rega, entre os regantes (Wateau, 2001).

Assim, comprova-se que, neste território, com predominância no Norte e noroeste, existem levadas que apresentam diferentes funções, nomeadamente a irrigação de campos agrícolas, a produção de energia elétrica, a moagem e também associadas a percursos pedestres.

4. Suíça

Procede-se à apresentação de dados sobre infraestruturas hidráulicas existentes na Suíça, um país montanhoso da Europa central com lagos e picos elevados, sobretudo na região alpina denominada Les Valais, sobre a qual incide o estudo. Para irrigar os prados e plantações, os agricultores procuraram ter acesso à água dos rios, muitas vezes de origem glacial, e para conduzir esta água até onde era necessária construíram canais chamados *bisses*. Trata-se de canais de irrigação equiparados às levadas madeirenses, geralmente com 5 a 10km de comprimento, que transportam água de uma torrente ou de um pequeno rio no fundo de um vale lateral resultante do degelo, sendo a sua finalidade fornecer água a culturas agrícolas ou a prados para forragem (<https://www.musee-des-bisses.ch/>). Valais tem atualmente 300 canais, cobrindo uma extensão de 2.000km (*l'Association des bisses du Valais*, 2010).

Hogl, em *Les Bisses et l'évolution de leur technique de construction* (s/d), refere que os sistemas de irrigação desta região são uma tradição que tem origem nos tempos romanos. A maioria dos canais foram construídos no fim da Idade Média e as levadas dessa época ainda estão em uso, cada uma com a sua história e fazem parte da cultura do território. O mesmo autor refere que a sua construção surge de escavações, feitas na rocha, sem revestimento especial e algumas foram sustentadas por vãos de madeira, verificando-

se uma evolução entre finais dos séculos XII e XV, ou seja, a madeira passou gradualmente a acessório na construção, sendo substituída por outros materiais. Sobre isto, Reynard (1995: 50) escreve que “Desde os primeiros anos deste século, os transportes de água pelos canais foram gradualmente substituídos por túneis ou tubos de metal ou betão, permitindo menor perda de água por infiltração”.

Constata-se que há três tipos de levadas, consoante a configuração do terreno (<https://torpille.ch/bisses-suisse-romande/>): cavada na terra, sendo o mais comum, por exemplo *Tsanpé*; escavada na rocha, por exemplo *Rho*; caminho suspenso no ar enquanto a água circula em canais na rocha, como é o caso de *Torrent-Neuf*, que apresenta várias técnicas de construção, das mais simples até às mais complexas. Por vezes, o canal está reforçado com pedras ou com plantação de árvores ou arbustos.

Nesta região, o direito à água é convertido em tempo de irrigação, por períodos chamados de *poses*, que correspondem a 3 horas de rega. Cada beneficiário tem cotas de água proporcionais à extensão da terra a ser irrigada. Até ao final do século XIX, utilizava-se um pau onde estavam gravadas as marcas da família e os correspondentes direitos de água; ao mesmo tempo, um registo escrito das ações de cada pessoa foi mantido” (<https://www.torrent-neuf.ch/le-bisse>). Os canais eram supervisionados por um guarda, que tinha que garantir o fluxo adequado da água e a distribuição adequada dos direitos de irrigação (<https://www.trekmag.com/news-les-8-plus-beaux-bisses-valais>).

Alguns canais caíram em desuso, outros foram preservados e são usados até hoje. No sentido de preservação destes canais, existe uma associação e um museu com o objetivo de dar a conhecer este património e fazer todo o possível para o inventário dos canais de Valais (<https://www.musee-des-bisses.ch/>).

Pelet (1997), em “L’inventaire des usines hydrauliques traditionnelles du Valais”, identifica 1125 moinhos que são turbinados através dos canais, graças ao seu grande fluxo de água, que alimentam uma série de fábricas. Na verdade, um canal pode ter as duas funções, a de servir o moinho e essa mesma água, se o moinho for a jusante, pode servir para a rega de um prado.

Os canais despertam cada vez mais o interesse das populações locais pela sua função turística, sendo restaurados e mantidos para tal por associações sem fins lucrativos (<https://www.les-bisses-du-valais.ch/>).

Os percursos pedestres estão organizados de forma a se poder optar por caminhadas de vários graus de dificuldade, havendo inclusive percursos ao longo de canais que são

possíveis de fazer de cadeira de rodas e por pais que transportam os bebés em carrinhos (<https://www.fr.momondo.ch/discover/plus-beaux-bisses-du-valais>).

Em síntese, neste território, além da funcionalidade de irrigação de campos agrícolas e prados, a água também é usada para mover moinhos e o caminho adjacente como percurso pedestre, tendo-se encontrado um caso singular de uma levada com a função de abastecimento de água em caso de incêndios (<https://www.musee-des-bisse.ch/bisses/driestneri>).

5. Omã

Fora da Europa, no Médio Oriente, Omã é um território árabe, caracterizado pela aridez dos solos e clima seco, albergando um grande deserto, uma cadeia de montanhas e a presença de um litoral. Trata-se de uma região que apresentou elevada carência de recursos hídricos. Para colmatar esta lacuna, foi necessária a construção de cerca de 3.000 canais de irrigação *aflaj*, com o intuito de conduzir e distribuir a água. Cinco destes sistemas de irrigação são considerados Património Mundial da UNESCO, desde 2006.

A construção mais antiga remonta a cerca do ano 500 d.C, embora haja provas arqueológicas que sustentam que já existiam sistemas pioneiros em 2500 a.C, existindo uma analogia com os do Irão. Parte de Omã ficou sob o domínio dos iranianos e as semelhanças entre os *aflaj* no Irão e os existentes em Omã são significativas. Há uma lenda que refere o facto de os persas terem destruído a maior parte dos dez mil “aflaj” construídos em Omã, quando foram expulsos. A par desta informação, há também registos históricos que indicam a existência de um segundo período de construção de canais, durante a segunda metade do século XVII, época em que se tornou o primeiro estado independente do mundo árabe.

A estes canais de irrigação estão associados diversos tipos de construções, como mesquitas, casas, relógios de sol e casas de leilão de água, que revelam capacidades de engenharia das comunidades que não são encontradas em nenhuma outra parte do mundo. Quanto aos materiais de construção dos *aflaj*, as técnicas modernas são evitadas, mas o uso de cimento para reforçar alguns canais é usado e os canais mais recentes apresentam materiais modernos como tubagens.

O termo *aflaj* corresponde ao plural de *Falaj* que, em árabe, significa dividir, partilhar, neste caso um recurso escasso, a água, de forma a garantir a sustentabilidade da agricultura, que tem por base o cultivo de tamareiras, gramíneas forrageiras e limoeiros, entre outras. Neste sistema de irrigação, usa-se a gravidade para transportar a água desde

fontes subterrâneas ou nascentes para a agricultura e usos domésticos, muitas vezes ao longo de muitos quilômetros.

De acordo com o “World Heritage Scanned Nominations”, os *aflaj*, sistemas de irrigação de Omã, preenchem o critério (v) da UNESCO, justificado da seguinte forma: “O sistema de irrigação «aflaj» em Omã consiste num sistema excepcionalmente bem preservado, exemplo de uma forma de uso da terra que encontrou ampla aplicação em grande parte do oeste e centro da Ásia. Tem características de conservação e sustentabilidade a longo prazo para a irrigação da agricultura: desde a água ser considerada de qualidade, e com um bom processamento de obtenção da água sem colocar em perigo o lençol freático, até o uso da gravidade e sem bombeamento”.

Sem a existência dos *aflaj* não teria sido possível o desenvolvimento do território e estaríamos perante uma região empobrecida. Em segundo lugar, a tecnologia atingiu um alto nível em Omã e tem funcionado com sucesso por mais de dois milénios. Em terceiro lugar, a organização do sistema de distribuição de água é um exemplo notável de uma estrutura tradicional que tem pelo menos mil anos e que continua a desempenhar um papel vital na estrutura social e económica de Omã, no século XXI. Em quarto lugar, é uma das maiores concentrações de sistemas de irrigação deste tipo em todo o mundo: mais de quatro mil sistemas ativos ou extintos foram identificados.

A excecionalidade do sistema de Omã relaciona-se com a gestão e a organização dos *aflaj* e a sua manutenção, tendo adotado a forma persa de irrigação, possibilitando aos membros das comunidades terem uma forma sedentária de vida baseada na agricultura, melhorando assim a sua qualidade de vida.

A autenticidade e a integridade dos *aflaj* foram mencionadas como uma herança de Omã, mas, em 2006, ainda não se destacavam nos programas turísticos. De forma a torná-los mais conhecidos e acessíveis aos visitantes, o governo construiu novas estradas e pavimentou as existentes nas áreas mais inacessíveis. Para além da sinalética, os *aflaj* foram equipados com dispositivos tradicionais de medição do escoamento de água, construção e manutenção, promovendo-se informações sobre a história do *falaj*. Para além do exposto, os residentes foram treinados de modo a servirem de guias aos turistas, acolhendo-os e mostrando as tradições da comunidade.

Em resumo, os *aflaj* possuem a função de irrigação, permitem a subsistência da população e, mais recentemente, são usados para visitas de turismo.

Capítulo IV – Glossário temático do património linguístico associado às levadas da ilha da Madeira

Neste capítulo, pretende-se sistematizar toda a informação recolhida na documentação escrita, digital e audiovisual consultada, assim como na documentação oral resultante do trabalho de campo realizado e na documentação lexicográfica aferida, num glossário temático. Deste modo, este reúne os dados sobre o património cultural material e imaterial das levadas da ilha da Madeira, como contributo para a candidatura das levadas a Património Mundial da UNESCO, na categoria de paisagem cultural, enquanto bem evolutivo, ou seja, herança que é uma realidade dinâmica porque humanizada. Assim, além da sua riqueza enquanto património material constituído pela mão do Homem, as levadas estão associadas a uma vertente imaterial do conhecimento e práticas tradicionais específicas da área de atividade plasmada no vocabulário associado a este bem cultural, que se procurou registar de forma exaustiva no glossário aqui apresentado.

1. Macro e microestrutura do glossário temático

A macroestrutura é a estrutura interna geral da nomenclatura ou repertório lexical apresentado no glossário temático. Neste caso, as entradas lexicais estão organizadas por ordem alfabética dos vocábulos referentes à atividade ou prática sociocultural das levadas da ilha da Madeira, enquanto realidades e vivências locais e regionais.

No que respeita à microestrutura do glossário, ou organização do conjunto de informações sobre cada uma das unidades lexicais nos respetivos verbetes, é a seguinte: lema ou entrada; informação etimológica retirada do *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa*; uma definição clara e sucinta, baseada nas ocorrências dos termos nos seus contextos de uso (no caso de polissemia, são fornecidas as várias aceções da palavra); uma nota com informação gramatical (morfo sintática) sobre a formação dos vocábulos, mas também com a indicação de sinónimos e de variantes fonéticas dos termos, quando existem, assim como informação histórica e enciclopédica, sempre que pertinente. Seguem-se as atestações dos termos na documentação escrita consultada com as respetivas referências, bem como na documentação digital e audiovisual. Posteriormente, adicionaram-se as ocorrências dos termos recolhidos na documentação oral, através do relato de memória de um antigo trabalhador na construção de levadas e da realização de entrevistas com questionário a alguns *levadeiros*, com indicação codificada dos informantes.

Depois, apresenta-se a informação sobre os termos e expressões que constam na documentação lexicográfica consultada, como no *Dicionário de Regionalismos e Arcaísmos (DRA)* de Leite de Vasconcelos, nos vocabulários madeirenses de Silva (1950), Sousa (1950), Caldeira (1961/1993), Pestana (1970) e Barcelos (2016), incluindo os vocabulários deste autor sobre os Açores, e nos glossários de antigas monografias de licenciatura e de recentes dissertações de mestrado e teses de doutoramento. Foram consultados e são referenciados também pequenos glossários como o da terminologia das levadas no *Elucidário Madeirense*, e as listas de vocábulos relativos às levadas da Madeira utilizados nos estudos de Macedo (2014), Fernandes (2018) e Teixeira (2019). Referem-se ainda os termos registados na Lista Indicativa das Levadas da Madeira a Património Mundial da Humanidade, de 2015-2016. Segue-se a indicação da informação lexicográfica sobre os termos averbados no *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* da Academia das Ciências de Lisboa. Para alguns lemas, refere-se também a informação constante no *Dicionário Online Priberam da Língua Portuguesa*. Sempre que pertinente, a entrada lexical termina com uma remissão para termos relacionados. Quanto às remissões que ocorrem entre os verbetes do glossário, estas remetem para os lemas onde esses termos são averbados como sinónimos de outras unidades lexicais.

2. Glossário temático

A

A água cansou – Redução da quantidade de água que corre numa levada. **Nota:** Expressão formada pelo determinante e o nome *a água* e o verbo *cansar*. **Doc. Lexicográfica:** No glossário de Santos (2017: 152), indica-se que esta expressão é usada “quando o caudal de uma levada diminui (até parar de correr)”. Ver **Água de rega** e **Levada**.

A preguiça morreu de sede à beira da levada – Ter os meios para fazer alguma coisa e prejudicar-se por não o fazer. **Nota:** Expressão que reflete a sabedoria popular, apresentando variantes de acordo com as realidades regionais ou locais. Por exemplo, no continente português e no Brasil, diz-se “A preguiça morreu de sede à beira do rio”. **Doc. Oral:** Sobre esta expressão, o informante 2 refere que a “preguiça morreu à sede à beira da levada, só por causa de não virar o biquinho, assim pa’o outro lado [para beber água]”. O informante 3 diz “que a pessoa era malandra”. O informante 4 indica que “havia gente que ‘tavam sentadas na beira da levada e não se sujeitavam a beber água”. O informante 5 explica: “quer dizer que morre mesmo à sede e não chegou a beber a água na beira da levada”. Ver **Levada**.

Abastecimento da rede de água potável – Recente fornecimento de água canalizada à população a partir de uma nascente, reduzindo o caudal de água das levadas. **Nota:** Termo composto pelo nome *abastecimento* com o complemento determinativo *da rede* que, por sua vez, apresenta o complemento determinativo *de água potável*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 146) refere que, em 1971, o caudal da Levadinha da Ribeira da Metade “já se encontrava bastante reduzido devido ao aproveitamento da nascente da Eirinha para abastecimento da rede de água potável à freguesia de Gaula, inaugurada em 8 de julho de 1953”.

Abrir a água – Deixar sair a água de um poço de armazenamento para a rega. **Nota:** Expressão composta pelo verbo *abrir* com o complemento *a água*. **Doc. Oral:** O informante 5 explica que “Um *levadeiro*, atualmente, chega de manhã à levada ou aos poços, onde tem o armazenamento da água, e abre as águas para que váia para os regantes, no posto de rega às oito da manhã, para que a água esteja lá”. Ver **Regante e Poço de rega**.

Abrir uma levada – Construir um canal de água. **Nota:** Expressão composta pelo verbo *abrir* com o complemento *uma levada*. **Doc. Oral:** Expressão usada pelo informante 1, a propósito da construção de uma levada. Ver **Levada**.

Acartar (De *acarretar*, de *carreta* + *-ar*) Transportar alguma coisa, carregando às costas. **Nota:** Termo simples que é um verbo, forma popular de *acarretar*, para *carregar*. **Doc. Audiovisual:** Na construção do Canal do Norte, alguns trabalhadores tinham de acartar barris de gasóleo às costas para a máquina de abertura dos túneis ou compressor (cf. Documentário “Água vai, pedra leva”, parte 2). **Doc. Oral:** De acordo com o informante 1, na construção da Levada Nova da Encumeada, o cimento era descarregado em S. Vicente, no Lombo Barbinhas, e tinha de ser levado às costas para as obras da levada. Quanto ao gasóleo, eram bidões de 60 litros para os compressores, que tinham de ser carregados às costas, a subir do sítio das Ginjas para a obra da levada. **Doc. Lexicográfica:** No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, I: 40), *acartar* é uma “forma popular de *acarretar*, transportar de um lugar para outro, levar consigo”. Ver **Acartar rocha**.

Acartar rocha – Carregar rocha às costas. **Nota:** Expressão formada pelo verbo *acartar* com o complemento *rocha*. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), a expressão ocorre para designar o retirar da rocha extraída de dentro dos túneis para fora destes, na construção dos canais de água. Ver **Acartar**.

Acionista (De *acion-* + *-ista*) Membro de uma sociedade ou associação de uma levada particular ou privada. **Nota:** Termo derivado do verbo *acionar* com o sufixo *-ista*. **Doc. Escrita:** Velosa (2000: xxxi), sobre a Sociedade da Levada Nova do Furado, documenta que “Depois de grande impasse e perante a falta de cumprimento dos Estatutos por parte dos acionistas, o Governo acabara por expropriar o direito de captação da água da Serra do Faial, tomando a iniciativa de proceder à construção da Levada, de forma a serem irrigadas aquelas freguesias”. Ribeiro *et al.* (1995: 42-44), sobre a Sociedade da Levada Nova do Furado, descrevem que “Em março de 1843, um ofício do Secretariado da Mesa da Direção da Levada do Furado para o Governador referia que não podia ultimar a obra sem aumentarem o valor das ações em 15% e deveriam todos os acionistas ser exatos no pagamento das suas prestações (...) Os acionistas não cumpriam com os estatutos e assim, apesar da contestação, o Estado acabou por expropriar o direito de captação da água da Serra do Faial”. Ver **Heréu (da levada)**.

Açude da levada (Do ár. *as-sudd* 'obstáculo, obstrução, represa', do v. ár. *sadd* 'fechar'; Do lat. *levata* (*aqua*) 'água levada', f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Represa, albufeira, dique ou barragem de água que é captada, através de uma levada, para um poço ou diretamente para rega. **Nota:** Termo composto pelo nome *açude* com o complemento determinativo *da levada*. Sinónimo de *tornadouro*, *sacada*, *aqueduto*, *barragem* e *presa de água*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 185), sobre a Levadinha do Poço do Cano, diz que “enchia através dum cale ou cano que partia dum açude feito em plena ribeira, em cerca de doze horas, com um caudal de cerca de 100 penas”. Freitas (2003: 186), sobre a Levadinha da Fonte do Furado, diz que o Poço do Furado “é abastecido por uma fonte nativa que nasce no Ribeiro das Hortas, um pouco acima das Nascentes da Lapa e por escorralhas desse ribeiro que sobem para o referido poço em levada aberta, por intermédio dum açude construído no lugar chamado os Pinheiros”. Freitas (2003: 5) utiliza o termo *sacada* como sinónimo de açude: “construção de açudes, as chamadas sacadas, que, encabeçando em sulcos cavados, ou levadas, conduziam a água da ribeira, que assim começaram a irrigar as primeiras terras cultivadas”. O autor (2003: 19) escreve que a Levada do Ribeiro das Uveiras “por um açude feito no barranco, sai pela margem esquerda daquele ribeiro que, por seu turno, vai confluír com a Ribeira dos Vinháticos (...) A água do açude do Ribeiro das Uveiras é o último reforço da Levada do Pico dos Iroses”. Freitas (2003: 172), ao falar do percurso, caudal e giro da Levadinha da Fonte do Lopo, usa o termo açude a par de *sacada* e *aqueduto*: “Parte das águas desta levadinha provem das escorralhas da Ribeira de Gomes Vaz que se seguem, a seguir aos açudes que enchem os dois últimos poços da Levadinha da Fonte do Lopo que, por intermédio dum *sacada*, são encaminhadas (...) para o pequeno aqueduto que dá origem à Levadinha da Fonte do Lopo”. O autor (2003: 179) informa ainda que “Uma parte da sua água provem de escorras da ribeira, aproveitadas por meio de açudes”. Freitas (2003: 185), a propósito da Levadinha do Poço do Rochão, fala-nos do açude da Levada de Baixo do Caniço e do poço que “Enche

duas vezes ao dia, ou seja, de doze em doze horas, através dum açude que sobe da Ribeira do Porto Novo”. Freitas (2003: 31) informa: “Os primeiros moinhos foram construídos nas margens das ribeiras e nas levadas que delas saíam pelos açudes, sacadas ou barragens do seu curso superior. É por isso que os moinhos estão, desde o início do povoamento, intimamente associados às levadas de água de rega”. Ribeiro *et al.* (1995: 115), sobre as partes e peças de um moinho de água, definem aqueduto como “um aparato destinado a conduzir a água desde o ribeiro ou desde a levada até à cetia (...) açude – é uma construção feita no barranco da ribeira ou no mainel da levada destinada a represar a água e a desviá-la para uma cale ou regadeira”. **Doc. Oral:** Segundo o informante 3, “o chamado açude é quando a água é captada aqui e depois é encaminhada pa’ a levada”. O informante 5 usa o termo barragem: “Tem três barragens dentro do ribeiro, acumula água durante a noite, ou durante o dia”, mas também presa de água: “chama-se a tal presa, uma presa de água. (...) o termo mais utilizado é: «Olhe, a água está ali, naquela presa, para depois seguir toda...»”. **Doc. Lexicográfica:** Joaquim Viterbo, na segunda entrada de Levada, distingue este termo de açude: “não é, propriamente, o açude, dique ou marachão que faz retroceder ou altear as águas, mas sim a corrente ou veio das mesmas águas” (Viterbo, 1984, II, 362, *apud* Rebelo e Nunes, 2016). No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, I: 74), açude é a “construção de pedra, terra, madeira, ou betão, levantada transversalmente ao leito de um rio, de modo a represar águas e canalizá-las para irrigação ou para estabelecer uma queda destinada a produzir força motriz”. Ver **Sacada da levada**.

Administrador da levada Ver **Juiz da levada**.

Adufa da levada (Do ár. *ad-duffá*, nome de unidade de *duff* 'lado, flanco'; f. hist. s. XV *aduffa*. Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Compartimento ou escoadouro de saída da água de uma levada. **Nota:** Termo composto pelo nome *adufa* com o complemento determinativo *da levada*. **Doc. Lexicográfica:** Em Silva (1950: 3), *adufa* é uma “pequena comporta ou abertura no «mainel» das levadas para dar vasão à água nos pontos de irrigação”. Silva e Meneses (1978, II: 507) definem *adufas* como “as pequenas «comportas» que se fazem nos mainéis ou paredes dos aquedutos, destinadas a dar vasão às águas, nos pontos em que se procede à irrigação”. Em Figueiredo (2004/2011: 97), *adufa* é uma “pequena abertura retangular, situada nos pavimentos das ruas e protegida por um gradeamento metálico, ligada à rede de águas e que se destina a recolher as águas pluviais ou outras”. Segundo Barcelos (2016: 53), “pequena comporta no mainel das levadas situada nos locais de irrigação”. No glossário de Santos (2017: 152), *adufa* é “um pequeno tornadoiro”. Teixeira (2019), no seu estudo, regista o termo *adufa*. No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, I: 94), é a “construção em madeira ou outro material, que serve para regular a passagem de águas em tanques, canalizações, canais ou rios; represa”. Ver **Sacada da levada** e **Tornadoiro** ou **Tornadoiro**.

Afluente (Do lat. *affluens, éntis* part. pres. de *affluere* 'correr para, afluir') Pequeno córrego de água que aumenta o caudal de uma ribeira ou de uma levada. **Nota:** Termo simples. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 139) indica que a Levadinha da Ribeira da Metade “é formada pelas águas que brotam das nascentes nativas que se encontram ao longo da Ribeira da Metade e do seu afluente da margem direita, a Ribeira da Junça, que com ela vai confluir antes da Eirinha”. **Doc. Oral:** O informante 5 explica que “É um afluente porque é uma coisa que nasce atrás da levada e vem, é encaminhada, feita uma entrada para a levada (...) quando usamos essa água durante o verão, principalmente para ajudar aos caudais, de inverno, quando chove muito, temos de ir lá tapar esses buracos, para que não entre sujidade para dentro do canal principal”. **Doc. Lexicográfica:** No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, I: 110), “qualquer curso de água que vai lançar-se noutra”. Ver **Levada**.

Água da cabeça (Do lat. *aqua, ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*; Do lat. vulg. *capitia* 'cabeça', do cl. *câput, itis*; f. hist. 1139 *cabeza*, s. XIII *cabeça* 'parte do corpo', s. XIII *cabeça* 'figura proeminente') A quantidade total da água da levada. **Nota:** Termo composto pelo nome *água* com o complemento determinativo *da cabeça*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 33) informa que “Durante o século XVIII, o giro da levada era de 22 dias pelo que a rega era de onze em onze dias. Pelos princípios de mil e oitocentos, o giro era de 24 dias, pelo que os hiréus regavam de doze em doze dias. Então, a levada estava dividida em três partes: a Água da Cabeça, a Água do Dia e a Água do Terço”. **Doc. Lexicográfica:** No pequeno glossário da Lista Indicativa do Bem Levadas da Madeira a Património da Humanidade, *água de cabeça* é a “água controlada pelo levadeiro”. No glossário de Santos (2017: 152), *água de cabeça* é a “água que corre na levada durante o giro”. Ver **Levada**.

Água da comissão Ver **Água dos pobres**.

Água da levada (Do lat. *aqua, ae 'água'*; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) A água de rega que vinha diretamente da levada para os regantes, sem passar pelo armazenamento do tanque durante a noite. **Nota:** Termo composto pelo nome *água* com o complemento determinativo *da levada*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 67), sobre a construção de um tanque de rega pelos heréus da Levada do Pico dos Eirós, em Gaula, escreve: “Este tanque entrou em funcionamento a 26 de abril de 1953, passando a levada a regar de acordo com o seguinte esquema: Água do Tanque, das 04:30 horas às 16:30 horas; Água da Levada, das 09:30 horas às 21 horas. Nesta fase, a levada inteira corria para o tanque desde as 21 horas até às 04:30 da manhã, portanto durante apenas sete horas e meia, porque o tanque não tinha capacidade para mais”. O autor (2003: 68) informa que na “Reunião da Assembleia Geral dos Hiréus da Levada de 08/01/1950 (...) foi deliberado construir um tanque para guardar a água da levada que corria durante a noite”. Ver **Levada**.

Água da servidão (Do lat. *aqua, ae 'água'*; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*; Do lat. *servitúdo, inis 'servidão'*; f. hist. s. XIII *servidonhe*, s. XIV *serujdoõe*, s. XIV *seruidom*, s. XIV *servidõe*, s. XIV *servidoen*, s. XIV *servidue*, s. XIV *servidume*, s. XV *servydõoe*) Água que não podia ser usada para regas dos heréus, sendo destinada ao uso doméstico e consumo da população da freguesia. **Nota:** Termo composto pelo nome *água* com o complemento determinativo *da servidão*. Sinónimo de *água da serventia*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 43) transcreve os Estatutos da Levada do Pico dos Eirós, onde se lê: “O levadeiro é obrigado a separar a vigésima quarta parte do volume de água da Levada do Pico dos Eirós, chamada a água da servidão, para as necessidades domésticas, a qual correrá sempre, em toda a sua extensão, até à Beira-Mar”. O autor (2003: 44) explica: “Remontam desde tempos muito recuados a prática de retirar pequenas porções da água de giro para fazer face às necessidades e usos domésticos. Durante o século XIX, há notícia de que essa água, chamada a água da serventia, corria permanentemente até ao mar”. Freitas (2003: 54) conta que a população não confiava na “água dos dormentes, passando a usar para beber e para cozinhar a água das fontes nativas, como fazia antes, pelo que a água da serventia já tinha praticamente deixado de ter razão de ser e já quase não corria na levada”. Ver **Levada**.

Água de arrendamento (Do lat. *aqua, ae 'água'*; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*; De *arrendar* + *-mento*; f. hist. s. XV *arremdamento*) Água dos heréus ou proprietários de uma levada particular arrendada para ajudar a pagar as despesas de manutenção da levada. **Nota:** Termo composto pelo nome *água* com o complemento determinativo *de arrendamento*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 43) transcreve os Estatutos da Levada do Pico dos Eirós, onde se lê: “Os hereus ou seus representantes que pretendam dar águas de arrendamento ou fornecê-las a colonos seus, deverão enviar ao levadeiro, entre os dias 25 e 28 de fevereiro de cada ano, relação desses arrendatários ou colonos com indicação do número de horas de água que arrendam”. Ver **Levada**.

Água de gastos (Do lat. *aqua, ae 'água'*; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*; *gasto* part. dito irreg. de *gastar*) A água dos domingos e dias santos que podia ser aproveitada pelos que não eram heréus. **Nota:** Termo composto pelo nome *água* com o complemento determinativo *de gastos*. **Doc. Escrita:** Pereira (1989: 692) escreve que “As águas sobejantes dos domingos e demais dias impedidos [por serem dias santos] canalizavam-se para as ribeiras em direção ao mar, chamando-se-lhes águas de gastos, em Santa Cruz, por poder aproveitá-las quem não fosse seu proprietário ou heréu”. Ver **Levada** e **Heréu**.

Água de giro (Do lat. *aqua, ae 'água'*; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*; Do gr. *gûros, ou 'círculo'*, pelo lat. *gyrus, i 'círculo* que faz um cavalo; volta, circuito, giro’) A água de rega de uma ou de várias levadas no seu giro estabelecido em número de dias, conforme a necessidade da sua distribuição pelo número de regantes do local. **Nota:** Termo composto pelo nome *água* com o complemento determinativo *de giro*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 33) informa que “Durante o século XVIII, o giro da levada era de 22 dias pelo que a rega era de onze em onze dias. Pelos princípios de mil e oitocentos, o giro era de 24 dias, pelo que os hiréus regavam de doze em doze dias com a água de giro”. **Doc. Lexicográfica:** Rezende (1961: 269) regista o termo *água de giro* como “água de rega que ora vai para um proprietário ora para outro”. No glossário de Santos (2017: 152), *água de giro* ou *giro da água* correspondem à água que “cada regante tem direito”, ou seja, “a um certo tempo de água de tantos em tantos dias, geralmente quinze dias, conhecido como o «giro» da água”. Informa que, no passado, “tinha de se regar de noite”. Oliveira (2018-2019: 328) refere as horas de água como “giro das regas; horas de água a que uma porção de terra tem direito. Horário”. Ver **Levada** e **Horário de rega**.

Água de herança (Do lat. *aqua, ae 'água'*; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*; Do lat. *haerentia* 'coisas vinculadas, pertences', de *haerens, entis*, part. pres. de *haerè* 'estar ligado, fixado, prender, segurar, agarrar, aderir'; var. antiga e dialetal *herdança*; f. hist. s. XIII *erança*, s. XIII *herença*, s.

XIV *herança*) Água de um regante que, com a sua morte, passa a pertencer aos seus herdeiros, dividindo-se a água em braços ou ramos. **Nota:** Termo composto pelo nome *água* com o complemento determinativo *de herança*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 27) regista que “quando se recebia água de herança em partes iguais, era prática tirar sortes da água que se herdava no dia em que essa água de herança entrava no seu dia de giro, que então era de 22 dias, regando-se com a levada inteira de onze em onze dias. Os hiréus regavam com a levada inteira, mas dividida em dois braços”. O autor (2003: 38) refere um documento camarário onde ocorre o termo: “havendo nelas águas de heranças do domingo em dia certo e determinado, não era possível poder-se alterar o seu giro sem grande prejuízo do direito e uso da propriedade dos hiréus”. Ver **Levada e Água de rega**.

Água de heréus (Do lat. *aqua, ae 'água'*; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*; Talvez do lat. **herédu-*, em vez de *herède-* < lat. *heres, édis* ‘herdeiro’; f. hist. 1211 *ereos*, 1287 *herel*) Água de rega que pertence a proprietários de levadas particulares. **Nota:** Termo composto pelo nome *água* com o complemento determinativo *de heréus*. Sinónimo de *água de propriedade*. **Doc. Escrita:** Branco (1987: 144) documenta este termo na seguinte passagem: “O costume descrito de ceder uma parte da água dos heréus – ou seja, dos associados à comunidade de regantes – a terceiros, facilitava o incremento de pequenos negócios de especulação”. Freitas (2003: 109), em nota ao cadastro de 1947 da Levada do Pico dos Eirós, escreve: “Nesta altura, a Levada do Pico dos Eirós estava dividida em quatro braços que corriam 24 horas durante um giro de 32 dias (...) como dessas horas apenas 2147 eram água de hiréus ou de propriedade, as restantes 925 horas, chamadas a água do aumento, eram arrendadas pelos regantes que não eram hiréus, ou seja, que não possuíam água de propriedade”. Ver **Levada e Água de rega**.

Água de propriedade Ver **Água de heréus**.

Água de quarto Ver **Quarto de levada**.

Água de rega (Do lat. *aqua, ae 'água'*; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*; *Rega* regr. de *regar*) A água canalizada das nascentes, ribeiras e ribeiros, através de levadas, para irrigação dos terrenos agrícolas. **Nota:** Termo composto pelo nome *água* com o complemento determinativo *de rega*. **Doc. Escrita:** Ladeira (2016: 68) regista o termo no capítulo denominado “Água e património edificado”, indicando que “No plano da água de rega, desde o povoamento da ilha da Madeira que se construíram as levadas para irrigar os terrenos”. **Doc. Lexicográfica:** Pestana (1970: 17) documenta *água de rega* como “água destinada à rega das *fazendas*”. Ver **Levada**.

Água de repartição (Do lat. *aqua, ae 'água'*; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*; De repartir + *-ção*; f. hist. s. XV *repartições*, s. XV *repartiçom*, s. XV *repartycom*) Água reservada em tanques ou poços que é distribuída a vários regantes. **Nota:** Termo composto pelo nome *água* com o complemento determinativo *de repartição*. **Doc. Lexicográfica:** Segundo Barcelos (2016: 55), é a “água vinda de um poço comum que depois é dividida por vários agricultores (conforme informação de António Marques da Silva)”. Ver **Poço de rega**.

Água do aumento Ver **Água do terço**.

Água do canso (Do lat. *aqua, ae 'água'*; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*; Do lat. *aqua, ae 'água'*; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*; *Canso* part. irreg. de *cansar*) A água que corre até aos terrenos, depois de se fechar o poço ou tirar a chapa da levada. **Nota:** Termo composto pelo nome *água* com o complemento determinativo *do canso*. **Doc. Lexicográfica:** Fernandes (2018: 86), no seu glossário, regista este termo que define como “a água que corre depois de fechar a bucha do poço ou quando termina a hora do heréu”, ou seja, o tempo de rega da água da levada, depois de destapar a água ou tirar a chapa da levada. Ver **Levada e Água de rega**.

Água do dia (Do lat. *aqua, ae 'água'*; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*; Do lat. vulg. **dia* pelo cl. *dies, ei* 'dia, o espaço de tempo de 24 horas, e dia, período claro no espaço de 24 horas, em oposição ao período escuro da noite, unidade de tempo'; f. hist. 1292 *dija*, s. XIII *dia*, s. XIII *dya*, s. XIII *dia do joyzo*) A água do dia de giro de rega de um regante. **Nota:** Termo composto pelo nome *água* com o complemento determinativo *do dia*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 33) informa que “Durante o século XVIII, o giro da levada era de 22 dias pelo que a rega era de onze em onze dias. Pelos princípios de mil e oitocentos, o giro era de 24 dias, pelo que os hiréus regavam de doze em doze dias. Então, a levada estava dividida em três partes: a água da cabeça, a água do dia e a água do terço”. Ver **Levada e Água de rega**.

Água do Estado (Do lat. *aqua, ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*; Do lat. *status, us* 'modo de estar, posição, situação, condição', ligado ao v. lat. *stāre* 'estar'; já no lat. acp. Política; no Português acp. política s. XV e XVI; f. hist. 1446 *stado*) A água de rega das levadas públicas. **Nota:** Termo composto pelo nome *água* com o complemento determinativo *do Estado*. Distingue-se da *água de heréus*. **Doc. Escrita:** Ribeiro *et al.* (1995: 40), a propósito dos moinhos e águas do concelho de Santa Cruz, diz que a “água do Estado era vendida por um preço considerado barato. Levados pela astúcia, com o andar dos tempos, certos lavradores, sendo proprietários particulares de águas das levadas de heréus, vendiam-nas por bom preço, para posteriormente usarem as do Estado por um pagamento muito inferior”. Ver **Levada e Água de rega**.

Água do meio terço (Do lat. *aqua, ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*; Do lat. *medius, ii* 'meio, centro, espaço intermediário, intervalo de tempo, metade'; f. hist. 1270 *meio*, s. XIII *meyo*, 1365 *meio*, 1395 *meo* num.; Do lat. cl. *tertius, a, um* 'terceiro'; cp. f. erud. *tércio*; f. hist. s. XV *teerço*) Sexta parte do caudal da água de uma levada. **Nota:** Termo composto pelo nome *água* com o complemento determinativo *do meio terço*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 29) regista: “Em 01/10/1894 faleceu o alferes António Joaquim da Mata, morador nas Levadas, em cujo inventário, entre outros bens, constam 21 horas de água de quarto da Levada do Pico dos Heroes, avaliada pelo tribunal em 450 mil reis e mais meia hora de água do meio terço ou sexta parte da mesma Levada, avaliada em seis mil reis”. O autor (2003: 37) explica: “A Água do Meio Terço era, como o próprio nome o diz, a água de meio terço da Levada Grande que ao tempo estava dividida em três partes, ou seja, em três braços. Significava, portanto, uma das seis partes da água da levada inteira, correndo dia e noite e que era retirada dos proprietários para arrendá-las a quem dela necessitava e com esse arrendamento conseguir dinheiro para fazer face aos encargos com a manutenção e com a gestão da levada”. Ver **Levada e Água de rega**.

Água do poço Ver **Água do tanque**.

Água do tanque (Do lat. *aqua, ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*; Orig. contrv. embora alguns afirmem ser de orig. obsc., outros falam em f. afer. de *estanque*, der. de *estancar*, este prov. do lat. vulg. *stanticare*) A água de rega que cai no tanque durante a noite para os regantes usarem durante o dia. **Nota:** Termo composto pelo nome *água* com o complemento determinativo *do tanque*. Sinónimo de *água do poço*. Distingue-se da *água da levada*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 67), sobre a construção de um tanque de rega pelos heréus da Levada do Pico dos Eirós, em Gaula, escreve: “Este tanque entrou em funcionamento a 26 de abril de 1953, passando a levada a regar de acordo com o seguinte esquema: Água do Tanque, das 04:30 horas às 16:30 horas; Água da Levada, das 09:30 horas às 21 horas. Nesta fase, a levada inteira corria para o tanque desde as 21 horas até às 04:30 da manhã, portanto durante apenas sete horas e meia, porque o tanque não tinha capacidade para mais”. O autor (2003: 68) acrescenta: “Com a entrada em funcionamento do tanque, as doze horas do giro da noite, que corriam das dezanove horas da tarde até às sete horas do dia seguinte, caíam dentro do tanque. Enquanto a parte da freguesia situada acima do tanque começava a regar a partir das sete da manhã com a água que vinha diretamente da Madre da Levada, a parte da freguesia situada abaixo do tanque começava a regar também às sete da manhã com a água do poço”. Freitas (2003: 171), a propósito da Levadinha da Fonte do Lopo, refere “a água do Poço da Fonte do Lopo”. Ver **Levada e Água de rega**.

Água do terço (Do lat. *aqua, ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*; Do lat. cl. *tertius, a, um* 'terceiro'; cp. f. erud. *tércio*; f. hist. s. XV *teerço*) Água da levada que era dividida em três partes. **Nota:** Termo composto pelo nome *água* com o complemento determinativo *do terço*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 33) informa que “Durante o século XVIII, o giro da levada era de 22 dias pelo que a rega era de onze em onze dias. Pelos princípios de mil e oitocentos, o giro era de 24 dias, pelo que os hiréus regavam de doze em doze dias. Então, a levada estava dividida em três partes: a Água da Cabeça, a Água do Dia e a Água do Terço. A Água do Terço era dividida em três partes e cada parte correspondia a um sexto da levada”. Freitas (2003: 75) acrescenta que “Cerca de 1870, Manuel Baptista de Gouveia (...) regava as suas propriedades com um dia da levada inteira, ou seja, durante vinte e quatro horas, noite e dia e regava uma grande fazenda que possuía na Lombadinha com 13 horas da chamada Água do Terço. (...) Muito antes de 1873, já um terço da água da levada inteira do Pico dos Iroses, chamada a água do terço, era arrendada para acudir às necessidades da população”. Ver **Levada e Água de rega**.

Água dos pobres (Do lat. *aqua, ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*; Do lat. *paupèr, èris* 'id.'; f. hist. s. XIII *pobre*, s. XIII *pobr'*, s. XIV *poble*, s. XIV *probe*, s. XIV *proue*, s. XV *pobrees*) Água arrendada pelos proprietários das levadas a regantes que não eram heréus. **Nota:** Termo composto pelo nome *água* com o complemento determinativo *dos pobres*, sinónimo de *água da comissão*.

Doc. Escrita: Freitas (2003: 37) documenta: “Na reunião ordinária da Assembleia Geral da Levada, que teve lugar em 09/01/1955, foi deliberado retirar 100 horas da Água do Aumento para arrendar ao preço de 120 escudos àqueles que eram extremamente pobres. Esta água era chamada a «Água dos Pobres» ou a «Água da Comissão». Por pobres, neste contexto, deve entender-se os simples regantes que, não tendo água de propriedade, tinham que arrendá-la, recorrendo à Água do Aumento”. Ver **Levada e Heréu**.

Água em distribuição (Do lat. *aqua*, *ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*; Do lat. *in* 'em'; Distribuir + *-ção*, der. vern., 'distribuição, divisão'; f. hist. s. XV *destribuyçom*, s. XV *distribuiçam*) Circulação da água pelos regantes. **Nota:** Expressão que corresponde ao período de rega, ou seja, quando a água está em giro. **Doc. Oral:** O informante 3 indica que o período de rega “Pode começar em janeiro. Ainda este ano, por exemplo, começámos em janeiro as águas em distribuição e ninguém sabe até quando vai durar (...) Quando tem chuvas com abundância, para o período da rega”. Ver **Levada e Água de rega**.

Água junta (Do lat. *aqua*, *ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*; *Junta* adj. fem. de *junto*, part. pas. irreg. de *juntar*) A água que corre numa levada sem ser dividida. **Nota:** Termo composto pelo nome *água* com o adjetivo *junta*. **Doc. Lexicográfica:** Nunes (1965: 119) regista a expressão *áuga junta* que define como “Toda a água que pertence a uma levada”. Ver **Levada inteira**.

Água perdida (Do lat. *aqua*, *ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*; Do lat. *perdita*, part. pas. de *peredère* 'perder'; f. hist. s. XIII *perdeda*, s. XIV *perdida*) A água que não é aproveitada para rega. **Nota:** Termo composto pelo nome *água* com o adjetivo *perdida*. **Doc. Lexicográfica:** Nunes (1965: 119) regista a expressão *áuga perdida* que define como “água de rega que não se aproveita e que, normalmente, corre para o mar”. Ver **Levada e Água de rega**.

Água pia (Do lat. *aqua*, *ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*; Do lat. *pius* de 'piedade') Água que era doada ao padre e à igreja. **Nota:** Termo composto pelo nome *água* com o adjetivo *pia*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 76), a propósito da Levada do Pico dos Eirós, explica que as *águas pias* eram as “águas destinadas às necessidades da residência paroquial e ao consumo da igreja matriz e as águas que regavam as fazendas do passal da igreja. As primeiras tinham a sua origem no Ribeiro da Faia ou dos Caboços, na fonte dos Vinháticos. Canalizadas ao longo da margem esquerda do ribeiro chegavam à residência paroquial que delas desviava o necessário para o serviço da igreja matriz”. Ver **Levada e Água de rega**.

Aguadeiro (Do part. *aguado* + *-eiro*) Miúdo que fornecia água aos trabalhadores. **Nota:** Termo derivado de *aguado* com o sufixo *-eiro*. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), embora não seja mencionado este termo, nas imagens da Cinemateca Portuguesa, feitas pela Comissão Administrativa dos Aproveitamentos Hidráulicos da Madeira, aparece um miúdo com um grande aguador de folha à cabeça, dando água aos trabalhadores que a bebiam pelo tubo estreito da própria saída da água deste recipiente. **Doc. Lexicográfica:** No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, I: 134), *aguadeiro* é a “pessoa que distribui águas pelas casas ou vende pela rua” e, como regionalismo alentejano, “pessoa encarregada de distribuir água aos trabalhadores”.

Aguagem ou **Aguage** (De *aguar* + *-agem*; f. hist. 1532 *aguaje*) Queda de água numa ribeira, madre da levada, ou no percurso de uma levada, caindo de determinada altura da rocha. **Nota:** Termo derivado da palavra *água* com o sufixo *-agem*. Sinónimo de *cascata* e de *queda de água*, com a variante popular *aguage*. A abundância de quedas de água na ilha da Madeira é indissociável da existência da floresta Laurissilva, preservada sobretudo na costa norte da ilha, permitindo a recarga dos mananciais ou caudais das nascentes e consequentemente das levadas. **Doc. Escrita:** Ladeira (2016: 34) menciona “a cascata da Garganta Funda na Ponta do Pargo, chamada localmente por aguage, com cerca de 200 metros verticais” e “uma queda de água na ribeira da Lombada dos Marinheiros”. **Doc. Oral:** Os informantes 2 e 5 indicam os termos *cascata* (*de água*) e *queda de água*, enquanto o informante 3 usa apenas o termo *queda de água*. **Doc. Lexicográfica:** Em Santos (2007:368), *aguagem* é uma “queda de água, cascata (madeirensismo semântico). A palavra antiquada *aguage*, de que o povo formou a corruptela *augage*, significa nesta ilha uma pequena catadupa ou queda de água, que especialmente dá nos leitos pedregosos das ribeiras (E.M.)”. Segundo Silva (2013: 99), *aguage* é “aguagem; cascata”. Segundo Barcelos (2016: 55), “pequena queda de água que se dá nos leitos pedregosos das ribeiras”, regista também a forma *auguage* (2016: 81), tal como *aguage*, corruptela de *aguagem*. No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, I: 135), *aguagem* é a “rega. Fazer a *aguagem* do milheral”. Ver **Nascente e Ribeira**.

Água vertente Ver **Nascente da levada**.

Agulheiro (De *agulha* + *-eiro*; f. hist. s. XV *agujeiro*, 1522 *agulheiro*) Pequena retirada de água de uma levada, de modo improvisado, ou levada feita em pedra, e mato que entope uma levada. **Nota:** Termo derivado de *agulha* com o sufixo *-eiro*. Sinónimo de *meia cana*. **Doc. Escrita:** Pereira (1989: 684) regista que “O manancial de qualquer levada divide-se durante o percurso em vários caudais secundários, os lanços, irrigando ao mesmo tempo pontos e zonas diferentes, distribuídos por meio de talhos ou cortes laterais no aqueduto, também denominados sacados por servirem a sacar água para os terrenos das suas margens. (...) A par da sacada legal fazem-se sacadas ilegais por meio de simples pedras colocadas dentro dos aquedutos com o fim de desviarem parte do fluxo, sub-repticiamente, para os agulheiros ou meias canas dos terrenos agricultados”. **Doc. Oral:** O informante 2 indica que “chamam muito os agulheiros a pequenas saídas de água”. O informante 4 atesta que “o agulheiro é (...) Antigamente, a gente falava-se no agulheiro. Era quando a levada era recheada e coberta em pedra. O fundo, os laterais e em cima. E, depois, tapavam por cima com terra e areia miúda para não entrar nada lá pa’ dentro, senão só a água. E era as levadas feitas em pedra”. O informante 6 explica que “Agulheiro é uma coisa que se... que vai ter a uma levada e, após [depois], por cima, cada vez que calha entupido, temos que ir lá com a vara esfregulhar para sair o agulheiro para a rua. Aquele novelo de mato que tem dentro... para aquele mato que tem dentro sair, para a água passar”. **Doc. Lexicográfica:** Segundo Barcelos (2016: 56), é o “meio de condução da água das levadas feito em meia cana”. Ver **Levada** e **Água de rega**.

Ajudante de máquina (De *ajudar* + *-nte*; f. hist. s. XIV *ajudante*; Do lat. *machina*, *ae* 'máquina, aparelho; guindaste, polé; andaime; aríete, máquina de guerra; armas, meios, esforços; expediente, artifício, invenção' < gr. *mékhanê, ês* 'invenção engenhosa; máquina; máquina de guerra; máquina de teatro; meio, expediente, artifício; habilidade'; f. hist. s. XV *machina*, 1716 *maquina*) Trabalhador que cuidava da máquina que comprimia o ar (compressor mecânico). **Nota:** Termo composto pelo nome *ajudante* com o complemento determinativo *de máquina*. **Doc. Oral:** O informante 1 explica que este trabalhador deitava água e gásóleo na máquina para ela não parar de funcionar, gerando potência para o martelo pneumático (denominado popularmente *martela*) perfurar a rocha na abertura dos túneis. Ver **Mineiro**.

Alvenaria (por *alvaneria*, de *alvaner* + *-ia*, através do arc. *alvanaria*; f. hist. 1552 *alvanaria*) Atividade relacionada com uma construção feita de pedra. **Nota:** Termo derivado do nome *alvenel* com o sufixo *-aria*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 184), sobre as escarpas e as fazendas da Rocha Grande, em Gaula, informa que as “águas da Ribeira do Porto Novo, da Ribeira da Metade e do Ribeiro do Pico, [eram] entancadas em mais de duas dezenas de poços de vários feitios e tamanhos, a maior parte escavados na rocha mole, com o muro da bucha em alvenaria”. **Doc. Lexicográfica:** Em Silva (1950: 6), *alvaneria*, “além das construções de pedra e cal”, é o “basalto compacto ou pedra rija insuscetível de ser lavrada”. No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, I: 196), é um termo da construção que designa um “conjunto de pedras, tijolos, e outros materiais, que geralmente, ligados com cimento ou argamassa, constituem a construção”. Ver **Alvenel**.

Alvenel (*Alvanel* do ár. *al-banná* 'o que constrói, pedreiro', do v. *baná* 'edificar, construir'; f. *alvanil* e *alvanir* pelo esp. *albañil* (1268), do ár.vulg. *banní*; f. hist. 1156 *aluenela*) Nome da profissão do trabalhador que partia as pedras na construção das levadas. **Nota:** Termo simples *alvenel*, com as variantes fonéticas *alvinel* e *alvenéu*. **Doc. Oral:** Segundo o informante 1, o *alvenel* “Partia as pedras e as ponha em cabeças para os pedreiros fazerem o assentamento delas com cimento nas levadas”. O informante 2 indica que o “alvenéu é o que partia a rocha”, enquanto o 4 explica que “alvinel é um homem que parte pedra”. O informante 6 usa o termo com as formas “alvenel” e “alvenéu”, que “parte a pedra”. **Doc. Lexicográfica:** No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, I: 195), *alvanel*, *alvanéu*, *alvenel*, *alvener*, *alvenéu* é o “construtor” ou “operário que executa serviços de construção com pedra, cal, areia, tijolo...; pessoa que trabalha em alvenaria”. Ver **Alvenaria** e **Pedreiro**.

Ampulheta (Do esp. *ampolleta* 'relógio de areia', dim. de *ampolla* (1220) 'ampola, vesícula, bolha', do lat. *ampulla*, *ae*) Aparelho usado para medir o tempo da água de rega. **Nota:** Termo simples. Atualmente, recorre-se ao relógio de pulso. **Doc. Escrita:** Branco (1987: 146) documenta “Existia um mercado de água para rega, através do qual o camponês tentava conseguir comprar uma pequena parte dum giro. A contabilidade era feita na base do tempo, usando-se ampulhetas e, mais tarde, construindo-se torres com relógio em sítios bem visíveis”. Ver **Água de rega**.

Anel de água (Do lat. *anellus*, *i* 'anelzinho', dim. de *anus*, *i*; f. hist. XIV *anees*, s. XV *anel*; Do lat. *aqua*, *ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) Medida de água que corresponde a oito penas. **Nota:** Termo composto pelo nome *anel* com o complemento determinativo *de água*. **Doc. Escrita:**

Pereira (1989: 687) explica: “As quantidades de água por que se medem as nascentes, os fluxos, os giros e os fornecimentos a habitações, têm por unidade a pena, isto é, um fluxo ou volume contínuo de 60 segundos; o anel, fluxo de oito penas; a telha, fluxo de oito anéis; hora, espaço de tempo durante o qual corre um fluxo de 12 a 50 litros”. **Doc. Lexicográfica:** Em Sousa (1950), o termo *anel* designa a “antiga medida de água, equivalente a 8 litros por minuto”. Segundo Barcelos (2016: 67), *anel* é a “unidade de medida de água das levadas correspondente ao fluxo de 8 penas”. No pequeno glossário da Lista Indicativa do Bem Levadas da Madeira a Património da Humanidade, **anel** é a “Medida de caudal correspondente a oito penas”. No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, I: 240), é um regionalismo alentejano da agricultura que denomina uma “Medida vigente que regula a distribuição das regas entre vizinhos”. Ver **Pena de água**.

Ano de rega (Do lat. *annus*, i 'círculo de duração no tempo, ano'; f. hist. 1273 *ano*, 1275 *año*, 1278 *ãno*; *Rega* f. regr. de *regar*) Período do ano em que a água de rega é utilizada pelos regantes. **Nota:** Termo composto pelo nome *ano* com o complemento determinativo *de rega*. Sinónimo de *época de irrigação*, *época de giro*, *período de regadio* (cf. informante 4) e *período de rega* (cf. informante 5 e 6). **Doc. Escrita:** De acordo com o *Elucidário Madeirense*, citado por Pereira (1989: 691-692), “O ano de rega começa no primeiro de maio e termina no primeiro de outubro, denominando-se giro o espaço de tempo decorrido entre duas passagens de água dum levada pela mesma terra. Quando uma propriedade tem uma hora de água no giro de quinze dias, deve entender-se que essa propriedade tem direito a ser irrigada pelo tempo de uma hora, de quinze em quinze dias, durante o ano de rega. O giro chega a ser de sessenta dias nalgumas levadas particulares, de modo que, se o proprietário de uma hora de água dessas levadas quiser irrigar as suas terras de quinze em quinze dias, só o poderá fazer de cada vez pelo espaço de um quarto de hora”. Freitas (2003: 145) refere os Estatutos da Levadinha da Metade, decalque dos Estatutos da Levada do Pico dos Eirós, onde se lê: “Os moleiros cujos moinhos se abastecerem com água da levada de que se trata são obrigados a terem sempre na época da irrigação os cubos respetivos cheios sob pena de pagarem cada um a multa de mil reis por cada infração e na mesma pena incorrer o héreo ou regante que esvaziar os mesmos cubos”. **Doc. Oral:** O informante 3 indica que “um ano de rega, neste momento, praticamente faz-se o ano inteiro. É o ano inteiro. A água entra em giro, pronto”. O informante 4 explica que começa a “tantas de maio, junho, julho e agosto e setembro. Quatro meses. Um período de regadio é os quatro meses”. O informante 5 diz que “Um período de rega anda entre os seis meses, mais ou menos. Começa, depende do ano, se o ano for seco, começamos mais cedo, por volta de março ou fins de março ou abril. Se for um ano chuvoso, podemos começar em princípios de maio e pode-se prolongar até outubro. É o tempo em que a água está de giro. (...) A gente recebemos da ARM um horário que é para o período de rega”. Acrescenta: “Depende do ano, se começa cedo, a gente termina o ano de rega mais cedo”. O informante 6 indica que o *ano de rega* pode ser quatro, cinco ou seis meses, isto é, “O período da rega é o período de verão”. **Doc. Lexicográfica:** No pequeno glossário da Lista Indicativa do Bem Levadas da Madeira a Património da Humanidade, *época de giro* “É o período do ano em que se rega com água de cabeça (água controlada pelo *levadeiro*), também designado de período de rega estival”. Ver **Giro da água**.

Apito (Regr. de *apitar*) Instrumento usado pelo *levadeiro* para avisar os regantes. **Nota:** Termo formado por derivação regressiva do verbo *apitar*. Este podia ser um búzio, uma corneta ou um simples apito. **Doc. Oral:** O informante 5 explica que “O *levadeiro*, um caso, na minha zona, nos Prazeres, dava água ao Paul do Mar, no fundo. Tinha lá um lugar que chamava-se a Ponta (...) A gente mandava água daqui de cima, dos Prazeres, mandava-se para o fundo (...) E, então, quando o *levadeiro* mandava a água, ia à rocha acima, dava três apitadelas com o apito e o regante já sabia”. Ver **Búzio e Corneta**.

Apontador (Do part. pas. de *apontar*, *apontado* + *-or*) Nome da profissão do trabalhador que apontava os dias e as horas de trabalho de todos os trabalhadores, bem como a necessidade de limpeza e manutenção das escarpas. **Nota:** Termo derivado do participio passado do verbo *apontar*, *apontado*, com o sufixo *-or*. **Doc. Oral:** O informante 1 indica que, na Levada da Encumeada para a Central da Serra de Água, o apontador era um miúdo de 12 anos, com a 4ª classe, porque sabia ler e escrever. O informante 4 explica que “havia apontadores, aqueles senhores que iam ver as pessoas que ‘tavam trabalhando, os que não tivessem trabalhando, eles não iam apontar, agora os que trabalhavam, sim”. **Doc. Lexicográfica:** No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, I: 298), é o “empregado das obras públicas ou particulares incumbido de fazer o rol do pessoal, de lhe marcar as faltas e de vigiar serviços”.

Aproveitamentos Hidroagrícolas da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal – Empresa pública constituída na Madeira para fazer obras de aproveitamento das águas, recorrendo a canais ou levadas. **Nota:** Termo composto pelo nome *Aproveitamentos* com o adjetivo *hidroagrícolas* e o complemento determinativo *da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 146) regista

que “A Levadinha da Ribeira da Metade deixou de existir como levada de hiréus depois da sua incorporação, juntamente com a Levada dos Eirós, nos Aproveitamentos Hidroagrícolas da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, por força da famigerada deliberação da mesma Junta Geral, datada de 13 de fevereiro de 1971”.

Aqueduto da levada (Do lat. *aquaeductus, us* ou *aquae ductus* 'condução ou ato de transportar a água, o meio pelo qual se transporta a água, aqueduto', de *aquae*, gen. sing. de *aqua*, *ae* 'água' e *ductus, us* 'condução, transporte', rad. de *ductum*, supn. de *ducere* 'conduzir' lit. 'transporte de água'; f. hist. s. XIV *guducho*, 1553 *aqueducto*; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Estrutura de cantaria que capta a água para a levada e a própria levada. **Nota:** Termo composto pelo nome *aqueduto* com o complemento determinativo *da levada*. **Doc. Escrita:** Pereira (1989: 684) escreve: “os aquedutos das levadas gerais afetam a formam dum U, na caixa, com a base horizontal, mudando-a para semicircular nos ramais ou lanços particulares, dentro dos terrenos irrigáveis. O movimento da água nestes canais é devido ao seu impulso natural por efeito do declive dado à levada desde a origem até o termo do giro”. **Doc. Lexicográfica:** No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, I: 315), “construção arquitetónica em pedra ou alvenaria, sobre arcadas ou subterrânea, destinada a dar passagem à água de um local para outro”. Ver **Levada**.

Argamassa (Orig. contrv. prov. esp. *argamassa* (1190) 'mistura de cal, areia e água para construção de alvenarias') Material usado na reconstrução das levadas. **Nota:** Termo simples. Nome do material usado na reconstrução e impermeabilização das levadas, colocado por cima das pedras de basalto. **Doc. Oral:** O informante 2 explica: “para nós, é aquilo que... a construção ‘tá em pedra... tem cobertura de argamassa”. **Doc. Lexicográfica:** No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, I: 332), é um termo da construção que denomina a “mistura feita com areia, água e um aglomerante, como cal, cimento, gesso, usada na construção civil para unir pedras, assentar tijolos, fazer revestimentos”. Ver **Levada**.

Armazenamento da água (De *armazenar* + *-mento*; Do lat. *aqua, ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) Reserva de água a ser distribuída pelos regantes. **Nota:** Termo composto pelo nome *armazenamento* com o complemento determinativo *da água*. **Doc. Oral:** O informante 5 indica que “Um *levadeiro*, atualmente, chega de manhã à levada ou aos poços, onde tem o armazenamento da água, e abre as águas para que vaia para os regantes, no posto de rega às oito da manhã, para que a água esteja lá”. Ver **Poço de rega**.

Arrendamento da água da levada (De *arrendar* + *-mento*; f. hist. s. XV *arremdamento*; Do lat. *aqua, ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Aluguer de uma pequena parte da água de uma levada por parte dos donos das levadas. **Nota:** Termo composto pelo nome *arrendamento* com o complemento determinativo *da água da levada*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 37) diz que “uma das seis partes da água da levada inteira, correndo dia e noite, era retirada dos proprietários para arrendar a quem dela necessitava e com esse arrendamento conseguir dinheiro para fazer face aos encargos com a manutenção e com a gestão da levada”. Ver **Levada** e **Água de rega**.

Arrendar a água da levada (De *a-* + *renda* 'rendimento' + *-ar*; f. hist. 1264 *arendar*, s. XIII *arrendar*; Do lat. *aqua, ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Alugar uma parte da água de uma levada de heréus. **Nota:** Expressão composta pelo verbo *arrendar* com o complemento *a água da levada*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 37) escreve: “já em pleno século XX, tendo os encargos aumentado substancialmente, em lugar do antigo processo de retirar aos hiréus a água necessária para arrendar, aumentou-se substancialmente os dias de giro, passando-o de 28 para 32 dias, ao mesmo tempo que se dividia a levada em cinco partes, mercê de aumentos de caudal resultantes de escavações de novas galerias”. Ver **Levada** e **Água de rega**.

Arrendatário da água da levada (Rad. do part. pas. de *arrendar*, *arrendado* sob a f. alat. *arrendat-* + *-ário*; Do lat. *aqua, ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Indivíduo que arrendava água de uma levada. **Nota:** Termo composto pelo nome *arrendatário* com o complemento determinativo *da água da levada*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 43) transcreve os Estatutos da Levada do Pico dos Eirós, onde se lê: “Os hereus ou seus representantes que pretendam dar águas de arrendamento ou fornecê-las a colonos seus, deverão enviar ao levadeiro, entre os dias 25 e 28 de fevereiro de cada ano, relação desses arrendatários ou colonos com indicação do número de horas de água que arrendam ou fornecem a cada um”. Ribeiro *et al.*

(1995: 45), sobre a Levada da Serra do Faial, documenta que “Em 1896, o Governador informava o diretor das obras públicas que o administrador de Santa Cruz lhe havia participado que os arrendatários da Levada do Juncal que regava aquela freguesia, bem como as do Santo da Serra e Água de Pena, reclamavam da quantidade de água que lhes era distribuída”. Ver **Levada e Água de rega**.

Arribas (Comp. da prep. *a* com o subst. *riba*; f. hist. 1188 *ad ribam*, s. XIII *arriba*, s. XIII *ariba*) Falésias ou rochas escarpadas onde trabalhavam os *rocheiros*. **Nota:** Termo formado a partir do nome *riba*. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), vê-se como os *rocheiros* eram amarrados em cordas e pendurados, para talhar a rocha. **Doc. Lexicográfica:** No Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea (2001, I: 359), é uma “costa rochosa escarpada e íngreme”. Ver **Rocheiro**.

Assembleia Geral da Associação dos Heréus – Reunião dos membros de uma associação de heréus ou proprietários de uma levada. **Nota:** Termo composto pelo nome *assembleia* com o adjetivo *geral* e os complementos determinativos *da associação* e *dos heréus*. Estes reúnem-se em assembleia geral para eleger os seus membros dirigentes e para tomar decisões sobre o funcionamento e gestão das águas. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 37) documenta: “Na reunião extraordinária da Assembleia Geral da Levada do Pico dos Eirós, realizada em 22/02/1948, terceira reunião da Assembleia Geral deste ano, Manuel Vieira de Freitas propôs que não se investisse na construção da sede da levada, mas que se investisse na reparação dos ramais, tendo a Assembleia aprovado que se deveria proceder aos trabalhos de captação de mais águas”. O autor (2003: 41) escreve: “Os primeiros Estatutos da Levada do Pico dos Eirós foram aprovados em reunião da Assembleia Geral dos Heréus em 9 de fevereiro de 1908, a qual teve lugar no adro da igreja matriz”. Freitas (2003: 42) transcreve os Estatutos da Levada do Pico dos Eirós, onde se lê: “À Assembleia Geral compete conhecer tudo quanto respeita à associação e é da sua competência especial: estabelecer ou alterar o giro das águas e alterar o preço das rendas; deliberar sobre a conveniência de exigir dos sócios alguma contribuição e fixar a quantia dela; eleger a Direção da Levada; nomear o levadeiro e, quando julgar necessário, vigias”. O autor (2003: 68) informa que na “Reunião da Assembleia Geral dos Heréus da Levada de 08/01/1950 (...) foi deliberado construir um tanque para guardar a água da levada que corria durante a noite”. Ver **Levada e Heréu**.

Associação de heréus (De *associar* + *-ção*, prov. por infl. do fr. *association* 1408, 'unir a alguém' 1751; Do lat. **herèdu-*, em vez de *herède* < lat. *heres, édis* 'herdeiro'; f. hist. 1211 *ereos*, 1287 *herel*) Sociedade de heréus ou proprietários de uma cota parte de água de rega de uma levada particular. **Nota:** Termo composto pelo nome *associação* com o complemento determinativo *de heréus*, o mesmo que *associação de regantes*. Ainda hoje existem algumas associações de heréus, por exemplo: a Associação de Heréus da Levada da Caldeira (Camacha, Santa Cruz), a Associação de Heréus da Levada dos Piornais (no Funchal, com cerca de 500 heréus), Associação de Regantes da Levada da Negra (com cerca de 400 heréus ou proprietários), Associação de Regantes da Levada do Moinho da Lombada e Lugar de Baixo (Cf. Silva, 1933), Associação dos Regantes da Levada do Poço do Lombo e Paredão e Associação da Levada dos Piornais. **Doc. Escrita:** Quintal (1999: 27) escreve: “As primeiras levadas eram particulares. Foram mandadas construir por homens ricos, donos de nascentes e terras de cultivo. Os donos das levadas geriram a água a seu bel-prazer. Quando tinham água de sobra, vendiam-na aos rendeiros e colonos que não poucas vezes foram vítimas da especulação. Ainda no século XV, surgiram outras levadas particulares, construídas por iniciativa de associações de heréus. Os heréus são agricultores que possuem uma parte da água duma levada. Pagam a conservação do canal e elegem entre si a comissão que administra a levada. As levadas dum só dono desapareceram completamente e hoje já são poucas as associações de heréus que mantêm em bom estado as suas levadas”. Ver **Levada e Heréu**.

B

Bacia da madre de água (Do lat. vulg. *baccínu(m/s)*, lat. tar. *ba(c)chínus* 'vaso para água, bacio, bacia'; f. hist. 1352 *bacia*, s. XV *baçia*; Do lat. *máter, tris* 'mãe'; divg. erud. de *mãe*; Do lat. *aqua, ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) Pequeno lago formado pela água de uma ribeira que abastece uma levada. **Nota:** Termo composto, formado pelo nome *bacia* seguido do complemento determinativo *da madre de água*, com a forma reduzida *bacia de água*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 17) escreve que “a ampla e pedregosa bacia, em plena Ribeira dos Vinháticos, onde a Levada da Ribeira da Serra d’Água conflui com a Ribeira dos Vinháticos tem o nome de madre da levada e é desta bacia de água que parte a Levada Grande do Pico dos Iroses”. O autor (2003: 135) diz “É pena que ninguém se vá sentar nas pedras lavadas da vasta bacia daquela espetacular madre de água”. Ver **Levada e Ribeira**.

Bagaceiro (De *bagaço* + *-eiro*; f. hist. c.1574 *bagasseiro* 'indivíduo que, nos engenhos, removía o bagaço') Nome da profissão do trabalhador responsável por retirar o bagaço das obras de dentro dos túneis. **Nota:** Termo derivado de *bagaço* com o sufixo *-eiro*. Aqui *bagaço* é o entulho das obras na construção das levadas. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), vê-se que os *bagaceiros* enchiam *vagonas* com o entulho da rocha, para o trazer para fora dos túneis. Ver **Bagaço, Furado e Levada**.

Bagaço (De *baga* + suf. *-aço*) Entulho das obras. **Nota:** Termo derivado de *bago* com o sufixo *-aço*. Usa-se o mesmo termo dos resíduos esmagados das uvas e das canas-de-açúcar, que se deita fora. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), vê-se que se enchiam *vagonas* com o *bagaço*, para o trazer para fora dos túneis. **Doc. Lexicográfica:** No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, I: 456), “resíduo de alguns frutos, caules, ou colmos que foram triturados e espremidos para lhes tirar o sumo”. Como se pode ver, não se regista o significado de entulho, que surge por analogia com os resíduos esmagados, que são deitados fora. Ver **Bagaceiro**.

Baliza (Do lat. tar. *palitium*, *palitia* 'estacada', do lat. *palús*, *i* 'estaca, poste' + suf. *-itium/-itia*; f. hist. s. XV *balisa*, s. XV *ballisa*) Marcação da quantidade de água numa levada para a sua divisão. **Nota:** Termo simples. **Doc. Oral:** O informante 5 conta que, quando havia um acordo entre dois regantes para sobrepôr a água do poço de um à água da levada de outro, se fazia a marcação da quantidade de água que corria na levada com uma caninha e “chamava-se a baliza a essa caninha, a caninha que a gente metia na levada para controlar a água. Chamava-se a baliza”. Ver **Balizar a água**.

Balizar a água (De *baliza* + *-ar*; Do lat. *aqua*, *ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) Marcar a quantidade de água que corre numa levada. **Nota:** Expressão composta pelo verbo *balizar* com o complemento *a água*. **Doc. Oral:** O informante 5 explica que, quando havia um acordo entre regantes para juntar a água da levada de um com a do poço de outro, “Iam os dois regantes e balizavam a água. A água estava passando o ramal principal, estava passando, e eles cortavam uma cana e rachavam a cana ao meio, faziam assim uma farpa de cana e iam lá. A água estava passando aqui, eles metiam a cana àquele nível da água na levada e aquilo estava regando”. Ver **Levada e Baliza**.

Banda de regadios Ver **Canal de água**.

Banqueta Ver **Esplanada da levada**.

Barra (Do lat. vulg. **barra* 'travessa, tranca de fechar porta', de base pré-romana provinda do gaul. **barro* 'extremidade'; f. hist. 1175 *barra*, s. XIII *barra*) Instrumento de ferro usado pelo *rocheiro* para escavar a rocha instável e a fazer cair. **Nota:** Termo simples. Sinónimo de *barrinha*, termo derivado do nome *barra* com o sufixo diminutivo *-inha*, e de *barrana*, forma derivada de *barra* com o sufixo *-ana*. **Doc. Escrita:** Pereira (1989: 682) relata que as levadas “foram construídas exclusivamente à força de braços, empregando-se nesses trabalhos instrumentos simples e primitivos como picões, barras, alviões, marrões e enxadas”. Vieira (2011: 33), sobre a construção da Levada da Achada Grande, indica: “Chegou ao sítio da igreja o camião do empreiteiro com diversos materiais: barras, picaretas, pás, enxadas, serras, serrotes, martelos, etc.”. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), aparece a utilização deste instrumento. **Doc. Lexicográfica:** No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, I: 488), “pedaço de metal chato e grosso antes de ser trabalhado”. Ver **Rocheiro**.

Barra da levada (Do lat. vulg. **barra* 'travessa, tranca de fechar porta', de base pré-romana provinda do gaul. **barro* 'extremidade'; f. hist. 1175 *barra*, s. XIII *barra*; Do lat. *levata* (*aqua*) 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Borda de cima da levada. **Nota:** Termo composto pelo nome *barra* com o complemento determinativo *da levada*. **Doc. Oral:** O informante 5 indica que “A borda é mesmo na barra de cima da levada. Quando ela está pelas bordas, a gente chama: «A levada está pelas bordas, está quase a transbordar»”. Ver **Levada**.

Barraca (De orig. contrv. f. hist. 1644 *barraca* 'abrigo para soldados em campanha', 1712 *barraca* 'abrigo rústico de pescadores ou pastores') Dormitório improvisado, construído com madeiras e pedras, tendo cobertura de ervas, onde dormiam os responsáveis pela obra e/ou os trabalhadores. **Nota:** Termo simples. Sinónimo de *barracão*, forma derivada do nome *barraca* com o sufixo aumentativo *-ão*. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), diz-se que, por vezes, recorriam a palheiros ou a furnas existentes e mesmo a antigos chiqueiros de porcos, que limpavam para poderem se abrigar durante a noite dos rigores do tempo da montanha. Os barracões mais confortáveis eram destinados ao engenheiro Amaro

da Costa e aos topógrafos. **Doc. Oral:** O informante 1 diz que o barracão era coberto de palha e os trabalhadores dormiam na palha, com mantas ou cobertores.

Bica de água (F. fem. de *bico*; Do lat. *aqua, ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) Saída de água de uma nascente. **Nota:** Termo composto pelo nome *bica* com o complemento determinativo *de água*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 172), sobre a Levadinha da Fonte do Lopo, regista que “No extremo norte do Olheiro da Fonte do Lopo existiu, desde tempos antigos, uma abundante bica de água”. Ver **Nascente (da levada)**.

Bico de gás (Do lat. *beccus, i* 'bico, sobretudo o do galo'; f. hist. 1077 *bico*, s. XIII *bico*, s. XIV *biquo*, s. XV *byco*; Do fr. *gaz* (1670), ing. *gas* (1658, acp. mod. 1779) Equipamento colocado na testa para alumiar. **Nota:** Termo composto pelo nome *bico* com o complemento determinativo *de gás*. **Doc. Escrita:** Vieira (2011: 33), sobre a construção da Levada da Achada Grande, em nota, transcreve o depoimento de um trabalhador: “Não foi só nesta levada que trabalhei, pois ainda andei nos trabalhos do *furado* do Caldeirão Verde e na construção da Levada dos Tornos, com um bico de gás colocado na testa”. Ver **Furado**.

Boca da levada (Do lat. *bucca, ae* 'boca'; f. hist. 1085 *boca*, s. XIII *boca*, s. XIV *boquua*, s. XV *bocha*; 1085 é a data para a acp. 'qualquer abertura ou fenda' e s. XIII para a acp. 'abertura inicial'; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Parte da levada onde se iniciava a sua construção. **Nota:** Termo composto pelo nome *boca* com o complemento determinativo *da levada*. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), refere-se que o motorista levava os topógrafos e o engenheiro até à “boca das levadas”, assim como algum material para a obra. Ver **Levada**.

Boca de saída (Do lat. *bucca, ae* 'boca'; f. hist. 1085 *boca*, s. XIII *boca*, s. XIV *boquua*, s. XV *bocha*; 1085 é a data para a acp. 'qualquer abertura ou fenda' e s. XIII para a acp. 'abertura inicial'; fem. substv. de *saído*, part. pas. de *sair*; f. hist. 1254 *saída*, s. XIII *sayda*, s. XIV *ssayda*, s. XV *sahidas*, s. XV *saídas*) Um dos orifícios de saída de água da caixa divisória de uma levada. **Nota:** Termo composto pelo nome *boca* com o complemento determinativo *de saída*. Sinónimo de *buraco da regadeira*, *furo da regadeira* e *bucha da regadeira* (cf. informante 5). **Doc. Escrita:** Sumares (1956 *apud* Santos, 2017: 47), no conto “Rega”, regista: “Marcada a hora no mostrador, mãos apressadas modificam a disposição do xadrez complicado da caixa da levada. Com mato seco e pedras, fecham-se umas bocas, abrem-se outras, e a água segue a caminho da terra sequiosa”. Freitas (2003: 51) escreve: “à saída dos ramais mais importantes da levada, a água era desviada do mainel principal para uma construção em cimento em forma de tanque, chamada caixa divisória. Esta caixa tinha cinco bocas de saída, concebidas para serem todas iguais e de tal sorte que por elas pudessem sair cinco partes de água com o mesmo volume, tais eram os braços em que, ultimamente, a levada principal se achava dividida, cada qual com um caudal de 450 penas durante os melhores meses do ano e, na gema do verão e meses do outono, com perto de metade desse volume”. **Doc. Oral:** O informante 2 informa que uma caixa divisória tem “várias bocas de saída” e os *levadeiros* “vão nessas bocas de saída... mandam [a água] pa’ as várias levadas. (...) Essas bocas calibradas, cada uma tapa uma regadeira. Ora, essas bocas... eles abrem conforme as regadeiras que eles querem abrir para trabalhar”. O informante 3 usa o termo simples *boca*: “isso é caixa e bocas”. O informante 4 refere este termo, dizendo “boca de saída é quando a água ‘tá a sair do canal pa’ um braço do regadio”. O informante 5 chama *buraco* e *furo da regadeira*: “buracos das regadeiras. É onde saem as regadeiras. Cada regadeira sai naquele furo, são vários furos... É o furo da regadeira”, mas também *bucha da regadeira*: “Tapa-me a bucha da regadeira vinte”. Ver **Caixa divisória** e **Levada**.

Boca do furado (Do lat. *bucca, ae* 'boca'; f. hist. 1085 *boca*, s. XIII *boca*, s. XIV *boquua*, s. XV *bocha*; 1085 é a data para a acp. 'qualquer abertura ou fenda' e s. XIII para a acp. 'abertura inicial'; Do lat. *forátus, a, um* 'furado', part. pas. de *fōro, as, ávi, átum, áre* 'furar') Nome da entrada de um túnel escavado na rocha, neste caso para a passagem de uma levada. **Nota:** Termo composto pelo nome *boca* com o complemento determinativo *do furado*. **Doc. Escrita:** Quintal (1999: 43), sobre os túneis na Levada do Galhano, diz “O sétimo túnel termina junto ao córrego dos Morcegos ou das Aguagens, onde em tempos houve uma grande quebrada que destruiu um bocado do canal. (...) Pouco depois daquele córrego, surge a boca do oitavo e último furado”. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), documenta-se o termo. **Doc. Oral:** Os informantes 3 e 4 referem o termo *boca do furado*, enquanto o 5 usa *boca do túnel*. Ver **Furado** e **Levada**.

Boca do túnel Ver **Boca do furado**.

Braço de água Ver **Ramal da levada**.

Broca (Do cat. *broca* 'saliente, pontiagudo', prov. de orig. céltica) Explosivo de pólvora com um rastilho, introduzido num buraco da rocha, para a detonar **Nota:** Termo simples. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), o termo é mencionado. **Doc. Oral:** O informante 1 menciona o termo. Ver **Rocheiro**.

Bucha do poço (Do fr. ant. *bousche* 'punhado de palha, tufo de ervas ou de palha' < lat. vulg. **bosca* 'rama, ramagem', do germ. **bosk* (cp. al. *Busch*, ing. *Bush*); Do lat. *putèus, i* 'buraco, fossa, poço de mina; cisterna ou cova em que se guardam grãos; cova para plantar árvores; masmorra para prisão de escravos; poço ou abismo do inferno'; f. hist. 937 *pozo*, s. XIII *poço*, s. XIV *pooço*) Parte da frente do poço que se abre para sair a água de rega. **Nota:** Termo composto pelo nome *bucha* com o complemento determinativo *do poço*. Sinónimo de *torneira* (cf. informante 2) e de *balucra* com o *pau-do-balucra* (cf. informante 5). **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 180), sobre a Levada da Tracuna, em Gaula, indica que “a Fonte da Tracuna, situada mesmo em frente dos poços que recebem a água da Fonte Calçada, com um caudal de cerca de 37 penas, entancada no Poço da Tracuna, que tendo a bucha num nível inferior às buchas dos poços da Fonte Calçada, despeja no leito da ribeira, indo encontrar a Levada da Tracuna alguns metros mais abaixo”. O autor (2003: 182), a propósito da Levadinha da Nascente do Quinze, diz que a água da nascente entancada no poço, “Com a bucha aberta, esvazia ao fim de quatro horas, debitando um caudal de cerca de 450 litros por minuto, o suficiente para regar canas ou bananeiras”. **Doc. Oral:** O informante 2 usa os termos *torneira* e *bucha*. O informante 4 indica que a “bucha é a boca do poço de regadio”. O informante 5 atesta o termo *balucra* e *pau-do-balucra*, que serve para abrir a saída de água do poço. O informante 6 usa o termo “bucha do poço”. **Doc. Lexicográfica:** Em Silva (1950: 21), *bucha* é o “orifício que dá vasão à água nos poços e tanques”. No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, I: 590-591), é o “pedaço de madeira, de plástico ou de outro material com que se enche um orifício, e no qual se introduzem pregos ou parafusos destinados a prender ou sustentar objetos pesados” e, como regionalismo da Madeira, é um “pedaço de madeira, envolvido em tecido grosseiro, com que se tapa o buraco por onde se sangra o lagar do vinho”. Ver **Poço de rega**.

Buraca (De *buraco* com alt. da vogal temática *-o* para *-a*, tomada como desin. de fem.; f. hist. s. XIV *buraca* 'buraco, cova') Buraco feito na rocha para atacar com pólvora, deixando um rastilho para pegar lume no explosivo. **Nota:** Termo simples, forma feminina de *buraco*. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), ocorre o termo. Ver **Broca** e **Rocheiro**.

Búzio (Do lat. *bucinum, i* 'trombeta, som de trombeta, concha em forma de trombeta, concha, molusco') Instrumento usado para avisar os heréus ou regantes. **Nota:** Termo simples, nome da concha de um molusco usado pelos vigias das levadas e/ou *levadeiros*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 61), a propósito da contenda entre os regantes de duas levadas em Gaula, informa: “Tocando o búzio, estes vigias avisavam os vigias do Cabeço dos Orégãos e estes, por sua vez, e pelo mesmo processo de toque de búzio, avisavam os vigias das Águas Mansas e assim sucessivamente os vigias dos outros pontos altos, até que o alarme chegava à Achada de Baixo, donde era alertada a população da Beira-Mar”. **Doc. Oral:** O informante 5 explica que “O búzio era para alertar as pessoas. O *levadeiro*, um caso, na minha zona, nos Prazeres, dava água ao Paul do Mar, no fundo. Tinha lá um lugar que chamava-se a Ponta, que é Ponta Grande, Ponta Pequena. E, então, havia regantes do Paul do Mar que regavam. A gente mandava água daqui de cima, dos Prazeres, mandava-se para o fundo, descer pela ribeira, pela rocha ir ter lá abaixo à Ponta. E, então, quando o *levadeiro* mandava a água, ia à rocha acima, dava três apitadelas com o apito e o regante já sabia: «Olha, já mandou a água, vamos lá»”. **Doc. Lexicográfica:** Silva (1950: 22) averba *búzio* como “concha de molusco, sendo as de maior tamanho usadas como trombeta ou corneta, produzindo um som cavo ou soturno”. Pestana (1970: 49) informa que “com o sopro dos búzios, os *levadeiros* trocam entre si sinais combinados, atinentes ao seu mister”. Ver **Corneta do levadeiro**.

C

Cabeceira da levada Ver **Madre da levada**.

Cabeceira da ribeira (De *cabeça* + *-eira*; Do lat. lus. *riparia*, fem. substv. de *riparius, a, um*, de *ripa, ae* 'margem, ribanceira'; f. hist. 1021 *riparia*, s. XIII *ribeira*, 1392 *rrybeyra*, s. XIV *aarribeyra*) Local de origem de uma ribeira. **Nota:** Termo composto pelo nome *cabeceira* com o complemento determinativo *da ribeira*, tendo como sinónimo *cabo da ribeira*. **Doc. Escrita:** Quintal (1999: 66) menciona que “a Levada do Norte recebe a água da Levada das Rabaças, que nasce na cabeceira da Ribeira da Ponta do Sol, no rebordo sul do Paul da Serra”. **Doc. Digital:** Em “Levada do Moinho ou da Lombada ou do Moinho da

Lombada e Lugar de Baixo”, no sítio *Caminheiros Anónimos*, a par do termo ou topónimo Madre, ocorre o nome Cabo da Ribeira, na indicação do percurso até à Ribeira da Ponta do Sol. Ver **Ribeira**.

Cabo da levada Ver **Madre da levada**.

Cabo da ribeira Ver **Cabeceira da ribeira**.

Cadastro da levada (Do fr. *cadastre* (s. XVI) 'id.', do provç. *cathastre*, do gr. tar. *katà stíkhon* 'registro, inventário, rol'; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Registo de todos os heréus de uma levada. **Nota:** Termo composto pelo nome *cadastro* com o complemento determinativo *da levada*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 109) diz que “depois de arrendada toda a água que os hiréus e regantes tinham solicitado, na posse de todos esses dados, baseando-se neles e no Cadastro da Levada em vigor, os levadeiros principais elaboravam o Livro de Repartição de Águas para o novo ano, comumente chamado o Livro das Trocas Novas”. Ver **Levada** e **Livro do levadeiro**.

Caixa da levada (Do lat. *capsa,ae* 'caixa redonda em que os romanos guardavam os livros, que tinham forma de rolo', p. ext. 'caixa para guardar diversas coisas', através do cat. *caixa* (s. XIII), f. irmã do provç. *caissa*; f. hist. 1364 *qajxa*, s. XV *caixa*, s. XV *caxa*; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Recipiente usado para guardar o dinheiro pago pelos heréus. **Nota:** Termo composto pelo nome *caixa* com o complemento determinativo *da levada*. Este termo confunde-se com o que denomina a *caixa (divisória) da levada*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 126) regista que, aquando da incorporação da Levada do Pico dos Eirós no Projeto Hidroagrícola da Junta Geral do Funchal, em 1971, na reunião dos heréus da levada, foi “deliberado que o dinheiro existente em cofre na caixa da levada ficaria em poder da Direção e que, no caso dos aproveitamentos hidroagrícolas não satisfazerem os usos e costumes, tais como: rega apenas durante o dia, um caudal a correr para baixo nas épocas de inverno para rega quando fosse necessário para hireus ou regantes, etc., então a Direção deveria recorrer a quem de direito”. Ver **Levada** e **Heréu**.

Caixa da levada dos acionistas (Do lat. *capsa,ae* 'caixa'; f. hist. 1364 *qajxa*, s. XV *caixa*, s. XV *caxa*; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*; De *acion-* + *-ista*; f. hist. 1727 *accionistas*) Compartimento da levada que recebe a água dos acionistas. **Nota:** Termo composto pelo nome *caixa* com o complemento determinativo *da levada dos acionistas*. **Doc. Escrita:** Velosa (2000: xxxi), sobre a captação das águas da Serra do Faial, escreve: “Na posse do Estado, todas as águas existentes na Serra do Faial deveriam ser captadas, reunidas e canalizadas, para dar entrada na caixa da levada dos acionistas”. Ver **Levada** e **Heréu**.

Caixa de derivação (Do lat. *capsa,ae* 'caixa'; f. hist. 1364 *qajxa*, s. XV *caixa*, s. XV *caxa*; Do lat. *derivatio,ónis*, de *derivatum*, supn. do v. *derivare*; f. hist. 1553 *deriuacã*) Compartimento que recebe a água de uma levada, num ponto em que esta muda de direção. **Nota:** Termo composto pelo nome *caixa* com o complemento determinativo *de derivação*. **Doc. Oral:** O informante 2 indica que “A caixa de derivação (...) é quando a levada vem e de repente muda pa' um lado ou pa' outro”. Ver **Levada**.

Caixa de medição do caudal (Do lat. *capsa,ae* 'caixa'; f. hist. 1364 *qajxa*, s. XV *caixa*, s. XV *caxa*; De *medir* + *-ção*; f. hist. s. XV *medições*; Do lat. *capitalis*, e 'que se refere à cabeça; que interessa à vida; capital; principal', pelo esp. *caudal* 'id'; f. hist. c.1584 *caudaes*) Compartimento onde se procede à medição do caudal de uma levada. **Nota:** Termo composto pelo nome *caixa* com o complemento de especificação *de medição do caudal*. **Doc. Escrita:** Marujo (2015: 158), sobre a Levada do Furado, relata que “entre 2007 e 2013, este aqueduto (...) foi alvo de uma recuperação (...) foram criadas algumas novas e mais modernas infraestruturas, como caixas de medição do caudal, melhoradas as caixas divisórias e a própria madre da levada”. Ver **Levada**.

Caixa divisória da levada (Do lat. *capsa, ae* 'caixa'; f. hist. 1364 *qajxa*, s. XV *caixa*, s. XV *caxa*; *Divisória* fem. substv. de *divisório*; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Compartimento que recebe a água de uma levada principal para a dividir por várias levadas secundárias. **Nota:** Termo composto pelo nome *caixa* com o adjetivo *divisória* e o complemento determinativo *da levada*. Sinónimo de *caixa de nó* e de *tornador de distribuição* (cf. informante 4), sendo que o termo *caixa de nó* também denomina um *tornador*. Será igualmente sinónimo de *casa da água* e *casinha da água*, quando o compartimento fica fechado dentro de uma pequena construção. Daí ocorrer o nome “casa que ainda hoje encontramos junto à madre da Levada dos Piornais” em Livramento (2016: 148), a par do termo *caixa divisória das águas*. Antigamente, teria o nome de *divisão*, passando depois a

designar-se *caixa divisória* (cf. informante 3). O termo parece confundir-se com a denominação mais recente de *caixa de derivação* (cf. informante 3), embora possam denominar realidades diferentes. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 23) refere que “O atual aqueduto, com os respetivos dormentes, resultou da melhoria e do revestimento do anterior com argamassa de cimento e areia, trabalho executado até cerca de 1950 ao qual se seguiu a construção das caixas divisórias e tornadoiros atualmente ainda existentes ao longo da levada grande nos entroncamentos dela com os seus ramais maiores”. O autor (2003: 35) informa que “era necessário fazer obras de conservação no mainel tanto da Levada Grande como dos diversos ramais, fazer caixas divisórias e lavadouros públicos”. Freitas (2003: 42) transcreve os Estatutos da Levada do Pico dos Eirós, onde se lê: “a água desta levada reúne-se com a da Ribeira da Metade, desde o sítio do Pico (Pomar ou Pico) em caixa comum, mas compete ao *levadeiro* fazer a sua separação, de modo que aos hereus ou regantes de cada uma delas seja entregue o respetivo volume de água”. O autor (2003: 51) explica que “À saída dos ramais mais importantes da levada, a água era desviada do mainel principal para uma construção em cimento em forma de tanque, chamada caixa divisória. Esta caixa tinha cinco bocas de saída, concebidas para serem todas iguais e de tal sorte que por elas pudessem sair cinco partes de água com o mesmo volume, tais eram os braços em que, ultimamente, a levada principal se achava dividida”. Marujo (2015: 152) apresenta uma fotografia da casa de divisão de águas da Levada do Furado. Posteriormente, Marujo (2015: 158) informa que a “casa da divisão das águas foi construída em 1906. Este tipo de construção também é conhecido por casa da água ou casinha da água”. Livramento (2016: 148), a propósito da Levada da Fajã ou Levada Nova, diz tratar-se de “um antigo canal de heréus, supostamente construído na mesma altura em que fora lançada a Levada dos Piornais. Reza a história que os heréus de um lado e de outro terão entrado em confronto, depois da aluvião de 9 de outubro de 1803, que veio alterar as quantidades de água «enviadas» da Ribeira dos Socorridos para cada um dos canais. Procurando resolver essas «guerras», em 1898 foi construída uma caixa divisória das águas para as duas levadas (casa que ainda hoje encontramos junto à madre da Levada dos Piornais)”. **Doc. Oral:** O informante 2 atribui o nome *caixa divisória* a este conceito e explica que “as caixas divisórias, regra geral, são caixas grandes, que ficam abertas e que a divisória fecha numa caixa plana”. O informante 3 também menciona o termo *caixa divisória* e explica que “Antigamente, chamávamos divisão. Agora, ultimamente, já se chama caixa divisória ou caixa de derivação. Ultimamente, já estas mais modernas, já lhe dizem caixa de derivação”. O informante 4 usa as denominações “uma caixa de nó ou um tornador de distribuição”, enquanto o 5 usa *caixa (de) divisória*. O informante 6 explica: “É a caixa que se mete uma chapinha para as águas sair para outro lado”. **Doc. Lexicográfica:** Silva (1950: 25) define “caixa (da «levada»)” como “o próprio aqueduto que conduz a água”. Silva e Meneses (1978, II: 506-507) indica que “Há aquedutos que conduzem um caudal abundante, destinado a ser dividido em dois, três e quatro lanços ou aquedutos secundários para a irrigação em diversos pontos, realizando-se a sua rigorosa repartição em local apropriado para esse fim, que tem o nome «caixa divisória»”. Ver **Levada** e **Caixa de derivação**.

Caixilho da levada (De *caixa* + *-ilho*; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Moldura do compartimento da levada. **Nota:** Termo composto pelo nome *caixilho* com o complemento determinativo *da levada*. Sinónimo de *caixa da levada*. **Doc. Escrita:** Ribeiro (1998: xvi-xvii), sobre a construção da Levada Velha do Rabaçal, diz: “Urgia (...) limpar o caixilho da levada, além de reforçar alguns pontos com paredes para resistirem ao embate das torrentes que desciam das montanhas. Relativamente à segunda parte, deveria ser continuada a perfuração do Monte das Estrebarias (...) e construir o caixilho da levada”. Marujo (2015: 158), a propósito da Levada do Furado, menciona que “Continuando o percurso em direção à Portela, podemos verificar que, mais uma vez, a caixa da levada sofre alterações na sua dimensão, passando a 40 centímetros de largura e noventa de altura”. **Doc. Oral:** O informante 4 indica que “um caixilho é o quadro que eles fazem que é para segurar as madeiras de um lado e outro, quando fazem a caixa da levada”. **Doc. Lexicográfica:** Silva e Meneses (1978, II: 506) informa que *caixa da levada* “é o próprio aqueduto, abstraído do caudal que nele corre”. Ver **Levada**.

Calcetamento da levada (De *calceta* + *-ar*; em meados do século passado, em Portugal, os presos (*grilhetas* ou *calcetas*) se ocupavam do calçamento das ruas; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Colocação de pedras aparelhadas no fundo das levadas. **Nota:** Termo composto pelo nome *calcetamento* com o complemento determinativo *da levada*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 23) refere: “Daí para baixo, o leito da levada foi melhorado com recurso ao calcetamento do aqueduto com pedra partida e a um mainelfeito de *lages*, as chamadas *mestras* afincadas na vertical”. Ver **Levada**.

Cálculo hidráulico das levadas (Do lat. *calcūlus*, *i* 'pedrinha; como era com pedrinhas que as crianças aprendiam a contar, o voc. tomou o sentido de 'conta, cálculo'; Do lat. *hydraulicus*, *a, um* 'movido por água' < gr. *hudraulikós, ê, ón* 'do órgão, do instrumento hidráulico', der. de *húdraulis, eós* 'órgão musical

hidráulico, ou seja, movido por água'; f. hist. 1713 *hydraulic*; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Medição das águas ou caudais das levadas para fazer estimativas do funcionamento das centrais hidroelétricas. **Nota:** Termo composto pelo nome *cálculo* com o adjetivo *hidráulico* e o complemento determinativo *das levadas*. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 1), diz-se que existiam campanhas de medição em setembro, no fim do verão, medindo os caudais para fazer o *cálculo hidráulico das levadas* para as centrais hidroelétricas. Ver **Levada**.

Cale (Do lat. *canális*, is 'cano, tubo, aqueduto, rego de água, fosso; canal, leito, corrente de um rio'; f. hist. 1152 *cale*, s. XIII *cal*, s. XIV *cales*, s. XV *calle*) Construção rudimentar de madeira para canalizar a água, quando não era possível cavar um canal na rocha. **Nota:** Termo simples. Sinónimo de *calha*. **Doc. Escrita:** Em Frutuoso (1998: 176), encontra-se uma nota que diz que *cales* é “o mesmo que calhas”. A propósito da levada dos Socorridos, construída para mover um engenho de açúcar em Câmara de Lobos, Pereira (1989) cita a descrição feita em 1590 por Gaspar Frutuoso: “do lugar donde a começaram a tirar até donde se começam a regar os canaviais há bem quatro léguas, por se tirar de tão grande fundura da ribeira em voltas, que para chegar acima à superfície da terra e começar a caminhar atravessando lombos, fazendas e grandes rochedos por cima, pela serra por onde vai esta levada, tem de alto mais de seiscentas braças, da qual altura, que é muito íngreme, se tira a água em *cale de pau* em voltas, até se pôr na terra feita, e sem falta custou chegar pô-la em tal lugar passante de vinte mil cruzados, fora o muito mais que fez de custo levada dali quatro léguas, além de muitas mortes de homens que trabalhavam nela em cestos amarrados com cordas pendurados pela rocha, como quem apanha urzela; porque é tão alcantilada e íngreme a rocha em muitas partes que não se faziam, nem se podiam fazer doutra maneira estâncias para assentar as *cales* sem passar por estes perigos”. Gouveia (1963 *apud* Santos, 2017: 38-40) relata uma sabotagem da fábrica a vapor, roubando as *cales* necessárias ao funcionamento da caldeira do engenho de moer cana-de-açúcar: “Corria abundantemente a levada (...) Ouvia-se o barulho dos cilindros do engenho e o resfolgar das máquinas. As *cales* tomavam água por altura do último vimeiro, mesmo ao pé do muro que cercava a fábrica. (...) O Luís Fogueiro deu por falta da água na caldeira”. Castro (1989 *apud* Santos, 2017: 93) escreve: “E explicou-lhes que toda a ilha estava cortada por essas cordas líquidas, que rabiavam ao longo das serras, por entre as matas sussurrantes, furando as rochas, atravessando as montanhas, saltando precipícios abissais, outrora entre duas tábuas de til, formando *calha*, hoje em aquedutos de boa pedra, que a humidade tornara limosa e escura”. Freitas (2003: 157), a propósito dos moinhos de água da Levada da Roda, em Gaula, menciona que “Nos anos trinta de mil e setecentos, o livro paroquial de óbitos de Gaula dessa data faz referência a um moinho que moía com água da Levada da Roda, situado em Gaula, no sítio do Salão, na fazenda de João Nunes de Vasconcelos. É um assento de óbito que diz que em 29 de maio de 1727 faleceu João, escravo de João Nunes de Vasconcelos, por lhe ter caído em cima a cale do moinho”. O autor (2003: 185), sobre a Levadinha do Poço do Cano, diz que “enchia através duma *cale* ou cano que partia dum açude feito em plena ribeira, em cerca de doze horas, com um caudal de cerca de 100 penas”. Quintal (2011: 143) refere que “As primeiras levadas foram construídas logo nos primeiros tempos da colonização, no século XV. Segundo rezam as crónicas da época, eram canais pouco extensos escavados na rocha e com alguns segmentos feitos de grossas tábuas em forma de *calha*”. Explica que, depois, “os canais construídos em sólida alvenaria substituíram as primitivas *calhas de madeira* (...) Agora, é com betão ciclópico que se constroem as novas levadas e consertam as antigas”. Ribeiro (2001: 34) refere que “Nas Funduras, no concelho de Machico, existia um Ribeiro designado das Cales, o que atesta que a água de uma levada passava através de um riacho por meio de tábuas pregadas e suspensas por paus”. Ribeiro *et al.* (1995: 63-64), sobre as levadas e os moinhos de água do concelho de Santa Cruz, escrevem: “Durante quatro séculos serviram e bem as *cales* e os cubos de madeira, bastante rudimentares, pouco práticos e pouco seguros. Pelos finais do século XIX, começaram a ser substituídos por muralhões de pedra aparelhada solta ou com cal e areia”. **Doc. Lexicográfica:** No glossário de Santos (2017: 152), *cale* “é o encaixe em peça comprida de madeira, como a calha que conduzia a água ao engenho”. No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, I: 635), *cale* é a “calha, rego por onde corre a água, especialmente para a roda da azenha”. Ver **Levada**.

Camalhão (De *cama* + *-alho* + *-ão*; f. hist. s. XV *camalhom*, 1873 *camalhão*) Parte mais alta dos regos e das mantas para irrigação do terreno cultivado e estrutura de terra da bacia da madre de uma levada para captação da água. **Nota:** Termo que será uma forma derivada de *camalho* com o sufixo aumentativo *-ão*. Sinónimo de *cabeço*, embora este possa ser mais pequeno (cf. informante 5). **Doc. Oral:** O informante 4 indica que o “*camalhão* é a parte de trás do rego”. O informante 5 explica que se chama “O *cabeço*. Tem o terreno com *cabeço* ou... O *camalhão*, o *camalhão* é... quando é um *camalhão* mais alto. (...) Eu vou fazer uma manta para abóboras. Tenho de fazer um *camalhão* mais alto, que é o que suporta mais água”. Acrescenta que há “o *camalhão* no terreno, onde se faz o rego. (...) E o rego, quando a gente faz os regos para a agricultura, também chama-se o *camalhão*”. O informante 6 diz que “A terra que está mais alta

chama-se o camalhão, para segurar o rego, para a água chegar ao canto”. **Doc. Lexicográfica:** No *DRA*, “montinho de terra ao cavar”. Macedo (1939: 46) regista o termo *camalhão* como “divisão dos regos no campo recentemente cavado”. Em Santos (2007: 378), *camalhão* é a “divisão dos regos no campo”. No glossário de Santos (2017: 152), *camalhão* é a “pequena elevação de terra disposta para a sementeira, entre dois regos”. Fernandes (2018: 90), no seu glossário, regista o termo com duas aceções: “porção de torrões barrentos com que se fazia a madre-da-levada, principalmente nalguns terrenos agrícolas. Servia também de passagem aos *levadeiros* e aos heréus” e “espécie de um travesseiro na divisória dos regos ou mantas para cultivo”. No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, I: 644), é um “lombo de terra entre dois regos” ou “elevação no terreno, entre dois sulcos, preparado para a sementeira”. Ver **Levada e Rego**.

Camalhão da levada Ver **Esplanada da levada**.

Câmara de acumulação (Do lat. *camàra/camèra*, *ae* 'teto abaulado, abóbada, navio coberto', do gr. *kamàra*, *as* 'abóbada, quarto abobadado'; f. hist. 1712 *câmera*, 1873 *cambra*; Do lat. *accumulatio*, *ónis* 'acumulação (principalmente de terra em volta das raízes das plantas) Tanque onde se acumula a água, antes de chegar à Câmara de Carga da Central Hidroelétrica. **Nota:** Termo composto pelo nome *câmara* com o complemento determinativo *de acumulação*, que indica a sua função. **Doc. Escrita:** Livramento (2016: 18) menciona: “Já no troço final, seguimos a conduta que traz água da câmara de acumulação da central, no enfiamento da foz da Ribeira da Janela, a maior da Madeira”. Ver **Câmara de carga**.

Câmara de água Ver **Câmara de carga**.

Câmara de carga (Do lat. *camàra/camèra*, *ae* 'teto abaulado, abóbada, navio coberto', do gr. *kamàra*, *as* 'abóbada, quarto abobadado'; f. hist. 1712 *câmera*, 1873 *cambra*; De orig.contrv., prov. do port. antigo *carrega* < lat. **carrica*, regr. de *carregar*, este do b. lat. **carricàre* 'carregar'; f. hist. s. XIII *carrega*, 1339 *carga*) Compartimento de água que abastece uma central hidroelétrica. **Nota:** Termo composto pelo nome *câmara* com o complemento determinativo *de carga*. Sinónimo de *câmara de água*. **Doc. Escrita:** Quintal (1994: 38) refere “a vereda que passa pela Fonte do Galhano e termina na levada que abastece a Câmara de Carga da Central da Ribeira da Janela”. Ladeira (2016: 30) menciona a existência, no concelho da Calheta, da “câmara de carga do Rabaçal e Casa de Guarda dos *levadeiros*”. O mesmo autor (2016: 71) indica que “outra levada traz a água desde a zona da ribeira do Juncal, no concelho da Ponta do Sol, cruzando a ER 209 já no Arco da Calheta, e verte as águas no reservatório da câmara de carga, com capacidade de 13745 m³”. Livramento (2016: 17) refere a “Câmara de Carga da Central Hidroelétrica da Ribeira da Janela. Esta central faz parte da segunda fase do plano hidroagrícola da região. Ficou concluída em 1965, sendo a única unidade que não permite um posterior aproveitamento da água para regadio, pelo facto de estar situada a uma cota tão baixa, junto ao mar”. O termo *câmara de carga* é registado em Teixeira (2019). Ver **Câmara de acumulação**.

Cambota (De *camba* + *-ota*) Estrutura que serve de suporte à parte superior de um túnel, na sua construção, para a preencher, reforçar e revestir. **Nota:** Termo derivado de *camba* com o sufixo *-ota*. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), diz-se que esta estrutura era necessária quando a parte superior do túnel estava a cair, sendo um perigo andar dentro do túnel, durante a sua construção. **Doc. Lexicográfica:** No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, I: 648), termo da arquitetura, “armação curva, em madeira ou metal utilizada como molde para a construção de tetos, arcos, abóbodas”. Ver **Furado**.

Caminho de heréus (Do lat.vulg. **camminus*, de orig. celta; f. hist. s. XIII *caminho*, s. XIII *caminno*, s. XIII *camyo*, s. XIV *camihó*, s. XV *camijnho*; Talvez do lat. **herédu-*, em vez de *herède-* < lat. *heres*, *édís* 'herdeiro'; f. hist. 1211 *ereos*, 1287 *herel*) Percurso pedonal que acompanha uma levada de heréus. **Nota:** Termo composto pelo nome *caminho* com o complemento determinativo *de heréus*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 160) apresenta uma fotografia da Levada da Roda nos Barreiros (em Gaula), com um caminho ao lado da levada que denomina de “Caminho de Hiréus de João Rodrigues Teixeira «o Gordo»”. Ver **Levada e Heréu**.

Cana de água (Do lat. *canna*, *ae* 'cana, junco fino, caniço', do gr. *kánna*, *és* 'junco, cana; paliçada de cana'; f. hist. s. XV *acana*; Do lat. *aqua*, *ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) Medida de água por metro quadrado. **Nota:** Termo composto pelo nome *cana* com o complemento determinativo *de água*. **Doc. Lexicográfica:** Em Sousa (1950), é a medida de superfície adotada outrora na Madeira, correspondendo a 30 metros quadrados. No pequeno glossário da Lista Indicativa do Bem Levadas

da Madeira a Património da Humanidade, *cana* é a “Unidade de medida de terreno equivalente a uma área de 30m²”.

Canal de água (Do lat. *canalis*, e 'cano, tubo, canal'; f. hist. s. XIV *caales*, s. XIV *canales*, s. XIV *canal*; Do lat. *aqua*, *ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) Aqueduto que conduz a água das nascentes, em elevadas cotas da montanha, maior ou mais largo do que uma levada. **Nota:** Termo composto pelo nome *canal* com o complemento determinativo *de água*. Sinónimo de *levada principal*, *canal principal*, *canais superiores* (cf. informante 3), *banda de regadios* (cf. informante 4), *levada geral* (cf. informante 6) e *levada mãe* (cf. informante 1). Os grandes canais seguem um percurso quase horizontal e deles saem as levadas que são canais mais pequenos que descem a montanha e se subdividem até chegarem aos terrenos agrícolas. Alguns dos grandes canais são: o Canal da Serra de Água, que conduz a água para a Central Hidroelétrica da Serra de Água, na Ribeira Brava; o Canal da Serra do Faial, que abastece de água de rega o Santo da Serra e a Camacha; o Canal ou Levada do Norte, com origem no concelho de S. Vicente (Seixal), no norte da ilha da Madeira, que passa pela Ribeira Brava e chega ao Estreito de Câmara de Lobos; o Canal do Ribeiro Frio, etc. **Doc. Oral:** O informante 1 usa o termo *levada mãe*, quando diz que o fiscal também podia fazer relatórios de medição de águas de uma ribeira, para indicar “se valia a pena fazer um ramal da levada mãe ou levada principal”. O informante 2 indica que “A Levada dos Moinhos [em Santa Cruz] é uma levada principal”. O informante 3 usa o termo “canais superiores” e diz que às levadas mais pequenas “também chamamos canais”. O informante 4 indica o nome *banda de regadios* como sinónimo de *canal*. Informa que “um canal é uma levada que leva várias regadeiras”. O informante 5 usa o termo *canal principal*: “Tenho cinco regadeiras, cinco que saem do canal principal”. O informante 6 explica que as levadas maiores “são sempre as praticamente da fonte. É a levada geral”. Ver **Levada**.

Canal superior Ver **Canal de água**.

Cantoneiro (De *cantão* sob a f. rad. *canton-* + *-eiro*) Nome da profissão do trabalhador que abria caminhos na rocha para passar o carro de transporte dos materiais para as obras das levadas. **Nota:** Termo derivado de *cantão* com o sufixo *-eiro*. Os cantoneiros abriam um caminho de carro até perto da montanha, depois os materiais eram acartados às costas. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), ocorre este termo. **Doc. Oral:** O informante 1 refere que, depois, também os trabalhadores que vigiavam, limpavam e faziam a manutenção das levadas foram chamados *cantoneiros*. O informante 4 diz que “Os cantoneiros costumavam ser essas pessoas que andavam a limpar as estradas”. **Doc. Lexicográfica:** No Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea (2001, I: 675), “trabalhador que está encarregado da conservação e limpeza de um troço ou cantão de estrada”. Ver **Casa do cantoneiro**.

Captção de água (Do lat. *captatio,ónis* 'obtenção, apreensão de alguma coisa'; Do lat. *aqua*, *ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) Condução de água de uma ribeira para uma levada. **Nota:** Termo composto pelo nome *captção* com o complemento determinativo *de água*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 37) documenta que “Na reunião extraordinária da Assembleia Geral da Levada do Pico dos Eirós, realizada em 22/02/1948, terceira reunião da Assembleia Geral deste ano, Manuel Vieira de Freitas propôs que não se investisse na construção da sede da levada, mas que se investisse na reparação dos ramais, tendo a Assembleia aprovado que se deveria proceder aos trabalhos de captção de mais águas”. O autor (2003: 68), a respeito da Reunião da Assembleia Geral dos Hiréus da Levada de 08/01/1950, informa que “Foi deliberado autorizar a Direção a fazer trabalhos de captção de água na Ribeira da Metade, onde chamam a Junça (Ribeiro da Junça), nas nascentes que a levada aí possui”. Livramento (2016: 14), a propósito da Levada da Serra, descreve: “Serpenteando a encosta oeste do Lombo do Pico do Prado, esta levada vai vendo o seu caudal ser alimentado pelas inúmeras captções que quase dilaceram verticalmente as montanhas. (...) Talvez aí se encontre a justificação para esta levada ser uma das mais importantes da freguesia de Santo António, junto com as do Curral e Castelejo, dos Piornais, da Madalena e da Negra, o que, de certa forma, nos deixa compreender o cuidado que houve na cobertura do canal, evitando, assim, obstruções inesperadas”. **Doc. Oral:** O informante 5 explica que a “captção de água é captar água para que caia dentro do caudal para aumentar a... Que é o que a gente temos ali, vários ribeiros, quando eles vêm, pode cair 300 penas num ribeiro, numa pode cair... chegam a cair, depende do ano, pode cair a tal regadeira ou mais”. Ver **Madre da levada**.

Casa da água Ver **Caixa divisória da levada**.

Casa da levada (Do lat. *càsa*, *ae* 'choupana, cabana, casebre, arribana'; f. hist. 1221 *casa*, 1278 *quasa*, 1352 *caza*, s. XIV *cassa*; Do lat. *levata* (*aqua*) 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV

levada) Construção onde são guardados os instrumentos necessários à limpeza e manutenção das levadas. **Nota:** Termo composto pelo nome *casa* com o complemento determinativo *da levada*. Sinónimo de *casa dos levadeiros* ou *casinhas de levadeiros* e de *casa de guarda dos levadeiros* e *casa de abrigo*. **Doc. Escrita:** Em *Saudades da Terra*, Livro II, Gaspar Frutuoso, que se baseia nas informações de Jerónimo Dias Leite, no capítulo décimo sétimo, na descrição da ilha da Madeira, a propósito da levada da Ribeira dos Socorridos para Câmara de Lobos, documenta a existência de uma casa dos *levadeiros*: “Nesta rocha está uma furna muito grande, que serve de casa para os *levadeiros* e para guardar nela munições necessárias de enxadas, alviões, barras, picões e marrões e outras ferramentas; e nela se metem cada ano dez, doze pipas de vinho para os que trabalham na levada”. Freitas (2003: 51) refere que “No mês de abril, em dia marcado mediante pregão no adro da igreja, todos os hiréus munidos de enxadas, pás, foices e outros utensílios de lavoura, se juntavam na Casa da Levada para procederem à limpeza anual da levada que era feita desde a beira-mar até às sacadinhas das galerias de captação. Era feita a chamada de acordo com o Livro do Cadastro e quem faltasse pagava a respetiva multa”. Quintal (1999: 67) atesta que “Da casa dos levadeiros até aos Estanquinhos são pouco mais de três quilómetros”. Ladeira (2016: 30) menciona a existência, no concelho da Calheta, mais propriamente no Rabaçal, da “Casa de Guarda dos levadeiros”. Livramento (2016: 18) escreve “nos Lamaceiros, encaminhamo-nos para a Levada da Ribeira da Janela. (...) O primeiro troço de levada seria percorrido até a primeira Casa dos Levadeiros”. Livramento (2016: 48), ao descrever um percurso a partir do Chão da Ribeira, escreve: “Seguimos, então, para a Casa dos Levadeiros do Lombo Barbinhas”. Sobre outro percurso pedestre, refere a necessidade de “descer até à Central da Fajã da Nogueira, para daqui tomar a vereda que nos havia de levar até à Casa dos Levadeiros, na Levada do Pico Ruivo”. Livramento (2016: 81) documenta o termo *casa de abrigo*: “todos nós chegámos lá abaixo, à Casa de Abrigo da Fajã da Nogueira, afeta à ARM – Águas e Resíduos da Madeira e à Levada dos Tornos”. Também refere a “Casa dos Levadeiros no Lombo Barbinhas” (Livramento, 2016: 135). **Doc. Oral:** O informante 5 diz: “É essas casinhas de levadeiros. Ainda tem no Estreito da Calheta e tem na Ponta do Pargo e na Fajã da Ovelha”. Ver **Levada** e **Levadeiro**.

Casa de abrigo Ver **Casa da levada** e **Casa do guarda de canal**.

Casa do cantoneiro Ver **Casa do guarda de canal**.

Casa do guarda de canal (Do lat. *càsa*, *ae* 'choupana, cabana, casebre, arribana'; f. hist. 1221 *casa*, 1278 *quasa*, 1352 *caza*, s. XIV *cassa*; Do lat. *canális*, e 'cano, tubo, canal'; f. hist. s. XIV *caales*, s. XIV *canales*, s. XIV *canal*) Construção feita para abrigar os trabalhadores que cuidam dos canais de água e que pernoitam na montanha. **Nota:** Termo composto pelo nome *casa* com o complemento determinativo *do guarda* que, por sua vez, é especificado pelo complemento *de canal*. Sinónimo de *casa do cantoneiro*, de *casa dos vigias da levada*, de *casa de abrigo* e de *Casa da Empresa de Eletricidade da Madeira*. Trata-se de uma casa onde os trabalhadores pernoitam, situando-se numa cota elevada da montanha. **Doc. Escrita:** Quintal (1999: 67) atesta que “Para chegar à casa dos vigias da levada, localizada perto do caminho de terra que liga as Ginjas ao posto florestal dos Estanquinhos, no Paul da Serra, é necessário ainda percorrer mais cinco túneis”. Livramento (2016: 81) refere as “casas da Empresa de Eletricidade da Madeira”. **Doc. Audiovisual:** De acordo com o Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 1), são casas da Companhia ou Empresa de Eletricidade da Madeira que servem de abrigo aos guardas de canais que fazem turnos de 3, 4 ou 5 dias, vigiando e medindo a água nos canais durante o dia e, sempre que necessário, também durante a noite. **Doc. Oral:** O informante 1 diz que, na Encumeada, foi construída uma casa do cantoneiro pela Comissão Administrativa dos Aproveitamentos Hidráulicos da Madeira, na câmara de carga da Central da Serra de Água, para pernoita dos cantoneiros que vigiavam, limpavam e faziam a manutenção das levadas. O informante 3 refere as “Casas de abrigo. Casa de abrigo”. O informante 4 indica que “ainda há essas casas. No Arco ainda tem. Ainda tem... tem duas. Uma em São Vicente e uma aqui em cima, nos Tornos”. O informante 5 explica que “Antigamente, tinha. Chama-se as casas de abrigo. Temos uma nos Prazeres, fica no sítio Lombo do Coelho. Temos outra no Estreito da Calheta e há em vários sítios. Tem na Ponta do Pargo... na Corujeira. Tem aquelas casinhas, que os trabalhadores antigos, não muitos anos atrás, ficavam lá de um dia para outro”. Acrescenta: “chamam-se casas de abrigo. É lá onde ficavam os vigias. Os vigias do canal dormiam lá. (...) O vigia é aquele que pernoita na casa, para cuidar a água”. O informante 6 apenas menciona “aquela casinhota que está acolá de prevenção”. Ver **Guarda de canal**.

Casa do levadeiro Ver **Casa da levada**.

Casa do relógio (Do lat. *càsa*, *ae* 'choupana, cabana, casebre, arribana'; f. hist. 1221 *casa*, 1278 *quasa*, 1352 *caza*, s. XIV *cassa*; Do lat. *horologium*, *ii*, do gr. *hórológion*, ou 'quadrante solar em que se lia a hora, relógio'; com a intermediação da f. afer **rologium*, do lat. vulg. hispânico; f. hist. 1416 *relogio*, s. XV

rellogios, s. XV *relogyo*) Construção feita, numa determinada localidade, em forma de torre com um relógio, para controle do tempo de rega. **Nota:** Termo composto pelo nome *casa* com o complemento determinativo *do relógio*, que será sinónimo de *casa da relação*. O termo também é sinónimo de *torre do relógio*. No Caniço (Assomada), existe a *casa do relógio da Levada dos Moinhos* (cf. Ribeiro *et al.*, 1995: 103). Cf. Torre do relógio de água do Caniço. **Doc. Escrita:** Branco (1987: 146) documenta “Existia um mercado de água para rega, através do qual o camponês tentava conseguir comprar uma pequena parte dum giro. A contabilidade era feita na base do tempo, usando-se ampulhetas e, mais tarde, construindo-se torres com relógio em sítios bem visíveis. Os camponeses mais pobres compravam muitas vezes uma hora ou mesmo um quarto de hora em cada giro (Loureiro, 1898: 516)”. Ribeiro *et al.* (1995: 81), a propósito das levadas de heréus da freguesia do Caniço, relatam que na “Ribeira do Caniço onde se junta a Levada da Azenha, que daí por diante também se chama Levada do Castelo, passando a regar conjuntamente e com dois braços separados pelo *levadeiro* na Casa do Relógio ou da Relação, situado atrás do cubo do Moinho da Vargem”. Sumares (1956 *apud* Santos, 2017: 47), no conto “Rega”, regista: “É o tempo da rega que começa. Agora, com as nuvens passando muito alto, vazias e brancas, a água não é torrente que devasta e inunda: é riqueza fechada no grande tanque da Fidalga; é ouro que corre na levada, vigiado por seu dono; é preciosidade que o Luís Levadeiro guarda e só entrega ao regante à voz do relógio da torre. No largo, à entrada da povoação, está a torre, uma torre modesta, quase sem cal e com as ameias quebradas, tendo no alto o relógio que é lei. (...) Marcada a hora no mostrador, mãos apressadas modificam a disposição do xadrez complicado da caixa da levada”. Ver **Relógio de água**.

Casa dos engenheiros (lat. *càsa,ae* 'choupana, cabana, casebre, arribana'; f. hist. 1221 *casa*, 1278 *quasa*, 1352 *caza*, s. XIV *cassa*; De *engenho* + *-eiro*; f. hist. 1539 *engeneiro*) Construção destinada a abrigar os engenheiros que pernoitavam no local de construção das levadas. **Nota:** Termo composto pelo nome *casa* com o complemento determinativo *dos engenheiros*. **Doc. Escrita:** Ladeira (2016: 31) escreve que “Ainda no Rabaçal foi construída uma casa de apoio à construção das levadas em meados do século XIX, chamada da Casa dos Engenheiros, servindo depois de apoio aos turistas e, finalmente, da Guarda Florestal”.

Caudal de água (Do lat. *capitalis,e* 'que se refere à cabeça; que interessa à vida; capital; principal'; f. hist. c.1584 *caudaes*; Do lat. *aqua,ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) Quantidade de água que corre num canal ou numa levada. **Nota:** Termo composto pelo nome *caudal* com o complemento determinativo *de água*. Sinónimo de *caudal da levada* e de *caudal de rega*. **Doc. Escrita:** Orlando Ribeiro (1985: 64) refere que “O caudal das levadas é muito variável, podendo atingir 60 a 80 litros por segundo nos canais colectores; subdivide-se então, com vista à rega, 2, 3 ou 4 ramificações (*lanços*), cujos caudais respectivos variam de 12 a 30 litros por segundo”. Freitas (2003: 34) regista: “para obviar aos prejuízos da diminuição do caudal ou do aumento do intervalo entre uma rega e outra, havia ainda um último recurso que consistia em pesquisar mais nascentes ou melhorar as existentes, a fim de aumentar o caudal da levada”. O autor (2003: 127) informa que “A Junta Geral, ao incorporar a Levada do Pico dos Eirós e a Levadinha da Ribeira da Metade nos seus Aproveitamentos Hidroagrícolas, entre outros benefícios, garantia um giro de 11 dias (até então o giro da Levada do Pico dos Eirós era de 16 dias) e um caudal de rega por braço de 900 penas. Até então, o melhor caudal por braço da Levada do Pico dos Eirós era apenas de 450 penas nos melhores meses do giro. Com o tempo, tudo o que fora prometido deixara de ser cumprido, chegando um braço de água de rega a conter, ultimamente e nos piores meses, entre 250 a 200 penas”. **Doc. Oral:** O informante 3 indica que “O caudal pode ser mais reduzido ou mais abundante. Depende da quantidade de água”. O informante 5 explica que “A regadeira é o caudal, o caudal de água que a gente ou tira do reservatório ou do canal principal. (...) 900 penas, são 900 penas de água. E isso é considerado uma regadeira. Há outros que chamam o caudal, o caudal de água”. **Doc. Lexicográfica:** No glossário de Santos (2017: 152), *caudal da levada* “é o volume de água que corre numa levada”. Silva e Meneses (1978, II: 506) documentam os termos *caudal* ou *volume de água*, indicando que é bastante variável o fluxo que corre em cada aqueduto, sendo ainda mais variável “quando o volume comum que atravessa o canal se divide em duas, três ou quatro partes, a fim de proceder-se às regas em outros tantos lugares diferentes”. Ver **Levada** e **Manancial**.

Caudal de água da nascente (Do lat. *capitalis,e* 'que se refere à cabeça; que interessa à vida; capital; principal'; f. hist. c.1584 *caudaes*; Do lat. *aqua,ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*; De *nascere* + *-nte*; f. hist. 1593 *nacente*) Quantidade de água que sai de uma nascente e é canalizada para uma levada ou para um poço. **Nota:** Termo composto pelo nome *caudal* com os complementos determinativos *de água da nascente*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 168), sobre a determinação do caudal numa nascente de entancar, indica: “Dividindo a água recolhida e depois despejada, isto é, os 81.000 litros pelo tempo da sua recolha, os tais 8.640 minutos, acha-se o caudal da nascente, ou seja, quanto brotou por

minuto, que no caso deste exemplo é 9,375 litros por minuto, pelo que o caudal da nascente é de pouco mais de 9 penas, ou seja, cerca de 9 litros por minuto”. Ver **Levada** e **Poço de rega**.

Caudal reforçado (Do lat. *capitalis*, e 'que se refere à cabeça; que interessa à vida; capital; principal', do esp. *caudal* 'id'; f. hist. c.1584 *caudaes*; Do part. pas. de *reforçar*) Muita quantidade de água numa levada. **Nota:** Termo composto pelo nome *caudal* com o adjetivo *reforçado*. **Doc. Oral:** O informante 5 explica que “Quando tem muita água é caudais reforçados”. Ver **Caudal de rega** e **Levada**.

Central hidroelétrica (Do lat. *centrális*, e 'central, colocado no centro'; f. hist. 1712 *central*; *Hidroelétrica* fem. substv. de *hidrelétrico*; f. hist. 1899 *hydro-eléctrico*, 1913 *hidro-electrico*) Construção destinada a transformar a força da água em energia elétrica. **Nota:** Termo composto pelo nome *central* com o adjetivo *hidroelétrica*, o mesmo que *central elétrica* e *central geradora*. Na Madeira, existem a Central Hidroelétrica da Fajã da Nogueira, a Central Hidroelétrica da Serra de Água, a Central Hidroelétrica da Calheta e a Central Hidroelétrica da Ribeira da Janela. Distinguem-se da Central Térmica ou Termoelétrica do Funchal (nos Socorridos), uma vez que esta gera energia elétrica a partir de gásóleo. **Doc. Escrita:** Segundo Pereira (1989: 726-727), “Reconhecida a necessidade de mais centrais hidroelétricas [além da produção da Central da Serra de Água e da Calheta] na Madeira, o governo nacional incluiu no II Plano de Fomento as da Ribeira da Janela e da Fajã da Nogueira em dezembro de 1962, assim como as respetivas linhas de transporte de energia. Aproveitaram-se as águas da Ribeira da Janela pela maior área de sua bacia hidrográfica, a mais abundante e extensa da ilha com origem no Ponto da Agulha, a leste do Paul da Serra e as águas deste planalto, em direção ao norte e freguesia do Porto do Moniz, conduzidas numa levada ou canal de cerca de 16,5 cm, passando da margem direita para a esquerda onde se contém a câmara e carga sobranceira à foz da mesma Ribeira da Janela, recolhida num lago de 14.000 m² de capacidade. Deste lago despenha-se numa conduta metálica da altitude de 40 m até próximo do nível do mar. É munida de duas turbinas Pelton com a potência de 2.270 CV, sendo a nova estação ligada por uma subestação com a geradora da Calheta. (...) A Central Elétrica da Fajã da Nogueira estava a construir-se em 1968. As obras da primeira fase do plano geral, aproveitando um caudal de cerca de 1.000 litros de água por segundo, perdido e inexplorado, alargaram o regadio existente em mais de 3.200 hectares e distribuiu energia elétrica da produção de 15.000.000 kWh anuais pela população rural”. Sobre a Central Hidroelétrica da Fajã da Nogueira, Pereira (1989: 733) cita o planeamento dos estudos hidrográficos, topográficos e hidroelétricos e os respetivos dados técnicos: “Turbinará as águas da Serra do Juncal, dos Acionistas e da Ribeira de S. Jorge, captadas na origem dos córregos do Abafado, da Urze e do Caldeirão Verde. Terá uma câmara de carga no Pico da Nogueira. Um troço de levada subterrânea conduzirá outras águas através dum túnel [galeria ou *furado*] de 2,4 km providas do manancial do Caldeirão Verde, a 80 m acima da levada atual da Serra de S. Jorge. A câmara terá cerca de 9.400 m³ de capacidade, caindo de 348 m por uma conduta rasgando a encosta de 604 m de extensão e 600 mm de diâmetro. A central geradora será dotada de dois grupos com turbina Pelton de 1.580 CV cada. Um reservatório de 7.900 m³ de capacidade receberá água, fazendo-se sua descarga para a água dos Tornos e rega da zona do Funchal-Santa Cruz”. Quintal (1999: 28) atesta que “Foram construídas quatro centrais hidroelétricas, que produzem cerca de 20% da energia consumida na região. (...) dos 100 km de canais localizados a montante das centrais, cerca de 20 são em túnel”. Livramento (2016: 81) indica: “podemos encontrar a Central da Fajã da Nogueira, que entrou em funcionamento em 1971. É uma das centrais hidroelétricas construídas no âmbito do plano estratégico de eletrificação e, ao mesmo tempo, irrigação dos terrenos agrícolas da Madeira, iniciado na década de 50 do século passado”. Ver **Turbina** e **Turbinar**.

Cerro (Do lat. *cirrus*, i 'anel de cabelo, tufo') Rocha de uma colina cortada para talhar uma levada. **Nota:** Termo simples que designa um tipo de rocha cortada numa colina. **Doc. Oral:** O informante 1 indica que com esta rocha não necessitavam de pedras, areia e cimento no fundo para impermeabilizar a levada. **Doc. Lexicográfica:** No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, I: 770), é um termo da geografia, “elevação de terreno que forma um outeiro, uma colina; um pequeno penhasco”.

Chafariz Ver **Fonte**.

Chaminé (Do fr. *cheminée* (c.1170) 'id.', do b. lat. (*camera*) *caminata* 'sala provida de uma chaminé', der. de *camínus*, i 'forno, fornalha', este do gr. *káminos*, ou 'id. '; f. hist. 1412 *chamjnee*, s. XV *çhaminee*) Buraco que surgia na parte superior dos túneis, durante a sua construção. **Nota:** Termo simples, por analogia com a chaminé das casas. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), diz-se que quanto maior a chaminé, maior a tendência para cair rocha mais pesada dentro do túnel. **Doc. Lexicográfica:** No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, I: 782), “aquilo que serve

para a ventilação de um edifício ou de qualquer objeto de que dele necessite”, mas também “abertura de uma mina, com o fim de renovar o ar”. Ver **Furado**.

Chapa de folha (De orig. contrv.; Talvez do fr. *chapa*; Do lat. *folium, í* 'folha'; f. hist. s. XIII *folia*, s. XIV *folha*) Utensílio usado para tapar a água nas levadas. **Nota:** Termo composto pelo nome *chapa* com o complemento determinativo *de folha*. Antigamente, a *chapa* era feita de madeira, passando depois a ser feita de *folha* de Flandres. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 54) diz que “Na Levada Grande e seus ramais principais, os tornadoiros eram uma espécie de comportas feitas com chapas de ferro e eram metidas em ranhuras rasgadas no mainel da levada com a finalidade de introduzirem ou retirarem a água desse ramal, consoante começava ou acabava o respetivo tempo de rega. Muitas dessas chapas eram trancadas com cadeados para evitar que fossem objeto de alteração por parte de estranhos aos *levadeiros*, ou aos vigias da levada. A maior parte dos tornadoiros dos ramais eram servidos com chapas de madeira introduzidas em ranhuras do mainel da levada, apropriadas para esse fim”. **Doc. Oral:** Os informantes 2 e 3 indicam que o “utensílio é a chapa”. O informante 4 diz que “Essa chapa só existe pa’ não deixar as pessoas usarem a água. Chama-se uma chapa”. O informante 5 explica que “Tem que usar um basculho ou... uma chapa”. De igual forma, o informante 6 indica que “Pode ser uma chapa... Pode ser a chapa ou pode ser o basculho”. Ver **Adufa da levada, Levada e Tornadoiro** ou **Tornadoiro**.

Comissão administrativa da levada - Órgão constituído pelos dirigentes eleitos para a administração de uma levada particular. **Nota:** Termo composto pelo nome *comissão* com o adjetivo *administrativa* e o complemento determinativo *da levada*. Hoje, ainda existem, por exemplo a Comissão da Levada da Negra ou da Fonte do Terreiro do Freixo Curral Martinho. **Doc. Escrita:** Conforme documenta Pereira (1989: 689), “os Capitães-Generais ordenaram a nomeação de delegados seus para a administração das levadas, chamados juízes. Mais tarde, estes juízes passaram a ser nomeados por eleição dos heréus sob a confirmação do Governador Civil. Depois de entrar em vigor o código civil, os juízes eram escolhidos pura e simplesmente por eleição dos heréus. A partir de 22 de março de 1869, numa reunião de heréus da Levada do Pico do Cardo, efetuada na administração do concelho do Funchal, a maioria votou a substituição do juiz de cada levada por uma Comissão Administrativa”. Informa ainda que, posteriormente, um diploma oficial reconheceu juridicamente a existência e a autonomia das Comissões Administrativas das Levadas: “Estas comissões de gerência são escolhidas anualmente em assembleia geral dos heréus de cada um dos canais agrícolas.” (1989: 689-691). Freitas (2003: 26) atesta que “Em 1908, aquando da escritura dos primeiros Estatutos da Levada do Pico dos Irozes, era juiz ou presidente e tesoureiro da Levada o padre Norberto Gonçalves, vigário da freguesia de Gaula”. **Doc. Lexicográfica:** No pequeno glossário da Lista Indicativa do Bem Levadas da Madeira a Património da Humanidade, diz-se que a *comissão da levada* é o “Órgão de gestão da levada democraticamente eleito pelos «heréus»”. Ver **Heréu e Levada**.

Comissão administrativos dos Aproveitamentos Hidráulicos da Madeira – Órgão responsável pela administração das obras dos aproveitamentos das águas. **Nota:** Termo composto pelo nome *comissão* com o adjetivo *administrativa* e o complemento determinativo *dos aproveitamentos hidráulicos da Madeira*. **Doc. Escrita:** Pereira (1989: 700-701) diz que “Criada a Comissão Administrativa dos Aproveitamentos Hidráulicos da Madeira, pelo decreto de 21 de outubro de 1943, cometeu-se a esta a elaboração dos projetos e a diretoria da execução das obras e administração dos aproveitamentos. (...) Desde 1944 até 1951, a atividade da Comissão Administrativa desenvolveu-se nos aproveitamentos hidroagrícolas da Ribeira Brava até Câmara de Lobos e da Calheta à Ponta do Pargo; nos aproveitamentos hidroelétricos da Serra de Água e da Calheta; na remodelação do projeto do aproveitamento hidroagrícola de Machico-Caniçal”. **Doc. Oral:** De acordo com o informante 1, foi esta que deu origem à atual Empresa de Eletricidade da Madeira. Ver **Levada**.

Compressor (Do lat. *compressor, óris*) Máquina de comprimir o ar sobrepessão para fazer trabalhar o martelo pneumático. **Nota:** Termo simples, sinónimo de *martela*. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), ocorre o termo. **Doc. Lexicográfica:** No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, I: 894), “o que aperta um corpo, diminuindo-lhe o volume; o que comprime”. Ver **Ajudante de máquina, Martela e Marteleiro**.

Conduta da água (fem. substv. do adj. *conduto*; f. hist. 1597 *conducta*; Do lat. *aqua, ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) Meio de canalização de água para um determinado fim. **Nota:** Termo composto pelo nome *conduta* com o complemento determinativo *da água*. **Doc. Escrita:** Segundo Branco (1987: 97), “Um conjunto de regras extremamente rigorosas constringiam o acesso à água das principais levadas, e que tinha de ser desviada a fim de alcançar os moinhos. Talvez por isso o encaminhamento da água até ao local de moagem era feito através de condutas, muitas vezes construídas

em madeira (...) A partir desta conduta, a água era concentrada no cubo”. Freitas (2003: 51), a propósito da Levada do Pico dos Eirós, fala-nos da sua limpeza “até às últimas nascentes e das respetivas galerias e condutas, chamadas sacadinhas que, saindo das encostas voltadas a sul dos Esteireiros (Terreiros), iam dar à Levada das Sacadinhas ou da Questã ou da Serra d’Água”. Vieira (2011: 68-69) documenta que a Laje Vermelha, na Boaventura, “foi uma geradora particular de corrente elétrica que funcionou como uma experiência piloto para a época (...) O objetivo principal deste facto era eletrificar a igreja paroquial (...) Numa primeira fase, estudaram o local da construção do posto de eletricidade e o respetivo trajeto da conduta da água. Para o efeito, se a água fosse conduzida de grande altura provocaria uma grande força que faria funcionar o gerador”. **Doc. Lexicográfica:** No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, I: 910), “canalização que transporta um líquido; tubagem”. Ver **Levada**.

Conselho fiscal da associação de heréus – Um dos órgãos sociais da Associação de Heréus das levadas particulares. **Nota:** Termo composto pelo nome *conselho* com o adjetivo *fiscal* e os complementos determinativos *da associação de heréus*. Ver **Heréu e Levada**.

Corgo ou **Córrego** (*corgo* f. de *córrego*, prov. pop.) Pequeno riacho que aumenta o caudal das levadas. **Nota:** Variante popular de *córrego*. Os *corgos* são afluentes das ribeiras e dos ribeiros. Para o informante 2, parece ser sinónimo de *torno*, embora se distinga deste conceito. **Doc. Escrita:** Quintal (1999: 81), sobre o Curral de Baixo, diz que “Antes do Lombo Chão há um ribeiro onde as gentes daquele sítio vão lavar a roupa. Chamam-lhe Corgo do Murtal. Corgo é corruptela de córrego, sinónimo de riacho ou ribeiro”. **Doc. Oral:** O informante 2 indica “É o torno (...) é o corgo, vai ter à ribeira. (...) isso ali em cima é o corgo e vai bater à ribeira”. **Doc. Lexicográfica:** Pereira (1951-52: 216) atesta *corgo* como “cada um dos pequenos ribeiros reunidos que formam a ribeira”. Segundo Silva (2013: 103), *corgo* é um “córrego, regato”. Em Santos (2007: 381), *corgo* é “o mesmo que córrego. Trata-se habitualmente de uma «escavação» que terá sido feita por uma enxurrada e por onde corre água. É um ribeiro que, por vezes, seca no verão. É termo corrente nas zonas rurais no interior português”. No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, I: 977), é uma forma popular com o significado de “sulco aberto pelas águas que correm. O mesmo que *corga*, *córrego*, *regueiro*”. Ver **Ribeira e Torno de água**.

Corneta do levadeiro (Do it. *cornetta* s. XIV, 'trompa de chifre us. esp. por pastores para produzir som'; *Levadeiro* f. de *levada* + *-eiro*) Instrumento usado pelos *levadeiros* para avisar os regantes. **Nota:** Termo composto pelo nome *corneta* com o complemento determinativo *do levadeiro*. Uso antigo que já deixou de existir. **Doc. Digital:** Lília Mata, no texto “Levadeiro” (<https://o-rabo-do-gato.blogspot.com/>), informa: “Como existiam horas de rega noturnas, tinha de ser, o *levadeiro* permanecia junto ao entalhador da levada e à hora exata tapava a água para o sítio correto. Contam-me que tocava numa corneta, para alertar os regantes de que estava na hora de irem buscar a sua parte da água”. Ver **Búzio e Levada**.

Correr como água na levada – Alguma coisa ou situação que decorre de forma favorável. **Nota:** Expressão popular que é uma transposição da área de atividade das levadas, que são feitas para a água correr de forma desimpedida, para outras situações da vida quotidiana. Esta expressão terá sido adaptada à realidade madeirense, uma vez que no continente português existe como “correr como água na ribeira”. Assim, releva a importância regional das levadas. **Doc. Oral:** O informante 2 menciona que, quando uma coisa acontece facilmente, diz que *correu como água na levada*. Ver **Levada e Água de rega**.

Cortar a água (Do lat. *cúrto*, *as, ávi, átum, áre* 'encurtar, reduzir, cortar', der. do adj. lat. *cúrtus, a, um* 'curto, reduzido, encurtado, encolhido, cortado'; Do lat. *aqua, ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*) Reter a água dos canais. **Nota:** Expressão composta pelo verbo *cortar* com o complemento *a água*. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 1), os guardas dos canais explicam que, quando há uma derrocada, têm de *cortar a água* do canal para o esvaziar e limpar. Ver **Canal de água**.

Cortar rocha Ver **Talhar a rocha**.

Cota da levada (loc. lat. *quòta (pars?)* 'em que número de (partes?)', fem. do adj. lat. *quòtus, a, um* interg. 'em que ou de que número (de)', formado do lat. cl. *quot* 'quanto(s)'; f. hist. 1532 *cota*; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Altitude a que o canal de água se encontra na montanha. **Nota:** Termo composto pelo nome *cota* com o complemento determinativo *da levada*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 152) diz que “Depois da cota de junção daquelas três ribeiras, as águas que agora correm no leito da Ribeira dos Vinháticos vão recebendo as águas das várias fontes nativas, que vão encontrando nas suas margens, e todas juntas vão dar ao Curral Velho. Nesta localidade, medidas em aqueduto, na cota da levada, dão origem à Levada da Roda”. Vieira (2011: 32), em nota, menciona que “a

Levada Velha do Pastel, que nasce na Fonte do Paredão no Lombo do Pó, ficava por baixo e a Levada da Achada Grande encontrava-se por cima e que ia ter ao Caldeirão Verde”. Ribeiro (1998: xxxvii), sobre a Levada Velha do Rabaçal, documenta que “aquela água era insuficiente para o regadio na costa sul e foi então que pensaram em traçar a Levada Nova do Rabaçal, com origem nas Vinte e Cinco Fontes e, portanto, a uma cota um pouco mais baixa. Por um outro túnel, o do Rabaçal, passou a transitar a água da Levada Nova e da Velha”. Ver **Canal de água**.

Cotovelo da levada (De orig. contrv. prov. do lat. *cubital*, *ális* 'almofada (em que se firma o cotovelo)' ou *cubitális*, e 'que tem a altura de um côvado (medida ligada a parte do corpo, como pé, polegada etc.)'; f. hist. s. XV *cotouello*; Do lat. *levata* (*aqua*) 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Ponto onde uma levada muda de direção. **Nota:** Termo composto pelo nome *cotovelo* com o complemento determinativo *da levada*. **Doc. Escrita:** Quintal (1999: 48), sobre a Levada da Serra do Faial, declara que “Quando não há nevoeiro, é possível, nalguns cotovelos da levada, observar a paisagem para além da floresta”. **Doc. Lexicográfica:** No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, I: 1008), *cotovelo* é a “curva, dobra ou ângulo pronunciado, com forma semelhante à daquela flexão do braço; canto; esquina”. Ver **Levada**.

Cozinheiro (De *cozinha* + *-eiro*; f. hist. 1326 *cozineyro*, s. XV *cozinheiro*) Trabalhador que cozinhava num caldeiro grande para todos os trabalhadores. **Nota:** Termo derivado de *cozinha* com o sufixo *-eiro*. Esta profissão existia durante as obras de construção das levadas. **Doc. Oral:** O informante 1 indica que “De manhã era só café, ao almoço comiam *milho* cozido sem nada e ao jantar o cozinheiro fazia massa com feijão e, por vezes, com ervilhas. Era pouco comer. Alguns trabalhadores, quando iam passar o fim de semana a casa, traziam *semilhas* cozidas para comerem durante a semana”.

Cubo do moinho (Do lat. *cūbus*, *i* 'sólido de seis faces iguais', do gr. *kúbos*, ou 'id.'; Do b. lat. *molínium*, red. do lat. tar. *saxum molinum* 'pedra grande, mó'; f. hist. s. XIII *moyos*, 1365 *moiiios*, 1365 *mouios*, s. XIV *moio*, s. XIV *moynhos*, s. XV *muynho*) Compartimento de um moinho onde a água da levada se junta. **Nota:** Termo composto pelo nome *cubo* com o complemento determinativo *do moinho*. **Doc. Escrita:** Segundo Branco (1987: 94), os moinhos de água existentes na ilha da Madeira eram acionados pela força da água. A água era acumulada no cubo antes de entrar no moinho, de forma a obter uma energia considerável, sendo depois libertada de forma a transmitir a força ou movimento de rotação a uma roda em cruz ou rodízio”. Freitas (2003: 145) transcreve, dos Estatutos da Levadinha da Metade, “Os moleiros cujos moinhos se abastecerem com água da levada de que se trata são obrigados a terem sempre na época da irrigação os cubos respetivos cheios sob pena de pagarem cada um a multa de mil reis por cada infração e na mesma pena incorrer o héreo ou regante que esvaziar os mesmos cubos”. **Doc. Lexicográfica:** Nunes (1965: 120) regista o termo *cubo de moinho* como “levada que conduz a água ao moinho”. No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, I: 1038), é uma “calha comprida coberta que leva a água ao rodízio da azenha ou do moinho”. Ver **Moinho de água** e **Levada**.

D

Dar a água (Do lat. *do, das, dèdi, dátum, dàre* 'dar, presentear, causar, conceder, permitir, oferecer, ofertar, etc.'; f. hist. 1211 *dar*, s. XIII *dare*; Do lat. *aqua, ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) Atribuir a água a um regante numa determinada hora e localidade. **Nota:** Expressão composta pelo verbo *dar* com o complemento *a água*. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), diz-se que o *levadeiro* tem a função de dar a água aos regantes. **Doc. Oral:** O informante 5 explica: “O *levadeiro*, um caso, na minha zona, nos Prazeres, dava água ao Paul do Mar”. Ver **Levadeiro** e **Rega**.

Dar fogo (Do lat. *do, das, dèdi, dátum, dàre* 'dar, presentear, causar, conceder, permitir, oferecer, ofertar, etc.'; f. hist. 1211 *dar*, s. XIII *dare*; Do lat. *fòcus, í* 'lar, lume, fogo', por via pop., divg. de *foco*; f. hist. 994 *fogo*, s. XIII *fogo*) Avisar sobre o rebentamento de explosivos. **Nota:** Expressão composta pelo verbo *dar* com o complemento *fogo*. Neste caso, os explosivos eram de pólvora colocada na rocha para rebentá-la, sobretudo dentro de túneis, para a construção de levadas. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), indica-se que era necessário pôr pólvora para retirar toda a rocha instável das montanhas e que esta era a tarefa mais difícil do *rocheiroe* a que demorava mais tempo. Ver **Furado** e **Pólvora**.

Dar por fora (Do lat. *do, das, dèdi, dátum, dàre* 'dar, presentear, causar, conceder, permitir, oferecer, ofertar, etc.'; Do lat. tar. *por* < prep. lat. *pro* <*p. fora*> 'diante de, em frente; no alto de; sobre; Do lat. *fòras* 'para fora, na parte exterior'; f. hist. s. XIII *fora*) A água que transborda de uma levada. **Nota:** Expressão composta

pelo verbo *dar* com a preposição *por* e o nome *fora*. **Doc. Oral:** O informante 5 explica que “Quando acontece um acidente na levada, que rebenta, que a levada deu por fora e que levou aquele caminho, a gente diz: «Olha, em tal zona, a água saiu fora da levada e levou a espalda”. Ver **Levada** e **Esplanada da levada**.

Derrocada Ver Quebrada.

Descarga (Do port. medv. *descarrega*, f. regr. de *descarregar*) Saída de água de um canal principal para um ramal. **Nota:** Termo derivado por prefixação do nome *carga* com o prefixo *des-*. **Doc. Oral:** O informante 3 usa este termo. Ver **Canal de água** e **Ramal da levada**.

Desencravar a broca (De *des-* + *encravar*; Do fr. *boucle* (c.1100) 'parte central do escudo', do lat. *buccula,ae* 'boca pequena, convexidade de um escudo, escudo', dim. de *bucca,ae* 'boca'; f. hist. s. XIV *broca*, s. XV *brooca*) Reativar o instrumento usado para fazer explodir a rocha. **Nota:** Expressão composta pelo verbo *desencravar* com o complemento *a broca*. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), explica-se que, quando falhava a explosão da broca, era necessário o trabalhador responsável a desencravar com a barra. Ver **Barra**.

Direção da comissão da levada – O conjunto do presidente, vice-presidente, tesoureiro e secretário, eleitos numa assembleia geral de uma associação de heréus de uma levada particular, sendo responsável pela sua gestão. **Nota:** Termo composto pelo nome *direção* com os complementos determinativos *da comissão da levada*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 42) transcreve os Estatutos da Levada do Pico dos Eirós, onde se lê: “À Assembleia Geral compete conhecer tudo quanto respeita à associação e é da sua competência especial: estabelecer ou alterar o giro das águas e alterar o preço das rendas; deliberar sobre a conveniência de exigir dos sócios alguma contribuição e fixar a quantia dela; eleger a Direção da Levada; nomear o levadeiro e, quando julgar necessário, vigias. (...) A Direção será constituída por um presidente, um vice-presidente, um tesoureiro e um secretário”. O autor (2003: 61) testemunha que “tapavam com argamassa de cimento o rombo feito no mainel da levada. No entanto, passados dias, os Lombadeiros voltavam a repetir a mesma proeza o que exasperou a Direção da Comissão da Levada”. Ver **Levada** e **Heréu**.

Divisão de caudais (Do lat. *divisio,ónis* 'partilha, repartição, distribuição, divisão', de *divisum*, part. pas. do v. *dividère* 'dividir, repartir'; f. hist. 1270 *deuisoes*, 1270 *deuisoes*, 1272 *divisom*; Do lat. *capitalis,e* 'que se refere à cabeça; que interessa à vida; capital; principal', esp. *caudal* 'id'; f. hist. c.1584 *caudaes*) Separação da água de uma levada da água de um poço, quando se sobrepõem. **Nota:** Termo composto pelo nome *divisão* com o complemento determinativo *de caudais*. **Doc. Oral:** O informante 5 conta que, quando havia um acordo entre regantes para sobreporem a água de rega da levada de um e do poço de outro, “soltava o poço e chegavam ali e faziam divisão dos caudais das regadeiras e ele tinha que mandar a minha medida por aquela caninha [marcação da quantidade de água da levada], não podia falhar”. Ver **Soltar o poço** e **Poço de rega**.

Dormente da água (Do lat. *dorm(i)ens,(i)entis* part. pres. de *dormíre* 'dormir'; f. hist. s. XIV *dormente*, s. XIV *dormite*; Do lat. *aqua,ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) Compartimento ou pequena construção horizontal da levada, que permite diminuir a velocidade da água, na sua descida inclinada. **Nota:** Termo composto pelo nome *dormente* com o complemento determinativo *da água*. Provavelmente, o termo deve-se ao facto de a água ficar dormente ou adormecida nestes pontos, possibilitando o abastecimento de água à população, assim como matar a sede ao gado. Sinónimo de *quebra-pressão*, *sanca* (cf. informante 2), *quebrador* e *cavalariça* (cf. informante 3) e *mergulhador* (cf. informante 5). **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 23) usa o termo em “O atual aqueduto, com os respetivos dormentes, resultou da melhoria e do revestimento do anterior com argamassa de cimento e areia, trabalho executado até cerca de 1950 ao qual se seguiu a construção das caixas divisórias e tornadoiros atualmente ainda existentes ao longo da levada grande nos entroncamentos dela com os seus ramais maiores”. O autor (2003: 41) apresenta uma fotografia da Levada do Pico dos Iroses, com a quebra-pressão do Cabecinho do Pico. Freitas (2003: 53) explica: “Quanto aos dormentes, eram umas quebradas constituídas na horizontal numa determinada parte do mainel da levada principal cuja finalidade primordial consistia em adormecer ou diminuir a velocidade da água ao longo da sua descida, desde o Cabeço dos Orégãos até à Beira-Mar. Uma segunda finalidade consistia em facilitar a tomada de água pela população (...). Também dava azo a que mais facilmente o gado vacum aí pudesse beber. Finalmente, eram os dormentes que retinham a água da servidão que, quando a água andava em cima, corria até ao mar, em regime de permanência, como mandavam os Estatutos. De certo modo, os dormentes correspondiam aos atuais quebra-pressão. Estes dormentes retinham, não só a água da serventia, mas toda a espécie de lixo e a mais variada bicharada”. Freitas (2003: 146) relata que “No pequeno quebra-pressão do Passo da Vaca, no caminho da Rocha Grande

para a Eira de Fora, onde se vêm juntar as quatro penas de água da nascente do Carvalho do Meca, mediam-se, no verão de 1975, cerca de 85 penas e, nos meses de março a maio, à volta de 130 penas”. **Doc. Oral:** O informante 2 indica que “Faz uma sanca. Eu costume lhe chamar sanca. A levada vem assim inclinada, ela baixou aqui e, depois, faz assim. E diminui, pr’a frente vai com menos força”. O informante 3 usa o termo *quebrador* “Nós fazíamos isso e era... quebrava ali e chamávamos quebrador”, mas também refere o nome *cavaliariça*: “A gente chama cavaliariça (...) não tem cobertura e a água tem inclinação e vai para lá abaixo”. O informante 4 explica: “Para mim, o dormente da água é quando há o canal [que] tem muita velocidade, fazer várias quedas, que é pa’ a água não ir co’ aquela... Pois, é adormecer a velocidade da água”. O informante 5 diz que “Chama-se um quebra-pressão. A água vem com uma velocidade, chega ali, bate. Ela para e continua, perde a velocidade. Aquilo é feito uma espécie de um poço, um pocinho. A água vem, cai lá dentro, cai dentro, enche e torna a sair. A gente usa o termo quebra-pressão ou mergulhador... que a água cai e mergulha”. **Doc. Lexicográfica:** No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, I: 1309), “peça fixa de mercenária ou serralharia, por oposição a uma peça móvel”. Não ocorre com o significado associado às levadas da Madeira. Este poderá ter surgido por analogia com o termo da serralharia. Ver **Levada**.

E

Eira (Do lat. *arèa,ae* 'superfície plana, espaço geométrico, terreno, praça, horta, campo'; f. hist. 1018 *eira*, s. XIII *eyra*, s. XIV *heyra*) Um pedaço cultivado de um poio. **Nota:** Termo simples. Sinónimo de um *quartel* (*de poio*). **Doc. Oral:** O informante 3 indica o termo *eira* para denominar um “pedaço de um poio. Há lugares que chama eira e há lugares que lhe chamam quartel”.

Encabeçamento da levada (De *encabeçar* + *-mento*; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Condução da água de uma ribeira para uma levada, mas também de uma levada para um terreno a ser irrigado. **Nota:** Termo composto pelo nome *encabeçamento* e o complemento determinativo *da levada*. Sinónimo de *encanamento da levada*. **Doc. Escrita:** Branco (1987: 143) cita Ahu (3284), a propósito da descrição e *encanamento* da Levada de Santa Luzia, documento datado de 1813, onde se pode ler: “assima da Fundôa, se precipitao os restos da Ribeira da Crugeira e não muito distante comessa o encanamento da levada. (...) no princípio do se o encanamento recebe 250 polegadas quadradas d’agoa, e no meio da levada, apenas se medem 190, perdendo quazi hum quarto d’agoa, que recebe na sua origem, porque não sendo o encanamento em hum corpo solido de pedra, a terra no verão embebe em si e consome aquella parte”. Freitas (2003: 161) regista o termo *encabeçamento da levada* na descrição e inscrição da Levada da Roda no registo predial que transcreve: “Esta levada tem a sua origem ou primeiro encabeçamento na sacada que entra no primeiro prédio serviente que se compõe de terra de sementeira e cultura no sítio de João Ferino”. O autor (2003: 184), sobre as escarpas e as fazendas da Rocha Grande, em Gaula, refere “o encanamento, através de sacadas, ou de cales, das águas da Ribeira do Porto Novo, da Ribeira da Metade e do Ribeiro do Pico”. **Doc. Lexicográfica:** No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, I: 1385), *encabeçamento* (de *encabeçar*) é “dar início a alguma coisa”. Ver **Levada** e **Madre da levada**.

Encabeçar a água (De *en-* + *cabeça* + *-ar*; Do lat. *aqua,ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) Dirigir a água de rega para uma levada ou para um rego. **Nota:** Expressão composta pelo verbo *encabeçar* com o complemento *a água*. **Doc. Escrita:** Freitas (1964: 10-11) usa o termo *encabeçar*, ao falar da água que “nas levadas sempre se intromete ou encabeça («termo madeirense para designar o ato de introduzir a água num rego ou levada»), como diz o povo”. Freitas (2003: 171), a propósito da Levadinha da Fonte do Lopo, escreve: “a Levadinha encabeça no mainel da Levada da Roda, nos dias em que essa levada não está em giro”. **Doc. Oral:** O informante 2 usa o termo *encabeçar* para “tapar a água de uma para outra [regadeira]”. **Doc. Lexicográfica:** No glossário de Santos (2017: 152), *encabeçar a água* é um “termo usual na Madeira para designar o ato de introduzir a água num rego ou levada”. Ver **Levada** e **Rego**.

Encabeçar a levada (De *en-* + *cabeça* + *-ar*; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Dirigir a água de uma ribeira para uma levada. **Nota:** Expressão formada pelo verbo *encabeçar* com o complemento *a levada*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 39) documenta que “um aqueduto recebe todas as águas procedentes dum as fontes nativas (...) Percorre cerca de 17 quilómetros deixando todo o ano uma pequena corrente de água (...) que corre por um rego com o mesmo nome. Encabeça no sítio da Ribeira da Boaventura e Ribeira da Serra d’Água”. Ribeiro (2002: 29), sobre a água

na freguesia de Santana, refere a “Levada encabeçada na Ribeira dos Touros”. Ver **Madre da levada e Encabeçamento da levada**.

Encarregado da obra (Do part. de *encarregar*; Do lat. *opèra,ae* 'trabalho manual'; f. divg. vulgar de *ópera*; f. hist. 1188 *obra*) Trabalhador responsável pela construção, neste caso de uma levada. **Nota:** Termo composto pelo nome *encarregado* com o complemento determinativo *da obra*. **Doc. Escrita:** Vieira (2011: 31), sobre a Levada da Achada Grande, em nota, informa “Um entrevistado recorda-se que o «encarregado da obra» era o Sr. Velosa do Faial”. Ver **Levada**.

Engenheiro (De *engenho* + *-eiro*; f. hist. 1539 *engeneiro*) Trabalhador especializado que mede o terreno e traça um trabalho que exige cálculo matemático, neste caso a construção de levadas. **Nota:** Termo derivado do nome *engenho* com o sufixo *-eiro*. **Doc. Escrita:** Vieira (2011: 31), sobre a Levada da Achada Grande, em nota, informa “Um entrevistado recorda-se que (...) O engenheiro Miranda era o responsável da obra”. Ver **Levada e Casa dos engenheiros**.

Engenho de açúcar (Do lat. *ingenium,ii* 'qualidade inata ou natural, engenho, etc.', p.ext. 'produto material da capacidade de criar'; Do ár. *as-sukkar* 'id.', oriundo prov. do sânc. *xarkará*) Tecnologia usada na moenda da cana-de-açúcar. **Nota:** Termo composto pelo nome *engenho* com o complemento determinativo *de açúcar*. O termo *engenho* surge com a evolução técnica renascentista, sendo movido a água canalizada de uma ribeira, como é exemplo a canalização da água da Ribeira dos Socorridos para um engenho de açúcar (cf. Gaspar Frutuoso). **Doc. Escrita:** Em *Saudades da Terra* (1998, Livro II, cap. xvii: 48-49), Gaspar Frutuoso (que se baseia nas informações de Jerónimo Dias Leite), na descrição da ilha da Madeira, escreve: “Perto da fonte, onde nasce a água desta ribeira dos Acorridos, se tirou a levada dela para moer o engenho de Luís de Noronha, e dizem que do lugar donde a começaram de tirar até onde vai ao engenho e regar os canaviais, há bem quatro léguas, por se tirar de tão grande fundura da ribeira”. **Doc. Lexicográfica:** Segundo Silva (2013: 103), *engenho* é uma “fábrica de moer cana-de-açúcar”. No glossário de Santos (2017: 152), *engenho* é a “fábrica de moer cana-de-açúcar”. Ver **Levada e Ribeira**.

Entalhador da levada Ver **Tornadouro** ou **Tornadoiro**.

Entalhar a água (De *en-* + *talhar*; f. hist. s. XIII *entallar*, s. XV *entalhar*; Do lat. *aqua,ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) Conduzir a água para os talhos dos *poios*. **Nota:** Expressão composta pelo verbo *entalhar* com o complemento *a água*. Ocorre também a forma *talhar* (cf. informante 6). **Doc. Oral:** O informante 1 diz “Entalha-se a água para o *poio* de baixo!”. O informante 5 atesta “Entalha a água para esse rego ou para esse *poio*”. Explica: “O entalhar é o encaminhar para o... Há regantes mais idosos que falam nisso. Já quando a gente entrega água: «Ah, vou entalhar para aquele *poio*, que depois vou levar para outra zona, enquanto fica entalhado naquele». Para entalhar, tem de ser entalhado no tornador. Tem a levada, tem os tornadores. Vou entalhar a água naquele tornador, no tornador que vem ter àquele terreno”. O informante 6 explica que “Entalhar é uma coisa que se vai para o eito. É quando se vai no eito para ir talhando de um rego para outro. Vai no eito, a gente leva-se um basculho ou um trapo de saca”. Acrescenta: “Entalhar a água... Sai da levada, vai para a regadeira e, depois, vai para os regos”. Ver **Levada e Tapar a água**.

Entalhe ou **Entalho do poio** (*Entalhe* deriv. regr. de *entalhar*; tb. ocorrem *entalha*, com final *-a*, do tema do verbo, tomado como desin. de fem., e *entalho*, com vogal final *-o*, como se fosse desin. de masc.; f. hist. 1548 *entalho*; Do lat. *podium,ii* 'muro baixo que circundava a arena dos anfiteatros sobre o qual se colocavam vários tipos de assentos; sacada, varanda; mirante, outeiro' < gr. *pódion,ou* 'pé pequeno', por via popular; f. hist. 1130 *poyo*, 1720 *poio*) Local do terreno cultivado que permite a entrada da água de rega. **Nota:** Termo composto pelo nome *entalhe*, com a variante *entalho*, formado por derivação regressiva do verbo *entalhar*, e o complemento determinativo *do poio*. Pode ocorrer como sinónimo de *tornador* (cf. informante 3). **Doc. Oral:** O informante 2 menciona o termo *entalho/entalhe*, explicitando que “Um entalho é tapar a água no *poio*. Você faz aqui o entalhe... Faz aqui o entalhe e a água vai para ali, pa' o *poio*. ‘Tá num entalhe, eu vou conduzir a água pa' outro entalhe. Pode ser levada ou rego, pa' levar a água. Pode ser usado para levar água deste entalhe para este”. O informante 3 diz que “entalhe é um *tornador*. O entalhe. Usa-se muito essa expressão na zona de Água de Pena. Como trabalhei lá... As pessoas mais antigas... hoje em dia já não é assim. Os antigos ainda chamam entalhe: «O meu entalhe é aqui». E há outros que já usam o *tornador*”. **Doc. Lexicográfica:** No Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea (2001, I: 1437), *entalhe* ou *entalho* é um termo da carpintaria que significa “abertura, corte ou saliência em peças de madeira para facilitar o encaixe ou a ensambladura”. O termo associado às levadas da Madeira terá surgido por analogia com um corte na carpintaria. Ver **Tornadouro** ou **Tornadoiro**.

Entancar a água (De *estanc-* + *-ar*; f. hist. s. XV *estancar*; Do lat. *aqua, ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) Guardar a água de rega num poço para poder usá-la mais tarde. **Nota:** Expressão formada pelo verbo *entancar* com o complemento *a água*. Sinónimo de *armazenar a água*. Apresenta a variante *estancar*, por confusão com *entancar* (cf. informante 5), e a forma *empancar*, possivelmente por deturpação fonética de *entancar*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 5) refere a existência de poços escavados na rocha mole: “Além das águas das ribeiras, os primeiros povoadores tiveram que recorrer às fontes nativas que aproveitaram para entancar em poços escavados na rocha mole, tais como ainda hoje existem ao longo das encostas da Ribeira do Porto Novo, da Ribeira de Gomes Vaz, da Ribeira dos Caboços e da Ribeira das Hortas”. O autor (2003: 168), a propósito do caudal duma nascente de entancar, escreve: “Para determinar a quantidade de água que brota por minuto duma nascente de água de entancar pode servir o seguinte exemplo. Um poço que recebe as águas duma determinada nascente enche em seis dias, isto é, em 8.640 minutos. Esvazia, durante 3 horas (180 m), a água entancada, debitando um caudal permanente de 450 litros por minuto, que são, nem mais nem menos, toda a água recolhida no poço”. Freitas (2003: 173), a propósito da Fonte do Lopo, em Gaula, relata que “As suas águas são todas de entancar em poços cavados na rocha mole”. Ladeira (2016: 72-73) diz que, devido “aos fracos caudais existentes nas antigas levadas locais, houve a necessidade de armazenar a água em poços”. **Doc. Oral:** O informante 2 usa a forma *empancar* em vez de *entancar*. O informante 3 menciona as expressões *entancar* e *armazenar a água*, enquanto o 4 refere apenas *entancar*. O informante 5 explica que, ao “estancar a água, fica estancada dentro do tanque”. Ver **Levada e Poço de rega**.

Entroncamento da levada (De *entroncar* + *-mento*; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Local onde uma levada principal se encontra com levadas secundárias. **Nota:** Termo composto pelo nome *entroncamento* com o complemento determinativo *da levada*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 23) refere que “O atual aqueduto, com os respetivos dormentes, resultou da melhoria e do revestimento do anterior com argamassa de cimento e areia, trabalho executado até cerca de 1950 ao qual se seguiu a construção das caixas divisórias e tornadoiros atualmente ainda existentes ao longo da levada grande nos entroncamentos dela com os seus ramais maiores”. Ver **Levada**.

Escorralhas (De form. duv.; prov. de *escorrer*) Restos de água que escorrem. **Nota:** Termo provavelmente formado a partir do verbo *escorrer* com o sufixo *-alha(s)*. Sinónimo de *escorras*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 17) regista o termo em: “As escorralhas da Ribeira da Serra d'Água e da Ribeira dos Vinháticos, algumas centenas de metros para jusante, juntam-se numa única ribeira, chamada a Ribeira dos Vinháticos até o Curral Velho. (...) A partir do Curral Velho, as escorralhas da Ribeira dos Vinháticos dão origem à Ribeira da Roda que chega à Lombada da Boaventura, no sítio chamado a Levada da Roda”. O autor (2003: 151), sobre a Levada da Roda, em Gaula, diz “tiveram que se conformar com as escorralhas que corriam daí para baixo. Com elas e com as várias pequenas nascentes que encontraram em ambas as margens para jusante da Ribeira dos Vinháticos, instituíram a levada a que deram o nome de Levadinha, depois chamada Levada de João Rodrigues Teixeira, o Gordo, e já mais tarde, no primeiro quartel do século XVII, chamada a Levada da Roda”. Freitas (2003: 152) acrescenta “as águas que abastecem a Levada da Roda começam a correr no curso superior da Ribeira da Boaventura (...) pelo aproveitamento das escorralhas da Madre da Levada da Ribeira da Serra de Água e das escorralhas da Madre conjunta da Levada da Ribeira dos Vinháticos com a Levada da Serra de Água e das escorras do Ribeiro das Uveiras”. O autor (2003: 159) cita a Descrição da Levada da Roda feita por Gregório Hermogenes de Vasconcelos, onde aparece o termo *escorras* a par de *fontes nascentes* e *mineiros*: “Duas fontes nascentes em terra de António Martins da Fonte dos Almocreves (...) Com escorras, uma fonte e alguns mineiros em terra de João de Gouveia (...) Com escorras das fazendas ou terras de Manuel de Gouveia da Ribeira dos Vinháticos”. Freitas (2003: 183), sobre a Levadinha do Prendas, informa que “Começa na Nascente do Prendas que brota duma penedia basáltica da margem esquerda da Ribeira dos Caboços, a qual debita cerca de 10 litros de água por minuto, ao longo de todo o ano e, depois de se juntar com as escorras da ribeira, cerca de 18 penas em média por ano, corre por uma levadinha que a vai entancar no poço de João Ferreira”. **Doc. Lexicográfica:** Nunes (1965: 120) documenta o termo *escorralhas* como “metade da água que pertence a uma levada”. No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, I: 1501), *escorralho* é um “resíduo líquido no fundo de uma vasilha”. Ver **Levada e Ribeira**.

Escorras Ver **Escorralhas**.

Esplanada da levada (Do it. *spianata* (a.1348) 'espaço, lugar plano', der. do v. *spianare* 'tornar plano, aplanar' < lat. *explanâre* 'estender', prov. pelo fr. *esplanade* (s.XV) 'terreno descoberto e aplanado pela mão do homem'; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Espaço

estreito que acompanha o percurso de uma levada. **Nota:** Termo composto pelo nome *esplanada* com o complemento determinativo *da levada*, apresentando as variantes *espada* e *espalda da levada*, provavelmente por corrupção fonética (cf. informantes 4 e 5). Este termo tem como sinónimos os vocábulos *traste*, *banqueta*, *varanda da levada*, *vereda* e *camalhão da levada*, mas também os termos mais técnicos *borda da levada* e *berma da levada*. O termo *camalhão da levada* será antigo. De acordo com o informante 5, o *camalhão da levada* é o suporte da levada em terra. Nalgumas levadas o *camalhão* é relativamente largo, pode-se andar à vontade, mas noutras é estreito e perigoso. As levadas e as suas *esplanadas* eram, muitas vezes, os únicos caminhos entre povoações remotas. **Doc. Escrita:** Pereira (1989: 685) documenta que “O carreiro de pé-posto ou veredade servidão, comum ao longo da levada, chama-se traste ou esplanada, considerada pertença do mesmo aqueduto; onde não há carreiro passa-se sobre uma das paredes da levada, o mainel, para limpá-la ou fazer a divisão da água em lanços na caixa divisória”. Quintal (1999: 85), sobre a Levada do Curral e Castelejo, informa que “A berma da levada é estreita e há muitas pingueiras”. O autor (1999: 119) também usa o termo *esplanada*: “Nos pontos em que a esplanada da levada se alarga, deve-se parar para apreciar a paisagem”. **Doc. Digital:** Lília Mata, em “O camalhão da levada” (no blogue *O Rabo do Gato*, sexta-feira 5 de outubro de 2007), documenta os versos “A cama do levadeiro / é o camalhão da levada”, numa quadra recolhida no Sítio da Ribeira dos Pretetes. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 1), é dito que o guarda de canal tem de mondar e limpar as levadas e arranjar as varandas destas, quando são destruídas por derrocadas. **Doc. Oral:** O informante 1 utilizou o termo *banqueta* como sinónimo de *esplanada das levadas*, sendo provavelmente uma denominação antiga, informando que esta geralmente tem meio metro de largura, mesmo dentro dos túneis. O informante 2 usa o termo *vereda* para denominar o mesmo conceito, mas também *camalhão da levada*, o “camalhão da levada, é o lado. O camalhão da levada é quase como o... a parcela que fica encostada à levada. Eles até diziam: «A cama do levadeiro era o camalhão da levada»”. O informante 4 indica o termo *banqueta*, a par de *borda da levada* e *espada da levada*. O informante 5 usa o termo “espaldas da levada. Chamam Espaldas. A espalda da levada é a vereda, onde passa o turismo, é aquelas espaldas”, mas também *camalhão da levada* “O camalhão é o suporte. (...) O camalhão da levada é quando a gente diz: «Olha, aquele camalhão está fraco. Se ele rebenta, se aquele camalhão cai, vai rebentar a levada. Chama-se o camalhão da levada, que é o suporte da levada em terra”. **Doc. Lexicográfica:** Em Silva (1950: 50), *esplanada* é a “vereda que ladeia uma «levada» numa grande parte do seu percurso”. Segundo Sousa (1950: 130), é “o muro de pedra ou de pedra e cal que ladeia as levadas e que também é conhecido hoje na Madeira pela designação de mainel. Nota: Na Carta de El-rei D. João II, de 8 de Maio de 1943, alude-se a «terradas & trastes das levadas» (E.M.)”. Silva e Meneses (1978, II: 506) registam o termo *esplanada* como “a estreita vereda que, em geral, acompanha contígua e paralelamente a levada em quase toda a sua extensão. É geralmente aproveitada como servidão e caminho para os moradores das vizinhanças”. Segundo Barcelos (2016: 211), *esplanada* é a “estreita vereda que em geral acompanha, contígua e paralelamente, uma levada em quase toda a sua extensão”. Acrescenta que, na Madeira, também se lhe dá o nome de *traste*, “nome que também se dá na Madeira à *esplanada*, ou seja, a vereda que ladeia uma levada numa grande parte do seu percurso” (2016: 404). No pequeno glossário da Lista Indicativa do Bem Levadas da Madeira a Património da Humanidade, *esplanada* “é a estreita vereda que em geral acompanha contígua e paralelamente a levada em quase toda a sua extensão. É geralmente aproveitada como servidão e caminho quer para os moradores das vizinhanças quer por caminhantes nos percursos de descoberta da natureza”. No glossário de Santos (2017: 152), *esplanada* é o “caminho paralelo executado por razões de manutenção das levadas”. Teixeira (2019) regista o termo *esplanada*. No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, I: 1545), *esplanada* é o “espaço plano e descoberto em frente de uma fortificação, de uma cidadela, de um grande edifício”. O termo associado às levadas da ilha da Madeira terá surgido por analogia, por ser um espaço plano ao lado de um canal de irrigação. O mesmo conceito pode ainda ser denominado *vereda*, enquanto caminho paralelo às levadas, feito para a sua manutenção e usado como via de comunicação entre localidades. Ver **Levada**.

Estação de Medição de Caudais – Local onde se medem os caudais de água. **Nota:** Termo composto pelo nome *estação* com o complemento determinativo *de medição de caudais*. **Doc. Escrita:** Quintal (1999: 117), a propósito da Central da Serra de Água, refere a Ribeira do Poço, onde “há uma Estação de Medição de Caudais e a levada passa sobre uma ponte”. Ver **Caudal de água** e **Levada**.

Estação de Tratamento de Água dos Tornos – Local e equipamentos de preparação da água das nascentes trazidas pelas levadas para o consumo humano. **Nota:** Termo composto pelo nome *estação* com os complementos determinativos *de tratamento de água dos Tornos*. **Doc. Escrita:** Livramento (2016: 12) menciona “todo o sistema de captação dos Tornos Altos, da Estação de Tratamento de Água dos Tornos, que durante décadas foram fundamentais para o abastecimento público de água potável à cidade do Funchal”. Ver **Captação de água** e **Levada**.

Estar pelas bordas (Do lat. *sto,as,stéti,státum,áre* 'estar de pé, em posição vertical, firme'; f. hist. 1044 *esta*, s. XIII *estar*; Do fr. *bord* (c.1121) 'cada lado do navio, contorno de uma superfície, margem') Quando uma levada está cheia de água, quase a transbordar. **Nota:** Expressão composta pelo verbo *estar* com a preposição *pelas* e o nome *bordas*. **Doc. Oral:** O informante 5 explica que “A borda é mesmo na barra de cima da levada. Quando ela está pelas bordas, a gente chama: «A levada está pelas bordas, está quase a transbordar». Ver **Levada**.

Estatutos da levada (Do lat. *statútum* 'estatuto, regulamento, sentença, aresto'; neutro substv. de *statútus,a,um*, part. pas. de *statuère* 'pôr, colocar, estabelecer, fixar, constituir'; f. hist. s. XV *estatuto*, s. XV *statuto*; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Documento legal que estabelece a organização da associação de heréus de uma levada particular. **Nota:** Termo composto pelo nome *estatutos* com o complemento determinativo *da levada*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 26) atesta que “Em 1908, aquando da escritura dos primeiros Estatutos da Levada do Pico dos Irozes, era juiz, ou presidente e tesoureiro da Levada o padre Norberto Gonçalves, vigário da freguesia de Gaula, o cura padre João Jorge Bettencourt era o vice-presidente e João Baptista do Rego, «Joãozinho da Contenda», viúvo, proprietário morador na Contenda, era o respetivo secretário”. Ver **Levada e Heréu**.

Exame da medição de água da levada – Verificação da medida de água de uma levada. **Nota:** Termo composto pelo nome *exame* com os complementos determinativos *da medição* e *de água da levada*. **Doc. Escrita:** Ribeiro *et al.* (1995: 41), a propósito dos moinhos e águas do concelho de Santa Cruz, menciona a Sociedade da Levada Nova do Furado que “teria de nomear dois árbitros que com outros dois nomeados pelo Governo procederiam ao exame da medição, conforme o contido no artigo 2º dos Estatutos. Segundo o artigo 3º dos mesmos, teria de ser efetuado numa «baixa de registo», colocada no lugar mais conveniente, ao longo da nova levada, separando desta a massa de água que havia de correr para as ditas freguesias do Porto da Cruz e de Santa Cruz”. Ver **Levada e Caudal da levada**.

F

Facho (Do lat. vulg. **fascùlo*, der. do lat. *fax, fàcis* 'tocha, archote') Artefacto rudimentar feito com um pano velho molhado em petróleo para pegar lume. **Nota:** Termo simples. Sinónimo de *sezico*, *guião*, *farol*, *murrão* e *fachiador* (cf. informante 5). Utensílio usado durante a noite para iluminar a rega dos poios. **Doc. Oral:** Os informantes 2 e 3 usam os nomes *sezico* e *facho*. O informante 4 explica: “A gente usava qualquer coisa que tivesse uma coisa em ferro, mete-se-lhe um pano naquela colher em ferro para agarrar com petróleo. Um chamava-lhe o guião, outros chamavam-lhe um farol”. O informante 5 diz “Isso chama-se... Eles chamavam um murrão. Era um murrão, que era um tubo cheio de petróleo e com o pano e pegava-se lume. E outros chamam o fachiador”. O informante 6 indica que “Facho é a coisa que se leva no monte e pega-se lume”. **Doc. Lexicográfica:** Barcelos (2009: 155 e 2008: 262) diz que, nos Açores, nas ilhas do Corvo e das Flores, é uma “espécie de archote, era um instrumento feito artesanalmente, p. ex. com uma lata (...) atravessado por um pavio de trapo com petróleo amarrado a um cabo de madeira”, referindo apenas que servia para caçar caranguejos em noites escuras, sem luar. No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, I: 1675), “archote que se acende para iluminar, para dar sinal..., principalmente de noite”. Ver **Levada e Rega**.

Fazenda (Do lat. vulg. **facenda* 'coisas que devem ser feitas', pelo lat. *facienda*, gerundivo de *facio, is, fèci, fàctum, facère* 'fazer, obrar, executar'; o sentido primitivo de 'ocupações' passou ao de 'assunto, negócio' e daí a 'riqueza, bens, propriedades rústicas, mercadoria') Terreno agrícola constituído por um ou mais *poios* regados diretamente com água de levadas ou indiretamente a partir de um poço de rega. **Nota:** Termo simples. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 38) regista: “a água das levadas de hiréus com que regavam as suas fazendas”. O autor (2003: 55) informa que “Nas levadas dos ramais secundários e nas levadas das fazendas, os tornadoiros eram simples obstruções ou desvios ao livre curso da água, normalmente feitos com socas ou tufos de ervas, os chamados «terrões», segurados com pedras mais ou menos pesadas, de modo a que deixassem escapar o mínimo de água possível”. **Doc. Oral:** O informante 3 usa o termo *fazenda* para denominar um terreno agrícola com vários *poios*. Também o informante 5 indica: “A fazenda são vários *poios*”. **Doc. Lexicográfica:** Em Macedo (1936: 60), *fazenda* é “qualquer espaço de terreno cultivado”. Nunes (1965: 120) documenta o termo *fazenda* como “terreno de cultura”. Em Santos (2007: 386), uma *fazenda* “na Madeira, a escala remete para as dimensões possíveis que a ilha permite, designa qualquer espaço de terreno, cuja extensão não ultrapassa, geralmente, os 1000m²”. No glossário de Santos (2017: 152), o termo *fazenda* “designa qualquer espaço da lavoura cuja extensão não ultrapassa geralmente

os 1000 m², de acordo com a escala que a ilha permite”. No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, I: 1706), “propriedade rústica; terreno cultivado”. Ver **Levada** e **Poio**.

Fazer uma levada (Do lat. *faciō, is, fēci, fāctum, faciēre* 'fazer, executar, efetuar, levar a efeito'; f. hist. 991 *faceron*, s. XIII *fazer*; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Percorrer a pé o caminho que acompanha o percurso de uma levada. **Nota:** Expressão formada pelo verbo *fazer* com o complemento *uma levada*. **Doc. Lexicográfica:** No glossário de Santos (2017: 152), *fazer uma levada* “significa percorrer o trilho ao longo de uma levada”. Ver **Levada**.

Ferreiro (De *ferro* + *-eiro*; f. hist. s. XIV *ferreiro*) Trabalhador que trabalha o ferro e que, na obra da construção das levadas, consertava as ferramentas. **Nota:** Termo derivado de *ferro* com o sufixo *-eiro*. **Doc. Oral:** O informante 1 diz que o *ferreiro* consertava as barras de ferro e os malhos. Ver **Barra**.

Fiscal (Do lat. *fiscālis, e* 'relativo ao fisco, ao tesouro ou erário público') Trabalhador que fiscalizava as obras de construção das levadas. **Nota:** Termo simples. Este trabalhador tinha de ter a 4ª classe para saber ler e escrever e fiscalizava várias levadas. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), ocorre o termo. **Doc. Oral:** O informante 1 refere o fiscal que trabalhou nas obras da Levada Nova da Encumeada para a Central da Serra de Água e da Levada para a Central da Calheta. Indica que o *fiscal* também podia fazer relatórios de medição de águas de uma ribeira, para indicar se valia a pena fazer um ramal da levada mãe ou levada principal. Ver **Levada**.

Fontanário ou **Fontenário** Ver **Fonte**.

Fonte (Do lat. *fōns, fontis* 'fonte, nascente, manancial de água') Local público com uma bica de água potável para abastecimento da população. **Nota:** Termo simples. Sinónimo de *fontenário* ou *fontanário* e de *chafariz*. Construção feita pelo Estado, canalizando água de uma nascente, para a população não ter de ir buscá-la às ribeiras. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 54) conta que a população não confiava na “água dos dormentes, passando a usar para beber e para cozinhar a água das fontes nativas, como fazia antes, pelo que a água da serventia já tinha praticamente deixado de ter razão de ser e já quase não corria na levada, quando foram inaugurados os fontenários públicos na freguesia”. O autor (2003: 198) documenta “As águas escolhidas para abastecer de água potável a rede e os fontenários públicos foram as das nascentes da Eirinha e da Relvinha”. Vieira (2011: 58-59) informa: “A água dos fontenários tinha origem nas diversas nascentes que brotavam do ventre das montanhas e que eram canalizadas para poderem abastecer os diferentes fontenários. (...) A maioria das pessoas ia buscar água aos fontenários públicos que ficavam mais perto das suas residências. (...) Levavam-na em recipientes diversos: marmita, jarro, panelas, bilhas de barro, folhão, púcara, cantarina, garrafão, aguadores, ou qualquer outro recipiente”. Ladeira (2000: 39) testemunha que “Todas as famílias iam abastecer-se de água à fonte do sítio – o chafariz – e a reserva fazia-se em casa numa bilha conhecida por infusa. Convinha que esta fosse de barro por conservar a água muito fresca, até mesmo nos dias calmosos de verão”. Ladeira (2016: 74-76) indica que “foram construídos, a partir de finais do séc. XIX, diversos fontanários que dispunham de água canalizada. São pequenas construções que emolduram uma torneira que verte água para uma pia. (...) Refira-se que a construção de um fontenário implicava a canalização de água de uma fonte próxima, o que era tão dispendioso como a construção do próprio fontanário”. **Doc. Oral:** Os informantes 2 e 3 usam o termo *fonte*, enquanto o informante 5 atesta os nomes *fonte* e *fontanário*. **Doc. Lexicográfica:** No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, I: 1788), é uma “construção dotada de uma ou várias bicas ou torneiras destinadas à saída e distribuição de água, o mesmo que chafariz”. Ver **Nascente** e **Ribeira**.

Fonte (nativa) Ver **Nascente da levada**.

Funda (Do lat. *funda, ae* 'funda, atiradeira, estilingue') Tábua furada de um lado e do outro em que se amarrava uma corda em cada uma das pontas e onde se sentava o *rocheiro*. **Nota:** Termo simples. O *rocheiro* tinha um pedaço de corda amarrada por detrás da *funda* que vinha dar um nó ao cabo vindo de cima para baixo e, assim, tanto subia como descia. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), diz-se que alguns *rocheiros* faziam questão de amarrar a corda com a sua própria mão porque não confiavam a sua vida a outros que a podiam amarrar mal e se soltar em cima da fundura do abismo. Ver **Rocheiro**.

Fundura (De *fundo* + *-ura*; f. hist. s. XV *fumdura*, s. XV *fundura*) Profundidade dos abismos abaixo dos canais de água construídos nas montanhas. **Nota:** Termo formado do nome *fundo* com o sufixo *-ura*. **Doc. Audiovisual:** Nome referido no Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2). **Doc. Lexicográfica:** No

Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea (2001, I: 1838), “distância compreendida entre a superfície e o fundo ou desde o exterior até ao ponto mais interior”. Ver **Funda**.

Furado (Do lat. *forátus, a, um* 'furado', part. pas. de *fōro, as, ávi, átum, áre* 'furar') Túnel resultante da perfuração da rocha da montanha para fazer passar a água em canais ou levadas. **Nota:** Termo do participípio passado do verbo *furar*, nome antigo que é sinónimo de *túnel*. **Doc. Escrita:** Quintal (2011: 141) salienta que “A água trazida do Norte, na escuridão de extensos túneis e em aquedutos riscados nos abismos, mudou a paisagem de vastas áreas que desde sempre foram palco da agricultura de sequeiro. Campanário, Quinta Grande, Estreito de Câmara de Lobos verdejaram com a água da Levada do Norte. O vale de Machico perdeu a aridez com a abertura da Levada Nova, que transportou água até ao desértico Caniçal. As terras da zona alta oriental do Funchal, do Caniço, Gaula e Santa Cruz em muito beneficiaram com a Levada dos Tornos”. Freitas (2003: 35) escreve que, para aumentar o caudal da Levada do Pico dos Eirós, em Gaula, recorreu-se ao escavamento de “galerias, tanto no Ribeiro do Pico Caiadas, cuja água pertencera anteriormente à Levadinha da Ribeira da Metade, como numa vasta área da Meia Serra Gaulesa até às imediações dos Esteireiros”, e ao melhoramento dos respetivos encanamentos e do “mainel da Levada Grande desde a Madre da Levada”. O autor acrescenta que “Destas galerias convém destacar a primeira das quatro escavadas no Ribeiro do Pico, a qual começa por baixo do caminho das Águas Mansas para a Eira de Fora e ramifica-se duas vezes pela esquerda antes de seguir em frente até à vertical da Fonte dos Almocreves, numa extensão de cerca de mil e quinhentos metros”. Freitas (2003: 131) informa “Hoje é praticamente impossível percorrer os caminhos das nascentes da Meia Serra Gaulesa, das Levadas da Serra d’Água e das galerias escavadas nos baldios dos Esteireiros. Essas mesmas galerias e as respetivas condutas até à Levada da Serra d’Água, as chamadas sacadinhas, encontram-se obstruídas, destruídas ou abandonadas, ou por falta de limpeza e de manutenção, ou por um lamentável desconhecimento da sua existência”. O autor (2003: 141) documenta “As quatro galerias para captação de água das nascentes do Ribeiro do Pico foram feitas depois de 1 de janeiro de 1951 e melhoradas durante todo o ano de 1975 (...) donde resultou um melhor aproveitamento da sua água que aumentou para o dobro a rede de abastecimento de água potável à freguesia de Gaula”. Freitas (2003: 185), sobre a Levadinha Fonte da Ti Cristina da Cova, fala de um “pequeno poço oblongo, escavado na rocha mole com muro da bucha em alvenaria. Enche com as águas duma nascente proveniente dum pequeno *furado* (túnel)”. Vieira (2011: 32-33), sobre a Levada da Achada Grande, escreve: “A nascente desta levada começava na Ribeira dos Moinhos, atravessava toda a montanha da Celadinha, do Pico do Meio-Dia, passava pelas Falcas, contornando a Ribeira do Porco, percorrendo o alto da Fajã do Penedo, até entrar num *furado*, com pouca altura, estreito, em pedra tosca, entre as serras da Boaventura e as de S. Jorge”. Ladeira (2016: 69) informa que “Em 1768 foi analisada a viabilidade técnica e económica de conduzir as águas do Rabaçal até à costa sul da Calheta, nomeadamente às freguesias dos Prazeres, Fajã da Ovelha, Ponta do Pargo e Paul do Mar. (...) Da sua construção faz parte o túnel das Estrebarias, concluído em 1855”. O mesmo autor (2016: 69-70) regista que “Anos mais tarde, em 1852, inicia-se o encanamento da Levada Nova do Rabaçal ou das 25 Fontes (...) Tem a sua madre na ribeira dos Cedros, passa pela ribeira da Água Negra onde se situam as famosas quedas e lagoa das 25 Fontes, ribeira do Lajeado, Risco e do Alecrim (...) Nesta levada, em 1877, foi concluído um túnel novo, o das Levadinhas, na época o maior construído na Madeira com 789 metros, com uma altura suficiente que permitia a passagem a cavalo, e que muito impulsionou o turismo de natureza na Madeira”. Teixeira (2019) refere o termo *furado* no seu estudo. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), informa-se que os *furados* ou túneis eram feitos com a dimensão de 2 por 2 metros. **Doc. Oral:** O informante 4 usa os termos “Um furo. Um túnel. Um furado”. O informante 5 usa o nome *túnel*, enquanto o 6 menciona os termos *túnel* e *furado*. **Doc. Lexicográfica:** Em Silva (1950: 57) e em Sousa (1950: 79), um *furado* é um túnel. Nunes (1965: 122) também documenta *furado* como “túnel”. Em Silva e Meneses (1978, II: 507), *furados* são “pequenos túneis ou estreitos caminhos subterrâneos destinados à passagem dos aquedutos”. Em Figueiredo (2004/2011: 130), é a “galeria escavada na rocha que permite a passagem subterrânea, pelo interior de uma zona montanhosa, possibilitando a comunicação entre os dois lados da mesma”. Santos (2007: 387) dá a mesma definição, acrescentando ser “terminologia usada na Madeira referente ao pequeno túnel ou estreito caminho subterrâneo destinado à passagem de canais (E.M.)”. No glossário de Santos (2017: 152), *furado* é o “termo usual na Madeira referente à abertura feita diretamente sobre o maciço rochoso para permitir a circulação de água e estabelecer ligações pedonais e rodoviárias entre diferentes locais”. Oliveira (2018-2019: 327) define *esplanada* como “termo local para designar o percurso estreito que acompanha paralelamente o caudal da levada, praticamente na totalidade da sua extensão. É usada como acesso às habitações e às unidades de produção agrícola, sendo comum estar associado como parte integrante de roteiros turísticos”. No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, I: 1841), *furado* é um regionalismo madeirense para túnel. Ver **Canal de água e Levada**.

Furo (Deriv. regr. de *furar*) Buraco na rocha onde se metia a broca para fazer uma explosão. **Nota:** Termo simples. **Doc. Escrita:** Vieira (2011: 32), em nota, sobre a construção da Levada da Achada Grande, refere “Tinha feito só um furo para um rebentamento enquanto o José Bento tinha feito três, durante uma manhã”. Ver **Broca**.

G

Galeria de captação de água (Do it. *galleria* (1554) 'corredor subterrâneo de uma ferrovia, estrada ou canal'; f. hist. 1600 *galaria*, 1644 *galeria*; Do lat. *captatio*, *ónis* 'obtenção, apreensão de alguma coisa'; Do lat. *aqua,ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) Perfuração de uma cavidade na rocha para extração de água. **Nota:** Termo composto pelo nome *galeria* com os complementos determinativos *de captação de água*. A água extraída de dentro da rocha é conduzida para um poço feito no local ou para o exterior por uma levada. **Doc. Escrita:** Ladeira (2016: 74), sobre a necessidade de uso doméstico da água, escreve: “Com o desenrolar dos tempos, próximo às habitações foram construídas algumas galerias para captação de água, como podemos observar numa existente com 21 metros de comprimento, 0,8 de largura e 1,5 de altura”. **Doc. Lexicográfica:** No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, II: 1856), *galeria* é a “passagem ou caminho escavado; qualquer passagem coberta, estreita e comprida”. Ver **Levada** e **Poço de rega**.

Gasómetro (De *gas-* + *-o-* + *-metro*, por influxo do fr. *gazomètre* (1834); f. hist. 1858 *gazómetro*) Aparelho a gás que alumia dentro dos túneis. **Nota:** Termo derivado do nome *gás*. **Doc. Oral:** Segundo o informante 1, é o mesmo que *luz de mineiro*. Aparelho constituído por uma pedra de carboneto e um compartimento com água, gerando uma chama pequena, mas que proporciona grande iluminação dentro dos túneis. **Doc. Lexicográfica:** No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, II: 1874), “aparelho no qual se prepara acetileno por ação de água sobre carboneto de cálcio”. Ver **Furado**.

Gema do verão (Do Lat. *gemma,ae* 'pedra preciosa; botão; olho; gomo'; nome da gema do ovo por ser a parte mais apreciada ou preciosa do ovo; Do lat. vulg. *veranum tempus* 'tempo primaveral', derivado do lat. *vér,véris* 'primavera'; f. hist. s. XIV *ueerãõ*) Os meses mais quentes do ano. **Nota:** Termo composto pelo nome *gema* com o complemento determinativo *do verão*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 51) fala-nos dos “braços em que, ultimamente, a levada principal se achava dividida, cada qual com um caudal de 450 penas, durante os melhores meses do ano e, na gema do verão e meses do outono, com perto de metade desse volume”. O autor (2003: 153), sobre a Levada da Roda, em Gaula, escreve “como estas duas levadas estavam juntas, esta estimativa possibilitava a sua divisão em três razoáveis braços de água, mas apenas desde o início do giro até à «gema do verão», uma vez que o seu caudal sofre um grande abatimento de junho em diante, devido à seca das fontes que a abastecem”. Freitas (2003: 193) explica que “«gema do verão» é de agosto em diante”. Ver **Água de rega** e **Levada**.

Giro da água (Do gr. *gûros,ou* 'círculo', pelo lat. *gyrus,i* 'círculo que faz um cavalo; volta, circuito, giro'; Do lat. *aqua,ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) Período compreendido entre uma rega e a rega seguinte para cada um dos regantes. **Nota:** Termo composto pelo nome *giro* com o complemento determinativo *da água*. Sinónimo de *giro da levada* e *giro de rega*. O giro da água de rega começa no dia 1 de abril ou 1 de maio de cada ano, depois do inverno, e decorre até o final de setembro. **Doc. Escrita:** De acordo com o *Elucidário Madeirense*, citado por Pereira (1989: 691-692), *giro* é “o espaço de tempo decorrido entre duas passagens de água numa levada pela mesma terra. Quando uma propriedade tem uma hora de água no giro de quinze dias, deve entender-se que essa propriedade tem direito a ser irrigada pelo tempo de uma hora, de quinze em quinze dias, durante o ano de rega. O giro chega a ser de sessenta dias nalgumas levadas particulares, de modo que, se o proprietário de uma hora de água dessas levadas quiser irrigar as suas terras de quinze em quinze dias, só o poderá fazer de cada vez pelo espaço de um quarto de hora”. Pereira (1989: 692) acrescenta que “Os giros de oito dias e de mais períodos inferiores a doze são só os dos proprietários de nascentes.” Branco (1987: 143-144) cita Ahu (3284), a propósito da descrição da Levada de Santa Luzia: “Ha hum ramo desta levada que em cada giro vai regar na Freguezia de S. Pedro a cultura do Juiz da Levada, a dos herdeiros de Jose Gonsalves Brasão, e a Quinta da Achada; intendesse giro, o circulo de dias, dentro do qual se prehenche a cada hereo a porção de Agoa a que tem direito, para regar duas culturas”. Esta definição de *giro*, curiosamente, refere que se trata do círculo de dias para cada regante regar duas culturas. Freitas (2003: 33) informa: “O período que decorre entre uma rega, feita a uma determinada hora de um dia, e a que se lhe segue, passado um determinado número de dias e efetuada à mesma hora, é chamado o giro da levada, considerando que todos os períodos de rega são iguais ao longo do ano e para todos os braços ou partes em que a levada se subdivide. (...) Durante o século XVIII, o giro da levada era de 22 dias pelo que a rega era de onze em onze dias”. O autor (2003: 34) escreve:

“O facto de a levada correr durante 24 horas, noite e dia, obrigava a dividir em duas partes iguais o giro, de modo a que todos os hiréus regassem um giro de dia e outro de noite. (...) Para efeitos desta subdivisão, a água de propriedade dos hiréus era dividida em duas metades”. Ladeira (2016: 72) informa que “Ainda relacionado com o regadio, refira-se que a água era disponibilizada das levadas aos heréus em giros que iam geralmente de 11 a 15 dias nas levadas antigas, podendo alongar-se na distribuição atual conforme a disponibilidade da água”. O termo *giro* é registado em Teixeira (2019). **Doc. Oral:** O informante 3 diz “A água entra em giro, pronto”. O informante 4 indica que “O giro da água é quando acaba o giro volta ele lá pa’ trás, para começar o novo giro. (...) Se eu ‘tou numa regadeira, meto a água... dez dias ou de dez em dez dias. Acabou aqueles dez dias (...) começa um novo giro, outra vez”. O informante 5 explica “quando começa o giro, podemos entregar água ao agricultor de doze dias em doze dias, mais ou menos. Consoante o tempo que vai passando, a água, por vezes, fica mais escassa, olha, então, às vezes, prolonga-se mais quatro, cinco dias. Passa, às vezes, para dezasseis, dezoito, vinte, vinte e quatro... depende da água que está a circular. E, depois, a gente vamos todos os giros, entregamos o papel grande, depois vamos à casa do agricultor nos próximos dias, consecutivamente todos os giros, dizer: «Olhe, a água, a sua água é amanhã, à mesma hora». O agricultor vai pelo recibo, vê a hora que está lá, e vai à levada tapan a água”. O informante 6 refere que o *giro* “começa hoje, de hoje a oito, de hoje a quinze, tenho água outra vez. Isso é o giro”. **Doc. Lexicográfica:** Em Silva (1950: 60) e Pestana (1970: 81), *giro* é “o período de tempo da irrigação e o que medeia entre uma rega e a subsequente”. Caldeira (1961/1993: 67) define *giro* como “período de irrigação” e “água que entra em giro”. Silva e Meneses (1978, II: 507) explicam que “em sentido mais lato, entende-se por «giro» o período inteiro da irrigação que normalmente se estende do mês de abril ou maio aos fins de setembro. Em sentido mais restrito, chama-se «giro» ao tempo decorrido entre a rega de um terreno e a sua rega subsequente, lapso este de dias, que geralmente não se altera para cada levada. É, porém, variável de uma para outra levada, mediando cada giro entre quinze e trinta dias. Há casos em que o «giro» se divide, havendo «giro pequeno» e «giro grande”. Informam ainda que “adota-se a expressão um «ano de giro» para significar o direito que têm os cultivadores a irrigar as suas terras durante todo o ano, isto é, durante o tempo normal das regas, em virtude de arrendamentos por eles feitos às levadas do Estado ou ainda às levadas particulares”. No pequeno glossário da Lista Indicativa do Bem Levadas da Madeira a Património da Humanidade, *giro* “é o período decorrido entre uma rega de qualquer terreno e a sua previsível rega subsequente”. Fernandes (2018: 96), no glossário, regista o termo *giro* como “o tempo que cada lavrador ou heréu tem para regar a sua terra”. Cita Silva (1998: 255) que explica que “Em sentido mais lato, é o período inteiro de irrigação que normalmente se estende do mês de abril ou maio aos fins de setembro. Em sentido mais restrito, chama-se giro ao tempo decorrido entre a rega de um terreno e a sua rega subsequente”. Ver **Ano de rega e Levada**.

Giro da noite (Do gr. *gûros*, ou 'círculo', pelo lat. *gyrus*, i 'círculo que faz um cavalo; volta, circuito, giro'; Do lat. *nox,ctis* 'id.'; f. hist. s. XIII *noite*) Tempo de rega que era atribuído aos regantes durante a noite. **Nota:** Termo composto pelo nome *giro* com o complemento determinativo *da noite*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 68), a propósito da Levada do Pico dos Eirós de Gaula, relata que “Com a entrada em funcionamento do tanque, as doze horas do giro da noite, que corriam das dezanove horas da tarde até às sete horas do dia seguinte, caíam dentro do tanque”. Ver **Giro da água, Levada e Rega**.

Giro do dia (Do gr. *gûros*, ou 'círculo', pelo lat. *gyrus*, i 'círculo que faz um cavalo; volta, circuito, giro'; Do lat. vulg. **dia* pelo lat. cl. *dies*, ei 'dia, o espaço de tempo de 24 horas, e dia, período claro no espaço de 24 horas, em oposição ao período escuro da noite, unidade de tempo'; f. hist. 1292 *dija*, s. XIII *dia*) Tempo de rega durante o dia. **Nota:** Termo composto pelo nome *giro* com o complemento determinativo *do dia*, por oposição à rega noturna. **Doc. Oral:** O informante 3 refere que “agora só existe o giro do dia, pois já ninguém rega de noite”. Ver **Giro da água e Giro da noite**.

Grelha da levada (Do lat. *craticula,ae*, dim. de *cratis*, is 'grade', pelo fr. *grille* (fim s. X) 'conjunto de barras de ferro ou madeira us. para fechar uma abertura, treliça, grade'; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Parte metálica com aberturas em linhas horizontais, colocada sobre algumas partes de algumas levadas. **Nota:** Termo composto pelo nome *grelha* com o complemento determinativo *da levada*. Sinónimo de *grade da levada*. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 1), informa-se que, nos canais, as *grelhas* têm a função de reter os matos e outros materiais que caem nestes. **Doc. Oral:** O informante 5 diz que “os canais tem umas grelhas e algumas partes tem cobertura, são as lajes”. Acrescenta que é preciso “limpar o mato, limpar o mato da água. A gente usa limpar o mato, o mato está na grade... que aquilo tem grades, fica na grade”. O informante 6 também indica os nomes *grelha* e *grade*. Ver **Canal de água e Levada**.

Guarda de canal (Regr. de *guardar*; Do lat. *canális*, e 'cano, tubo, canal'; f. hist. s. XIV *caales*, s. XIV *canales*, s. XIV *canal*) Trabalhador responsável por vigiar os canais e desobstruí-los no caso de haver uma derrocada. **Nota:** Termo composto pelo nome *guarda* com o complemento determinativo *de canal*. Sinónimo de *guarda de (obra e) rega* (cf. informante 3), de *vigia do canal* e *vigia da água* (cf. informante 5). Trabalhador pertencente à Empresa de Eletricidade da Madeira, responsável pela desobstrução dos canais de água das centrais hidroelétricas. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 1), são referidos os guardas de canais que cuidam da desobstrução dos canais de água que sai diretamente das nascentes em cotas elevadas da montanha, para as águas serem turbinadas antes de entrarem nas levadas para a irrigação dos terrenos. **Doc. Oral:** O informante 3 indica tratar-se do “Guarda de obra e rega. (...) um guarda de rega, neste momento é, ... deita sentido aos canais da levada, ajuda na distribuição (...) Eu primeiro fui *levadeiro* ... e nisto ‘tou [há] 20 anos’”. O informante 4 indica o nome *guarda de canal*, enquanto o informante 5 usa o termo *vigia do canal*: “chamam-se casas de abrigo. É lá onde ficavam os vigias. Os vigias do canal dormiam lá. (...) O vigia é aquele que pernoita na casa, para cuidar a água. É essas casinhas de levadeiros. Ainda tem no Estreito da Calheta e tem na Ponta do Pargo e na Fajã da Ovelha”. Acrescenta: “Chama-se o vigia. A profissão é guarda de canal, mas o nome, na gíria, que a gente diz, é o vigia. O vigia da água”. O informante 6 usa o termo *vigia*: “Vigias... o vigia que guardava aquela zona”. **Doc. Lexicográfica:** Silva e Meneses (1978, II: 509) documentam o termo *vigias*, informando que “durante o período da irrigação, vários indivíduos percorrem permanentemente as margens das levadas, a fim de manter-se a livre passagem do caudal, desobstruindo o aqueduto de qualquer obstáculo que prejudique essa passagem”. Barcelos (2016: 417-418) averba o termo *vigia*, replicando a definição de Silva e Meneses e indicando ser também o “nome antigamente dado a um tributo pago pelos arrendatários da água das levadas, pelo prazo de um ano ou de uma hora”. Ver **Canal de água**.

Guincho (Do ing. *winch* (s.XII) 'molinete, guincho') Sistema de tração manual ou cabo amarrado num pau e puxado para transporte de entulho. **Nota:** Termo simples. **Doc. Audiovisual:** De acordo com o Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), o entulho mais pesado era carregado às costas dos trabalhadores para fora dos túneis. Ver **Furado**.

H

Heréu (da levada) (Do lat. **herédu-*, em vez de *herède-* < lat. *heres, édis* 'herdeiro'; f. hist. 1211 *ereos*, 1287 *herel*; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Sócio dono ou herdeiro de uma porção de água de uma levada particular. **Nota:** Termo composto pelo nome *heréu* com o complemento determinativo *da levada*. Sinónimo de *sócio* e de *heréu de água*. O *heréu* paga uma cota à *Associação de Heréus*, responsável pela gestão das águas e manutenção da *levada de heréus*. Ainda hoje, existem, por exemplo os Heréus (da Levada) da Lombada dos Marinheiros e cerca de 60 herdeiros ou *heréus da levada* juntam-se todos os anos para limpar o canal, a levada e a vereda que a acompanha, desde a *madre de água* ao tanque de armazenamento. Esta levada também é chamada Levada da Fonte do Folhado ou dos Marinheiros e fica na Fajã da Ovelha (Calheta). **Doc. Escrita:** Em Pereira (1989: 686-687), refere-se que “El-Rei D. Sebastião, quando soube que se perdiam muitas canas de açúcar e não se plantavam outras por falta de água e de limpeza das levadas, cometendo ao «Donatário a superintendência das levadas e o particular cuidado de as fazer tirar e limpar todos os anos à custa dos heréus interessados». Cada proprietário de qualquer número de horas de água chama-se heréu, e paga pelo uso dessa água um pequeno tributo denominado *terral*, que se destina à conservação das levadas e à distribuição regular dos caudais. Outro tributo, chamado *vigia*, destinado ao mesmo fim, é pago pelos arrendatários eventuais de qualquer quantidade de água, pelo prazo dum ano ou duma hora”. Freitas (2003: 23) usa o termo com a forma *hiréus*, “Os hiréus regavam de 12 em 12 dias, regando de dia num giro e de noite num outro, mas sempre à mesma hora, isto é, se regavam de dia às três da tarde, voltavam a regar de noite, dali a 12 dias, às três horas da manhã”. Freitas (2003: 25), a propósito do termo, explica: “De acordo com o art. 2º dos Estatutos da Levada do Pico dos Eirós da freguesia de Gaula, é considerado sócio ou heréu desta levada quem possuir título de propriedade de qualquer porção da respetiva água. (...) o poder supremo da associação estava na assembleia geral que era a reunião de todos os sócios ou heréus desta levada, devidamente convocados pelo seu presidente”. O autor refere “a Carta do Duque D. Fernando, filho adotivo do Infante D. Henrique, 2º Senhorio das ilhas da Madeira, datada de 13/01/1493, na qual determinava que as águas dos domingos e dias santos não sejam de ereos mas que qualquer ereo de água que faça tanque em que a possa recolher com ela possa regar no dia seguinte (A.H.M., vol. XV, p. 180)”. Freitas (2003: 42) transcreve os Estatutos da Levada do Pico dos Eirós de 1908, alterados e aprovados em junho de 1916 e, depois, em abril de 1945, em que “é considerado sócio ou heréu desta levada quem possuir título de propriedade de qualquer porção da respetiva água. (...) Só os hereus ou sócios da levada com bom comportamento moral e cívico e que

saibam ler e escrever poderão tomar parte na respetiva Direção [da Levada]”. O termo *heréu* é registado em Teixeira (2019). **Doc. Lexicográfica:** Viterbo (1966, vol. 2: 313) regista a palavra *heréu* com as seguintes formas: *hereé* (“herdeira”, 1347), *hereés* (“herdeiros”, 1286) e *heréo* ou *eréo* (“herdeiro”, 1318). Leite de Vasconcelos, no *DRA*, atesta esta palavra como “«administrador da receita das levadas. Os donos das levadas arrendam-nas a donos de campos vizinhos, que gastam umas tantas horas por quinzena, e pagam um tanto por cada hora (Madeira, 1896)»”. Silva (1950: 63) define *heréu* como “proprietário ou arrendatário de água das levadas”, definição replicada em Figueiredo (2004/2011: 134-135). Em Sousa (1950: 84), *hereu* é o proprietário de água de regadio. Silva e Meneses (1978, II: 507-508) definem *heréu* como o “proprietário de qualquer porção de água em uma levada”, referindo que “originariamente era o agricultor ou colono que cultivava terras regadias”. Indicam que Azevedo (1873) informa que este termo foi usado, em sentido análogo, no continente português”, mas “a verdade é que o não encontramos registado nos modernos dicionários da língua, parecendo-nos que é hoje privativamente empregado neste arquipélago com o significado que fica indicado”. Acrescentam que “existem na Madeira diversas associações de heréus, legalmente organizadas e formadas pelos proprietários de águas das levadas com administração própria exercida por uma comissão eleita pelos mesmos heréus”. Salientam que “num documento oficial do ano de 1485, encontra-se já o termo «heréu» com significação idêntica à que hoje lhe é atribuída”. Rebelo e Nunes (2016) escrevem que, na ilha da Madeira, o nome *heréu* designa o proprietário, enquanto herdeiro de águas de regadio das levadas particulares. Segundo Barcelos (2016: 251), *heréu* é o “nome que antigamente se dava ao proprietário de terras ou de uma levada”, acrescenta que “heréo era o antigo nome do colono das terras regadias e designa atualmente o proprietário ou societário de qualquer porção de água numa levada” e o “administrador da receita e da despesa das levadas”. Informa ainda que é um arcaísmo conservado na Madeira e que nos Açores ainda conserva o seu antigo significado de herdeiro. No pequeno glossário da Lista Indicativa do Bem Levadas da Madeira a Património da Humanidade, *heréus* são “agricultores que construíam as levadas e que, por essa via, detinham sobre elas os direitos de propriedade, assumindo responsabilidades de gestão e de manutenção”. No glossário de Santos (2017: 152), *heréu* “era o cultivador da terra irrigada com águas provenientes de uma levada”, sendo que “atualmente designa o coproprietário da água de regadio”. Fernandes (2018: 96) define *heréu* como “proprietário ou arrendatário de água de rega” de uma levada, citando Silva (1950: 63), que documenta o termo de igual forma, o que não é exatamente a mesma coisa, pois um proprietário de uma parte da água de uma levada geralmente arrendava água a não heréus. Termina com as citações das definições de Pestana (1970: 83) e Caldeira (1961: 69), respetivamente “coproprietário” e “proprietário de água (de uma levada)”, a chamada *água de heréus*. Oliveira (2018-2019: 328) regista *hireu* como “co-proprietário da água de uma levada”. O termo *heréu* encontra-se averbado no *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* como “herdeiro”. Indica-se que tem uma segunda aceção, nos Açores e na Madeira, onde é um “co-proprietário de canal para conduzir água (ex.: levadas construídas por associações de heréus)”, mas esta será uma realidade apenas da ilha da Madeira. Ver **Levada**.

Hora de água (Do lat. *hóra,ae* 'hora, (pl.) quadrante de ou relógio, tempo, sucessão, duração, época, quadra, estação'; f. hist. s. XIII *ora*, s. XIV *hora*; Do lat. *aqua,ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) Unidade de medida usada para contabilizar o tempo de rega. **Nota:** Termo composto pelo nome *hora* com o complemento determinativo *de água*. O tempo da água de rega é distribuído por horas, meias horas e quartos de hora. **Doc. Escrita:** Orlando Ribeiro (1985: 69) escreve que “A unidade de medida é a hora de água; mas devido à multiplicação dos utentes e às partilhas por herança, chegou-se à subdivisão em quartos de hora. Aqueles que possuem ou exploram terrenos um pouco maiores dispõem frequentemente de um reservatório para armazenar a água, cuja utilização é depois regulada segundo as necessidades das culturas”. Pereira (1989: 692) indica que “Quando uma propriedade tem uma hora de água no giro de quinze dias, deve entender-se que essa propriedade tem direito a ser irrigada pelo tempo de uma hora, de quinze em quinze dias, durante o ano de rega”. Ver **Levada e Água de Rega**.

Hora de rega avulsa (Do lat. *hóra,ae* 'hora, (pl.) quadrante de ou relógio, tempo, sucessão, duração, época, quadra, estação'; f. hist. s. XIII *ora*, s. XIV *hora*; *Rega* f. regr. de *regar*; Do lat. *avulsus,a,um* 'arrancado, separado', part. pas. do v. lat. *avellère* 'arrancar, tirar à força') Tempo de rega que não corresponde ao giro. **Nota:** Termo composto pelo nome *hora* com o complemento determinativo *de rega* e o adjetivo *avulsa*. **Doc. Escrita:** Pereira (1989: 693-694) cita o *Elucidário Madeirense* que informa “Nas levadas do Estado, a hora de rega que pode ser avulsa ou por ano de rega, é a unidade fundamental em todos os contratos celebrados entre os proprietários de terras ou de benfeitorias e a Administração das levadas. Na hora avulsa, o agricultor paga tantas vezes o preço das águas quantas as que rega; na hora por ano de rega, paga por uma só vez a importância correspondente a todo o ano”. Ver **Levada e Rega**.

Horário de rega (Do lat. *horarius, a, um* 'de uma hora', do lat. *hóra, ae* 'hora, (pl.) quadrante de ou relógio, tempo, sucessão, duração, época'; f. hist. s. XIII *ora*, s. XIV *hora*; *Rega* f. regr. de *regar*) Calendarização das horas e dos dias de rega por regantes. **Nota:** Termo composto pelo nome *horário* com o complemento determinativo *de rega*. **Doc. Oral:** O informante 3 explica que a distribuição da água é feita “através dum horário de rega. Tem um horário de rega que é atribuído todos os anos”. O informante 5 diz que “A gente recebemos da ARM um horário que é para o período de rega”. Ver **Rega e Giro da água**.

I

Inclinação de 1 por mil (Do lat. *inclinatio, ónis* 'ação de pender ou de inclinar, pendor, inclinação'; f. hist. s. XIV *jnclinação*, s. XIV *enclinação*, s. XVI *inclinação*; Do lat. *mille* 'mil, milhar, milhares'; f. hist. 1328 *mill*, 1365 *mjl*, s. XV *mjl*) Ligeiro descaimento na construção das levadas, de forma a que a água corra com a força da gravidade. **Nota:** Termo composto pelo nome *inclinação* com o complemento determinativo *de 1 por mil*. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), um responsável da Empresa de Electricidade da Madeira informa que as levadas ou canais eram construídos com esta inclinação de forma que a água corresse com a força da gravidade, “mas sem perder muita queda” ou altitude, mantendo o nível da sua linha de cota. Ver **Levada**.

Infusa (Do fem. substv. de *infuso*, do lat. *infusus, a, um*, part. pas. de *infundere* 'verter, derramar'; f. hist. s. XIV *emfusa*) Recipiente de barro usado para transportar água da fonte para casa. **Nota:** Termo simples. Sinónimo de *púcara* (cf. informante 5), com as variantes fonéticas *anfusa* e *enfusa*. Na mesma fonte escrita, encontra-se a indicação de que também usavam *vasilhas de folha* ou *folhas* para o mesmo fim. Refere-se também o uso de *aguador* e *banheiras* (cf. informante 5). **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 53) explica: “Quanto aos dormentes (...) uma segunda finalidade consistia em facilitar a tonada de água pela população, quando, para as suas necessidades domésticas, ia aí buscá-la com anfusas de barro ou com vasilhas de folha de Flandres, vulgarmente chamadas *folhas*”. **Doc. Oral:** O informante 5 informa que usavam “o aguador ou a púcara. E... e banheiras, também levavam banheiras [alguidares]”. O informante 6 indica que era “Com a púcara, ou com o folhão, ou com um balde”. **Doc. Lexicográfica:** Em Silva (1950: 65), *infusa* é a “vasilha de barro bojuda e de gargalo estreito com asa para transportar água”. Segundo Santos (2007: 389), é uma “bilha de barro onde se deita água para a conservar fresca”. Em Silva (2013: 103), *enfusa* também é uma bilha. No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, II: 2104), “vaso para líquidos, de material variável, com asa lateral, semelhante a uma bilha”. Ver **Vasilha de folha**.

Interseção de levadas (Do lat. tar. *insertione* 'id.'; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Confluência de duas ou mais levadas num determinado ponto. **Nota:** Termo composto pelo nome *interseção* com o complemento de especificação *de levadas*. **Doc. Escrita:** Marujo (2015: 145) apresenta fotografias da “Interseção das levadas do Risco e 25 Fontes” e explica “atualmente, é possível verificar que ambas as levadas, do Risco e das 25 Fontes, se intersetam, direcionando-se, posteriormente, para o Furado Novo (...) dividindo-se em três ramais”. Ver **Levada e Ramal da levada**.

Ir pela levada abaixo – Descer o caminho de uma levada e, de forma figurativa, perder alguma coisa. **Nota:** Expressão relacionada com o facto de deixar cair alguma coisa na água corrente de uma levada que não se consegue recuperar. Na ilha da Madeira, a expressão “ir pela levada abaixo”, com o significado de perder alguma coisa, terá surgido a partir do significado literal de ter deixado cair involuntariamente alguma coisa na corrente de água da levada, ao caminhar, por exemplo, numa vereda que a acompanha, sendo algo que não se consegue recuperar, por causa do movimento veloz da água na sua descida. **Doc. Oral:** O informante 2 indica que “É o... aquele... pela levada abaixo. Alguma coisa... uma infelicidade na vida, ou qualquer coisa assim. Às vezes, diz-se: «Olha, aquele foi pela levada abaixo»”. O informante 3 menciona o sentido literal da expressão *ir pela levada abaixo* como “fazer o percurso da levada”, mas também “algo que caiu dentro da levada com água a correr”. O informante 4 apenas diz significar “caminhar pela levada abaixo”. Ver **Levada**.

J

Juiz da levada (Do lat. vulg. *judíce*, do lat. cl. *júdex, icis* 'aquele que mostra ou diz o direito, que julga, juiz, árbitro; conhecedor, apreciador, crítico, censor'; f. hist. 1265 *juiz*, s. XIII *joyz*, s. XIII *iuyz*, s. XV *juíz*; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Um dos heréus

responsável por mandar consertar a levada, antes de começar o período de giro. **Nota:** Termo composto pelo nome *juiz* com o complemento determinativo *da levada*. Também era o presidente e tesoureiro da levada, sendo por isso sinónimo de *administrador da levada*. **Doc. Escrita:** Pereira (1989: 691) esclarece que “Eram atribuições do Juiz, sempre escolhido entre as pessoas mais qualificadas do seu meio, mandar consertar a levada depois do inverno e pô-la corrente no primeiro de abril; alguns dos juizes recebiam o seu pagamento em água, além da parte que lhes competia como heréus; outros repartiam as despesas pelos heréus; havia-os também que cobravam despesas e recebiam um dia de água, sendo este o costume mais seguido.”. Freitas (2003: 25-26) documenta que “na reunião da Vereação da Câmara de Santa Cruz de 21 de Agosto de 1793, o Juiz da Levada de Gaula e respetivos hiréus requereram que se retirassem os porcos da serra para a Fajã do Gonçalo (Fajã da Viúva, à esquerda e para jusante da Madre da Levada). (...) Em 1850 era Juiz da Levada do Pico dos Irozes o morgado João Albino do Rego, proprietário das fazendas que o morgado do Rego possuía”. Freitas (2003: 26) atesta que “Em 1908, aquando da escritura dos primeiros Estatutos da Levada do Pico dos Irozes, era juiz ou presidente e tesoureiro da Levada o padre Norberto Gonçalves, vigário da freguesia de Gaula”. Segundo este testemunho, o Juiz da Levada era também o presidente e o tesoureiro da Comissão Administrativa da Levada. Ribeiro *et al.* (1995: 44) documentam que “Em 1857, o Governador oficiou o administrador das levadas do Furado e do Juncal para mandar pôr em giro as referidas águas de regadio”. **Doc. Lexicográfica:** Segundo Barcelos (2016: 266), *juiz da levada* é o “indivíduo escolhido pelo povo de entre as pessoas mais qualificadas do meio, para manter as levadas em bom estado de funcionamento, mandando-as reparar se necessário”, não especificando que se trata de levadas de heréus, ou seja, particulares. Ver **Heréu** e **Levada**.

Juiz da levada Ver **Presidente da comissão administrativa da levada**.

L

Lanço da levada (Deriv. regr. de *lançar*; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Uma parte do percurso de uma levada. **Nota:** Termo composto pelo nome *lanço* com o complemento determinativo *da levada*. Por exemplo, na Madeira, existe o Lanço Sul da Levada do Norte como identificação da parte sul da Levada do Norte, denominação que ocorre no Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), e o Lanço Norte da Levada do Norte como identificação da parte norte da Levada do Norte, denominação usada pelo informante 1. **Doc. Escrita:** A propósito da levada dos Socorridos, construída para mover um engenho de açúcar em Câmara de Lobos, Pereira (1989, vol. I: 684) cita Gaspar Frutuoso em *Saudades da Terra* (Livro II, cap. xvii: 92), descrição da ilha da Madeira datada de 1590 que se baseia nas informações de Jerónimo Dias Leite, onde ocorre o termo *lanço* e *lanços de cales*: “Tem duzentos e oitenta lanços por onde vai esta água, que postos enfiados hum diante do outro terão um quarto de légua de comprimento: são de tabuado de til, que pela maior parte tem cada tábuia vinte palmos de comprido e dois e meio de largo. (...) para os que trabalham na levada e outras pessoas que a vão ajudar a reformar, quando quebram alguns lanços de cales”. Pereira (1989: 684) escreve: “O manancial de qualquer levada divide-se durante o percurso em vários caudais secundários, os lanços, irrigando ao mesmo tempo pontos e zonas diferentes, distribuídos por meio de talhos ou cortes laterais no aqueduto, também denominados sacadas por servirem a sacar água para os terrenos das suas margens”. Ribeiro *et al.* (1995: 45), sobre os moinhos e águas do concelho de Santa Cruz, fala da construção de um “lanço que ia buscar águas das faldas do Pico Ruivo, ficando abandonada uma parcela de levada entre o Faial e Santana, depois de concluído o lanço de S. Jorge (...) era o lanço denominado da Camacha que se estendia desde Santo António da Serra até ao Caminho do Meio, no Funchal”. **Doc. Oral:** O informante 6 explica: “O lanço da levada é a levada em geral que passa de ponta a ponta. A coisa do lanço da levada que é o caminho, isso chama-se o caminho, o carreiro”. **Doc. Lexicográfica:** Em Silva (1950: 71), *lanço (da levada)* é a “divisão ou ramal do caudal para a irrigação em mais dum lugar”. Em Sousa (1950: 89), é o “caudal secundário das levadas”. Em Pereira (1951-52: 238), *lanço* é a “levada entre fazendas por onde corre a água de rega”. Nunes (1965: 120) regista o termo *lanço* como “levada grande e inclinada”. Segundo Pestana (1970: 90), *lanço* é a “abertura praticada no meio ou na extremidade dos *poios*, em sentido perpendicular ao dos regos onde está a plantação, a fim de conduzir a água de rega”. Para Silva e Meneses (1978, II: 507), “quando um caudal se reparte, a fim de proceder-se à irrigação em diversos pontos, aplica-se a cada uma dessas divisões a designação de *lanço* ou *ramal*, sendo este, por vezes, suscetível de subdivisões”. Em Figueiredo (2004/2011: 140), *lanço* é a “divisão ou ramal do caudal das levadas, para irrigação dos terrenos agrícolas. Levada, rego, regueiro”. Em Santos (2007: 390), *lanço* é um “termo agrícola” que significa “divisão ou ramal do caudal das levadas para irrigação dos terrenos agrícolas”. Segundo Barcelos (2016: 270), é o “caudal secundário das levadas” e “Também se chama cale e ramal”. Explica que “Os lanços irrigam ao mesmo tempo zonas diferentes, distribuídos por meio de talhos ou cortes laterais no aqueduto, também

chamados sacadas, por servirem para sacar a água para os terrenos das suas margens”. No glossário de Santos (2017: 152), *lanço* “é a divisão ou ramal do caudal das levadas e levada secundária”. No pequeno glossário da Lista Indicativa do Bem Levadas da Madeira a Património da Humanidade, *lanço* é o “sítio onde passa uma *regadeira*”. Macedo (2014) e Teixeira (2019) registam o termo *lanço*. No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, II: 2224), *lanço* é a “porção ou parcela de uma estrada, de um caminho, de um muro, de uma sucessão de coisas semelhantes..., com determinada extensão, comprimento... Troço”. Ver **Levada**.

Lanterna de rega (Do gr. *lámpó* 'brilhar, resplandecer'; f. hist. s. XIII *lanterna*, s. XIII *lenterna*, s. XV *alanterna*; *Rega* deriv. regr. de *regar*) Instrumento utilizado para iluminar a irrigação noturna dos terrenos cultivados. **Nota:** Termo composto pelo nome *lanterna* com o complemento determinativo *de rega*. Utensílio que ainda hoje é necessário para passar nos túneis das levadas. Hoje, funciona a pilhas e é chamado *olho-de-boi*, mas, antigamente, era um utensílio quadrado em folha, com vidro nos quatro lados, para proteger a luz do vento, com uma abertura em cima, tendo dentro uma vela ou uma torcida a petróleo. **Doc. Escrita:** Tavares (1999 *apud* Santos, 2017: 60) escreve que “A água começava a arriar: estávamos chegando ao fim da regadura. Deu para regar tudo. A vela da *lanterna* dava para chegar a casa”. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), documenta-se que, no momento de construção dos túneis, a luz das lanternas apagava-se quando havia explosão das minas ou brocas de rebentamento da rocha dentro dos túneis. A lanterna também é utilizada pelos guardas de canal nos seus percursos pelos canais, em cotas elevadas da montanha. **Doc. Oral:** Os informantes 2 e 3 referem o termo *lanterna*, como utensílio mais recente do que o *facho* ou o *sezico*. O informante 5 explica que usavam “uma *lanterna de regas*. Eles usavam *lanternas* ou velas. (...) Há *lanternas*, que é uma vela... Já ninguém rega de noite, mas quando regavam, mais recente, já era aquilo... chamam *olho-de-boi* [*lanterna*]”. O informante 6 explica que “Uma *lanterna* (...) aquilo no fundo tem petróleo. Uma vasilha feita em alumínio, mas leva um vidro, leva uma pressão em vidro, em cima, é uma *lanterna*”. **Doc. Lexicográfica:** Segundo Barcelos (2016: 270), *lanterna de rega* é a “lanterna feita de folha de flandres que o *levadeiro* transportava para iluminar”. **Doc. Lexicográfica:** No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, II: 2225), “objeto guarnecido de vidro ou de matéria translúcida, portátil ou não, que tem no seu interior uma fonte de luz, alimentada a azeite, estearina, petróleo ou eletricidade e que serve para alumiar”. Ver **Facho**.

Lavadeira (Do fem. substv. de *lavadeiro* (signf. correlato ao de *lavador*) Mulher que lavava a roupa nas ribeiras e nos poços das levadas. **Nota:** Termo derivado do verbo *lavar* com o sufixo *-(d)eira*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 130), a propósito dos lavadouros da Levada do Pico dos Eirós, retirados da levada e dos seus ramais por decisão da Assembleia Geral dos seus heréus, em 1954, refere que “Devido ao antigo hábito, mas mais por necessidade, as *lavadeiras* obrigaram-se a ir em grupo buscar as lajes, voltando a pô-las no antigo lugar. Não desistindo do seu intento de acabar com os *lavadouros da beira da levada*, tais hiréus acabavam por partir as *pedras do lavadouro* à força de malho, de modo que as *lavadeiras* (já não os podendo reconstruir) desistiram de lavar nos centenários *lavadouros* construídos pelos antepassados a escassos metros das suas portadas”. O autor (2003: 176) refere o “lavadoiro do Olheiro” da Fonte do Lopo, em Gaula, onde as “*lavadeiras* (...) usavam como *pedras de lavadouro* as lajes da ribeira”. **Doc. Oral:** Os informantes 2, 4, 5 e 6 mencionam o termo *lavadeira*. **Doc. Lexicográfica:** Em Silva (1950: 72), *lavadeira* é “a mulher que se ocupa em lavar as roupas brancas nas levadas e ribeiras”. Ver **Lavadouro** ou **Lavadouro de levada**.

Lavadouro comunitário Ver **Lavadouro de levada** e **Lavadouro público**.

Lavadouro ou **Lavadouro de levada** (Do part. *lavado* + *-ouro* ou *-oiro*; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Pedra colocada ao lado de uma levada, onde as mulheres lavavam a roupa na água corrente. **Nota:** Termo composto pelo nome *lavadouro*, com a variante fonética *lavadoiro*, e o complemento determinativo *de levada*. Sinónimo de *lavador*, *lavadouros dos tornadoiros* e *lavadoiros comunitários*. Desta forma, as mulheres evitavam ter de se deslocar às ribeiras. Foram conservados, por exemplo, em Gaula, integrando a chamada “Rota da Água”, projeto local de valorização do património rural que mostra os caminhos da água na freguesia, desde a sua origem nas ribeiras e ribeiros até à irrigação dos terrenos agrícolas, moinhos de água e fontanários. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 44) transcreve os Estatutos da Levada do Pico dos Eirós, onde se lê: “Além dos *lavadouros* já existentes, nenhum outro poderá funcionar com água da levada e, para os existentes, só poderá tirar-se o volume de uma pena de água (um litro por minuto)”. O autor (2003: 127-129) relata que “sempre existiram *lavadoiros* ao longo dos ramais da Levada do Pico dos Eirós. Quer fossem de quatro, de três ou de duas pedras, consoante o número de moradias que serviam. Foram sempre tolerados pelos juízes ou administradores da levada e mais tarde mandados construir pela própria direção que via nisso a satisfação

duma necessidade, portanto um benefício público. (...) só no ramal do Farrobo de Baixo, que saía do Moinho da Ladeira e terminava um pouco antes do corgo do Cumarinho, nas Lages de Cima, havia cerca de uma dúzia de lavadoiros, quase um para cada casal que morava à beira da levada. (...) Competia à Direção da Levada julgar acerca do número de lavadouros necessários em cada sítio. Parece que mais tarde foram proibidos os lavadouros existentes ao longo dos mainéis dos ramais da levada, tendo-se conservado apenas aqueles que tinham sido construídos fora desses mainéis”. O autor (2003: 128-129) apresenta uma fotografia que identifica como Lavadoiros dos Tornadoiros (Levadas). Freitas (2003: 169), chama lavadoiros comunitários aos lavadouros de levada, por oposição aos lavadouros públicos: “Com o tempo, como produto das circunstâncias, os lavadoiros comunitários foram substituídos pelos lavadouros públicos e, com o tempo, uns e outros deixaram de existir. Os lavadoiros comunitários foram normalmente construídos ou à beira dos ramais das levadas maiores, ou à beira das levadinhas dos poços de água entancada e, por vezes, nas próprias nascentes”. **Doc. Oral:** Os informantes 2, 4 e 5 indicam o nome *lavadouro*, usando também a forma *lavador*. **Doc. Lexicográfica:** No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, II: 2235), *lavadoiro* ou *lavadouro* é o “tanque ou local onde se lava a roupa; pedra ou tábua sobre a qual a lavadeira ensaboa, esfrega e bate a roupa”. Ver **Lavadeira** e **Lavadouro** ou **Lavadoiro público**.

Lavadouro ou **Lavadoiro público** (Do part. *lavado* + *-ouro* ou *-oiro*; Do. lat. *publicus,a,um* 'concernente ao público, do público, que é de interesse, utilidade do público, que é propriedade pública'; f. hist. 1285 *pulvego*, s. XIII *publico*) Pia de lavar a roupa num espaço público construído pelo Estado. **Nota:** Termo composto pelo nome *lavadouro*, com a variante fonética *lavadoiro*, e o adjetivo *público*. Sinónimo de *lavadouro comunitário*, na medida em que estes lavadouros, construídos pelo Estado, substituíram os *lavadouros de levada*. Com a água canalizada para a lavagem das roupas num local com pias e coberto, em determinados sítios de uma freguesia, evitava-se que as mulheres as lavassem nas levadas da água de rega. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 35) informa que, em Gaula, “era necessário fazer obras de conservação no mainel tanto da Levada Grande como dos diversos ramais, fazer caixas divisórias e lavadouros públicos”. Ladeira (2016: 72) diz que foi Chorão Ramalho quem “projetou o modelo dos postos de transformação e os lavadouros públicos espalhados pela Madeira”. O autor (2016: 78) informa que consistem “numa estrutura quadrangular em parede de pedra, tijolo e cimento, na qual estavam encostados vários lavadouros comunitários, tudo coberto com uma laje de betão”. **Doc. Oral:** O informante 2 refere o nome *pias* de lavar a roupa em espaços públicos, construídos pelo Estado, com água canalizada. Os informantes 3, 4, 5 e 6 usam o termo *lavador*. **Doc. Lexicográfica:** Barcelos (2008: 327), para os Açores, regista a forma *lavadoiro*, definindo esta palavra como “pia de lavar a roupa”. Ver **Lavadouro de levada**.

Leito da ribeira (Do lat. *lectus*, í 'leito, cama'; f. hist. s. XIV *lleyto*; Do lat. lus. *riparia*, fem. substv. de *riparius,a,um*, de *ripa,ae* 'margem, ribanceira'; f. hist. 1021 *riparia*, s. XIII *ribeira*, 1392 *rrybeyra*, s. XIV *aarribeyra*) Curso de água que corre numa ribeira. **Nota:** Termo composto pelo nome *leito* com o complemento determinativo *da ribeira*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 142) transcreve a descrição da Levadinha da Ribeira da Metade, registada na Conservatória do Registo Predial de Santa Cruz, onde aparece o termo: “Esta levadinha e seu aqueduto tem a sua origem no leito da Ribeira da Metade e é formada de todas as águas que se juntam na mesma ribeira provenientes das fontes que brotam no sítio do Covão, em terras de João de Freitas Frangalhoto e outros, no sítio da Junça”. Quintal (1999: 50 e 57), a propósito da Fajã da Nogueira, refere “o leito da Ribeira da Fajã da Nogueira” e “o leito da Ribeira Grande de São Jorge”. Ver **Ribeira**.

Levada (Do lat. *levata* (*aqua*) 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Canal de transporte de água com múltiplas funções. **Nota:** Termo formado a partir do participípio passado do verbo *levar*, com a forma feminina de *levado*. Sinónimo de *aqueduto*, de *canal* e de *regadeira* (cf. informante 6), embora estes termos se possam distinguir de *levada*, apresentando valores semânticos específicos (cf. *Aqueduto*, *Canal de água* e *Regadeira*). Na Madeira, o termo aparece pela primeira vez numa carta de D. Manuel, de 22 de março de 1485 (cf. Fernandes *apud* Marujo, 2015: 58). Serve para irrigação agrícola, abastecimento de água de consumo à população e animais, transporte de produtos ou materiais dentro da levada, como artéria de comunicação social ou urbana (sobretudo quando não existiam estradas), moagem de cereais, serragem de madeira, produção de energia hidroelétrica e, mais recentemente, percurso para caminhada de residentes e visitantes (pedestrianismo ou turismo ativo e de natureza). As primeiras levadas construídas na ilha da Madeira eram canais rudimentares de madeira ou de pedra ou escavadas no basalto, mandadas fazer por grandes proprietários de terrenos agrícolas com grandes rendimentos, como os produtores de cana-de-açúcar com engenhos e, mais tarde, por proprietários de vinhas e pelo Estado. **Doc. Escrita:** Orlando Ribeiro (1985: 64) informa que “O ponto de partida destas levadas é muitas vezes uma cascata ou um regato de caudal mais considerável. Pode achar-se a altitudes de mais de 1000 metros. A

levada desce então quase insensivelmente, contornando os relevos e dividindo-se em canais secundários que trazem a água para os terrenos cultivados”. Acrescenta que “Certas levadas podem ser consideradas praticamente como bens comuns, sendo todos os vilões co-proprietários (*levadas do povo*). Estes vilões, ditos *heréus* (herdeiros), são tidos como descendentes dos antigos construtores” (1985: 67). Pereira (1989: 679) define *levadas* do seguinte modo: “valas ou ductos descobertos, estreitos e extensos, abertos no solo e construídos de pedra e cal, chegando a atingir 1 m de largura e a profundidade de 30 a 80 cm”. Cita o *Elucidário Madeirense* (vol. II, p. 237, ed. de 1945): “Há levadas que têm algumas dezenas de quilómetros de extensão. Na generalidade partem de pontos elevados e centrais da ilha e encabeçam nas mais caudalosas ribeiras, alimentando-se dos abundantes mananciais que correm abandonados nos leitos pedregosos das mesmas”. Pereira (1989: 686) refere a *Carta Régia* de D. João II, datada de 8 de maio de 1493, que diz: “no que toca às fontes, tornos e olhos de água (...) tomarão seu caminho e corrente até darem e se meterem nos rios e ribeiras e nas quais, juntas as ditas águas que das fontes correrem, se tirarão as levadas”. O autor (1989: 684) explica que “O manancial de qualquer levada divide-se durante o percurso em vários caudais secundários, os lanços, irrigando ao mesmo tempo pontos e zonas diferentes, distribuídos por meio de talhos ou cortes laterais no aqueduto, também denominados sacadas por servirem a sacar água para os terrenos das suas margens. (...) A par da sacada legal fazem-se sacadas ilegais por meio de simples pedras colocadas dentro dos aquedutos com o fim de desviarem parte do fluxo”. Em *Saudades da Terra* (1998, Livro II, cap. xvii: 48-49), Gaspar Frutuoso (que se baseia nas informações de Jerónimo Dias Leite), na descrição da ilha da Madeira, escreve: “Perto da fonte, onde nasce a água desta ribeira dos Acorridos, se tirou a levada dela para moer o engenho de Luís de Noronha, e dizem que do lugar donde a começaram de tirar até onde vai ao engenho e regar os canaviais, há bem quatro léguas, por se tirar de tão grande fundura da ribeira em voltas, que, para chegar arriba, à superfície da terra, para começar a caminhar, atravessando lombas, fazendo grandes rodeios per cima, pela serra, por onde vai esta levada, tem de alto mais de seiscentas braças. (...) Da mesma ribeira, mais abaixo para o Sul, tirou António Correia outra levada para regar as terras da Torrinha, que estão sobre Câmara de Lobos, também de muito custo”. Segundo Branco (1987: 139-141), “Através de canais, chamados levadas, era possível conduzir a água para onde ela fosse precisa, isto é, em direção à costa, cujos solos eram mais ricos. A construção de levadas garantia a distribuição de águas de rega. (...) Os enormes recursos existentes, sobretudo no interior montanhoso da ilha, só podiam ser aproveitados mediante a construção e manutenção de um sistema de levadas”. Ladeira (2016: 68) documenta que “Na Calheta, com o cultivo de terrenos por todos os sítios, foram-se construindo estreitas levadas que canalizavam a água das ribeiras para os terrenos mais próximos. Estas levadas geralmente eram canalizadas das nascentes das ribeiras para os lombos, para depois ser distribuída pelos terrenos agrícolas (...) De entre os vários exemplos existentes, exemplificamos com uma levada escavada na rocha e na terra e que se encontra em muitas partes próxima do seu estado original. É a da serra da Ponta do Pargo que nasce na serra, na ribeira dos Moinhos, a 975 m de altitude, contorna o Pico Alto e vai descendo a encosta durante 4 km. Atualmente, é um afluente da Levada Nova da Calheta, a 630 m de altitude, onde se encontra no sítio da Corujeira”. **Doc. Oral:** Todos os informantes atestam o termo *levada*. O informante 3 indica que a *levada* “É o chamado canal que transporta água. (...) Chamamos levada a um lanço superior que passa a uma regadeira (...) Chamamos canal a uma levada que passa a uma regadeira”. O informante 6 explica: “é uma regadeira, uma levada. Uma linha geral que passa de água para distribuição”. **Doc. Lexicográfica:** Joaquim Viterbo, na segunda entrada de *levada*, define este termo do seguinte modo: “não é, propriamente, o açude, dique ou marachão que faz retroceder ou altear as águas, mas sim a corrente ou veio das mesmas águas” (Viterbo, 1984, II: 362, *apud* Rebelo e Nunes, 2016). O termo existe com o mesmo significado no continente português, nomeadamente na Beira, como refere Leite de Vasconcelos, no *Dicionário de Regionalismos e Arcaísmos*: “Ling. da Madeira «rego grande de água descoberta, como na Beira, destinado a regas». Em Macedo (1934: 54), *levada* é um “curso de água. É por meio das levadas que se faz a irrigação dos campos cultivados”. Pereira (1951-52: 239) diz que *levada* “por política é «regato»”. Rezende (1961: 294) regista *levada* como “um rêgo por onde corre a água destinado às regas”. Nunes (1965: 120) documenta o termo *levada* como “rego por onde passa a água de rega”. Em Pestana (1970: 91), *levadas* são “aquedutos estreitos abertos, muitas vezes, na margem dos caminhos, que se destinam à irrigação dos campos. As despesas de conservação, vigia e guarda das levadas e das águas são feitas por derrama entre todos os héreus”. Para Silva e Meneses (1978, II: 506), *levadas* “são estreitos canais abertos no solo e geralmente construídos de sólida alvenaria, que não chegam a ter um metro de largura e cuja profundidade poucas vezes vai além de cinquenta e setenta centímetros. Partem quase todos de pontos centrais da ilha, encabeçando a maior parte delas nas torrentes que correm nos leitos das ribeiras, havendo algumas que medem dezenas de quilómetros de comprimento”. Nunes (2003: 761-762) apresenta atestações do termo *levadas* na documentação histórica da cultura açucareira da Madeira, de S. Tomé e de Cabo Verde, respetivamente de 1562, de 1529 e de 1540. Em Santos (2007: 391), *levada* é um termo madeirense de origem minhota, como tantos outros da paisagem rural da Madeira: “Trata-se do canal que se multiplicou para irrigação das plantações de cana-de-açúcar. As levadas garantiam a rega e acionavam os engenhos, as

serragens e os moinhos de cereais”. Barcelos (2009: 199) define o termo *levada* como “corrente de água dirigida para o moinho ou para as regas”. Silva (2013: 105) regista o termo no plural *levadas*, “pequenos canais de rega”. Segundo Barcelos (2016: 275), *levada* é um “canal de condução de água para regas, destinado ao seu transporte desde a zona norte da ilha da Madeira, onde a precipitação é mais abundante, até às terras da zona sul, mais secas”. Informa que “As levadas recebem o nome do local onde são feitas”. Como curiosidade, refere que a primeira levada a ser feita na Madeira foi a Levada da Azenha, cujas águas faziam mover o primeiro moinho feito na ilha, mandado construir por Gonçalves Zarco. Nos glossários dos estudos de Macedo (2014) e de Teixeira (2019) encontra-se o termo *levada*. No glossário de Santos (2017: 152), *levada* é “o canal de água, estreito e denso, que se multiplicou, na origem, em toda a ilha da Madeira, para irrigação das plantações de cana-de-açúcar. Quase sempre a céu aberto, as levadas garantiam a rega e acionavam os engenhos, as serragens e os moinhos de cereais. Atualmente, com o turismo de natureza, «fazer uma levada» significa percorrer o trilho ao longo de uma levada”. Em Oliveira (2018-2019: 328), *levada* é um “aqueduto estreito e aberto, muitas vezes na margem dos caminhos, que se destina à irrigação dos campos”. Segundo o *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa*, o termo de origem árabe *acéquia* é utilizado em Portugal e nas Canárias para designar um “canal estreito artificial para as águas correntes; regueira, açude, azenha”, sendo sinónimo de *regueiro* ou *aqueduto* e desconhecido na ilha da Madeira (onde a palavra *levada* domina). Neste dicionário em linha, *levada* é uma “corrente de água encanada para regar ou para moer” e “canal construído para conduzir água”, mas também “cascata” e “construção para reter a água”, o mesmo que *açude*, *barragem* e *represa*. Regista ainda a expressão *ir de levada* com a aceção de “correr precipitadamente”. No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, II: 2253), *levada* é a “corrente de água que se desvia de um rio para regar campos ou fazer mover moinhos, fábricas (...) As levadas são aproveitadas sobretudo na irrigação dos campos”. Ver **Canal de água e Rega**.

Levada abandonada Ver **Levada antiga**.

Levada aberta (Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*; *Aberta* fem. substv. de *aberto*) Canal de água que corre descoberta. **Nota:** Termo composto pelo nome *levada* mais o adjetivo *aberta*. Sinónimo da expressão *levada a céu aberto* (cf. informante 3). **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 186), sobre a Levadinha da Fonte do Furado, diz que o Poço do Furado “é abastecido por uma fonte nativa que nasce no Ribeiro das Hortas, um pouco acima das Nascentes da Lapa e por escorralhas desse ribeiro que sobem para o referido poço em levada aberta, por intermédio dum açude construído no lugar chamado os Pinheiros”. **Doc. Oral:** O informante 3 indica “Nós dizemos que é uma levada a céu aberto”, enquanto o 6 usa o termo *levada aberta*. Ver **Levada e Rega**.

Levada antiga (Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*; Do lat. *antiquus, a, um* 'id.'; f. hist. 933 *antiguas*, s. XIV *antigoo*, s. XIV *antiigo*) Canal de irrigação que deixou de ser usado, de ser visto ou conhecido. **Nota:** Termo composto pelo nome *levada* com o adjetivo qualificativo *antiga*. Sinónimo de *levada desaparecida*, *levada abandonada*, *levada sem uso* e *levada desativada*. **Doc. Escrita:** Quintal (1999: 27) afirma: “Das levadas mais antigas algumas morreram e delas nem restam vestígios”. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 1), refere-se que algumas levadas deixaram de ser usadas e ficaram esquecidas e escondidas no meio do mato e que a ARM, através do conhecimento das pessoas antigas que sabem dessas levadas, procura recuperá-las de forma a aumentar o caudal das levadas principais. **Doc. Oral:** O informante 4 indica tratar-se de uma *levada abandonada*, enquanto o 5 usa o mesmo termo, mas também *levada sem uso* e *levada desativada*. O informante 6 explica que “Uma levada antiga ou desaparecida é uma coisa que deixou de existir”. Ver **Levada e Rega**.

Levada de heréus (Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*; Talvez do lat. **herédu-*, em vez de *herède* - < lat. *heres, édis* 'herdeiro'; f. hist. 1211 *ereos*, 1287 *herel*) Canal de água que pertence a proprietários privados. **Nota:** Termo composto pelo nome *levada* seguido do complemento determinativo formado pela preposição *de* mais o nome *heréus*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 6-7), a propósito da Levada do Pico dos Iroses em Gaula, escreve: “Esta grande levada de hireus proporcionou a abundância na casa de milhares de gauleses (...) É por isso que é um dever prestar o devido culto às levadas de hireus da freguesia”. O autor informa que a referida levada foi levada de heréus até 1971. O mesmo autor (2003: 146) regista que “A Levadinha da Ribeira da Metade deixou de existir como levada de hiréus depois da sua incorporação, juntamente com a Levada dos Eirós, nos Aproveitamentos Hidroagrícolas da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal, por força da famigerada deliberação da mesma Junta Geral, datada de 13 de fevereiro de 1971”. Freitas (2003: 171), a propósito da Levadinha da Fonte do Lopo, indica que “Esta pequena levada de hiréus, nos seus primórdios, foi chamada Levadinha de Gomes Vaz, depois Levadinha dos Doutores e só mais tarde Levadinha da Fazendinha ou da Fonte do

Lopo”. **Doc. Digital:** Em “A Levada do Moinho ou Levada Grande”, na página *Concelho do Porto Moniz*, destaca-se a sua “importância histórica, agrícola e etnográfica (...) Recentemente recuperada, a Levada do Moinho era uma levada de heréus, pois foi paga por alguns populares da zona, pertencendo aos mesmos o direito ao uso exclusivo daquela água preciosa”. **Doc. Oral:** O informante 3 usa o termo *heréus* para os proprietários de levadas privadas ou “[levada] Dos heréus”. O informante 6 explica: “Levada de heréus é coisa que não pertence ao Governo”. Ver **Heréu e Levada**.

Levada de inundação (Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*; Do lat. *inundatio,ónis* 'id.'; f. hist. 1563 *inundaçam*) Canal de irrigação que retira água de uma ribeira para ser usada no inverno. **Nota:** Termo composto pelo nome *levada* com o complemento determinativo *de inundação*. **Doc. Lexicográfica:** Segundo Barcelos (2016: 275), “nome que se dá à levada que durante o inverno retira água de uma ribeira, sendo encabeçada nesta geralmente no mês de outubro”. Ver **Levada e Rega**.

Levada desaparecida Ver **Levada antiga**.

Levada do Estado (Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*; Do lat. *status,us* 'modo de estar, posição, situação, condição' ligado ao v. lat. *stáre* 'estar'; acp. política s. XV e XVI; f. hist. 1446 *stado*) Canal de irrigação público para uso dos regantes de uma determinada localidade. **Nota:** Termo composto pelo nome *levada* com o complemento determinativo *do Estado*, distinguindo-se das *levadas privadas*. **Doc. Escrita:** Segundo Pereira (1989: 686), *levadas do Estado* são “as construídas há pouco mais dum século a expensas do Governo português e administradas diretamente pela Junta Geral do Distrito”. Segundo Branco (1987: 146), “Nas levadas do Estado, o utente pagava uma taxa, cobrada proporcionalmente à quantidade de água fornecida. Não havia margem de lucro, antes pelo contrário, a gestão era nitidamente deficitária (Loureiro, 1898: 516)”. Quintal (1999: 27) regista que “A construção de levadas com dinheiro do Estado começou na primeira metade do século XIX. A Levada Velha do Rabaçal foi uma das primeiras a beneficiar dos dinheiros públicos”. Ver **Canal de água e Levada**.

Levada do moinho (Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*; Do b. lat. *molínium*, red. do lat. tar. *saxum molinum* 'pedra grande, mó'; f. hist. s. XIII *moyos*, 1365 *moios*, 1365 *mouios*, s. XIV *moio*, s. XIV *moyinhos*, s. XV *muyinho*) Canal que conduz a água para um moinho. **Nota:** Termo composto pelo nome *levada* com o complemento determinativo *do moinho*. Sinónimo de *cumbre do moinho* (cf. informante 2), sendo um nome espanhol para *cume do moinho*. **Doc. Escrita:** Ribeiro *et al.* (1995: 35) escreve que “Por volta de 1804, no mês de abril, as levadas não estavam correntes, em virtude das demasiadas chuvas. O juiz-ordinário, Presidente da Câmara, foi encarregue de chamar alguns homens para repararem as levadas dos moinhos da serra «até porem água nos ditos moinhos com que eles possam moer por já se acharem há um mês sem moer com grave prejuízo para os habitantes)”. **Doc. Oral:** O informante 2 indica que “A levada que leva água pa’o moinho é a... continua o cumbre do moinho”. O informante 4 explica que: “Havia levadas do moinho. Agora não sei... era levadas do moinho. Chamava-se levadas do moinho. Entrava água no cubo do moinho”. O informante 5 também indica o nome *levada do moinho*. Ver **Moinho de água**.

Levada do terço Ver **Água do terço**.

Levada inteira (Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*; Do lat. *intèger,gra,grum* 'não tocado; inteiro', pelo vulg.; f. hist. 1093 *enteiro*, s. XIII *enteiro*, s. XIV *inteiro*) Canal de irrigação com quantidade de água plena. **Nota:** Termo composto pelo nome *levada* e o adjetivo *inteira*. Sinónimo de *levada principal* e de *regadeira completa*. Era costume dividir-se a levada inteira em quatro partes, a que cada uma se chamava quarto de levada. **Doc. Escrita:** Branco (1987: 144) cita Ahu (3284), a propósito da descrição da Levada de Santa Luzia, documento datado de 1813, onde ocorre este termo: “He livre a cada hereo vender cada hora d’Agoa que lhe pertence, quando sua cultura a pode despencar e esse preço he de 400 reis por ora de levada inteira; chamasse levada inteira porque o volume d’Agoa que tras a levada costuma repartirse em quatro partes, a que chamao quartos de levada, em que ha 36 hereos”. **Doc. Oral:** O informante 3 refere o termo “Levada principal [quando a água não se encontra dividida por outras levadas]”. O informante 5 explica que “A regadeira é o caudal, o caudal de água que a gente ou tira do reservatório ou do canal principal. E a isso chama-se as regadeiras. Se for uma regadeira completa, regula-se 900 penas, são 900 penas de água. E isso é considerado uma regadeira”. **Doc. Lexicográfica:** Segundo Barcelos (2016: 275), *levada inteira* é a “quantidade de água que debita uma levada durante uma hora”. Ver **Levada e Rega**.

Levada irregular (Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*; De *ir-* + *regular*, do lat. tar. *irregularis, e*; f. hist. s. XIV *yrregular*) Pequeno canal para o percurso da água de rega dentro de uma fazenda. **Nota:** Termo composto pelo nome *levada* com o adjetivo qualificativo *irregular*. **Doc. Oral:** O informante 3 explicita “numa fazenda, havia paredes e ao lado dessas paredes era feita a levada para seguir todos os poios. É chamada levada irregular. No tornador para aquela levada pa’ continuar... chama-se levada”. Ver **Levada e Rega**.

Levada mãe Ver **Levada principal**.

Levada particular (Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*; Do lat. imp. *particuláris, e* 'particular, parcial', de *particûla, ae* 'parte pequena'; f. hist. s. XV *particulares*) Canal de irrigação que é propriedade privada de alguns regantes. **Nota:** Termo composto pelo nome *levada* com o adjetivo *particular*, distinguindo-se das *levadas do Estado*. **Doc. Escrita:** De acordo com Pereira (1989: 686), são *levadas particulares* “desde 1834, as que existem na posse de grupos de proprietários e colonos. Os ascendentes destes ou outras entidades particulares as construíram, e por herança ou por aquisição direta de direitos sobre o uso das águas as detêm como uma propriedade legítima e custeiam a sua conservação”. Segundo Branco (1987: 146), “Em finais do século [XIX], contavam-se 600 levadas particulares espalhadas pela ilha (Loureiro, 1898: 515), enquanto o sector público se mantinha fiel à tradição e administrava, entretanto, cerca de 100 quilómetros de levadas (Loureiro, 1898: 515-516)”. Ribeiro *et al.* (1995: 46), a propósito da Levada da Serra do Faial, refere o Dr. Quirino Avelino de Jesus que, em 1898, escreveu um artigo intitulado “As águas e as levadas da Madeira”, na revista *Portugal em África*: “Entre outras afirmações mencionava que as mais de quatrocentas levadas existentes na Madeira pertenciam a particulares”. Ver **Heréu e Levada**.

Levada principal (Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*; Do lat. *principális, e* 'id.', de *princeps, ipis* 'o primeiro; chefe, cabeça, maior') Canal de irrigação cuja água se subdivide em levadas secundárias. **Nota:** Termo composto pelo nome *levada* com o adjetivo *principal*, sendo sinónimo de *levada mãe*. **Doc. Oral:** O informante 1 indicou que o fiscal das obras de construção das levadas podia fazer relatórios de medição de águas de uma ribeira, para verificar se valia a pena fazer um ramal da levada mãe ou levada principal. Ver **Levada e Ramal da levada**.

Levada principal Ver **Canal de água**.

Levada secundária Ver **Ramal da levada**.

Levada subterrânea (Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*; Do lat. *subterraneus, a, um* 'que está debaixo da terra'; f. hist. 1593 *subterraneo*) Canal de água que fica debaixo da terra. **Nota:** Termo composto pelo nome *levada* com o adjetivo *subterrânea*. Sinónimo de *abafadura*. **Doc. Escrita:** Sobre a Central Hidroelétrica da Fajã da Nogueira, Pereira (1989: 733) escreve: “Um troço de levada subterrânea conduzirá outras águas através dum túnel [galeria ou *furado*] de 2,4 km provindas do manancial do Caldeirão Verde, a 80 m acima da levada atual da Serra de S. Jorge”. **Doc. Lexicográfica:** Pestana (1970: 11) documenta o termo *abafadura* como “levada subterrânea de pequena dimensão”, explicando: “Ouvi este termo na freguesia de Ponta do Pargo (...) Em virtude da natureza basáltica da ilha, em muitos lugares, o povo, para ter onde cultivar, vê-se obrigado a arrumar sobre a rocha, como sucede em Trás-os-Montes, tabuleiros empedrados, a que chama *poios*, expressão esta com que, na ilha, se designam genericamente quaisquer extensões de terreno lavradio. Esses tabuleiros, muitas vezes, abafam canais de água (*levadas*) já praticados na rocha para abastecimento de *poios* situados inferiormente e que, por direito, têm de ser respeitados” (sendo chamados *abafadura*). Ver **Levada**.

Levadagem – Contributo pago pelos donos de uma levada privada para a sua manutenção e função de repartição das águas das levadas. **Nota:** Termo derivado do nome *levada* com o sufixo *-gem*. Sinónimo de *terral*, termo mais antigo do que *levadagem*. **Doc. Escrita:** Em Pereira (1989: 686-687) refere-se que “El-Rei D. Sebastião, quando soube que se perdiam muitas canas de açúcar e não se plantavam outras por falta de água e de limpeza das levadas, cometendo ao «Donatário a superintendência das levadas e o particular cuidado de as fazer tirar e limpar todos os anos à custa dos heréus interessados». Cada proprietário de qualquer número de horas de água chama-se heréu, e paga pelo uso dessa água um pequeno tributo denominado terral, que se destina à conservação das levadas e à distribuição regular dos caudais”. Ribeiro (2002: 30), sobre as Posturas camarárias de Santana de 1837, transcreve: “Quando se prove que o levadeiro vendeu água a alguém, ou lhe deu mais do que aquela que devia, será lançado fora da levadagem, e pagará quatro mil réis”. **Doc. Lexicográfica:** Silva (1950: 94 e 111) regista a forma *levadage* como “tributo ou

pensão que os heréus dão para as despesas de conservação das levadas” e *terral* como “contribuição dos «heréus» das levadas para as despesas na conservação das mesmas”. De acordo com Sousa (1950: 128), *terral* é o “tributo pago pelos «hereus» que se destina à conservação das levadas e à distribuição regular dos caudais”. Em Pestana (1970: 91), *levadage* são as “*horas de água* tiradas a cada *giro* e que se vendem, sendo o produto de aplicar-se aos consertos e melhoramentos da levada”. Para Silva e Meneses (1978, II: 508), *terral* designa “a contribuição a satisfazer por cada «heréu» e destinada às despesas havidas na conservação das levadas e pagamento do pessoal nelas empregado”. Acrescentam que “o arrendatário da água que não era «heréu» não pagava «terral», mas contribuía com uma módica importância para o mesmo fim, a que se chamava «a vigia»”. Santos (2013: 104) apresenta o vocábulo *levadagem* como “valor pago pelos proprietários de terras pela utilização da água de rega” e “atribuição da água de rega aos terrenos”. Segundo Barcelos (2016: 275 e 397), *levadage* é o “nome que se dá ao tributo ou pensão que os heréus dão para as despesas e os trabalhos de conservação das levadas” e *terral* é a “contribuição a satisfazer pelos heréus das levadas para a sua despesa de manutenção e pagamento do pessoal nelas empregado”. Ver **Heréu** e **Levadeiro**.

Levadeiro – Nome da profissão do trabalhador responsável pela distribuição da água de rega e pelo bom funcionamento das levadas de uma determinada localidade e aquele que numa festa distribui as bebidas. **Nota:** Termo formado pelo nome *levada* com o sufixo *-eiro*. Sinónimo de *levadeiro da distribuição* e de *feitor*, denominação antiga. Na Madeira, devido à necessidade de construção de um sistema de canalização de água da costa norte para a costa sul, e de ter alguém responsável pela distribuição da água de rega, surgiu a profissão de *levadeiro*. Mais tarde, por analogia, este termo adquiriu também o sentido figurado de aquele que distribui a bebida, geralmente vinho seco, a um grupo de homens que trabalham juntos. **Doc. Escrita:** Orlando Ribeiro (1985: 69) menciona que “Antes do *levadeiro* abrir a pequena comporta, já toda a família se encontra a postos [para a rega]”. Pereira (1989, vol. I: 684) cita as *Saudades da Terra* de Gaspar Frutuoso (Livro II: 92), onde já aparece o termo *levadeiro* e a descrição do seu trabalho: “depois de assentadas estas cales na rocha, fazem o caminho por dentro delas os *levadeiros* que continuamente têm cuidado de as remendar e consertar... e fazer outras cousas necessárias à levada, pelo que têm grossos soldos, por terem ofício de tão grande trabalho e tanto perigo”. Tinham ainda outros direitos: “Tem o senhor desta *levada* alvará de el-Rei para que os seus *levadeiros* e homens, que trabalham nela, possam tomar para comer cabras e porcos, que há muitos naquelas serras, ainda que seus não sejam, sem por isso serem crimemente acusados, mas que os donos dos tais gados serão pagos do seu, sem crime da justiça”. Pereira (1989: 694-695) explica que “Procede à distribuição da água o *levadeiro*, homem que, munido duma ampulheta, dum relógio ou dum búzio, dá rumo ao caudal do dia, hora e sítio determinados para cada heréu, encarregando-se depois este de a conduzir até os seus terrenos e acautelá-la de todos os prejuízos naturais ou fraudulentos no seu percurso”. Branco (1987: 144) cita Ahu (3284), a propósito da descrição da Levada de Santa Luzia, onde documenta o termo *levadeiro da distribuição*: “hum dia em beneficio dos trabalhos da Ribeira, que tinha a necessária agoa para beberem os trabalhadores, e de aquelle dia se utiliza o *Levadeiro da distribuição*”. Ribeiro *et al.* (1995: 38), a propósito dos moinhos e águas do concelho de Santa Cruz, escreve que, em 1840, faltava “um *feitor* ou *levadeiro* para fazer a distribuição das águas. (...) referia que da última convocação apenas comparecera o *feitor* de Nuno de Freitas Lomelino e por esse motivo não havia número de heréus suficiente para fazerem eleição”. Tavares (1999 *apud* Santos, 2017: 60) escreve: “já se encontrava o *levadeiro*, também de lanterna na mão, para fazer a partilha da água que descia a levada, em quatro quartos. O *levadeiro*, chegada a hora, meteu um quarto na pequena levada que a levaria ao seu destino – a Rocha do Pacote”. Freitas (2003: 49), a propósito da Levada do Pico dos Eirós, explica que os *levadeiros* “passaram a ser nomeados pelos Juizes da levada e, mais recentemente, pela Direção da Levada e as eles competia pôr em execução os Estatutos (...) promover a correta distribuição pelos hiréus das águas da levada, ao longo de todo o ano, estivessem ou não em giro”. Ladeira (2016: 72), ao falar sobre a Levada Nova da Calheta, refere: “Um ramal segue da central para oeste e outro para este. Ao longo da Levada Nova encontramos pequenas construções que servem para os *levadeiros* guardarem os equipamentos utilizados na manutenção da mesma”. **Doc. Digital:** Lília Mata publicou *online*, a 6 de fevereiro de 2010, um texto com o nome *levadeiro*, a propósito da matança do porco, sendo que este é o que distribui o vinho seco aos homens que ajudam no trabalho: “aquele a quem caberia de vez em quando medir rodadas de vinho, e servi-las a todos os homens convidados para ajudarem na morte do porco. Este *levadeiro* tem a responsabilidade de assegurar que nenhum dos presentes fica de goelas secas muito tempo, um cargo importante e imprescindível numa «morte do porco», tal como antigamente eram imprescindíveis os outros *levadeiros*, os que trabalhavam dia e noite nas levadas de verdade, zelando para que a distribuição se fizesse de forma correta e às horas marcadas” (<https://o-rabo-do-gato.blogspot.com/>). **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 1), indica-se que, na altura em que este foi realizado, existiam 100 *levadeiros* na Madeira: 96 homens e 4 mulheres. **Doc. Oral:** O informante 2 explica que é o regante que vai buscar a água de rega ao ramal da levada, “isto aqui é o regante. É acostumado buscar... o regante é que vai buscar

[a água]. Quando é pa' passar de um lado pa' outro, fazer passagens mais longas, a que o levadeiro tem que 'tar lá presente". O informante 3 menciona que o *levadeiro* tem "o desempenho das funções que vai desde a limpeza da levada até a distribuição da água" e acrescenta que "o levadeiro não tem uma única regadeira, tem várias regadeiras. Se 'tá numa agora, neste momento, mais tarde poderá 'tar noutra". O informante 5 diz que "Um *levadeiro*, atualmente, chega de manhã à levada ou aos poços, onde tem o armazenamento da água, e abre as águas para que váia para os regantes, no posto de rega às oito da manhã, para que a água esteja lá". Acrescenta: "Os *levadeiros* também foram reduzidos, tem poucos e as levadas secundárias somos a gente que limpamos". **Doc. Lexicográfica:** Vasconcelos, no *DRA*, define o nome *levadeiro* como termo específico da Madeira, "encarregado da distribuição das águas das levadas, e do aviso em que hão-de utilizá-las" (*apud* Rebelo e Nunes, 2016). Canuto (1914: 156) atesta o termo *lavadreiro* como o "homem que faz disposição das águas das levadas". Em Macedo (1939: 54), *levadeiro* é o "homem que faz a distribuição das águas das levadas". Em Sousa (1950: 90), *levadeiro* é o "homem que cuida das levadas e da distribuição das águas de regadio". Rezende (1961: 294) regista *levadeiro* como "o que distribui as águas de irrigação". Caldeira (1961/1993: 83) define *levadeiro* como "o homem que cuida da levada e da distribuição de água pelos *hireus*" e "aquele que manda servir ou serve as bebidas nas festas familiares ou recreativas". Nunes (1965: 120) documenta o termo *levadeiro* como "homem encarregado da distribuição da água de rega". Em Pestana (1970: 91), *levadeiro* é "aquele que se encarrega de regular os giros, os quais são anunciados por toque de búzio". Em Silva e Meneses (1978, II: 508), *levadeiros* são "os homens encarregados da distribuição da água, para efeito das regas, nas diversas propriedades". Figueiredo (2004/2011: 142) define *levadeiro* como "funcionário público que tem por profissão cuidar da distribuição da água de rega e da manutenção das levadas por onde esta deve passar". Em Santos (2007: 391), é o encarregado da manutenção das levadas e "de fazer a distribuição, segundo a quantidade de água que cabe a cada vilão". Teixeira (2015: 91) define *levadeiro/a* como "homem ou mulher que é responsável pela limpeza e a distribuição da água de rega" e "distribuidor de vinho". Segundo Barcelos (2016: 275-276), *levadeiro* é a "pessoa responsável não só por abrir e fechar as comportas, mas também pela manutenção das levadas". Indica também o sentido figurado de "homem que distribui as bebidas durante a matança do porco" (por extensão do seu significado). No pequeno glossário da Lista Indicativa do Bem Levadas da Madeira a Património da Humanidade, diz-se que o *levadeiro* "Tem um papel de destaque pois é aquele que controla a água de rega durante os giros, sendo também responsável pela sua distribuição pelas regadeiras da sua zona de rega. Esta figura, no passado, distribuía a água, munido duma ampulheta, dum relógio ou de um búzio e desempenhava também o papel de mediador dos conflitos, tensões e discórdias. Como na sua atividade chegava a todos regantes, frequentemente, era portador de mensagens entre vizinhos mais distantes". No glossário de Santos (2017: 153), o *levadeiro* "é o encarregado da manutenção das levadas e de fazer a distribuição, segundo a quantidade de água que cabe a cada regante". Em Oliveira (2018-2019: 328), é "aquele que se encarrega de regular os giros, os quais eram anunciados por toque de búzio". O termo *levadeiro* também é referido no glossário apresentado em Teixeira (2019). Ver **Levada**.

Levadeiro-chefe – Trabalhador responsável pelo trabalho dos *levadeiros* secundários. **Nota:** Termo composto pelos nomes *levadeiro* e *chefe*. Sinónimo de *levadeiro principal*. Este existia no caso de importantes levadas de heréus, sendo chefe de *levadeiros* secundários. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 49), a propósito da Levada do Pico dos Eirós, diz que "Depois que o tanque da levada entrou ao serviço, no ano de 1953, além do *levadeiro-chefe* havia outros dois levadeiros encarregados de supervisionar a água de giro. Um supervisionava a água que regava acima do tanque e outro a água que regava abaixo dele. O *levadeiro-chefe* era a autoridade máxima da levada ao longo dos doze meses do ano". O autor (2003: 57) averba que "Durante todo o mês de abril, o *levadeiro-chefe* procedia ao arrendamentoda água do aumento. No fim desse mesmo mês, o mesmo levadeiro, na posse dos dados referentes à água dos hiréus e à água do aumento para arrendamento, procedia à elaboração do Livro de Repartição de Águas para esse ano. No fim desse mês, os *regantes* iam à casa do *levadeiro* ou à Casa da Levada, a fim de tomarem conhecimento em que dia e em que hora calhava o seu dia de rega nas Trocas Novas, isto é, ao longo do *giro* para o ano em curso. A água entrava de novo em *giro* no primeiro dia de maio. Quando o inverno era curto e era necessário regar mais cedo, o levadeiro ponha a água em giro de acordo com as *Trocas Velhas*, ou seja, de acordo com o Livro da Repartição de Águas do ano anterior". Freitas (2003: 77), sobre o segundo cadastro da Levada do Pico dos Eirós, informa que este ou "Cadastro de José Martins "Jambrum", *Levadeiro principal* que se seguiu a José Joaquim Moniz, referia-se à Levada do Pico dos Irós e da Levadinha da Ribeira da Metade". **Levadinha de calçada** (De *levada* + *-inha*; *Calçada* do lat. vulg.**calciata via* 'id.', de formação incerta ou fem. substv. de *calçado*, part. de *calçar*) Pequena levada calcetada por onde sai a água do moinho. **Nota:** Termo composto pelo nome *levadinha* com o complemento determinativo de *calçada*. **Doc. Escrita:** Ribeiros *et al.* (1995: 105), sobre o Moinho da Cova do Moinho, dizem: "Tem um aqueduto muito peculiar assente ao longo da ravina e o tubo é um muralhão de basalto (...) No lado esquerdo do cubo desce uma *levadinha de calçada* por onde correm as sobras do cubo". Ver **Levada** e **Moinho de água**.

Levadinha Ver **Regadeira**.

Levantamento topográfico (De *levantar* + *-mento*; f. hist. s. XV *levantamento*; De *topografia* + *-ico*) Estudo prévio do terreno e marcação dos pontos nos locais de passagem dos canais de água e seu nivelamento. **Nota:** Termo composto pelo nome *levantamento* e o adjetivo *topográfico*. **Doc. Oral:** O informante 1 diz que este trabalho era feito por um engenheiro e por topógrafos. Ver **Mira**.

Limpar a levada (De *limpo* + *-ar*; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Retirar os materiais que caem na levada e a obstruem. **Nota:** Expressão composta pelo verbo *limpar* com o complemento *a levada*. Sinónimo de *limpar o mato*. **Doc. Audiovisual:** No documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), referem-se os matos de plantas e árvores ou arbustos, assim como de rochas e derrocadas de terra que caem nas levadas e estas ficam entupidas. **Doc. Oral:** O informante 5 explica que é preciso “limpar o mato, limpar o mato da água. A gente usa limpar o mato, o mato está na grade... que aquilo tem grades, fica na grade”. **Doc. Lexicográfica:** Nunes (1965: 120) documenta a expressão *limpar a levada* com o significado de “desimpedi-la do que estorva a passagem da água”. Ver **Guarda de canal**, **Levada** e **Levadeiro**.

Limpar os poços (De *limpo* + *-ar*; Do lat. *putèus,i* 'buraco, fossa, poço de mina; cisterna, etc.'; f. hist. 937 *pozo*, s. XIII *poço*) Retirar os materiais que caem dentro dos poços. **Nota:** Expressão composta pelo verbo *limpar* com o complemento *os poços*. **Doc. Oral:** O informante 4 explica que é preciso “limpar os poços. Os reservatórios de água tinham de ser limpos”. Ver **Poço de rega**.

Limpeza da levada (De *limpo* + *-eza*; f. hist. s. XIV *linpeza*, s. XV *limpeza*; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Trabalho de retirar ervas e pedras que tenham caído na levada durante o inverno, antes de iniciar o novo giro. **Nota:** Termo composto pelo nome *limpeza* com o complemento determinativo *da levada*. Esta limpeza pode incluir a da caixa divisória e dos tanques. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 44) transcreve os Estatutos da Levada do Pico dos Eirós, onde se lê: “Os heréus são obrigados a comparecer para a limpeza da levada, quando, por ordem da Direção, para isso forem avisados. Para o efeito, os heréus poderão fazer-se representar por outros desde que tenham mais de 14 anos de idade”. **Doc. Oral:** O informante 2 menciona “A limpeza da caixa [divisória da levada]”, enquanto o 3 refere a *limpeza* dos poços do Estado. O informante 5 diz que “De vez em quando, fazemos limpeza, mas, nos poços dos regantes, eles é que fazem por conta deles (...) a limpeza dos tanques”. O informante 6 explica que o *levadeiro* “no princípio do inverno, vai para obras, limpezas, as limpezas de levadas, alguns pontos... algumas obras que seja preciso fazer, a gente temos que fazer”. Ver **Levada** e **Levadeiro**.

Limpeza do canal (De *limpo* + *-eza*; f. hist. s. XIV *linpeza*, s. XV *limpeza*; Do lat. *canális,e* 'cano, tubo, canal'; f. hist. s. XIV *caales*, s. XIV *canales*, s. XIV *canal*) Trabalho de retirar árvores, terra e pedras dos canais de água, depois de derrocadas. **Nota:** Termo composto pelo nome *limpeza* com o complemento determinativo *do canal*, distinguindo-se da *limpeza da levada*. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), informa-se que o *levadeiro*, em alguns locais onde não existem *guardas de canais*, tem de limpar os canais de água da serra ou da montanha de onde vem a água para as levadas (como refere o *levadeiro* do Arco da Calheta). Ver **Guarda de canal** e **Levadeiro**.

Livro das trocas novas (Do lat. *liber,bri* 'livro'; f. hist.1013 *liuros*, s. XIII *livro*; *Troca* regr. de *trocar*; *Nova* fem. de *novo*) Registo da distribuição das águas pelos heréus e outros regantes para o novo ano de giro da água. **Nota:** Termo composto pelo nome *livro* com o complemento determinativo *das trocas* e o adjetivo *novas*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 109) diz que “depois de arrendada toda a água que os heréus e regantes tinham solicitado, na posse de todos esses dados, baseando-se neles e no Cadastro da Levada em vigor, os levadeiros principais elaboravam o Livro de Repartição de Águas para o novo ano, comumente chamado o Livro das Trocas Novas”. Ver **Levada** e **Levadeiro**.

Livro das trocas velhas (Do lat. *liber,bri* 'livro'; f. hist.1013 *liuros*, s. XIII *livro*; *Troca* regr. de *trocar*; *Velha* fem. de *velho*; f. hist. s. XIII *vella*, 1365 *velha*) Registo da distribuição das águas pelos heréus e outros regantes do ano anterior ao do novo ano de giro da água. **Nota:** Termo composto pelo nome *livro* com o complemento determinativo *das trocas* e o adjetivo *velhas*, por oposição às *trocas novas*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 109) diz que “depois de arrendada toda a água que os heréus e regantes tinham solicitado, na posse de todos esses dados, baseando-se neles e no Cadastro da Levada em vigor, os levadeiros principais elaboravam o Livro de Repartição de Águas para o novo ano, comumente chamado

o Livro das Trocas Novas, ao passo que o Livro de Repartição de Águas do ano anterior era chamado o Livro das Trocas Velhas". Ver **Levada** e **Levadeiro**.

Livro de repartição de águas Ver **Livro do levadeiro**.

Livro do cadastro Ver **Livro do levadeiro**.

Livro do levadeiro (Do lat. *liber, bri* 'livro'; f. hist. 1013 *liuros*, s. XIII *livro*) Relação da repartição anual das águas da levada. **Nota:** Termo composto pelo nome *livro* com o complemento determinativo *do levadeiro*. Sinónimo de *livro de repartição de águas* e de *livro do cadastro*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 49), a propósito da Levada do Pico dos Eirós, relata que ao *levadeiro-chefe* competia "no princípio de cada ano, receber a água de propriedade de cada hiréu para o ano em curso e fazer a respetiva relação, receber a água de hiréus para arrendamento e fazer a respetiva relação, fazer a relação da água do aumento arrendada pela levada, receber os quantitativos pagos pelo arrendamento da água de hiréus e da água do aumento, fazer o cadastro anual da levada, fazer o livro de repartição de águas, chamado o Livro do Levadeiro, receber as queixas dos hiréus e dos regantese aplicar as multas". O autor (2003: 51) refere que "No mês de abril, em dia marcado mediante pregão no adro da igreja, todos os hiréus munidos de enxadas, pás, foices e outros utensílios de lavoura, se juntavam na Casa da Levada para procederem à limpeza anual da levada que era feita desde a beira-mar até às sacadinhas das galerias de captação. Era feita a chamada de acordo com o Livro do Cadastro e quem faltasse pagava a respetiva multa". Freitas (2003: 57) averba que "Durante todo o mês de abril, o levadeiro-chefe procedia ao arrendamento da água do aumento. No fim desse mesmo mês, o mesmo levadeiro, na posse dos dados referentes à água dos hiréus e à água do aumento para arrendamento, procedia à elaboração do Livro de Repartição de Águas para esse ano". Ver **Levada** e **Levadeiro**.

Luz de mineiro Ver **Gasómetro**.

M

Madre da levada (Do lat. *māter, tris* 'mãe'; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Ponto donde vem a água para a levada, geralmente a partir da bacia de uma ribeira. **Nota:** Termo composto pelo nome *madre* com o complemento determinativo *da levada*. Sinónimo de *madre de água*, *origem da levada*, *cabo da levada*, *cabeceira da levada*, *cabeço de levada* e *cabeça*, mas também *começo da levada*, termos populares. O termo mais técnico será *albufeira* como sinónimo de *madre da levada*. Contudo, este termo também ocorre como sinónimo de *nascente*. Registou-se também a forma *madra*, variante fonética de *madre* (cf. informante 4). A complexidade do sistema de levadas e nascentes faz com que, por vezes, exista o cruzamento de várias nascentes ou afluentes numa *madre da levada*, aumentando o caudal de uma levada principal. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 13), a propósito da construção das levadas da Madeira, refere que a solução foi "deitar mão das nascentes e das águas do curso superior das grandes ribeiras. Conduzindo aquelas, por meio de simples sulcos, até aos pontos mais apropriados do curso superior das ribeiras, construíram aí uma bacia a que chamam a madre da levada". Freitas (2003: 17) acrescenta que "A Levada da Serra d'Água parte num declivoso mainel de alvenaria desde o lago pedregoso da sua madre, na Ribeira da Serra d'Água até a Madre da levada que se forma na Ribeira dos Vinháticos. (...) A ampla e pedregosa bacia, em plena Ribeira dos Vinháticos, onde a Levada da Ribeira da Serra d'Água conflui com a Ribeira dos Vinháticos tem o nome de Madre da Levada e é desta bacia que parte a Levada Grande do Pico dos Iroses". Quintal (1999: 196-197) usa o termo *albufeira*: "Na albufeira onde nasce a levada convergem, entre densa vegetação, duas linhas de água". O autor (1994: 145) recorre igualmente ao termo *cabo da levada*: "Mais ou menos um quilómetro antes da nascente ou cabo da levada, como lhe chamam as gentes da Lombada [da Ponta do Sol], há um túnel com cerca de duzentos metros". Ladeira (2016: 71) relata que "Ainda na zona do Rabaçal pode ser percorrida a Levada do Alecrim que tem a sua madre na Poça Dona Beja, na ribeira do Lajeado". Teixeira (2019) regista o termo *madre da levada*. **Doc. Oral:** O informante 1 usa o termo *cabo da levada*. O informante 3 indica: "Faço desde a madre de água até a Queimada, Água de Pena". O informante 2 usa o termo *começo da levada*, indicando também os termos *madre da água* e *cabeceira da levada*, que "é o início da levada". O informante 4 refere o nome "origem da levada, onde a gente vai iniciar o canal" e *cabeço de levada*: "A ribeira nasce no cabeço de levada", mas também *cabeça*: "onde se capta e tem o início da levada é a cabeça" e *madra*: "já ouvi alguém falar na madra". O informante 5 explica que "cabeceira da levada é o início, o início da levada. Cabeceira da levada é onde ela tem o início. O início da levada". **Doc. Lexicográfica:** Rezende (1961: 294) documenta *madre* como "parede das levadas". Silva e Meneses (1978, II: 506) explicam "dá-se esta designação aos locais da sua origem ou pontos de confluência com outros aquedutos e também às paredes

de alvenaria ou de barro que formam as mesmas levadas. Na Madeira, designava-se, em outro tempo, por «madre de água» o ponto em que brotavam as nascentes ou «tornos» de água”. Segundo Barcelos (2016: 282), “local de origem da levada ou pontos de confluência com outros aquedutos” e “nome que também se dá à parede da levada”. Fernandes (2018: 97), no glossário, define *madre-da-levada* como “as paredes da levada” e, depois, cita Silva (1950: 75): “*Madre* (levadas) - Lugar onde convergem ou nascem as águas que abastecem os aquedutos. Os próprios aquedutos. As paredes das levadas”. No pequeno glossário da Lista Indicativa do Bem Levadas da Madeira a Património da Humanidade, *madre da levada* ou *cabo da levada* é a “designação da origem da levada”. No glossário de Santos (2017: 153), *madre* “é onde nasce o canal” ou “origem da levada”. No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, II: 2326), o termo *madre* é desusado para “local onde a água brota da terra: fonte ou nascente”. Em uso na ilha da Madeira. Ver **Levada e Nascente da levada**.

Madre de água Ver Madre da levada.

Mainel da levada (Do lat. prov. fr. ant. *mainel*, var. de *manel* < lat. *manualis*, e 'que a mão pode segurar, relativo a mão'; Do lat. *levata* (*aqua*) 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Borda ou parede exterior da levada. **Nota:** Termo composto pelo nome *mainel* com o complemento determinativo *da levada*. Sinónimo de *traste*. Inicialmente, o *mainel* era de alvenaria, desde o cabo da levada até aos poios. Hoje, muitos *mainéis* já são de argamassa, mesmo dentro dos poios. **Doc. Escrita:** Sarmiento (1912 *apud* Santos, 2017: 54) fala do transporte em rede, nos percursos das levadas: “Por vezes, tinha que ser levado balouçante numa rede incómoda, às costas de dois possantes vilões, por veredas e ribanceiras, pelo mainel das levadas angulosas, escavadas na rocha”. Freitas (2003: 13), a propósito da construção das levadas da Madeira, refere que “construíram aí uma bacia a que chamam a madre da levada. Nesta bacia encabeçava um longo canal, chamado o mainel da levada, que conduzia as águas até às terras situadas abaixo da Serra”. Freitas (2003: 23) documenta que “o leito da levada foi melhorado com recurso ao calcetamento do aqueduto com pedra partida e a um mainel feito de lages, as chamadas mestras afincadas na vertical, mainel esse que assim se deveria manter até final da Segunda Grande Guerra”. O autor (2003: 35) indica que “era necessário fazer obras de conservação no mainel tanto da Levada Grande como dos diversos ramais, fazer caixas divisórias e lavadouros públicos”. Freitas (2003: 54) diz ainda que “Na Levada Grande e seus ramais principais, os tornadoiros eram uma espécie de comportas feitas com chapas de ferro e eram metidas em ranhuras rasgadas no mainel da levada com a finalidade de introduzirem ou retirarem a água desse ramal, consoante começava ou acabava o respetivo tempo de rega. (...) A maior parte dos tornadoiros dos ramais eram servidos com chapas de madeira introduzidas em ranhuras do mainel da levada”. Marujo (2015: 159), a propósito da Levada do Furado, explica que “a largura do mainel da levada varia apenas entre 7,5 centímetros e 8 centímetros (...) quando a levada passa por um ribeiro, existe uma pequena comporta que devolve parte da água colhida à ribeira”. **Doc. Oral:** O informante 3 indica que a borda ou a parede exterior de uma levada chama-se “mainel da levada”. O informante 4 explica que “O mainel é o lado do canto da levada”. O informante 5 diz que “A borda é mesmo na barra de cima da levada. Quando ela está pelas bordas (...) O mainel da levada é a parede. É a parede que suporta a levada”. **Doc. Lexicográfica:** Em Sousa (1950: 92), *mainel* é “o muro que ladeia as levadas e as ribeiras”. Silva e Meneses (1978, II: 506) definem *mainéis* como “as paredes da levada e particularmente a parte que sobressai ao solo adjacente”. Segundo Barcelos (2016: 282), *mainel* é o “nome que se dá à parede da levada”. No glossário de Santos (2017: 153), *mainel* é “o muro de pedra ou de pedra e cal que ladeia as levadas; na Madeira, é também conhecido pela designação de «traste»”. O termo *mainel* ocorre em Teixeira (2019). Ver **Levada**.

Mainel principal da levada (Do lat. prov. fr. ant. *mainel*, var. de *manel* < lat. *manualis*, e 'que a mão pode segurar, relativo a mão'; Do lat. *principālis*, e 'id.', de *princeps*, *īpis* 'o primeiro; chefe, cabeça, maior'; Do lat. *levata* (*aqua*) 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Parede ou borda exterior da levada principal. **Nota:** Termo composto pelo nome *mainel* com o adjetivo *principal* e o complemento determinativo *da levada*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 132-133), sobre a Levada do Pico dos Eirós, escreve que “O mainel principal da levada, desde o Cabeço dos Orégãos até ao mar, encontra-se num lamentável estado de conservação”. Ver **Levada e Mainel da levada**.

Malho (Do lat. *mallēus*, *ī*, 'martelo, malho') Instrumento usado pelos trabalhadores para partir pedra na abertura dos canais de água. **Nota:** Termo simples. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), refere-se o uso deste instrumento. **Doc. Lexicográfica:** No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, II: 2347), “ferramenta que consiste numa espécie de martelo grande de ferro ou madeira, sem unhas nem orelhas e na qual geralmente se pega com ambas as mãos, para se poder manejar com mais facilidade”.

Manancial (Do esp. *manantial* origin. adj., depois substv., de *manante*, der. de *manar* 'sair em gotas, escorrer' < do lat. *manār* 'escorrer(-se), difundir-se, emanar, decorrer de') Abundância das águas que saem das nascentes e correm nos canais e nas levadas. **Nota:** Termo simples. **Doc. Lexicográfica:** No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, II: 2354), “nascente de água, fonte abundante e interminável”. Ver **Nascente (da levada)**, **Canal de água** e **Levada**.

Mandar a água (Do lat. *mando* 'confiar, recomendar a, dar, entregar, encarregar, etc.'; Do lat. *aqua, ae* 'água') Enviar a água para uma determinada levada e parte de uma localidade. **Nota:** Expressão formada pelo verbo *mandar* com o complemento *a água*. **Doc. Oral:** O informante 5 explica: “O *levadeiro*, um caso, na minha zona, nos Prazeres, dava água ao Paul do Mar (...) A gente mandava água daqui de cima, dos Prazeres, mandava-se para o fundo, descer pela ribeira, pela rocha ir ter lá abaixo (...) mandava a água, ia à rocha acima, dava três apitadelas com o apito e o regante já sabia”. Ver **Levadeiro**, **Rega** e **Regante**.

Mangueira (De *manga* + *-eira*) Levada por onde sai a água do cubo do moinho. **Nota:** Termo derivado do nome *manga* com o sufixo *-eira*. **Doc. Escrita:** Ribeiro *et al.* (1995: 115), sobre as partes e peças de um moinho de água, referem o nome *mangueira* a propósito do cubo, que definem como “uma espécie de depósito de madeira, amarrada com arcos como uma cartola, ou de argamassa ou manilha, ou ainda feito dentro de uma construção de pedra em forma de parede, que enche através da cale, desde o fundo da cetia até a borda da mangueira”. Acrescentam que “mangueira – umas vezes é uma levada, outras vezes é um canal fechado, paralelo ao cubo e fazendo parte da sua estrutura, por onde se escapa a água depois de o cubo cheio com os bocais fechados, ou os excedentes de água do cubo, quando os bocais estão abertos e o moinho está em pleno funcionamento”. Ver **Cubo do moinho**.

Manivela (Do fr. *manivelle* (s. XII *manevelle*) < lat. vulg. *manabella* < *manibùla* dim. de *manus,us* 'mão'; f. hist. s. XVIII *manivella*) Dispositivo do poço de rega que serve para o abrir e fechar. **Nota:** Termo simples. Sinónimo de *pau-do-balucre* (cf. informante 5). **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 68) diz que “Competia ao encarregado de abrir e fechar o poço a responsabilidade de regular, «a olho», a saída correta da água, rodando as manivelas das três torneiras do tanque, à medida que as horas passavam e o poço ia ficando mais vazio”. **Doc. Oral:** O informante 2 refere que “A manivela é a mão da bucha ou da torneira”. O informante 5 atesta o termo *pau-do-balucre*, que serve para abrir a saída de água do poço. Ver **Bucha do poço** e **Poço de rega**.

Manta (Do lat. medv. *manta,ae*, de *mantum,i* 'espécie de capa ou coberta, manto') Abertura mais larga do que um rego para cultivo e irrigação agrícola. **Nota:** Termo simples. Sinónimo de *caseira*. **Doc. Escrita:** Pereira (1989: 693) diz que: “O terreno para o regadio de infiltração é armado em mantas ou camalhões, a espaços variados consoante a espécie de cultura, abrindo-se um canal, na base daquelas, com a inclinação aproximada de cinco por cento para passagem lenta da água e sua uniforme absorção”. **Doc. Oral:** O informante 4 refere o termo *manta*. O informante 5 explica que uma “manta é mais larga e o rego é mais pequeno”. **Doc. Lexicográfica:** Segundo Canuto (1914: 154), *caseira* é um “rego largo no campo”. Em Sousa (1950: 24), *caseira* é uma “manta, rego, afastamento de terra para plantações”. Silva (1950: 30) define *caseira* como “rego aberto na terra para a plantação de vegetais”. Nunes (1965: 121) regista *manta* como “rego bastante largo em que se plantam as bananeiras”, definição usada em Fernandes (2018: 97). No glossário de Santos (2017: 153), *manta* é a “zona plana de um rego, que serve para plantar árvores”. Ver **Rego** e **Camalhão**.

Marrão (Do port. e do esp., der. do ár. *muḥarram* 'coisa proibida') Instrumento maior e mais pesado do que o malho, usado pelos trabalhadores para partir rocha. **Nota:** Termo simples. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 59-61), a propósito de uma contenda entre regantes de duas levadas na freguesia de Gaula, conta que alguns homens, “fazendo uso de pesados marrões”, partiram o grosso mainel esquerdo da Levada do Pico dos Eirós”. **Doc. Lexicográfica:** Segundo Barcelos (2016: 291), “também chamado *camartelo*, é um grande maço de ferro destinado a partir pedra e outras substâncias duras”. No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, II: 2392), é um “martelo grande e em ferro, utilizado para partir pedra; maço de ferro”. Ver **Rocheiro**.

Martela – O martelo pneumático usado para perfurar a rocha, na abertura dos túneis. **Nota:** Termo formado por derivação regressiva do verbo *martelar*, forma feminina de *martelo*. Nome popular para o *martelo pneumático*. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), ocorre a denominação *martela*. Ver **Marteleiro**.

Marteleiro (De *martelar* + *-eiro*) Nome da profissão do trabalhador que furava a rocha com o martelo pneumático. **Nota:** Termo derivado do verbo *martelar* com o sufixo *-eiro*. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), diz-se que este trabalhador era também responsável pelos rebentamentos das minas ou brocas. Ver *Martela*.

Martelo pneumático Ver *Martela*.

Mato Ver *Tafulho*.

Medição da água (De *medir* + *-ção*; Do lat. *aqua,ae* ‘água’) Procedimento de medir a água de uma nascente, antes de decidir a sua canalização, ou medir a água das levadas. **Nota:** Termo composto pelo nome *medição* com o complemento determinativo *da água*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 24) informa: “Em 16 de junho de 1923, um Serviço de Medição de Águas, presumivelmente a cargo da Junta Geral do Distrito do Funchal, tendo ido medir o caudal da Levada de Baixo do Caniço concluiu que transportava um volume de água da ordem de 23 litros por segundo. Quanto à Levada do Pico dos Eirós, a medição foi feita nos Moinhos de Gaula, onde mediram cada um dos cinco braços em que a levada estava dividida e chegaram à conclusão que cada braço tinha um fluxo aproximado de 7,7 litros por segundo, pelo que foi concluído que o caudal total da levada se deverá reputar inferior a 45 litros por segundo. A fazer fé nesta medição, o caudal desta levada, nessa data, era de 2.310 penas, isto é, 2.310 litros por minuto, ou seja, um braço de 462 litros por minuto”. Ver **Nascente (da levada)** e **Levada**.

Medidor de caudal (Do lat. *meītor, ōris* 'aquele que mede'; Do lat. *capitalis, e* 'que se refere à cabeça; que interessa à vida; capital; principal', pelo esp. *caudal* 'id') Instrumento utilizado para medir a quantidade de água de um caudal. **Nota:** Termo composto pelo nome *medidor* com o complemento determinativo *de caudal*. **Doc. Escrita:** Marujo (2015: 152) documenta o termo, ao falar sobre a Levada do Furado: “a distribuição das águas é feita de forma muito concreta, graças a um medidor de caudal mais preciso”. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 1), é referido este aparelho com aberturas circulares que correspondem a diferentes quantidades de água, inventado pelo Engenheiro Manuel Amaro da Costa no decorrer da sua missão à Madeira em 1939, sendo uma peça vital para descobrir como e onde construir levadas. Ver **Canal de água** e **Levada**.

Medir a água (Do lat. *mētiōr, īris, mensus sum* [metītus sum], *metīri* 'medir [sentido físico e moral], avaliar, estimar; percorrer'; Do lat. *aqua,ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*) Quantificar a água de um canal. **Nota:** Expressão composta pelo verbo *medir* com o complemento *a água*. Sinónimo de *medir o caudal*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 141) regista que “Em 1879, a Junta Geral do Distrito mandou medir o caudal das levadas de hiréus do Caniço, Gaula e Santa Cruz, tendo encontrado para a Levadinha da Ribeira da Metade o caudal de 2,27 l/s, o equivalente a 136,2 litros por minuto. Desde que passou a fazer parte da Levada do Pico dos Eirós, devido aos trabalhos de captação de mais água, tanto na Ribeira da Junça, como no Ribeiro do Pico, ao medir a água passou a ter um caudal de cerca de 230 penas, ou seja, de 230 litros por minuto”. **Doc. Audiovisual:** No documentário “Água vai, pedra leva” (parte 1), indica-se que é necessário medir os caudais dos canais que abastecem as centrais hidroelétricas, garantindo o seu abastecimento e funcionamento. Ver **Canal de água** e **Levada**.

Meia água (De *meio* + *-a*, vogal temática tomada como desin. de fem.; Do lat. *aqua,ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) Metade da quantidade de um braço de água de rega de uma levada. **Nota:** Termo composto pelos nomes *meia* e *água*. **Doc. Lexicográfica:** Fernandes (2018: 104) regista um *braço de água* como “900 penas” e *meia água* como “450 penas”. Ver **Levada** e **Água de rega**.

Meia cana (De *meio* + *-a*, vogal temática tomada como desin. de fem.; Do lat. *canna,ae* 'cana, junco fino, caniço', do gr. *kánna, ēs* 'junco, cana; paliçada de cana') Antiga medida de água das levadas. **Nota:** Termo composto pelos nomes *meia* e *cana*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 183), sobre a Levadinha do Prendas, refere “uma vereda calçada que desce ao longo de três pequenos lanços com curvas bem apertadas onde vinham lavar lavadeiras (...) Do Poço do Reizinho a água sai em levadinha de mainel em meia cana e vai regar no Castelejo”. Ver **Levada** e **Água de rega**.

Meia noite de água (De *meio* + *-a*, vogal temática tomada como desin. de fem.; Do lat. *nox, ctis* 'id.'; Do lat. *aqua,ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*; *Rega* regr. de *regar*) Metade de uma noite como tempo de água de rega. **Nota:** Termo composto pelos nomes *meia* e *noite*, com o complemento determinativo *de água*. **Doc. Escrita:** Ribeiro *et al.* (1995: 33), a propósito dos moinhos e águas do concelho de Santa Cruz, regista: “arrendou a Manuel Rodrigues (...) dois bocados de fazenda

coberta de vinhas e árvores de fruto e sementeira, sitas em Gaula, onde chamavam a Achada do Moinho da qual era caseiro Manuel Martins e outra no sítio das Levadas de que era *mieiro* Patrício Quintal, com um dia e meia-noite de água da Levadinha, por um período de 6 anos e pelo preço de 5 000 réis cada”. Ver **Levada e Água de rega**.

Meia telha de água (De *meio* + *-a*, vogal temática tomada como desin. de fem.; Do lat. *tegula,ae* 'telha, o que serve para cobrir'; f. hist. 1179 *telia*, s. XIII *tella*, 1365 *telha*; Do lat. *aqua,ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) Antiga medida de água de rega. **Nota:** Termo composto pelos nomes *meia* e *telha* com o complemento determinativo *de água*. **Doc. Escrita:** Ribeiro *et al.* (1995: 84), sobre as levadas de heréus da freguesia de Gaula, escreve que a Levadinha do Pico “Tem início nas Caiadas, reforça-se com cerca de 60 penas na Ribeira do Passo da Vaca. Tem um caudal de cerca de meia telha, ou seja, 150 penas”. Sobre a Levadinha da Fonte do Lopo, dizem regar também “com meia telha de água, cerca de 150 penas e é toda a água de entancar nas cisternas cavadas na pedra mole”. Ver **Levada e Água de rega**.

Meio braço de água de rega (Do lat. *medius*, *ī* 'meio, centro, espaço intermediário, intervalo de tempo, metade, neutralidade'; Do lat. *brachium*, *ī* 'braço' do gr. *brakhion*, *onos* 'id.'; Do lat. *aqua,ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*; *Rega* regr. de *regar*) Quantidade de água equivalente a 230 penas. **Nota:** Termo composto pelos nomes *meio* e *braço* com os complementos determinativos *de água* e *de rega*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 140) escreve: “Depois da Eirinha, reforçada com algumas escorralhas de nascentes menores, a Levadinha da Ribeira da Metade corre numa pequena levada, escavada ao longo da encosta, pelo lado esquerdo, até ao Ribeiro do Pico de cujas nascentes recebia um apreciável reforço que, daí por diante, lhe conferia um caudal igual a meio braço de água de rega, cerca de 230 penas, aproximadamente”. Ver **Levada e Água de rega**.

Meio dia de água (Do lat. *medius*, *ī* 'meio, centro, espaço intermediário, intervalo de tempo, metade, neutralidade'; Do lat. vulg. **dia* pelo lat. cl. *dies,ei* 'dia, o espaço de tempo de 24 horas, e dia, período claro no espaço de 24 horas, em oposição ao período escuro da noite, unidade de tempo'; Do lat. *aqua,ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) Metade de um dia como tempo de água de rega. **Nota:** Termo composto pelos nomes *meio* e *dia* com o complemento determinativo *de água*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 140-141), a propósito das referências escritas sobre a Levadinha da Ribeira da Metade, regista “Em 30/11/1831, o Sargento-Mor Francisco de Castro Drumond, morador no Caniço, e sua mulher D. Maria Rita Telles de Menezes, venderam a Francisco de Freitas, morador em Gaula, na Achada, meio dia de água da Levadinha do Pico, em cada giro de 18 dias, pela quantia de 25.000 réis”. Ribeiro *et al.* (1995: 32), a propósito dos moinhos e águas do concelho de Santa Cruz, fala de um proprietário que “hipotecara uma fazenda com meio dia de água da Levada dos Moinhos”. Ver **Levada e Água de rega**.

Meio poço (Do lat. *medius*, *ī* 'meio, centro, espaço intermediário, intervalo de tempo, metade, neutralidade'; Do lat. *putēus*, *i* 'buraco, fossa, poço de mina; cisterna ou cova em que se guardam grãos') Quantidade de água correspondente a metade da capacidade de um poço. **Nota:** Termo composto pelos nomes *meio* e *poço*. **Doc. Lexicográfica:** Segundo Barcelos (2016: 294), “medida de água das levadas da Madeira: Estas águas das levadas até 1951, antes da aplicação do Plano Hidroagrícola Florestal, eram fornecidas aos agricultores por medidas de poços, meios poços e quartos de poços, custando um poço cheio o mínimo de 8 escudos. (E.C.N.P., *Ilhas de Zarco*)”. Ver **Poço de rega**.

Meio quarto da levada (Do lat. *medius*, *ī* 'meio, centro, espaço intermediário, intervalo de tempo, metade, neutralidade'; Do lat. *quārtus*, *a*, *um* 'quarto; quarta parte'; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Uma pequena parte da quantidade de água de uma levada. **Nota:** Termo composto pelos nomes *meio* e *quarto* com o complemento determinativo *da levada*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 27) documenta: “Em 22/02/1826, o Capitão João Jaques Fenix Mascarenhas Alencastre, do Caniço, arrendou a Francisco de Freitas, das Lages, meio quarto da Levada Grande do Pico dos Irozes em cada giro, por nove anos”. Ver **Levada e Quarto da levada**.

Mesa da assembleia da associação de heréus (Do lat. *mesae,arum* 'id.'; De *assemblée* [1155] 'reunião', [1539] 'grupo de pessoas reunidas, conjunto constituído e chamado a deliberar', fem. substv. do part. pas. do v. fr. *assembler* 'reunir'; De *associar* + *-ção*, prov. por infl. do fr. *association* [1408] 'unir a alguém', de *associer* + *-(a)tion*; Talvez do lat. **herēdu-*, em vez de *herēde-* < lat. *heres,edis* 'herdeiro'; f. hist. 1211 *ereos*, 1287 *herel*) Um dos órgãos sociais das Associações de Heréus das levadas particulares. **Nota:** Termo composto pelo nome *mesa* com os complementos determinativos *da assembleia da associação de heréus*. **Doc. Digital:** No JM de 11/11/2018 é noticiado que “a mesa da assembleia da Associação de Heréus da

Levada dos Piornais teve lugar esta manhã” e que “o seu objeto social consiste na manutenção da Levada dos Piornais e no fornecimento de água de rega aos seus cerca de 500 heréus associados, bem como a entidades públicas, entre as quais a Câmara Municipal do Funchal e o Governo Regional”. Ver **Heréu e Associação de heréus**.

Meter a chapa (Do lat. *mītto, is, mīsi, mīssum, mittēre* 'mover, tocar, deixar ir, impelir, dirigir, etc.'; De orig. contrv.) Introduzir o instrumento de tapar a água na levada. **Nota:** Expressão composta pelo verbo *meter* com o complemento *a chapa*. Ao tapar a água de uma levada, ela é encaminhada para os terrenos a regar. **Doc. Oral:** O informante 3 usa a expressão “meter a chapa”, no tornador ou na levada. **Doc. Lexicográfica:** Pestana (1970: 97) regista a expressão *meter a água*, “desviar a água da *levada* para a *fazenda* que se quer regar”. Ver **Chapa de folha e Levada**.

Meter a levada (Do lat. *mītto, is, mīsi, mīssum, mittēre* 'mover, tocar, deixar ir, impelir, dirigir, etc.'; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Deixar o canal pronto para receber a água de rega. **Nota:** Expressão composta pelo verbo *meter* com o complemento *a levada*. **Doc. Lexicográfica:** Pestana (1970: 97) documenta a expressão *meter a levada* como “preparar a levada, limpando-a para receber água de rega”. Ver **Água de rega e Levada**.

Mina de areia (Do fr. ant. *mine* [1220] 'jazida de metais, minerais etc.'; Do lat. (*h*)*arēna, ae* 'areia, etc.'). Local onde se encontra grande quantidade de areia. **Nota:** Termo composto pelo nome *mina* com o complemento determinativo *de areia*. **Doc. Oral:** O informante 1 indica que, na construção da Levada Nova da Encumeada, “foram descobertas minas de areia em S. Vicente, do Paul da Serra ao Lanço, e no Seixal, no Lombo Barbinhas. A areia destas minas foi usada nas obras”. Ver **Levada**.

Minadoiro Ver **Nascente da levada**.

Mineiro – Trabalhador que trabalhava dentro de um túnel na construção das levadas. **Nota:** Termo derivado de *mina* com o sufixo *-eiro*. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), refere-se este termo. Ver **Furado e Levada**.

Mineiro Ver **Nascente (da levada)**.

Mira (Regr. de *mirar*) Instrumento utilizado pelo engenheiro e pelos topógrafos na construção de levadas. **Nota:** Termo formado por derivação regressiva do verbo *mirar*. **Doc. Oral:** O informante 1 explica que a *mira* era usada para poderem ver ao longe as rochas, no planeamento do percurso de uma levada. **Doc. Lexicográfica:** No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, II: 2482), é um termo da topografia “que consiste numa régua graduada e serve para determinar, indiretamente, distâncias e desníveis”. Ver **Levada e Levantamento topográfico**.

Moinho de água (Do lat. *molīnum*, red. do lat. tar. *saxum molinum* 'pedra grande, mó'; Do lat. *aqua, ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) Engenho de moer cereais movido com a força da corrente de água que cai de um aqueduto ou levada. **Nota:** Termo composto pelo nome *moinho* com o complemento determinativo *de água*. Sinónimo de *moinho de cereais* e de *azenha*. Na ilha da Madeira, existiam *moinhos de água* em quase todas as freguesias, o que originou muitos topónimos com os nomes *Moinhos* e *Levadas* e micro-topónimos, com o nome dos proprietários, como *Moinho do Valente*, em Santa Cruz. **Doc. Escrita:** Orlando Ribeiro (1985: 66) informa que “Os moinhos de cereais e as serragens são também acionados pela água das levadas”. Branco (1987: 96) escreve que o maior número dos *moinhos de água* se situava “perto das áreas povoadas, instalados na margem de algum ribeiro, ou então onde a água estava canalizada através de levadas”. Freitas (2003: 31) informa: “Os primeiros moinhos foram construídos nas margens das ribeiras e nas levadas que delas saíam pelos açudes, sacadas ou barragens do seu curso superior. É por isso que os moinhos estão, desde o início do povoamento, intimamente associados às levadas de água de rega”. Freitas (2003: 44) transcreve os Estatutos da Levada do Pico dos Eirós, onde se lê: “Desde o primeiro dia do mês de maio até ao fim da época de irrigação, os moinhos ou azenhas só poderão funcionar com um curso de água de três quartos da levada, sob pena de 100 escudos de multa”. Santos (1996: 10-11), a propósito de um moinho de água no Funchal, escreve sobre “a velocidade da água caindo pelo cubo (...) todos estes moinhos ou azenhas moviam-se a água provinda da Ribeira de Santa Luzia (...) um aqueduto, com arcos para passagem de pessoas, conduzia a necessária água para mover a azenha. A existência de dois cubos significa a dimensão do moinho que devia ter, pelo menos, duas mós de moer”. Vieira (2011: 66), sobre os moinhos de água da Boaventura, testemunha que “para o moinho de água funcionar bem, tinha de ter grande caudal de água que vinha por uma levada”.

Ladeira (2016: 79-80) salienta que “A quantidade de moinhos de água foi aumentando até 1932, data em que foi decretada a proibição de construir novos moinhos”. Ver **Levada** e **Ribeira**.

Molhelha (De orig. contrv.) Apoio usado no ombro pelos homens que carregavam pesos. **Nota:** Termo simples. Na construção das levadas, o petróleo para os compressores, tal como outros materiais necessários para as obras, era transportado por homens, usando uma molhelha. **Doc. Lexicográfica:** Barcelos (2008: 372) regista o mesmo vocábulo nos Açores, com o mesmo significado. Segundo Silva (2013: 100), *molhelha* é o “chumaço usado para tornar menos duro o contacto da carga com o ombro”. Fernandes (2018: 91) regista o termo *capucho* que define como “saca de serapilheira a qual na parte do fundo ajustam à cabeça, usada nas lides campestres (...), ajuntando-a bem para ficar em forma de capucho”. O autor (2018: 98) também regista o termo *molhelha* e refere Silva (1950: 81) e Caldeira (1961: 88), respetivamente *molheilha* e *molhelha*, “espécie de almofada que se coloca no carolo ou na nuca para facilitar o transporte feito às costas”.

Motorista (De *motor* + *-ista*) Responsável pelo transporte em carro de materiais para a obra de construção das levadas. **Nota:** Termo derivado de *motor* com o sufixo *-ista*. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), diz-se que o motorista transportava, além do engenheiro e dos topógrafos, por exemplo tubos para o compressor.

Muro da bucha (Do lat. *mūrus*, *i* 'parede, cerca'; Do fr. ant. *bousche* 'punhado de palha, tufo de ervas ou de palha' < Do lat. vulg.**bosca* 'rama, ramagem', do germ.**bosk*) Parede que suporta a parte da frente do poço com a respetiva abertura para a saída de água. **Nota:** Termo composto pelo nome *muro* com o complemento determinativo *da bucha*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 184), sobre as escarpas e as fazendas da Rocha Grande, em Gaula, explica que “o aproveitamento das águas de nascentes nativas e o encanamento, através de sacadas, ou de cales, das águas da Ribeira do Porto Novo, da Ribeira da Metade e do Ribeiro do Pico, [que eram] entancadas em mais de duas dezenas de poços de vários feitios e tamanhos, a maior parte escavados na rocha mole com o muro da bucha em alvenaria”. Ver **Poço de rega**.

Museu da Água (Do gr. *mouseion*, ou 'templo das Musas, lugar onde as Musas residem', através do lat. *musēum*, *i*; Do lat. *aqua*, *ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) Local e maquinaria de estação de tratamento de água que foi transformada num museu. **Nota:** Termo composto pelo nome *museu* com o complemento determinativo *da água*. **Doc. Escrita:** Livramento (2016: 12) refere que “é pena que o Museu da Água pensado para aquele espaço, mostrando aquela que foi a verdadeira epopeia da água da Madeira, esteja, neste momento, fechado, em parte por força da destruição trazida pelo temporal de 20 de fevereiro de 2010. Mas, antes de ser museu, a estação terá passado por momentos bastante importantes na história da cidade do Funchal, até que, no ano 2000, com o aumento da população funchalense e o maior rigor no processo de recolha/captação e abastecimento de água, este espaço foi desativado, parando assim toda a maquinaria que funcionava ininterruptamente desde a já longínqua década de 70, com a água vinda da costa norte da ilha”.

N

Nascente da levada (De *nascere* + *-nte*; Do lat. *levata* (*aqua*) 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Donde brota a água da rocha que é conduzida para uma levada. **Nota:** Termo composto pelo nome *nascente* com o complemento determinativo *da levada*. Sinónimo de *fonte (nativa)*, *fonte nascente* e *água vertente*. O termo *fonte nativa* surge mais tarde com a função de distinção das fontes construídas pelo governo, onde as populações se abasteciam de água nos sítios onde viviam, antes de haver água canalizada nas casas. Confunde-se com o termo *nascente da ribeira*. **Doc. Escrita:** Veríssimo (“Posfácio” in Santos 2017: 155) informa que “Segundo determinação do rei D. João I, de cerca de 1425, confirmada por D. João III, as fontes, tornos e olhos de água destinavam-se ao usufruto comum. De início, as levadas eram tiradas a partir dos caudais das ribeiras ou de nascentes e mantidas pelos heréus, sendo a água considerada um bem comum”. A *Carta Régia* de D. João II, datada de 8 de maio de 1493, citada por Pereira (1989: 686), diz que “no que toca às fontes, tornos e olhos de água (...) visto o acordo que uns e outros tomastes que sem as águas as terras não se podiam aproveitar por razão de que nem em todas nascia água e somente aquelas terras aproveitariam em que nascessem águas a qual cousa era contra o bem comum, e porque todos igualmente devem ser favorecidos, portanto havemos por bem e nos praz e mandamos que particular algum tenha direito, domínio, nem ação nas fontes, olhos e tornos de água, que em suas terras nascerem, e jamais em tempo algum possam ter nem adquirir, posto que sejam senhores das terras com as quais as fontes lhes não passaram e as não poderão, nem ainda por suas terras mudar, nem desviar a corrente

(...) juntas as ditas águas que das fontes correrem se tirarão as levadas e para que todos possam aproveitar suas terras as ditas águas serão repartidas por todos”. Ferreira (1921 *apud* Santos, 2017: 83) relata: “E assim chegámos, em passos vacilantes, à nascente da ribeira, onde são captadas as águas que vão pelo cano da levada fertilizar os terrenos daqueles sítios”. Segundo Branco (1987: 138), “Na Madeira, o ciclo da água baseava-se nessas nascentes situadas nas zonas montanhosas da ilha, mais ou menos providas de vegetação”. O autor (1987: 143) cita Ahu (3284), a propósito da descrição da Levada de Santa Luzia, documento datado de 1813: “na rocha do lado de Leste, nascem quatro grandes fontes do meio dos rochedos, a que chamao os Tornos, que se despenhao na mesma Ribeira de Santa Luzia, e que, com muitas outras agoas vertentes, fazem a abundância da mesma ribeira”. Freitas (2003: 5) refere: “Além das águas das ribeiras, os primeiros povoadores tiveram que recorrer às fontes nativas que aproveitaram para entancar em poços escavados na rocha mole, tais como ainda hoje existem ao longo das encostas da Ribeira do Porto Novo”. O autor (2003: 68), a respeito da Reunião da Assembleia Geral dos Heréus da Levada de 08/01/1950, informa que “Foi deliberado autorizar a Direção a fazer trabalhos de captação de água na Ribeira da Metade, onde chamam a Junça (Ribeira da Junça), nas nascentes que a levada aí possui”. Freitas (2003: 142) transcreve a descrição da Levadinha da Ribeira da Metade, registada na Conservatória do Registo Predial de Santa Cruz: “Esta levadinha e seu aqueduto tem a sua origem no leito da Ribeira da Metade e é formada de todas as águas que se juntam na mesma ribeira provenientes das fontes que brotam no sítio do Covão”. Freitas (2003: 159) documenta os nomes *mineiro* e *minadoiro* a par de *nascente*, ao citar a descrição da Levada da Roda feita por Gregório Hermogenes de Vasconcelos: “Todas as águas das nascentes ou fontes e mineiros (...) Um minadoiro em terras de Martinho de Gouveia. Uma fonte nascente em terra de João Martins”. O autor (2003: 161) transcreve a descrição da inscrição da Levada da Roda no Registo Predial, onde o termo *águas vertentes* ocorre como sinónimo de *nascentes*: “Uma levada denominada da Roda que tem sua origem na Ribeira da Boaventura (...) e se forma das águas das fontes ou nascentes seguintes: Uma fonte em furna das Abelheiras (...) uma fonte no ribeiro do Estreitinho (...) uma fonte no ribeiro de João Ferino (...) uma fonte no sítio dos Tornos com mais algumas águas vertentes em terra de José Martins”. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 1), diz-se que as *nascentes* se encontram numa cota superior, acima dos terrenos de cultivo, cujos desníveis permitem que a água seja canalizada para rega, correndo por gravidade, cuja corrente e queda de altura também permite a captação e uso das águas das serras ou montanhas da Madeira para produção elétrica. **Doc. Oral:** Os informantes 2, 3 e 5 indicaram o nome *nascente* para um ponto de água que nasce do chão ou da rocha e que pode ser canalizado para uma levada e para as nascentes das ribeiras e dos ribeiros que fornecem água às levadas. O informante 4 indica que o canal fica no patamar da nascente, enquanto o 6, além do termo *nascente*, refere a denominação “ferida de água”. **Doc. Lexicográfica:** Nunes (1965: 122) documenta *olhada-fonte* como “local preciso onde a água sai da rocha”. Em Silva e Meneses (1978, II: 508-509), *minadoiros* “são as pequenas nascentes de água que afloram à superfície do solo”. Fernandes (2018: 98) averba *mineiro* como “as pequenas nascentes ou fontes de águas naturais, que afloram à superfície do solo”. Cita Silva (1950: 80), que documenta a forma *minadoiro* “pequeno jato ou traço de água, vertendo da rocha, mineiro” e Pestana (1970: 98), “*minadoiro* o m.q. *minadoiro d’água*: mina de água ainda não explorada”. No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, II: 2571), *nascente* é um termo da geologia que significa “água que nasce naturalmente em determinado lugar”. Ver **Canal de água** e **Madre da levada**.

Nateiro (De *nata* + *-eiro*) Depósito de materiais que ficavam nos terrenos e/ou nos dormentes das levadas. **Nota:** Termo derivado do nome *nata* com o sufixo *-eiro*. **Doc. Escrita:** Pereira (1989: 716), sobre o Porto Santo, escreve que “Em certos sítios, as águas das chuvas arrastam para cima dos terrenos um depósito de lodo e barro, que cria uma espécie de crosta – o nateiro – que é preciso remover em absoluto por não permitir a infiltração das águas de rega e matar as plantas existentes”. Freitas (2003: 53), a propósito do lixo que se acumulava nas levadas, diz que “era muito prejudicial para a saúde da população que, quando ia buscar água à levada, tinha que meter e retirar as vasilhas com muito cuidado para não levantar o nateiro depositado no fundo do dormente, de modo a evitar que matos podres, bosta de vaca e bichos mortos não entrassem pela boca das folhas ou das *anfusas*”. **Doc. Oral:** O informante 2 menciona o *nateiro* “das caixas e dos poços, o que a água arrasta e que vai ficando ali”. O informante 4 refere “a folhada” que fica nas levadas e que é preciso limpar. **Doc. Lexicográfica:** Em Silva (1950: 83), *nateiro* é a “lama nas terras após a irrigação, no Porto Santo”. No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, II: 2573), “camada de lodo resultante da mistura de poeiras, detritos orgânicos e água da chuva; proveniente de enxurradas ou correntes de água espriadas”. Ver **Dormente (da levada)** e **Rega**.

Nitreira (De *nitro* + *-eira*) Local onde se deita o estrume ou adubo na terra durante a rega. **Nota:** Termo derivado do nome *nitro* com o sufixo *-eira*. **Doc. Lexicográfica:** Fernandes (2018: 99) documenta este

termo com o significado de “local onde deitavam o adubo ou estrume para fortalecer a água de rega”. Ver **Água de rega e Rega**.

Nivelamento da levada (De *nivelar* + *-mento*; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Construção da levada num determinado nível de cota. **Nota:** Termo composto pelo nome *nivelamento* com o complemento determinativo *da levada*. **Doc. Escrita:** Ribeiro (1998: xvi-xvii), sobre a construção da Levada Velha do Rabaçal, relata que “a grande obra do Rabaçal tinha três partes distintas: a primeira compreendia a levada desde a nascente até ao Monte das Estrebarias; a segunda, a abertura da galeria neste Monte; a terceira consistia nos trabalhos de nivelamento da levada e encanamento da água”. Ver **Levada e Água de rega**.

Nivelamento das águas (De *nivelar* + *-mento*; Do lat. *aqua,ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) Distribuição equitativa das águas, na caixa divisória, para os vários ramais da levada. **Nota:** Termo composto pelo nome *nivelamento* com o complemento determinativo *das águas*. **Doc. Escrita:** Ribeiro *et al.* (1995: 43-44), a respeito da Levada Nova do Furado, escrevem que “foi mandada desobstruir a caixa da levada, para que o tenente Domingos Alberto da Cunha procedesse ao nivelamento das águas. Para executar o trabalho, este encarregado fora autorizado a valer-se das ordenanças das freguesias limítrofes”. Ver **Caixa divisória, Levada e Ramal da levada**.

Nivelar a levada (De *nivel* + *-ar*; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Medir e traçar o percurso da levada com o nivelamento necessário. **Nota:** Expressão composta pelo verbo *nivelar* com o complemento *a levada*. **Doc. Escrita:** Ribeiro (1998: xvi-xvii), sobre a construção da Levada Velha do Rabaçal, relata que, relativamente à segunda parte da obra, “deveria ser continuada a perfuração do Monte das Estrebarias, corrigir algum defeito que existisse, nivelar a levada e construir o caixilho da levada”. Ver **Levada e Nivelamento da levada**.

Noite de água (Do lat. *nox, ctis* 'id.'; Do lat. *aqua,ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) O tempo de uma noite de água de rega. **Nota:** Termo composto pelo nome *noite* com o complemento determinativo *de água*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 154) informa que “Em 06/01/1583, a fazenda do Pico da Fazendinha (Pico da Amoreira), onde chamam as Eiras, tinha uma noite de água da Levadinha da Lombada da Boaventura e então pertencia a Pedro Rodrigues de Lordelo”. Ver **Levada e Água de rega**.

O

Olheiro (De *olho* + *-eiro*) Ponto de onde sai a água do solo. **Nota:** Termo derivado do nome *olho* com o sufixo *-eiro*. Sinónimo de *olho-d'água*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 167) diz que “A Ribeira de Gomes Vaz é muito pródiga em fontes nativas que brotam desde as Fontes do Lopo até ao Grande Olheiro, nas circunvizinhanças do Pico da Amoreira”. O autor (2003: 172), sobre a Levadinha da Fonte do Lopo, regista que “a maior parte das suas águas nascem no Grande Olheiro da Fonte do Lopo, por cujas margens musgosas escorrem para a Levadinha propriamente dita. Por seu turno, o Olheiro da Fonte do Lopo é um grande charco (...) No extremo norte do Olheiro da Fonte do Lopo existiu, desde tempos antigos, uma abundante bica de água”. O mesmo autor (2003: 184) também usa o termo *olho-d'água*: “Estas encostas soalheiras e ricas em olhos de água, tanto as situadas na Rocha Grande como as situadas na parte baixa das Caiadas”. Freitas (2003: 192), sobre a Levadinha da Fonte do Pomarinho, fala de uma longueira “que apresenta uma concavidade no centro da qual brotam alguns olhos de água, conhecidos e usados para beber e para entancar”. **Doc. Oral:** O informante 6 apenas diz que “um olheiro pode ser como está nas canas acolá. Um olheiro de canas”. **Doc. Lexicográfica:** Em Silva (1950: 85), um *olheiro* é uma “pequena vertente de água”. Em Pestana (1970: 97), *olheiro* é uma “pequena mina de água”. Barcelos (2009: 232) define este termo como “nascente de água”, na ilha das Flores (Açores), e também “pequena terra onde se cultivam inhames na água”. No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, II: 2659), *olheiro* é uma “nascente de água, no solo”, o mesmo que *olho-d'água*, “jorro de água que salta do solo”. Ver **Nascente da levada**.

Olho de água Ver **Olheiro**.

Origem da levada Ver **Madre da levada**.

P

Pá (Do lat. *pāla*, *ae* 'pá' [de cavar]) Instrumento utilizado na obra de construção das levadas. **Nota:** Termo simples. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), os antigos trabalhadores da construção das levadas dizem que era um trabalho de “pá e pica e de ombro”. Ver **Levada**.

Palheiro (De *palha* + *-eiro*) Abrigo de animais, junto de arribas, onde os responsáveis pelas obras das levadas e os trabalhadores pernoitavam. **Nota:** Termo derivado de *palha* com o sufixo *-eiro*. **Doc. Lexicográfica:** Barcelos (2008: 402) documenta o termo nos Açores como “casa de pedra solta, que serve em geral como arrecadação das alfaias agrícolas e da comida para os animais”. Para a Madeira, Barcelos (2016: 320) averba o vocábulo como “casa destinada ao abrigo do gado bovino”.

Passar a ronda (Do lat. vulg. **passare*, der. do lat. *passus,us* 'passo, passada'; Do esp. *ronda* (a.1260) 'patrulha; caminho de patrulha; grupo de pessoas que andam fazendo ronda'; f. hist. s. XIV *rrolda*, 1676 *ronda*) Fazer a vigia dos canais de forma a manter o seu bom funcionamento. **Nota:** Expressão formada pelo verbo *passar* com o complemento *a ronda*. **Doc. Oral:** O informante 3 diz “Nós passamos a ronda. (...) Nós vamos ao longo do canal ver se, por acaso, se passa alguma coisa”. Ver **Canal de água** e **Levada**.

Pedra do lavadouro (Do lat. *pētra,ae* 'rocha, rochedo, penhasco, penedo; pedra'; f. hist. s. XIII *pedra*; Do rad. do part. *lavado* + *-ouro* ou *-eiro*) Material usado pelas lavadeiras para lavar a roupa nas levadas. **Nota:** Termo composto pelo nome *pedra* com o complemento determinativo *do lavadouro*. Sinónimo de *pedra de lavar* e de *laje*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 130), a propósito dos lavadouros da Levada do Pico dos Eirós, retirados da levada e dos seus ramais por decisão da Assembleia Geral dos seus heréus, em 1954, refere que “Devido ao antigo hábito, mas mais por necessidade, as lavadeiras obrigaram-se a ir em grupo buscar as lajes, voltando a pô-las no antigo lugar. Não desistindo do seu intento de acabar com os lavadouros da beira da levada, tais hiréus acabavam por partir as pedras do lavadouro à força de malho, de modo que as lavadeiras (já não os podendo reconstruir) desistiram de lavar nos centenários lavadouros construídos pelos antepassados a escassos metros das suas portadas”. **Doc. Oral:** O informante 3 menciona o termo *pedra de lavar*. O informante 5 diz que se lembra que “faziam lá um quadrado, fincavam umas lajes em volta e, depois, ponham uma pedra deitada, uma laje deitada, onde esfregavam a roupa”. Ver **Lavadouro de levada**.

Pedreiro (De *pedra* + *-eiro*; f. hist. 1365 *pedreiro*) Nome da profissão do trabalhador que fazia as levadas com assentamento de pedras. **Nota:** Termo derivado do nome *pedra* com o sufixo *-eiro*. **Doc. Oral:** O informante 1 diz que as construções mais recentes já eram feitas com pedras e cimento. Ver **Alvenel** e **Levada**.

Pena de água (Do gr. *poinē,ês*; Do lat. *aqua,ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) Medida ou quantidade de água. **Nota:** Termo composto pelo nome *pena* com o complemento determinativo *de água*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 24), a propósito da Levada do Pico dos Eirós de Gaula, informa que “tinha um caudal de cerca de 2.000 penas, ou seja, dois mil litros por minuto, dividido por quatro braços, o que dava a cada hiréu a possibilidade de poder regar com uma levada de 500 litros de água por minuto, o que se pode considerar um caudal abundante (...) Em 16 de junho de 1923, um Serviço de Medição de Águas, presumivelmente a cargo da Junta Geral do Distrito do Funchal, tendo ido medir o caudal da Levada de Baixo do Caniço concluiu que transportava um volume de água da ordem de 23 litros por segundo. (...) A fazer fé nesta medição, o caudal desta levada, nessa data, era de 2.310 penas, isto é, 2.310 litros por minuto, ou seja, um braço de 462 litros por minuto”. **Doc. Oral:** O informante 3 menciona “temos 900 penas pa’ uma regadeira, quando há abundância de água”. O informante 4 diz que “pena de água (...) isso não se usa aqui na regadia. Isso é na distribuição da água de beber”. O informante 5 refere que “se for uma regadeira completa, regula-se 900 penas, são 900 penas de água. E isso é considerado uma regadeira”. O informante 6 explica que “pena de água é um litro por minuto”. **Doc. Lexicográfica:** Em Sousa (1950: 107), “é a quantidade de água necessária para encher um litro num minuto”. No pequeno glossário da Lista Indicativa do Bem Levadas da Madeira a Património da Humanidade, *pena* é o “caudal de 1 litro por minuto”. Ver **Água de rega** e **Levada**.

Picar (De **pic-* ou **picc-* 'golpe' + *-ar*) Escavar a rocha para abrir canais de transporte de água ou levadas. **Nota:** Termo derivado de *pico* com o sufixo *-ar*. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), refere-se o trabalho de *picar* a rocha da montanha para construir as levadas. Ver **Levada** e **Picareta**.

Picareta (De *picar* + *-eta*) Instrumento utilizado para picar a rocha na abertura dos canais de água na montanha. **Nota:** Termo derivado do verbo *picar* com o sufixo *-eta*. Sinónimo de *picão*. **Doc. Escrita:** Em *Saudades da Terra*, Livro II, Gaspar Frutuoso, que se baseia nas informações de Jerónimo Dias Leite, no capítulo décimo sétimo, na descrição da ilha da Madeira, a propósito da levada da Ribeira dos Socorridos para Câmara de Lobos, documenta: “Nesta rocha está uma furna muito grande, que serve de casa para os *levadeiros* e para guardar nela munições necessárias de enxadas, alviões, barras, picões e marrões e outras ferramentas”. Freitas (1964: 11) menciona a levada antiga da Lombada dos Esmeraldos, conhecida por Levada do Moinho, que alimenta o cubo duma azenha, informando que os antigos contam que durante muito tempo outra coisa não se fazia senão “cortar rochas com uma picareta, fazer paredes e paredões e outros serviços necessários para assentar os mainéis da levada”. Pereira (1989: 682) relata que as levadas “foram construídas exclusivamente à força de braços, empregando-se nesses trabalhos instrumentos simples e primitivos como picões, barras, alviões, marrões e enxadas”. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 1), refere-se o uso deste instrumento na construção das levadas. Ver **Levada e Picar**.

Poça (De *poço* com alt. da vogal temática *-o > -a*; f. hist. 1134 *pocam*, 1720 *poça*) Depósito ou reserva de água para uso doméstico. **Nota:** Termo simples, forma feminina de *poço*, sendo um reservatório mais pequeno do que o *poço*, também chamado *pocinho*. Construção de pedra, geralmente feita na parte de trás da casa, que era coberta com lajes de pedras. **Doc. Escrita:** Sarmento (1912 *apud* Santos 2017: 55) documenta: “Na margem direita da ribeira, em sítio onde as cheias não atingem, havia uma poça que o Manuel da Lomba, feito do morgado do Zimbral, alargara, limpando-a e erguendo-lhe um murinho barreado, aproveitando assim as águas que minavam duma parede de tufo, revestido de fetos e rabaçais. Cheia a poça, um regueiro traçado ao pé da bucha, conduzia a água a um canavial conquistado à ribeira e que esta havia respeitado nas últimas inverniais. Por causa da poça, que depois de aproveitada todos do lugar se julgavam com igual direito; por causa do regueiro, que a ninguém prejudicava, se debatiam os moradores da Lomba”. **Doc. Oral:** O informante 2 refere “Uma poça que eles faziam que era pa’ casa”. O informante 3 menciona a *poça*, enquanto o 5 diz “Tinham um pocinho. Há pessoas que tinham um pocinho em casa. Um poço ou pequeno tanque e deitavam água lá dentro”. O informante 6 usa o termo *poça*: “Com a poça dá para a gente ter uma reserva, água para beber. É um pequeno tanque”. **Doc. Lexicográfica:** No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, II: 2886), “cova pouco profunda no solo, geralmente com água estagnada. *Region.* Cova artificial, geralmente larga e pouco profunda onde se represa água para regas”. Na ilha Madeira, não se trata de uma cova feita na terra, mas de uma construção de pedra mais pequena do que o poço de rega. Ver **Levada e Poço de rega**.

Poço da levada (Do lat. *putēus, i* 'buraco, fossa, poço de mina, etc.'; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Pequeno reservatório de água feito de pedra, na beira de uma levada, para lavar roupa. **Nota:** Termo composto pelo nome *poço* com o complemento determinativo *da levada*. Ver **Lavadouro de levada**.

Poço de furna (Do lat. *putēus, i* 'buraco, fossa, poço de mina, etc.'; Do prov. alt. de *forno* com mudança de género, por infl. do lat. *fūrnus* 'forno') Construção rudimentar escavada na rocha para armazenar água. **Nota:** Termo composto pelo nome *poço* com o complemento determinativo *de furna*. Sinónimo de *tanque de furna* e *poço subterrâneo*. **Doc. Escrita:** Ladeira (2016: 73) escreve que “Com a construção da Levada Velha do Rabaçal, a incrementação de uma cultura de regadio, a repartição da água escassa pelos camponeses, a impossibilidade de a guardar durante vários dias nos poços a céu aberto de vários herdeiros e o aumento populacional, fizeram com que os camponeses, ao longo da segunda metade do séc. XIX e primeira metade do séc. XX, construíssem inúmeros poços subterrâneos (sendo os últimos construídos por volta de 1950), chamados localmente de tanques de furna. (...) Os poços subterrâneos em furna eram escavados onde o solo era impermeável, sem ser adicionado qualquer material na sua construção, excetuando às vezes uma pedra com um orifício na zona de saída da água. (...) Por serem escavados no subsolo de um terreno que pode estar cultivado, estes passam despercebidos na paisagem por apenas terem duas pequenas aberturas para o exterior, uma correspondente ao poço e outra ao *balucra*, também chamado de *ferida*, que consiste numa cavidade com degraus que acedem ao orifício por onde sai a água. Saindo do orifício, a água é escoada por um canal subterrâneo, por vezes com algumas dezenas de metros, até encontrar a levada a céu aberto e seguir o seu destino até aos terrenos agrícolas. O interior dos poços subterrâneos é composto por diversas galerias com cerca de 2 metros de largura”. O autor (2016: 74) acrescenta que, na Calheta, “Na zona oeste do concelho, existem muitos exemplares destes poços, destacando-se a freguesia dos Prazeres com os exemplares existentes no Caminho Fundo e na freguesia da Fajã da Ovelha (...) quase cada família tinha um poço. Alguns encontram-se já desmoronados, outros fora de uso, mas a maioria encontra-se em bom estado e ainda a desempenhar a sua função. Outros poços

subterrâneos foram escavados na rocha onde brotam nascentes, permitindo assim a guarda da água na origem”. Ver **Poço de rega**.

Poço de rega (Do lat. *putēus*, i 'buraco, fossa, poço de mina, etc.'; *Rega* regr. de *regar*) Depósito, geralmente a céu aberto, onde a água é entancada para a rega. **Nota:** Termo composto pelo nome *poço* com o complemento determinativo *de rega*. Sinónimo de *tanque de rega*, embora em algumas circunstâncias se possam distinguir. Na documentação consultada, também ocorre o termo *tanque de reserva*. Na Madeira, podem ser construídos por proprietários de nascentes nos seus terrenos ou por um grupo de proprietários junto de um ribeiro ou ribeira, para benefício dos próprios, mas também existem tanques construídos pelo Governo Regional nas zonas altas das freguesias, que guardam a água das levadas que corre durante a noite, de modo que os regantes não tenham de fazer regas noturnas. **Doc. Escrita:** Segundo Pereira (1989: 691), “Há também captações particulares, feitas por toda a parte, de caudais livres de regatos e ribeiras, de nascentes e fontes, cuja água é medida de reserva em tanques cavados na rocha ou construídos de pedra e cal, e vendida à hora a colonos do proprietário ou senhorio daqueles”. Ribeiro (2002: 29) diz que “Com a água que vertia nalguns terrenos também fizeram poços para a represar, a qual só era escoada para os campos agrícolas quando estivessem cheios, para então de novo se pôr a encher”. Freitas (2003: 5) refere a existência de poços escavados na rocha mole: “Além das águas das ribeiras, os primeiros povoadores tiveram que recorrer às fontes nativas que aproveitaram para entancar em poços escavados na rocha mole, tais como ainda hoje existem ao longo das encostas da Ribeira do Porto Novo, da Ribeira de Gomes Vaz, da Ribeira dos Caboços e da Ribeira das Hortas”. Freitas (2003: 45) acrescenta que “O bem comum mais valioso que a freguesia de Gaula possuiu foi sem dúvida a Levada do Pico dos Eirós. Embora a sua enorme importância consistisse na irrigação dos terrenos cultivados, com ela se enchiam os pequenos poços e tanques para usos domésticos e se assegurava o funcionamento dos lavadouros públicos”. Aos domingos e dias santos, não se regava, como refere Freitas (2003: 25) sobre “a Carta do Duque D. Fernando, filho adotivo do Infante D. Henrique, 2º Senhorio das ilhas da Madeira, datada de 13/01/1493, na qual determinava que as águas dos domingos e dias santos não sejam de *ereos* mas que qualquer *ereo* de água que faça tanque em que a possa recolher com ela possa regar no dia seguinte (A.H.M., vol. XV, p. 180)”. Este documento mostra como os proprietários começaram a construir tanques para armazenar água de rega. O autor (2003: 34) escreve: “Com a entrada em funcionamento do tanque para recolha da água da noite, os hiréus da Levada do Pico dos Eirós passaram a regar apenas durante o dia pelo que o giro da água passou a novo sistema, continuando, no entanto, os hiréus a regarem no giro de 32 dias, ou seja, de 16 em 16 dias”. Aqui menciona-se a construção de um grande tanque de rega por parte dos heréus, antes da sua construção pelo Governo Regional da Madeira. Freitas (2003: 66) sublinha que “A Levada do Pico dos Eirós foi pioneira na adoção do giro da água de rega apenas no período diurno, isto é, das sete da manhã às sete da tarde. Recorreu, para isso, à construção de um tanque com capacidade suficiente para recolher as 12 horas de água da levada que corriam durante a noite”. O autor (2003: 133) atesta o termo *tanque de reserva*, ao falar dos braços de água da Levada dos Tornos, da qual a Levada do Pico dos Eirós passou a fazer parte, a partir de 1972, “um fica-se pelos baldios do Ribeiro Serrão para satisfazer interesses particulares, dois vão reforçar a Levada da Morena, outros dois a Levada da Roda, outro vai regar no Ribeiro do Louro e no Salão da Lombada de Santa Cruz e outro ainda corre noite e dia para o tanque de reserva da Terra Velha”. Ladeira (2016: 68) documenta que “Na Calheta, com o cultivo de terrenos por todos os sítios, foram-se construindo estreitas levadas que canalizavam a água das ribeiras para os terrenos mais próximos. Estas levadas geralmente eram canalizadas das nascentes das ribeiras para os lombos, para depois ser distribuída pelos terrenos agrícolas, quando existia caudal suficiente, ou para tanques de rega comunitários onde se junta a água e depois é repartida pelos seus heréus”. O autor (2016: 74) informa que “Também existem alguns poços abertos ao longo das ribeiras para regar e/ou macerar o linho”. Livramento (2016: 94) documenta: “encontrámos um grande poço que servia para armazenar a água que brota as suas paredes e, sempre que necessário, abastecia o caudal da levada. Apesar de todos os esforços, não conseguimos precisar qual o nome deste poço; ainda assim, constou-nos que este poderá ser o Poço do Abreu ou o Poço do Andrade”. Tavares (1999 *apud* Santos, 2017: 60), a propósito da rega noturna, escreve: “Na minha infância, a rega umas vezes era de dia, outras vezes calhava à noite. Só depois de ser construído um tanque que, de noite, recebia a água, é que deixou de haver rega noturna”. **Doc. Oral:** Os informantes 2, 3, 4 e 6 usam os termos *poço (de rega)* e *tanque*. O informante 5 explica que “Um *levadeiro*, atualmente, chega de manhã à levada ou aos poços, onde tem o armazenamento da água, e abre as águas para que vá para os regantes, no posto de rega às oito da manhã, para que a água esteja lá”. Acrescenta que “tem os poços que estão por conta dos regantes” e que a água é guardada “num poço ou tanque de rega”. **Doc. Lexicográfica:** Em Pestana (1970: 107), *pôço* é “tanque”. Oliveira (2018-2019: 330) define *tanque* como “reservatório de água em cantaria ou alvenaria, para rega dos poios ou terrenos sem acesso às levadas”. No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, II: 3512), “reservatório feito de pedra, cimento ou outro material, onde se armazena água para regas”. Ver **Levada e Rega**.

Poço dos heréus (Do lat. *putēus, i* 'buraco, fossa, poço de mina, etc.'; Talvez do lat. **herēdu-*, em vez de *herēde-* < lat. *heres, ēdis* 'herdeiro'; f. hist. 1211 *ereos*, 1287 *herel*) Depósito de água que é propriedade de regantes privados. **Nota:** Termo composto pelo nome *poço* com o complemento determinativo *dos heréus*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 173) documenta o termo ao falar sobre a Fonte do Lopo, em Gaula, que abastece o “Poço da Fonte ou Poço dos Hiréus (...) O Poço dos Hiréus é muito antigo (...) Este poço é ainda abastecido por algumas pequenas fontes nativas”. Ladeira (2016: 72-73) diz que, devido “aos fracos caudais existentes nas antigas levadas locais, houve a necessidade de armazenar a água em poços. A construção de poços abertos foi iniciada, muito provavelmente, antes da canalização das grandes levadas do Rabaçal. (...) A água era recolhida geralmente durante a noite e distribuída no dia seguinte aos heréus. Por vezes, os lavradores passavam a noite a vigiar a água para não ser usada por outros. A saída da água do poço faz-se através de um orifício numa pedra que era tapado (...). A maioria foi arrematada em leilão por herdeiros, outras pessoas ou simplesmente invadidos e transformados em terrenos agrícolas, habitações ou reformulados em tanques em cimento”. Ver **Levada e Poço de rega**.

Poio (Do lat. *podĭum, ũi* 'muro baixo que circundava a arena dos anfiteatros sobre o qual se colocavam vários tipos de assentos') Pequena área de terra destinada ao cultivo agrícola, em declive montanhoso. **Nota:** Termo simples. Sinónimo de *eito*. Tradicionalmente, o *poio* é suportado por paredes ou muros de pedra seca ou solta de basalto. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 131), a propósito da Levada do Pico dos Eirós, que existiu como propriedade de heréus durante cerca de 500 anos, desde finais de mil e quatrocentos até 13 de fevereiro de 1971, menciona “os muitos milhares de pessoas que, durante esse tempo todo, foram subindo do mar à serra e descendo da serra ao mar, seguindo-se umas às outras, para que a água corresse no mainel da Levada Grande, sempre cheia, de modo a poder saciar de água os poios cultivados”. **Doc. Oral:** O informante 2 indica que “o poio é uma parcela de terra”. O informante 5 também usa a denominação *poio*: “É os poios, poios regados da levada: «Este poio é regado da levada»”. O informante 6 usa o termo *eito*. **Doc. Lexicográfica:** Em Macedo (1939: 58), *poio* é um “pedaço de terreno cultivado”. Rezende (1961: 301) regista *poios* como “pedaços de terra separados por muros”. Nunes (1965: 121) regista *poio* como “terreno cultivado”. Silva (1950: 31) averba *cerrado* como *poio*, “pequeno terreno”. Em Sousa (1950: 110), *poio* “é um socalco”. Pereira (1951-52: 221) regista o termo *eito* como “porção de terra cultivada. O mesmo que poio”. Em Figueiredo (2004/2011: 152), *poio* é uma “porção de terreno, geralmente de pequenas proporções, situada por vezes nas encostas, sustentada quase sempre por um muro de pedra e destinada à agricultura”. Em Santos (2007: 398), *poio* “é o termo que designa o pequeno terreno em socalco que no Douro se chama *geio*”. Barcelos (2009: 254) define o termo como “pequeno socalco de terra junto ao mar, geralmente aproveitado para cultivar inhames”, informando que também é usado na Madeira com o mesmo significado. Segundo Barcelos (2016: 308), a propósito do muro do poio, refere Jorge de Freitas Branco, em *Camponeses da Madeira*, que diz que, para se levantar os muros dos poios, tem que se respeitar uma técnica rigorosa, evitando que a terra encharcada pela água da rega ou da chuva se escoe lentamente por entre as pedras do muro, mas deixando escapar o excesso de água. Em *poio*, Barcelos (2016: 344) cita igualmente Jorge Freitas Branco: “Os poios são imprescindíveis para a ilha. Eles foram o primeiro requisito necessário à intensificação da produção, desde que existissem canais de irrigação”. No glossário de Santos (2017: 153), *poio* é “localmente o termo que designa o pequeno terreno em socalco; pequeno terraço de solo arável”. Oliveira (2018-2019: 330) regista o termo *velga* como “designação local (Estreito) para o bloco, a área cultivável do poio”. O termo *poio* ('socalco') é registado em Teixeira (2019). No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001: 2890), *poio* é um regionalismo da Madeira que designa “os socalcos escavados nas encostas”. Ver **Fazenda**.

Pólvora (Do esp. *pólvora* [1350] 'id.', do lat. *pŭlvera* nom. neutro de *pulvis, ěris* 'id.'). Substância explosiva usada para rebentar a rocha. **Nota:** Termo simples. Sinónimo de *dinamite* e *fogo*. Usada sobretudo na abertura dos túneis, para a passagem das levadas, mas também pelos *rocheiros* para rebentar a rocha da montanha, ao construir uma passagem para a água. **Doc. Escrita:** Vieira (2011: 31), sobre a Levada da Achada Grande, em nota, informa “Um entrevistado recorda-se que quem se ocupava de verificar o carregamento do fogo «dinamite» era o Manuel Marujo”. No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), é dito que a *pólvora* era usada para fazer rebentar a rocha, sendo colocado um rastilho comprido para o trabalhador que a colocava ter tempo de fugir da explosão. Ver **Dar fogo**.

Posto de rega (Do lat. *positus, us* 'posição, situação, postura; assento, sítio; arrançamento, disposição', do rad. de *positum*, supn. de *ponĕre* 'pôr'; *Rega* regr. de *regar*) Lugar onde o regante vai regar. **Nota:** Termo composto pelo nome *posto* com o complemento determinativo *de rega*. **Doc. Oral:** O informante 5 informa que “Um *levadeiro*, atualmente, chega de manhã à levada ou aos poços, onde tem o armazenamento da água,

e abre as águas para que vá para os regantes, no posto de rega às oito da manhã, para que a água esteja lá”. Ver **Levadeiro** e **Rega**.

Presidente da comissão administrativa da levada (Do lat. *praesidens, éntis*, part. pres. de *praesidēre* 'estar assentado adiante, ter o primeiro lugar; estar à testa de, dirigir'; De *commissio, ōnis*, rad. de *commissum*, supn. de *commitēre*; Do lat. *administrativus, a, um* 'que é apto, próprio para dirigir negócios; relativo a administração'; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Dirigente máximo responsável pela gestão das águas de uma levada particular. **Nota:** Termo composto pelo nome *presidente* com os complementos determinativos *da comissão administrativa da levada*. O termo mais antigo, antes de *presidente*, era *juiz da levada*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 26) atesta que “Em 1908, aquando da escritura dos primeiros Estatutos da Levada do Pico dos Irozes, era juiz ou presidente e tesoureiro da levada o padre Norberto Gonçalves, vigário da freguesia de Gaula”. **Doc. Lexicográfica:** Silva e Meneses (1978, II: 508) registam o termo *juiz da levada*, indicando que o Estado foi durante séculos o único proprietário das águas de regadio e, para isso, era nomeado um juiz. Acrescentam que os heróis foram se libertando dessa tutela e adquirindo a propriedade das águas, passando à nomeação de comissões administrativas, regime aplicado somente às levadas particulares. No glossário de Santos (2017: 152), *juiz da levada* é um “cargo de prestígio social que tinha como principais funções gerir os negócios da levada, zelar pela sua manutenção e nomear levadeiros”. Ver **Comissão administrativa da levada**.

Q

Quarto de água Ver **Quarto de levada**.

Quarto de levada (Do lat. *quārtus, a, um* 'quarto; quarta parte'; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Uma das partes da quantidade de água de uma levada, dividida em quatro partes. **Nota:** Termo composto pelo nome *quarto* com o complemento determinativo *de levada*. Sinónimo de *quarto de água* e de *água de quarto*. **Doc. Escrita:** Branco (1987: 144) cita Ahu (3284), a propósito da descrição da Levada de Santa Luzia, documento datado de 1813, onde ocorre este termo: “He livre a cada hereo vender cada hora d’Agoa que lhe pertence, quando sua cultura a pode despencar e esse preço he de 400 reis por ora de levada inteira; chamasse levada inteira porque o volume d’Agoa que tras a levada costuma repartirse em quatro partes, a que chamao quartos de levada, em que ha 36 hereos”. Freitas (2003: 16) refere o termo em “um quarto de levada da água da Levada do Pico dos Irozes” (Gaula). Freitas (2003: 27) indica que “Em 09/04/1824, o tenente António de Castro Telles de Menezes e sua mulher D. Maria Cristina de Mesquita venderam ao Capitão António Joaquim Telles de Menezes um quarto de água em cada giro da Levada Grande do Pico dos Irozes”. Freitas (2003: 29) regista ainda o termo *Água de Quarto*: “Em 01/10/1894 faleceu o alferes António Joaquim da Mata, morador nas Levadas, em cujo inventário, entre outros bens, constam 21 horas de água de quarto da Levada do Pico dos Heroes, avaliada pelo tribunal em 450 mil reis (...) Em 18/03/1908, foram vendidas quatro horas da água de quarto da mesma Levada por 12.000 reis. (...) Em 10/06/1918, faleceu Domingos Rodrigues Cortiça (...) deixou três horas de quarto da Levada do Pico dos Heroes, avaliadas em 490 escudos e 60 centavos”. **Doc. Lexicográfica:** Segundo Barcelos (2016: 354), “quantidade de água de uma levada debitada em quinze minutos”. Ver **Levada**.

Quarto de poço (Do lat. *quārtus, a, um* 'quarto; quarta parte'; Do lat. *putēus, i* 'buraco, fossa, poço de mina etc. ') Uma quarta parte da quantidade de água de um poço. **Nota:** Termo composto pelo nome *quarto* com o complemento determinativo *de poço*. **Doc. Lexicográfica:** Segundo Barcelos (2016: 354), “medida de água das levadas da Madeira”, definição genérica que não especifica o significado do termo. Ver **Poço de rega**.

Quebra de giro (Regr. de *quebrar*; Do gr. *gûros* 'círculo', pelo lat. *gŷrus, i* 'círculo que faz um cavalo) Os dias em que se quebra o giro da água de rega. **Nota:** Termo composto pelo nome *quebra* com o complemento determinativo *de giro*. **Doc. Escrita:** Branco (1987: 144) cita Ahu (3284), a propósito da descrição da Levada de Santa Luzia, documento datado de 1813, que regista o termo *quebras*: “intendesse por giro o circulo de dias dentro do qual se prehenche a cada hereo a porção de Agoa a que tem direito, para regar duas culturas: acrescentao a este giro sette dias, a que chamao de quebras, nos quaes incluem os domingos, destinados para a rega de culturas ordinarias, estabelecidas nas margens das Ribeiras; aos sábados pela meia noute, derivasse a corrente para estes proprietários e, no domingo, pelas seis oras da tarde, retrocede para o seo giro ordinario”. Ver **Água de rega** e **Levada**.

Quebrada (Fem. substv. de *quebrado*; f. hist. 1085 *crepata*, 1220 *quebradas*) Queda de rocha, pedras e terra da montanha que obstrui o percurso duma levada. **Nota:** Termo simples, o mesmo que *derrocada*. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), informa-se que, durante a construção das levadas, ocorriam muitas quebradas que provocavam mortos e feridos. **Doc. Lexicográfica:** Barcelos (2016: 354) define *quebrada* como “grande desmoronamento de terra”. Ver **Levada**.

Quebra-pressão Ver **Dormente (da levada)**.

Quebrar a água (Do lat. *crepo, as, ũi, ĩtum, āre* 'fazer um som, estrondar, estalar, crepitar; abrir-se, rachar-se, fender-se, romper-se, rasgar-se com estrondo'; Do lat. *aqua, ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) Reter a circulação da água que está em período de giro. **Nota:** Expressão composta pelo verbo *quebrar* com o complemento *a água*. **Doc. Escrita:** Ribeiro (2002: 29-30) transcreve a legislação camarária de Santana, nomeadamente as Posturas de 1837, que procuravam regular a distribuição das águas: “Ninguém poderá quebrar a água que anda em giro, nem mesmo a pessoa a quem ela pertencer, sem que pelo levadeiro lhe seja entregue”. Ver **Giro da água, Levadeiro e Levada**.

Queda de água Ver **Aguagem ou Aguage**.

Quinhão de água (Do lat. imp. *quĩño, õnis* 'reunião de cinco', de *quĩni* 'de cinco em cinco'; Do lat. *aqua, ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) Quantidade de água de uma levada dividida por vários regantes. **Nota:** Termo composto pelo nome *quinhão* com o complemento determinativo *de água*. **Doc. Escrita:** No que se refere ao Porto Santo, Pereira (1989: 715) documenta que as “levadas, com a profundidade de 1,50 m por 1 m ao menos de largura, fazem a distribuição das águas por dois processos: durante o percurso, por meio de saídas livres, de cerca de 50 cm de boca, abertas a mais de meia altura da vala – os tornadouros – que irrigam os terrenos marginais dos seus heréus; no término, por meio de uma represa profunda no terreno em que corre a levada ao mesmo nível desta, onde se acumulam as águas restantes dos tornadouros, que saem por diversas bocas – os quinhões –, cada um de volume de água igual ao de cada tornadouro, destinadas a irrigar terrenos mais afastados”. **Doc. Lexicográfica:** Segundo Barcelos (2016: 356), *quinhão* é o “nome que se dá a cada boca dos *tornadoiros* destinada à distribuição da água das levadas pelos terrenos agrícolas”. Ver **Água de rega, Levada e Tornadouro ou Tornadouro**.

R

Ramal da levada (Do lat. *ramālis, e*, der. de *ramus, i* 'ramo, galho; árvore frutífera etc.'; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Um canal de irrigação que recebe água de um maior e um pequeno canal que leva a água das levadas para terrenos agrícolas. **Nota:** Termo composto pelo nome *ramal* com o complemento determinativo *da levada*. Sinónimo de *levada secundária, ramo e braço da levada* ou *braço de água*, a par de *ramo de água, regadeira (de água)* e *levadinha*, mas também de *troço da levada* (cf. informante 6). Porém, este termo, tal como *regadeira*, pode designar as levadas mais pequenas do que os *ramais*, que levam água até os poios. Registou-se também a forma antiga *regueiro* (termo formado a partir do nome *rego* com o sufixo *-eiro*). O termo *ramal* também se pode confundir com a denominação *lanço*, tendo, no entanto, significados diferentes. **Doc. Escrita:** Branco (1987: 143) cita Ahu (3284), que, na descrição da Levada de Santa Luzia do Funchal, datada de 1813, diz “Ha hum ramo desta levada que em cada giro vai regar na Freguezia de S. Pedro”. Freitas (2003: 139) indica que “a levadinha da Ribeira da Metade é formada pelas águas que brotam das nascentes nativas que se encontram ao longo da Ribeira da Metade”. O autor (2003: 171), a propósito da Levadinha da Fonte do Lopo, escreve: “a levadinha encabeça no mainel da Levada da Roda, nos dias em que essa levada não está em giro”. Sarmiento (1912 *apud* Santos 2017: 55) documenta que “cheia a poça, um regueiro traçado ao pé da bucha, conduzia a água a um canavial conquistado à ribeira e que esta havia respeitado nas últimas invernias. Por causa da poça, que depois de aproveitada todos do lugar se julgavam com igual direito; por causa do regueiro, que a ninguém prejudicava, se debatiam os moradores da Lomba”. Freitas (2003: 19) regista: “Neste seu percurso de cerca de 17 Kilómetros distribui-se, conforme o giro, por alguns ramais chamados levadas”. Freitas (2003: 24) usa o termo braço como sinónimo de ramo ou ramal: “tinha um caudal de cerca de 2.000 penas, ou seja, dois mil litros por minuto, dividido por quatro braços, o que dava a cada hiréu a possibilidade de poder regar com uma levadade 500 litros de água por minuto, o que se pode considerar um caudal abundante (...) Em 16 de junho de 1923, um Serviço de Medição de Águas, presumivelmente a cargo da Junta Geral do Distrito do Funchal, tendo ido medir o caudal da Levada de Baixo do Caniço concluiu que transportava um volume de água da ordem de 23 litros por segundo. Quanto à Levada do Pico dos Eirós, a medição foi feita nos Moinhos de Gaula, onde mediram cada um dos cinco

braços em que a levada estava dividida e chegaram à conclusão que cada braço tinha um fluxo aproximado de 7,7 litros por segundo, pelo que foi concluído que o caudal total da levada se deverá reputar inferior a 45 litros por segundo. A fazer fé nesta medição, o caudal desta levada, nessa data, era de 2.310 penas, isto é, 2.310 litros por minuto, ou seja, um braço de 462 litros por minuto”. O autor (2003: 34) explica: “Se a levada, dividida em quatro braços, tiver um giro de 24 dias, durante um dia, produzirá 96 horas de água de rega e ao longo de 24 dias produzirá 2.304 horas, o que corresponde à totalidade que os hiréus dessa levada podem dispor, ou para a rega dos seus terrenos, ou para arrendamento a outros. (...) Tanto o giro como a subdivisão da levada em braços são devidos em função do aumento de terrenos cultivados e da conseqüente necessidade de mais água para os regar”. Freitas (2003: 71) escreve: “as águas da Levadinha da Ribeira da Metade estavam incorporadas na Levada do Pico dos Eirós que lhe fornecia, sem qualquer pagamento, logo abaixo do Cabicinho, a água necessária para completar aquele braço de água”. Freitas (2003: 132-133), sobre a Levada do Pico dos Eirós, acrescenta: “Os vários ramais e levadas secundárias da levadacorrente o risco de, a breve trecho, não puderem funcionar devido ao completo entulhamento por detritos (...), mas devido sobretudo à falta de limpeza e ou de manutenção periódica dos respetivos mainéis. Estão neste caso o ramal da Contenda que desce do Rego (...), o ramal da Fazenda e o do Cardal que saem da caixa divisória da Ladeira, o ramal do Farrobo que sai do tornador abaixo do Moinho do Marinheiro, o ramal do Farrobo e Beatas, o ramal da Rocha da Lapa, o ramal das Lajes que sai da Doca e o ramal da Rocha do Gato que sai do Cantinho”. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), o *levadeiro* do Arco da Calheta refere a existência de seis ou sete *ramos de água* que ele tem de gerir ao mesmo tempo. Informa que é responsável pela distribuição das regadeiras de água, havendo vários ramos de água a correr ao mesmo tempo. **Doc. Oral:** O informante 2 indica que “a Levada das Fuzas [Levada da Cafusa em Santa Cruz] é secundária”. Os informantes 2 e 3 usam os termos *regadeiras* e *ramais*. O informante 3 indica o nome “Ramal, que este era uma levada aqui, aqui há uma saída por aqui”. O Informante 4 refere que “um canal é uma levada que leva várias regadeiras” e uma *regadeira* é um “braço da água”. Explica: “Eu tenho seis regadeiras. A gente deita água no tornador, tenho quatro, cinco heréus”. O informante 5 usa os termos *levadas secundárias* e *regadeiras*. Diz que “as levadas secundárias, que são as levadas que saem fora do canal principal, essas são as principais que cabe aos *levadeiros*. Chama-se regadeiras. Nos Prazeres, tenho cinco regadeiras, cinco que saem do canal principal”. Acrescenta que “são os pequenos ramais, os ramais mais pequenos. São levadas secundárias ou levadas mais pequenas ou... um ramal”. Explica ainda que “as pessoas tinham a água nos poços, guardavam água nos poços para poderem regar de dia. E as levadas, essas levadas principais, só cabia duas regadeiras de água”. O informante 6 diz que um *ramal* é um pedaço da levada: “Aquilo chama-se ramal, um ramal. Uma levada, linha geral é a linha geral que passa para todos, é uma linha geral. E, depois, tem divisões... que divide para ramais”. Acrescenta que é o mesmo que “Regadeiras, que sai da linha geral e vão para as partes mais pequenas (...) É troço da levada, prontos, é ramal”. **Doc. Lexicográfica:** Segundo Barcelos (2016: 359), *ramal* é o mesmo que *lanço*, “falando das divisões do caudal das levadas”. Fernandes (2018: 104) regista um *braço de água* como “900 penas”. Segundo o pequeno glossário da Lista Indicativa do Bem Levadas da Madeira a Património da Humanidade, o termo *regadeira* “pode ser usado em duas situações distintas, mas diretamente interligadas. Por um lado, designa as levadas secundárias que servem para distribuir a água nos lanços para os terrenos agrícolas e, como medida de caudal, corresponde a 900 penas, isto é, a 15 l/s.”. Oliveira (2018-2019: 329) regista o termo *regadeira* como “termo local dado aos canais de irrigação secundários, usados para distribuição de água às várias parcelas”. Ver **Levada e Lanço**.

Ramo de água Ver **Ramal da levada**.

Rebentamento – Explosão provocada para destruir a rocha na abertura do percurso de uma levada. **Nota:** Termo derivado do verbo *rebentar* com o sufixo *-mento*. **Doc. Escrita:** Vieira (2011: 32), em nota, sobre a construção da Levada da Achada Grande, refere: “Tinha feito só um furo para um rebentamento enquanto o José Bento tinha feito três, durante uma manhã”. O autor (2011: 35) escreve: “Para o rebentamento usavam instrumentos rudimentares e grandes como escopros e martelos para perfurarem as pedras à custa do trabalho braçal. Quando o furo já era suficiente para partir a pedra, colocava-se pólvora ligada a um rastilho. Antes do rebentamento, alguém com voz forte lançava um pregão, demorado, dizendo *lá vai fogo*. Esperava um pouco e repetia *lá vai fogo*. Entretanto, ao anunciar pela terceira vez, *lá vai fogo*, um trabalhador pegava lume na mecha e fugia com os seus colegas de trabalho para outros lugares onde não fossem atingidos pelos estilhaços da explosão”. Ver **Pólvora**.

Recarga (De re- + *carga*; f. hist. 1813 *recarga* 'ato de tornar a carregar', 1881 *recarga*) Reposição da água de uma nascente através da chuva ou da precipitação oculta do nevoeiro. **Nota:** Termo derivado por prefixação, formado do nome *carga* com o prefixo *re-*. Neste caso, a água é captada através da vegetação,

nas zonas altas da montanha. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 1), diz-se que o nevoeiro é uma fonte de recarga constante do caudal das nascentes.

Rede (Do lat. *rēte, is* 'teia [de aranha]; rede') Meio de transporte rudimentar usado para transportar os feridos das derrocadas até ao médico. **Nota:** Termo simples. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), informa-se que era um meio improvisado com um cobertor amarrado num pau, levado ao ombro de dois homens. **Doc. Lexicográfica:** Barcelos (2016: 363) define *rede* como “uma espécie de machila ou palanquim, antigamente destinada ao transporte dos doentes aos ombros, pelos atalhos de penetração da ilha, desde as freguesias até ao Hospital”, na ilha da Madeira e na ilha das Flores, nos Açores.

Rede de córregos (Do lat. *rēte, is* 'teia [de aranha]; rede'; Do lat. hsp. *corrūgus, i* 'regio ou vala de água onde se lavavam metais'; f. hist. 1087 *côrrago*, s. XV *corrego*) Conjunto de riachos que alimentam os ribeiros e as ribeiras. **Nota:** Termo composto pelo nome *rede* com o complemento determinativo *de córregos*. **Doc. Escrita:** Quintal (1999: 216) informa que, em S. Jorge, “Nalguns pontos pode-se desfrutar de belas vistas: a Ribeira de São Jorge com toda a sua rede de córregos e ribeiros”. Ver **Ribeira e Ribeiro**.

Rede de levadas (Do lat. *rēte, is* 'teia [de aranha]; rede'; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Conjunto de levadas interligadas entre si que constituem um sistema complexo de irrigação por gravidade. **Nota:** Termo composto pelo nome *rede* com o complemento determinativo *de levadas*. Sinónimo de *braços de canais* (cf. informante 4). A partir de uma levada principal, a água é distribuída por várias levadas secundárias e regadeiras ou levadinhas, chegando até aos poios de vários sítios de uma freguesia. **Doc. Escrita:** Segundo Branco (1987: 142), na ilha da Madeira, houve a necessidade de “edificação e ampliação duma rede de levadas”. Freitas (2003: 55) relata que a freguesia de Gaula é servida por “uma rede de levadas de água de rega com a extensão aproximada de 450.000 metros”. Quintal (2011: 142), sobre a rede de levadas da Madeira, diz que “Na Madeira, a história das levadas confunde-se com a dos homens. As primeiras surgiram nos alvares do povoamento e daí para cá nunca mais deixaram de nascer. A rede de levadas é um espantoso monumento com cerca de 1400 km de extensão, numa ilha com apenas 756km²”. **Doc. Oral:** O informante 4 usa a denominação *braços de canais* para uma rede de levadas: “a gente aqui usa-se aqueles braços de canais”. Ver **Levada**.

Rega (Regr. de *regar*) Processo de irrigação de terrenos cultivados. **Nota:** Termo formado por derivação regressiva do verbo *regar*. Sinónimo de *regadura*, *regadio* e *regadia* (cf. informante 4). Na Madeira, a rega tradicional é feita através de um sistema de canais de transporte de água ou levadas. **Doc. Escrita:** Orlando Ribeiro (1985: 62), em relação à *rega* na Madeira, afirma que apresenta “um carácter complexo, porquanto se aplica tanto às culturas que não poderiam passar sem água durante o verão (*rega de carência*) como àquelas em que tem por missão aumentar o rendimento (*rega de abundância*)”. Acrescenta “Desde os primeiros tempos da colonização, as águas que eram utilizadas na rega das plantações de cana-de açúcar serviam também para mover os engenhos destinados a esmagar os caules destas plantas. Assim, os engenhos encontravam-se nas margens das ribeiras” (1985: 66). Tavares (1999 *apud* Santos, 2017: 60) escreve “A água começava a arriar: estávamos chegando ao fim da regadura. Deu para regar tudo. A vela da lanterna dava para chegar a casa”. Freitas (2003: 153), sobre a Levada da Roda, em Gaula, indica que “Nos estios mais apertados, os dois braços da levada juntavam-se num só, quando os hiréus queriam regar canas ou bananeiras, pelo que então combinavam, ou com o regante anterior, ou com o que lhe seguia, dividir o tempo de rega a meio, de modo a aumentar o caudal da água de rega para o dobro”. **Doc. Oral:** O informante 4 usa o termo *regadia*: “Isso não se usa aqui na regadia”. **Doc. Lexicográfica:** Pestana (1970: 111-112) documenta o termo *rega de pé* como “antigo sistema de rega (antes da existência de canos e manilas), através do qual os trabalhadores empurravam a água com os pés num rego feito com a enxada”. Ver **Levada e Regar**.

Rega por alagamento (Regr. de *regar*; De *alagar* + *-mento*) Irrigação de um terreno através de inundação. **Nota:** Termo composto pelo nome *rega* com a preposição *por* e o nome *alagamento*. **Doc. Oral:** O informante 5 refere o termo em: “O que a gente chama é a levada ou rega por alagamento. (...) É regar por alagamento”. **Doc. Lexicográfica:** Oliveira (2018-2019: 329) indica que o sistema de irrigação por alagamento é o “sistema de rega mais utilizado na Madeira, consiste na rega dos terrenos através da condução das águas pelas levadas”. Ver **Levada e Regar**.

Regadeira (de água) Ver **Ramal da levada**.

Regante – Indivíduo que usa a água de rega das levadas para irrigação de terrenos agrícolas. **Nota:** Termo derivado do verbo *regar* com o sufixo *-ante*. Sinónimo de *heréu* (cf. informante 4). Embora *heréu*

correspondesse apenas a regantes de levadas privadas, será uma generalização do significado do termo. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 153), sobre a Levada da Roda, em Gaula, escreve: “Nos estios mais apertados, os dois braços da levada juntavam-se num só, quando os heréus queriam regar canas ou bananeiras, pelo que então combinavam, ou com o regante anterior, ou com o que lhe seguia, dividir o tempo de rega a meio, de modo a aumentar o caudal da água de rega para o dobro”. **Doc. Oral:** O informante 4 usa o termo *heréus*: “acaba o regadio dos heréus, volta um novo giro. Se eu sei que aqui tenho, nesta caixa de nó, tenho seis ou sete heréus, tenho, por exemplo, dez horas de água (...) O heréu é o regante (...) Todos os regantes são heréus”. O informante 5 diz “Um *levadeiro*, atualmente, chega de manhã à levada ou aos poços, onde tem o armazenamento da água, e abre as águas para que vá para os regantes, no posto de rega às oito da manhã, para que a água esteja lá”. **Doc. Lexicográfica:** No glossário de Santos (2017: 153), *regante* é “o indivíduo que rega terrenos com água da levada”. Ver **Levada, Água de rega e Regar**.

Regar (Do lat. *rīgo, as, āvi, ātum, āre* 'regar, irrigar, molhar, banhar; derramar, verter') Irrigar os terrenos cultivados com a água de rega das levadas. **Nota:** Termo simples. Para regar, os agricultores usam *botas de água* (calçado de borracha com cano alto até os joelhos), termo madeirense que é sinónimo de *galochas*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 68), a propósito da Levada do Pico dos Eirós de Gaula, informa “Com a entrada em funcionamento do tanque, as doze horas do giro da noite, que corriam das dezanove horas da tarde até às sete horas do dia seguinte, caíam dentro do tanque. Enquanto a parte da freguesia situada acima do tanque começava a regar a partir das sete da manhã com a água que vinha diretamente da Madre da Levada, a parte da freguesia situada abaixo do tanque começava a regar também às sete da manhã com a água do poço. Competia ao encarregado de abrir e fechar o poço a responsabilidade de regular, “a olho”, a saída correta da água, rodando as manivelas das três torneiras do tanque, à medida que as horas passavam e o poço ia ficando mais vazio”. O autor (2003: 145), a propósito da Levadinha da Ribeira da Metade, documenta que “só por si, não dava para regar com um braço de água”. Ver **Levada e Rega**.

Rego (De *recu*, pré-romano, prov. misturado com o celta *rica* 'sulco'; f. hist. 870 *rego*, s. XV *regos*, s. XV *rrego*) Pequeno trilho na terra cultivada onde corre a água de rega. **Nota:** Termo simples. O informante 6 refere um termo relacionado, *cabeceira dos regos*, que será o seu começo, onde a água entra. **Doc. Oral:** O informante 4 refere o termo *rego*. O informante 5 explica que uma “manta é mais larga e o rego é mais pequeno”. O informante 6 explica que “Sai [água de] uma levada para [um eito], faz-se para entalhar a cabeceira dos regos”. **Doc. Lexicográfica:** No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, II: 3159), é uma “pequena vala, sulco na terra por onde passa água”. Ver **Levada e Regar**.

Relógio de água (Do lat. *horologĭum, ŭi*, do gr. *hōrológion* 'quadrante solar em que se lia a hora, relógio'; Do lat. *aqua, ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) Instrumento de medir o tempo colocado numa construção em forma de torre para controlo do uso da água de rega. **Nota:** Termo composto pelo nome *relógio* com o complemento determinativo *de água*. Na Madeira, são conhecidos o Relógio de Água da Azenha (Caniço), o Relógio de Água dos Moinhos (Santa Cruz) ou Relógio de Água da Levada do Castelo e o Relógio de Água da Levada do Poiso (ou dos Canhas). Nas localidades onde não havia *relógio de água*, os regantes usavam o *relógio da torre da igreja* (cf. informante 5). **Doc. Escrita:** Sobre o Relógio de Água da Levada do Poiso, Fontinha *et al.* (2013: 93) referem que “No sítio do Carvalho, junto à Estrada Regional 209 que liga a freguesia dos Canhas ao Paul da Serra, é bem visível uma torre de cor rosa. Trata-se do Relógio de Água da Levada do Poiso, em 1998 classificado de Valor Local pelo Governo Regional. Constitui um exemplar único do seu género e representa uma importante edificação do nosso património cultural. A sua construção remonta a finais do século XIX, quando, em 1890, os heréus da Levada do Poiso compraram um relógio e erigiram uma torre, onde o colocaram com o intuito de regular eficazmente a repartição e distribuição das águas de regadio da levada. A torre do relógio tem também um sino no topo”. **Doc. Digital:** No Facebook do MJPP (publicação de 5 de março de 2017), pode ler-se que “O complexo sistema de distribuição da água na ilha da Madeira criou uma diversidade de arquiteturas industriais e funcionais, que atualmente se materializam numa rede de levadas, moinhos e serras de água, lavadouros, casas de distribuição e relógios de água. No século XVIII e na centúria seguinte, com a necessidade de harmonizar os horários da água de rega, da então responsabilidade das comissões administrativas de heréus, verificou-se a construção de pequenas torres de alvenaria de pedra e cantaria local, conhecidas popularmente por «relógios de água». Nestes imóveis, a gestão da água de rega obedecia à regulação do relógio da comissão e às diretrizes do *levadeiro* que pernoitava no local, conforme as necessidades”. Na mesma fonte, sobre os “Relógios de Água do Caniço”, lê-se: “localizado junto ao tardoz do Moinho de Águae Levada, e que fazia a distribuição de água para o respetivo moinho e terrenos agrícolas a sul. Trata-se de uma construção paralelepípedica em pedra basáltica aparelhada e rebocada. Possui uma pequena porta de acesso com molduras em cantaria rija e óculos redondos na mesma cantaria para o mostrador do relógio, já desaparecido. É coberto por um telhado de quatro águas em telha de meia cana.

Conjuntamente com a levada, o moinho e o caminho calcetado, no tradicional empedrado em ponta de unha de cabra, constitui um núcleo patrimonial interessante que deve ser preservado e valorizado como conjunto de interesse histórico e cultural”. A propósito do Relógio de Água da Levada do Castelo, escrevem: “O pequeno imóvel é de construção paralelepípedica em pedra aparelhada e rebocada com portas de acesso de molduras de cimento em ressaltado. Exibe uma escada de acesso ao relógio em pedra basáltica. A abertura para o mostrador do relógio, entretanto já desaparecido, é de forma quadrangular e é protegido por uma cobertura em zinco. Possui também um candeeiro para iluminação exterior possibilitando o visionamento do mostrador à noite, com o sistema de iluminação pública a petróleo. A construção é coberta por um telhado de quatro águas, em telha de canudo, que substituiu uma cobertura anterior em telha de meia cana”. **Doc. Oral:** O informante 2 indica “aqueles relógios de água que haviam. O mais próximo que havia de aqui era o da Levada dos Moinhos, ali na Assomada”. O informante 3 também menciona o *relógio de água*. O informante 5 explica que, na sua localidade, “as pessoas controlavam pela torre, o relógio da torre da igreja. Tem o relógio e toca o sino. E as pessoas, quando não usavam relógio, porque não havia muitos relógios... Elas ouviam ali na zona, quando aquilo bate as horas, bate os quartos e as meias horas, o relógio. Muita gente se controlava por isso”. **Doc. Lexicográfica:** O termo *relógios de água* é registado em Teixeira (2019). Ver **Casa do relógio**.

Renda da levada (Do lat. vulg. *rendīta*, por *reddīta* neutro pl. substv. de **rendītus, a, um* part. de **rendēre* 'render', tomado como feminino; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Pagamento dos regantes pela água de rega que recebem da levada durante o período de giro. **Nota:** Termo composto pelo nome *renda* com o complemento determinativo *da levada*. Termo que designa o pagamento da água das levadas do Estado. **Doc. Escrita:** Pereira (1989: 694) afirma que a contribuição anual paga para a rega é chamada pelo povo *renda*: “O produto das rendas das levadas do Estado, cobrado pela Junta Geral e coberto pelos agricultores, destina-se à conservação, reparação, vigia dos antigos canais e sulcos, e ao desenvolvimento de novos aquedutos e ramais, como os construídos de 1936 a 1939, no Caniço, S. Gonçalo, Santa Maria Maior, S. Jorge e Ponta do Pargo. A renda paga pelos arrendatários destas levadas é inferior, nalgumas localidades, à paga pelos heréus, pelo que a Junta Geral, para manter o regime de irrigação em vigor, suporta numa maneira geral encargos a benefício dos agricultores e da economia da ilha, que lhe absorvem o rendimento anual das levadas. Aquela diferença de rendas é destinada a produzir nas levadas particulares um rendimento compensador do capital empregado pelos heréus seus proprietários”. Freitas (2003: 42) transcreve os Estatutos da Levada do Pico dos Eirós, onde se lê: “À Assembleia Geral compete conhecer tudo quanto respeita à associação e é da sua competência especial: estabelecer ou alterar o giro das águas e alterar o preço das rendas”. Ver **Levada e Água de rega**.

Repartição da água (De *repartir* + *-ção*; Do lat. *aqua, ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) Divisão da água de rega pelos regantes numa determinada localidade. **Nota:** Termo composto pelo nome *repartição* com o complemento determinativo *da água*. Sinónimo de *distribuição da água*. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), diz-se que o *levadeiro* faz a *distribuição da água* pelos regantes. **Doc. Lexicográfica:** Em Silva (2013), *repartição* é “o ato de dividir as águas da rega. Água de repartição: água vinda de um poço comum que depois é dividida por vários agricultores”. Ver **Levada, Levadeiro e Poço de rega**.

Revestimento da levada (De *revestir* + *-mento*; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Colocação de argamassa na levada. **Nota:** Termo composto pelo nome *revestimento* e o complemento determinativo *da levada*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 23) refere que “O atual aqueduto, com os respetivos dormentes, resultou da melhoria e do revestimento do anterior com argamassa de cimento e areia, trabalho executado até cerca de 1950”. Ver **Argamassa e Levada**.

Ribeira (Do lat. lus. *riparīa*, fem. substv. de *riparīus, a, um*, de *ripa, ae* 'margem, ribanceira') Curso de água com caudal superior ao de um ribeiro que abastece as levadas. **Nota:** Termo simples, forma feminina de *ribeiro*. **Doc. Escrita:** Sarmiento (1912 *apud* Santos, 2017: 54) escreve que “As levadas da Madeira são como as artérias, que do coração das ribeiras vão irrigar todas as partes deste corpo rochoso, onde uma nesga de terra se sustenta apoiada num muro de pedra solta. Ao leito das ribeiras vão as levadas beber a água”. Branco (1987: 143) cita Ahu (3284), a propósito da descrição da Levada de Santa Luzia, documento datado de 1813, onde se pode ler: “(...) na rocha do lado de Leste, nascem quatro grandes Fontes do meio dos rochedos, a que chamam os Tornos, que se despenham na mesma Ribeira de Santa Luzia, e que com muitas outras agoas vertentes, fazem a abundancia da mesma Ribeira: assim a Fundôa, se precipitam os restos da Ribeira da Crugeira e não muito distante comessa o encanamento da levada. Toda a agoa desta Ribeira se divide em duas partes, huma destinada para os moinhos, a outra constitui a Levada de Santa Luzia”. Aqui vê-se claramente como a água das ribeiras era dividida para os moinhos de água de moer

cereais e para as levadas de irrigação dos terrenos agrícolas. Lamas (1956), referindo-se às ribeiras da Madeira, fala das suas quedas de centenas de metros e de como alimentam as levadas, sendo um importante recurso para a economia insular. **Doc. Lexicográfica:** No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, II: 3256), “pequeno curso de água de menores dimensões que o rio”. Ver **Levada**.

Ribeiro (Do lat. medv.**ripariūs*,i, masc. substv. do adj. *ripariūs,a,um*) Curso de água inferior ao de uma ribeira. **Nota:** Termo simples. **Doc. Escrita:** Segundo Branco (1987: 138), na captação de água na ilha da Madeira, “O elemento fundamental a ter em conta é a profusão de ribeiros através dos quais estas águas são conduzidas da serra diretamente para o mar (...) somente no inverno, após as chuvas, estes ribeiros serviam de via de escoamento aos caudais consideráveis de água vinda do interior. O lado sul da ilha pela sua menor inclinação era constituído por terras de sequeiro, enquanto na costa norte as águas corriam ininterruptamente para o mar”. Daí a necessidade de construção das levadas que conduzissem a água para a costa sul. Freitas (2003: 63) salienta que “A Levada da Recorrida é formada pela Ribeira da Boaventura e ainda pelos muitos ribeiros que nela vão desaguar e que se encontram a montante da sua madre, a levada da recorrente é formada pelas águas da Ribeira da Boaventura que à recorrida é humanamente impossível captar, exatamente pela configuração da ilha, e ainda pelos inúmeros ribeiros, fontes e regatos que à aludida ribeira vão dar”. **Doc. Lexicográfica:** No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, II: 3256), “pequeno curso de água”. Ver **Ribeira** e **Levada**.

Rocha da montanha (Do fr. *roche* [início s. XII] 'id.', do lat. vulg.**rōcca*, de prov. orig. pré-lat., f. dvg. de *roca*; Do lat. tar. *montanĕa*, fem. substv. de *montanĕus,a,um*, em vez do lat. cl. *montānus,a,um* 'relativo a monte, montanha') Grande massa de pedra. **Nota:** Termo composto pelo nome *rocha* com o complemento determinativo *da montanha*. **Doc. Escrita:** Vieira (2011: 33), sobre a construção da Levada da Achada Grande, na Boaventura, informa que “Primeiramente, os trabalhadores tinham de cortar as árvores, fazer o traçado e desbastar a rocha da montanha para poderem abrir a vala por onde passaria a água”. Ver **Levada**.

Rocha da nascente (Do fr. *roche* (início s. XII) 'id.', do lat. vulg.**rōcca*, de prov. orig. pré-lat., f. dvg. de *roca*; De *nascere* + *-nte*) Constituinte permeável das montanhas que recebe a infiltração das águas pluviais e depois origina nascentes. **Nota:** Termo composto pelo nome *rocha* com o complemento determinativo *da nascente*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 169) escreve: “Nestas terras, na margem esquerda da ribeira, brotam da rocha as águas da nascente da Fonte do Lopo, um bom manancial de água potável, aproveitado tanto para beber como para entancar”. O autor (2003: 179), sobre a Levada da Tracuna, em Gaula, escreve: “Depois de entancada nos três poços situados logo abaixo da Fonte Calçada, sai em levada que, cerca de cem metros mais abaixo, se divide em três ramais. (...) A Fonte Calçada, a mais importante desse conjunto, brota da rocha, do fundo numa abrupta e alta falésia, diretamente para um vasto patamar constituído por lajes arredondadas e por entre as quais a água vai escorrendo para cair noutra patamar, em nível inferior, donde é conduzida para os poços”. Freitas (2003: 181), a propósito da Levadinha da Nascente do Quinze, documenta uma outra nascente da rocha: “No lado oposto à Fonte Calçada, na encosta esquerda da Ribeira dos Caboços, diretamente da rocha, nasce uma fonte que é entancada num poço de forma arredondada, construído grande parte em alvenaria”. Ver **Nascente da levada** e **Ribeira**.

Rocha mole (Do fr. *roche* (início s. XII) 'id.', do lat. vulg.**rōcca*, de prov. orig. pré-lat., f. dvg. de *roca*; De *mollis,e* 'mole, flexível, macio etc.') Constituinte das montanhas fácil de escavar para fazer levadas e poços de entancar água das nascentes para rega. **Nota:** Termo composto pelo nome *rocha* com o adjetivo *mole*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 171), a propósito da Levadinha da Fonte do Lopo, em Gaula, refere as águas da nascente da Fonte do Lopo que enchem o “poço da Fonte do Lopo, situado nas imediações da nascente, e (...) voltam a encher outros dois poços, igualmente escavados na rocha mole, situados na margem direita da Ribeira de Gomes Vaz, no lado oposto ao Olheiro da Fonte do Lopo, os quais depois de despejados (...) dão origem à Levadinha da Fonte do Lopo”. Ver **Levada** e **Poço de rega**.

Rocheiro – Nome da profissão do trabalhador que desbastava a rocha da montanha para fazer levadas. **Nota:** Termo derivado de *rocha* com o sufixo *-eiro*. Era um dos trabalhos mais perigosos, feito antes da construção da levada, porque estes trabalhadores eram amarrados com cordas e um cabo (de malva/sisal) e pendurados na rocha. **Doc. Escrita:** A propósito da levada dos Socorridos, construída para mover um engenho de açúcar em Câmara de Lobos, Pereira (1989) cita a descrição feita por Gaspar Frutuoso, em 1590, que corresponde ao trabalho do *rocheiro*: “além de muitas mortes de homens que trabalhavam nela em cestos amarrados com cordas pendurados pela rocha, como quem apanha urzela; porque é tão alcantilada e íngreme a rocha em muitas partes que não se faziam, nem se podiam fazer doutra maneira estâncias para assentar as cales sem passar por estes perigos”. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), diz-se que faziam brocas para rebentar a rocha, sendo os primeiros a abrir caminho para a

construção dos canais de água. **Doc. Oral:** O informante 1 explica que a sua função era subir às rochas escarpadas das montanhas e fazer cair as que estavam instáveis. O informante 3 indica que “o *rocheiro* escavava a pedra pa’a levada”. **Doc. Lexicográfica:** No pequeno glossário da Lista Indicativa do Bem Levadas da Madeira a Património da Humanidade, *rocheiro* é o “trabalhador que demolia ou saneava as rochas criando as plataformas necessárias à construção da levada, trabalhos que obrigavam a se suspender frequentemente nas escarpas”. No glossário de Santos (2017: 153), *rocheiro* é definido como “o construtor da levada”, que “atualmente designa o trabalhador cuja função consiste na limpeza de taludes em altura, geralmente sobranceiros a estradas ou caminhos, com vista à prevenção da ocorrência de derrocadas, em condição de risco e penosidade”. O termo *rocheiro* é registado em Teixeira (2019).

Ronda do canal (Do esp. *ronda* (a.1260) 'patrulha; caminho de patrulha'; f. hist. s. XIV *rrollda*, 1676 *ronda*; Do lat. *canālis*, e 'cano, tubo, canal'; f. hist. s. XIV *caales*, s. XIV *canales*, s. XIV *canal*) Vigia do canal de água para o seu bom funcionamento. **Nota:** Termo composto pelo nome *ronda* com o complemento determinativo *do canal*. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 1), a *ronda do canal* é o serviço dos guardas de canal que têm de vigiar o canal em todo o seu percurso, garantindo o seu bom funcionamento. Ver **Guarda de canal** e **Canal de água**.

S

Sacada da levada (De *saco* + *-ada*; Do lat. *levata* (*aqua*) 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Ponto da levada por onde sai a água, depois de tapada no tornadouro com uma chapa e uma tapagem improvisada para desviar água de rega. **Nota:** Termo composto pelo nome *sacada* com o complemento determinativo *da levada*. Confunde-se com o termo *tornadouro*, sendo sinónimo de *açude*, embora este termo designe uma pequena represa de água. **Doc. Escrita:** Pereira (1989: 684) escreve que “O manancial de qualquer levada divide-se durante o percurso em vários caudais secundários, os lanços, irrigando ao mesmo tempo pontos e zonas diferentes, distribuídos por meio de talhos ou cortes laterais no aqueduto, também denominados *sacadas* por servirem a sacar água para os terrenos das suas margens. Nalgumas levadas há direitos adquiridos de *sacada*. A par da *sacada* legal fazem-se *sacadas* ilegais por meio de simples pedras colocadas dentro dos aquedutos com o fim de desviarem parte do fluxo, subrepticiamente, para os agulheiros ou meias canas dos terrenos agricultados. As *sacadas* dentro destes para entornarem água a uma e outra banda das terras regadias tomam o nome de *tornadouros*”. Freitas (2003: 5) utiliza o termo *sacada* como sinónimo de *açude*: “construção de *açudes*, as chamadas *sacadas*, que, encabeçando em sulcos cavados, ou levadas, conduziam a água da ribeira, que assim começaram a irrigar as primeiras terras cultivadas”. O autor (2003: 19) escreve que a Levada do Ribeiro das Uveiras “por um *açude* feito no barranco, sai pela margem esquerda daquele ribeiro que, por seu turno, vai fluir com a Ribeira dos Vinháticos (...) A água do *açude* do Ribeiro das Uveiras é o último reforço da Levada do Pico dos Iroses”. Freitas (2003: 35) acrescenta: “À medida que a população fora aumentando (...) obrigou a que fosse dado modos a mais água, escavando mais galerias, fazendo, conseqüentemente, mais *sacadinhas*, calcetando mais levadinhas correndo em direção às levadas maiores”. O autor (2003: 163), a propósito da descrição e inscrição da Levada da Roda no registo predial, cita “Esta levada, desde a primeira *sacada* na Ribeira da Boaventura ao último *tornadoiro* (...), corre na extensão de 5.949 metros e 5 decímetros”. Freitas (2003: 172), ao falar do percurso, caudal e giro da Levadinha da Fonte do Lopo, usa o termo *açude* a par de *sacada* e *aqueduto*: “Parte das águas desta levadinha provem das escorrinhas da Ribeira de Gomes Vaz que se seguem, a seguir aos *açudes* que enchem os dois últimos poços da Levadinha da Fonte do Lopo que, por intermédio duma *sacada*, são encaminhadas (...) para o pequeno aqueduto que dá origem à Levadinha da Fonte do Lopo”. O autor (2003: 179) informa ainda que “Uma parte da sua água provem de escorras da ribeira, aproveitadas por meio de *açudes*”. Freitas (2003: 185), a propósito da Levadinha do Poço do Rochão, fala-nos do *açude* da Levada de Baixo do Caniço e do poço que “Enche duas vezes ao dia, ou seja, de doze em doze horas, através dum *açude* que sobe da Ribeira do Porto Novo”. **Doc. Lexicográfica:** Em Silva (1950: 104), *sacadas* são “paredes de torrões de argila feitas nas margens das levadas, fazendo desviar furtivamente as águas para outros pontos”. Silva e Meneses (1978, II: 508), a propósito do termo *sacadas*, escrevem: “Dá-se comumente este nome às «paredes» de pedras e torrões de argila atravessadas nas correntes, fazendo desviar furtivamente as águas para as terras marginais das mesmas correntes, antes de entrarem nos aquedutos, diminuindo deste modo o caudal das levadas”. Segundo Barcelos (2016: 374), *sacada* é “cada corte lateral feito nas levadas, destinado a conduzir a água a pequenas parcelas de terreno, também chamado *talho*”. Ver **Levada** e **Tornadouro** ou **Tornadoiro**.

Sacada das escorras (De *saco* + *-ada*; *Escorras* de *excurro*, *ere* ‘correr para fora’) Ponto por onde os restos das águas que escorrem de um curso de água são aproveitadas. **Nota:** Termo composto pelo nome *sacada*

com o complemento determinativo *das escorras*. Estas águas eram aproveitadas através de levadinhas ou pequenos canais que as recolhiam. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 183), a propósito da Levadinha do Rabete, escreve: “As águas da Fonte do Rabete que debita 35 litros por minuto, a sacada das escorras do Ribeiro dos Caboços que debita 10 litros por minuto e a Fonte do Poção que debita cerca de 15 litros por minuto (...), escorrendo ao longo do leito da ribeira, entram todas em levadinha para o Poço do Rabete, situado no Castelejo”. Ver **Sacada da levada**.

Secretário da comissão administrativa da levada (Do lat. *medv. secretarius* 'confidente, conselheiro particular, secretário, escriba'; De *commissioōnis*, rad. de *commissum*, supn. de *commitēre*; Do lat. *administrativus, a, um* 'que é apto, próprio para dirigir negócios; relativo a administração'; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Membro da comissão com a função de registar as suas deliberações. **Nota:** Termo composto pelo nome *secretário* com o complemento determinativo *da comissão administrativa da levada*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 26) atesta que “Em 1908, aquando da escritura dos primeiros Estatutos da Levada do Pico dos Irozes, era juiz ou presidente e tesoureiro da Levada o padre Norberto Gonçalves, vigário da freguesia de Gaula, o cura padre João Jorge Bettencourt era o vice-presidente e João Baptista do Rego, «Joãozinho da Contenda», viúvo, proprietário morador na Contenda, era o respetivo secretário”. Ver **Comissão administrativa da levada**.

Serra de água (Do lat. *serra, ae* 'instrumento (dentado) de serrar madeira'; Do lat. *aqua, ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) Engenho de serrar madeira movido com a força da água. **Nota:** Termo composto pelo nome *serra* com o complemento determinativo *de água*. Sinónimo de *serragem*. **Doc. Escrita:** Orlando Ribeiro (1985: 66) refere que “Os moinhos de cereais e as serragens são também acionados pela água das levadas, tão importantes que deram o nome a uma freguesia – Serra de Água, fundada em 1676”. Para Branco (1987: 93), trata-se de azenhas destinadas à serração de madeiras que “atingiram parâmetros de exploração industrial”, até as reservas florestais da ilha da Madeira se esgotarem. Ladeira (2016: 78) explica que a água que era aproveitada como força motriz “Também servia para mover serras de água, para a serração de madeira, e moinhos situados nas proximidades de ribeiras ou levadas”. **Doc. Lexicográfica:** Segundo Barcelos (2016: 384), “serra antigamente movida pela força de uma corrente de água”. O termo *serra de água* é registado em Teixeira (2019). Ver **Levada e Ribeira**.

Sétimo de água (Do lat. *septimus, a, um* 'sétimo'; Do lat. *aqua, ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) Divisão da corrente da água da levada em sete partes iguais. **Nota:** Termo composto pelo nome *sétimo* com o complemento determinativo *de água*. **Doc. Lexicográfica:** Segundo Teixeira (2019), *sétimo de água* é a divisão feita na casa da água da levada ou nas câmaras de água das centrais hidroelétricas. Ver **Água de Rega e Levada**.

Sifão (Do gr. *síphōn, ōnos* 'tubo', através do lat. *sīpho, ōnis* 'cano de água, tubo, bomba de apagar incêndios') Instrumento utilizado para retirar água do canal principal. **Nota:** Termo simples. **Doc. Oral:** O informante 5 lembra que “Tinha uma coisa aí, que era também uma coisa que agora já não se usa e que se usava antigamente, que era água tirada do canal com o sifão. Um sifão que a gente tirava água do canal principal. Para tirar a tal regadeira de água. Não tinha furos, havia levadas que não tinham furos e, então, usavam esse sifão”. Explica: “Aquilo era um tubo feito em zinco e era assim ovalado e é difícil tirar água da levada com aquilo. Tinha-se que enchê-lo; tapar os dois lados, ele tinha que ficar cheio de água; e depois metia-se um dentro da levada e um no canal principal e outro para a levada secundária. Tinha-se que destapar os dois ao mesmo tempo para que ele conseguisse puxar a água porque a água tinha que subir, passar e descer. E isso era uma coisa muito difícil de trabalhar com isso”. Ver **Canal de água**.

Soltar o poço (De *solto* + *-ar*; Do lat. *putēus, i* 'buraco, fossa, poço de mina etc.') Deixar sair a água de um poço para uma regadeira. **Nota:** Expressão composta pelo verbo *soltar* com o complemento *o poço*. **Doc. Oral:** O informante 5 conta que “havia regantes que queriam soltar os poços. Vinham falar comigo e diziam: «Olha, Fernando, eu posso soltar o meu poço em cima da tua água? Em cima do teu ramal?»”. Ver **Poço de rega**.

T

Tafulho (Alt. de *tapulho*, de *tapar* + *-ulho*) Material usado para tapar a água. **Nota:** Termo simples. Sinónimo de *basculho*, *mato* e *rolha*. Aglomerado de palha de bananeira seca e estrume ou de roupa velha para tapar a água na rega. Este material é usado com o peso de uma pedra ou pessoa em cima para a água entrar num rego ou manta, sendo depois puxado com uma enxada para outro entalhe. **Doc. Escrita:** Sumares

(1956 *apud* Santos, 2017: 47), no conto “Rega”, escreve “É o tempo da rega que começa. (...) Marcada a hora no mostrador, mãos apressadas modificam a disposição do xadrez complicado da caixa da levada. Com mato seco e pedras, fecham-se umas bocas, abrem-se outras, e a água segue a caminho da terra sequiosa”. **Doc. Oral:** O informante 2 informa “chamam do basculho. Em determinados lugares da ilha, chamam isso o basculho”. O informante 3 indica que à palha da bananeira seca e estrume ou roupa velha que tapa a água da rega chamam *rolha*: “Nós chamamos-lhe de rolha”. O informante 4 refere que “metem o tafulho”. O informante 5 explica que “usam lá: «Olha, traz-me um basculho para eu tapar água aqui». O basculho é um arrumo de trapos velhos ou plásticos ou papel. Um basculho. Tem que usar um basculho ou... uma chapa. E o basculho é na roda do terreno... do poio”. O informante 6 informa que “Vai no eito, a gente leva-se um basculho ou um trapo de saca... Basculho é uma coisa que se usa para tapar a água para os regos... panos e trapos”. **Doc. Lexicográfica:** Nunes (1965: 120) regista o termo *basculho* como uma “porção de matos ou saco que serve para desviar a água da levada para o rego”. Fernandes (2018: 102) define este termo como “amontoados de panos velhos, entre outros, utilizados pela ocasião do giro, que serve para tapar o lanço ou levada, desviando o curso da água para os regos, mantas ou caseiras”. Ver **Entalhe** ou **Entalho do poio** e **Entalhar a água**.

Talhar a rocha (Do lat. tar. *talīo,as,āvi,ātum,āre* 'talhar, cortar', do lat. vulg. **taleāre*; Do fr. *roche* [início s. xii] 'id.', do lat. vulg. **rōcca*, f. dvg. de *roca*) Cortar a rocha para abrir canais para transporte de água. **Nota:** Expressão composta pelo verbo *talhar* com o complemento *a rocha*. Sinónimo de *cortar rocha*. **Doc. Escrita:** Freitas (1964: 11) menciona a levada antiga da Lombada dos Esmeraldos, conhecida por Levada do Moinho, que alimenta o cubo duma azenha, informando que os antigos contam que durante muito tempo outra coisa não se fazia senão “cortar rochas com uma picareta, fazer paredes e paredões e outros serviços necessários para assentar os mainéis da levada”. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 1), refere-se a expressão *talhar a rocha*. Ver **Levada** e **Rocheiro**.

Talho da levada (Regr. de *talhar*; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Um pedaço de uma levada onde há uma saída de água. **Nota:** Termo composto pelo nome *talho* com o complemento determinativo *da levada*. Sinónimo de *sacada (da levada)*. O termo *talho da levada* será formado por analogia com um *talho* de terra cultivado. **Doc. Escrita:** Pereira (1989: 684) escreve que “O manancial de qualquer levada divide-se durante o percurso em vários caudais secundários, os lanços, irrigando ao mesmo tempo pontos e zonas diferentes, distribuídos por meio de talhos ou cortes laterais no aqueduto, também denominados sacadas por servirem a sacar água para os terrenos das suas margens”. **Doc. Lexicográfica:** Segundo Barcelos (2016: 391), é o mesmo que *sacada*: “cada um dos cortes laterais feitos nos lanços das levadas, destinados a conduzir a água para as margens dos terrenos vizinhos”. No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, II: 3505), *talho* é o “espaço de terreno comprido e estreito, destinado a cultura”. Ver **Sacada da levada**.

Tanque de rega Ver **Poço de rega**.

Tapar a água (Do gót. **tappa* 'tampa'; Do lat. *aqua,ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) Meter uma chapa ou pôr mato no tornadouro da levada para encaminhar água para um terreno a regar. **Nota:** Expressão composta pelo verbo *tapar* com o complemento *a água*. Sinónimo de *tapar o tornador*, *tapar a levada* e *entalhar a água*. **Doc. Escrita:** Tavares (1999 *apud* Santos, 2017: 60) escreve: “A água já tinha chegado ao seu destino e começámos a rega: o Gouveia tapava a água de rega no rego com sacos de serapilheira, e eu ia à frente com a lanterna, encaminhando a água com os pés. Chegando ao final do rego, gritava: «Tapa!» e encaminhava-me para o rego seguinte, até chegar ao último poio”. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), diz-se que o *levadeiro* ou o regante têm de tapar os tornadouros todos até o local de rega. **Doc. Oral:** O informante 2 usa a expressão “tapar a água”, enquanto o informante 3 indica “tapar o tornador”. O informante 4 usa as expressões *tapar o tornador*, *tapar a levada* e *entalhar a água*: “Tapar o tornador. Pa’ mim, é tapar a levada. Entalhar a água. ‘Tá para aqui, eu tapo e talho ela aqui pa’ outro”. O informante 5 explica que “O agricultor vai pelo recibo, vê a hora que está lá, e vai à levada tapar a água”. **Doc. Lexicográfica:** No glossário de Santos (2017: 153), *tapar a água* “diz-se quando um regante impede o curso normal de água numa levada ou regadeira”. Ver **Água de rega**, **Levada** e **Tornadouro** ou **Tornadoiro**.

Tapar o tornadouro Ver **Tapar a água**.

Telha de água (Do lat. *tegūla,ae* 'telha, o que serve para cobrir'; Do lat. *aqua,ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) Medida de água que corresponde a 300 litros por minuto. **Nota:** Termo composto pelo nome *telha* com o complemento de especificação *de água*. **Doc. Lexicográfica:** No

pequeno glossário da Lista Indicativa do Bem Levadas da Madeira a Património da Humanidade, *telha* é a “medida de caudal correspondente a oito anéis, ou seja, a 64 l/min.”. Ver **Água de rega e Levada**.

Telha e meia de água (Do lat. *tegūla,ae* 'telha, o que serve para cobrir'; De *meio* + *-a*, vogal temática tomada como desin. de fem.; Do lat. *aqua,ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) Medida de água de 450 litros por minuto. **Nota:** Termo composto pelos nomes *telha* e *meia* com o complemento determinativo *de água*. **Doc. Escrita:** Ribeiro *et al.* (1995: 88) documentam que a Levada dos Moinhos da Serra de Santa Cruz “(...) tem um caudal de 31,25 litros por segundo, igual à Levada do Pico dos Irós, cerca de 1900 penas, permitindo-lhe regar no verão com quatro braços de telha e meia de água cada um”. Ver **Telha de água**.

Tempo de rega (Do lat. *tempus,ōris* 'tempo'; Regr. de *regar*) Quantidade de tempo de rega atribuída a um regante. **Nota:** Termo composto pelo nome *tempo* com o complemento determinativo *de rega*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 153), sobre a Levada da Roda, em Gaula, escreve “Nos estios mais apertados, os dois braços da levada juntavam-se num só, quando os hiréus queriam regar canas ou bananeiras, pelo que então combinavam, ou com o regante anterior, ou com o que lhe seguia, dividir o tempo de rega a meio, de modo a aumentar o caudal da água de rega para o dobro”. Ver **Água de rega e Levada**.

Ter água (Do lat. *tenēo,es,ūi,tentum,ére* 'segurar, agarrar, pegar em, possuir, ter, ser dono, obter, adquirir etc.'; Do lat. *aqua,ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) Possuir água de rega. **Nota:** Expressão composta pelo verbo *ter* com o complemento *água*. **Doc. Lexicográfica:** Pestana (1970: 120) averba a expressão *ter água* como “das pessoas a quem cabe a vez de regar”. Ver **Água de rega e Levada**.

Terra batida (Do lat. *terra,ae* 'solo, terra etc.'; Fem. substv. do part. de *bater*) Meio de que eram feitas as levadas, antes de serem calcetadas. **Nota:** Termo composto pelo nome *terra* com o adjetivo *batida*. **Doc. Escrita:** Teixeira (2019) indica que o calcetamento com seixos ou pedras de basalto melhorou a impermeabilidade das levadas de terra batida. Ver **Levada**.

Terra de rega (Do lat. *terra,ae* 'solo, terra etc.'; Regr. de *regar*) Terreno cultivado que é irrigado. **Nota:** Termo composto pelo nome *terra* com o complemento determinativo *de rega*. **Doc. Oral:** O informante 6 explica que “a terra de rega é a que é regada com água das levadas”. **Doc. Lexicográfica:** Nunes (1965: 121) regista o termo *terras de rega* como “terrenos de regadio”, por oposição a “terras de sequeiras”. Ver **Água de rega e Levada**.

Terral Ver **Levadagem**.

Terrão ou **Torrão** (De *terra* + *-ão*) Soca ou tufo de erva com terra usado para tapar a água nos tornadouros das levadas. **Nota:** Termo derivado de *terra* com o sufixo *-ão*. Apresenta a variante fonética *torrão*. Estes *terrões* ou *torrões de terra* são usados com uma pedra em cima. **Doc. Escrita:** Pereira (1989: 685) documenta que “a água não sai das levadas sem se meter adufa, pequena comporta de vedação do caudal, feita de torrões de argila e ervas enraizadas, dumha pedra acrescida de matos ou parcelas de adubo, peça de madeira ou de ferro”. Freitas (2003: 55) informa que “nas levadas dos ramais secundários e nas levadas das fazendas, os tornadoiros eram simples obstruções ou desvios ao livre curso da água, normalmente feitos com socas ou tufos de ervas, os chamados «terrões», segurados com pedras mais ou menos pesadas, de modo que deixassem escapar o mínimo de água possível”. **Doc. Oral:** O informante 2 menciona o nome *torrão*. O informante 3 explica que “um torrão era uma soca que tinha uma percentagem de terra e ajudava a tapar. Metia-se uma pedra em cima”. O informante 4 refere o uso do *terrão* ou *torrão*: “É o que a gente usa para tapar, com torrões de terra”. O informante 5 indica que, para tapar a água, se usa “basculhos ou um torrão. Parece uns torrões com erva, e o torrão... cabe assim um torrão que seja com erva rija para que não se desfaça. Pomos lá e calcamos com uma pedra em cima, para que o peso dela não leve...”. **Doc. Lexicográfica:** Silva (1950: 51) documenta o termo *esterroado*, “com os torrões de terra desfeitos”. No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, II: 3552), *torrão* é um “pedaço endurecido de terra”. Ver **Tafulho** e **Tornadouro** ou **Tornadoiro**.

Tesoureiro da comissão administrativa da levada (De *tesouro* + *-eiro*; De *commissio,ōnis*, rad. de *commissum*, supn. de *commitēre*; Do lat. *administratīvus,a,um* 'que é apto, próprio para dirigir negócios; relativo a administração'; Do lat. *levata [aqua]* 'água levada') Membro da comissão responsável pelas contas da associação de heréus. **Nota:** Termo composto pelo nome *tesoureiro* com os complementos determinativos *da comissão administrativada da levada*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 26) atesta que “Em

1908, quando da escritura dos primeiros Estatutos da Levada do Pico dos Irozes, era Juiz ou Presidente e Tesoureiro da Comissão Administrativa da Levada o padre Norberto Gonçalves, vigário da freguesia de Gaula”. O autor (2003: 67) relata que “quando a Comissão da Levada foi ver o andamento das obras de reparação do tanque, em curso, aconteceu que uma grande *slapa* de pedra mole desprendendo-se do teto do tanque, soterrou o mestre José Joaquim Pereira «Botas», Tesoureiro da Comissão, que haveria de sucumbir debaixo dos escombros”. Ver **Comissão administrativa da levada e Heréu**.

Título de posse de água (Do lat. *titulus, i* 'inscrição etc.'; Do lat. *posse* inf. substv. de *possum, potes, potui, posse* 'poder, ser capaz de'; Do lat. *aqua, ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) Documento que prova a propriedade de água de rega. **Nota:** Termo composto pelo nome *título* com os complementos determinativos *de posse de água*. **Doc. Escrita:** Ribeiro *et al.* (1995: 38) documentam que “João de Gois e outros da Camacha apresentaram títulos de posse das águas da Ribeirinha e do Ribeiro do Miradouro”. Ver **Água de rega e Levada**.

Topógrafo (De *topo-* + *-grafo*) Nome do profissional que faz o nivelamento topográfico. **Nota:** Termo simples. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), informa-se que o topógrafo tirava os pontos necessários para fazer o traçado das levadas, antes de se cortar a rocha e perfurar a montanha com túneis para a passagem dos canais de água. Ver **Canal de água e Levada**.

Toque de búzio (Regr. de *tocar*; Do lat. *bucinum, i* 'trombeta, som de trombeta, concha em forma de trombeta, concha') Forma de alertar os regantes para a hora de rega, também usado pelos vigias das levadas em caso de desvio da água. **Nota:** Termo composto pelo nome *toque* com o complemento determinativo *de búzio*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 61) escreve que “Ao toque do búzio toda a gente largava a água de giro e os seus afazeres e os mais afoitos ou os mais exaltados acorriam pressurosos até à Madre da Levada, munidos de enxadas, de foices e de podoadas, de trinchetes e de outras armas ao seu alcance, como correntes, barras e até pedregulhos, em defesa da sua água”. Ver **Água de rega e Levada**.

Torna da água (Regr. de *tornar*; Do lat. *aqua, ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) O processo de reter e direcionar a água para uma saída. **Nota:** Termo composto pelo nome *torna* com o complemento de especificação *da água*. **Doc. Lexicográfica:** No pequeno glossário da Lista Indicativa do Bem Levadas da Madeira a Património da Humanidade, referem-se as *tornas da água*, remetendo para o ato de franquear ou bloquear a água para determinado regante, com o direito a determinado tempo de uso da água de rega. Ver **Água de rega e Levada**.

Tornadouro ou **Tornadoiro** – Ponto da levada onde existe uma ranhura ou entalhe para meter a chapa e tapar a água. **Nota:** Termo derivado de *tornar* com o sufixo *-(d)ouro* e a variante fonética *-(d)oiro*. Sinónimo de *tornadoiro*. Documentaram-se também os termos sinónimos *entalhador da levada*, *caixa de nó* (cf. informante 4), *greta*, *chapa de fundo* e *pescoço de cavalo* (cf. informante 5). **Doc. Escrita:** Tavares (1999 *apud* Santos, 2017: 60) escreve “o «moço» tapou o tornadoiro para que a água seguisse em frente e não corresse pelo ribeiro abaixo. (...) Estávamos já perto do tornadoiro (...), onde se tapava a água”. Freitas (2003: 47) informa que “Por conspurcar a água da levada subentendia-se lavar na levada e tapar os tornadoiros com estrume dos animais”. O autor (2003: 54-55) explica que *tornadoiro* ou *tornadouro* é uma palavra inventada pelos agricultores madeirenses e que, sendo uma palavra bastante expressiva, “não vem em nenhum dicionário da língua portuguesa. Uma das componentes mais importantes da estrutura de uma levada, grande ou pequena, os tornadouros ou tornadoiros estão tão intimamente ligados à levada de que fazem parte que, sem eles, essa levada seria um simples aqueduto e não um canal de água de rega. Os tornadoiros são cortes ou entradas, feitos em determinados lugares numa levada de água de rega para, durante o seu giro normal, desviar a água de um percurso, ou período de rega, para outro (...) Os primeiros tornadoiros da Levada do Pico dos Irozes eram os tornadoiros da Madre da Levada e da Levada da Serra d'Água feitos exclusivamente de pedras roliças tipo pedras de calhau, umas grandes e outras mais pequenas, entremeadas com arenitos e terra da localidade, os quais tinham a finalidade de aproveitar toda a água proveniente de montante e nunca eram completamente tapados ao longo do ano. Quando se aproximava a época das chuvas, o tornadoiro da Madre da Levada era deixado semiaberto porque os hiréus da beira-mar da freguesia precisavam sempre de água a correr na levada. O último tornadoiro da Levada Grande do Pico dos Irozes ficava situado nas Lages de Baixo”. **Doc. Digital:** Mata, no texto “Levadeiro” (<https://o-rabodo-gato.blogspot.com/>), atesta que “como existiam horas de rega noturnas, tinha de ser o *levadeiro* que permanecia junto ao entalhador da levada e à hora exata tapava a água para o sítio correto. Contam-me que tocava numa corneta, para alertar os regantes de que estava na hora de irem buscar a sua parte da água”. **Doc. Oral:** O informante 2 indica que “uma saída [de água de uma levada] é um tornadoiro”. O informante 3 também usa o termo *tornadoiro*. O informante 4 indica o nome *caixa de nó* para denominar o mesmo

conceito: “Caixa de nó. Uma caixa, para mim, é uma caixa de nó”, confundindo *tornador* com *caixa divisória*. Também usa *tornador* e *entalhador*: “É o tornador, é a mesma coisa. Entalhador. Entalhar a água é tapar”. O informante 5 explica: “Isso chama-se uma greta ou uma chapa de fundo. Isso, antigamente, chamava-se o pescoço de cavalo. Há zonas, há muita zona onde ainda se usa isso. Para que saia no pescoço de cavalo já não existem, mas ainda usamos a chapa, sim. Só que já saem... em outras coisas, já não é no pescoço de cavalo. Já há muito que foram desativados”. Também usa o termo *tornador*: “Para entalhar, tem de ser entalhado no tornador. Tem a levada, tem os tornadores. Vou entalhar a água naquele tornador, no tornador que vem ter àquele terreno”. O informante 6 indica que “Tornador é como passa umas aqui... a linha de água... e sai um bocadinho para mim e, depois, a minha hora passa para outro. Isso chama-se o tornador. São coisas individuais que vão ter para diversas pessoas”, ou seja, uma saída de água de rega.

Doc. Lexicográfica: Em Ribeiro (1920: 136 e 1929: 34), *tornadouro* é o “orifício por onde a água se escapa nos tanques (de rega). Escoadouro”. Segundo Santos (1947: 181), *tornadoiro* é uma “espécie de adufa, feita nas levadas para desviar uma parte da água, a fim de regar uma propriedade. Ex. A auga embarrou no *tornadoiro*”. Em Silva (1950: 112), *tornadoiros* são os “diversos pontos em que a água entra nas terras para o efeito da irrigação”, enquanto em Sousa (1950: 129) e em Caldeira (1961/1993), *tornador* ou *tornadouro*, é a “abertura nas levadas, para fazer derivar, oportunamente, o curso das águas de regadio”. Nunes (1965: 121) regista *tornadoiro* com o significado de “comporta para a divisão das águas”. Em Silva e Meneses (1978, II: 509), *tornadouro* designa “o local em que a linha de água entra nos terrenos a irrigar ou nos «regos» cultivados”. Segundo Figueiredo (2004/2011: 152), *tornadoiro/tornadouro* é a “parte da levada onde se mete a chapa ou tapume feito de outro material para virar o curso da água de rega para outro lado. Os tornadoiros são cortes, ou entradas, feitos em determinados lugares numa levada de água de rega para, durante o seu giro normal, desviar a água de um percurso (...) para outro (...)”. Para Santos (2007: 404), *tornadoiro* é um “termo agrícola que significa ‘parte da levada onde se mete a chapa ou um tapume de outro material para virar o curso de água de rega para outro lado’”. Segundo Teixeira (2015: 98), *tornadouro / tornadoiro / tornador* é o “local onde se tapa a água de rega”. Segundo Barcelos (2016: 401), *tornadoiro, tornador e tornadouro* é “cada um dos pontos em que a água das levadas entra nas terras para a sua rega” e “escoadouro de um tanque”. Apresenta uma nota com a informação de que “na Madeira também se dá o mesmo nome às sacadas destinadas a conduzirem a água para outro lado nas terras regadias”. Provavelmente de *torno*, que o autor regista com o significado de “rolha destinada a tapar o buraco de escoamento dos tanques” e “orifício dos tanques de água”. No pequeno glossário da Lista Indicativa do Bem Levadas da Madeira a Património da Humanidade, *tornadoiro* é o “local onde se efetivam as «tornas» da água, isto é, onde se franqueia ou se bloqueia a água para determinado regante com o direito a determinado tempo de uso da água de rega. Geralmente, estão numerados de acordo com a ordem real de rega no campo”. No glossário de Santos (2017: 153), *tornadoiro* é “a parte da levada onde se faz derivar, oportunamente, o curso da água de rega, virando-a para outro lado”. Fernandes (2018: 103) define *tornador* como “ferramenta com que se tapa a levada (geralmente é feito com uma chapa ou então com tafulho e uma pedra grande por cima), com o fim da água seguir outro trajeto”. Em Oliveira (2018-2019: 330), *tornadoiro* é o “sistema de comporta onde os «tornos» de água são geridos. A água é escoada ou bloqueada para uma determinada área agrícola num determinado período de tempo”. No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, II: 3588), *tornadouro* ou *tornadoiro* é um termo da Madeira que denomina um “orifício por onde a água é escoada dos tanques”. Ver **Chapa de folha** e **Sacada da levada**.

Torneira do tanque (De *torno* + *-eira*; De orig. contrv.) Utensílio que permite abrir a saída de água do poço. **Nota:** Termo composto pelo nome *torneira* com o complemento determinativo *do tanque*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 68) diz que “competia ao encarregado de abrir e fechar o poço a responsabilidade de regular, “a olho”, a saída correta da água, rodando as manivelas das três torneiras do tanque, à medida que as horas passavam e o poço ia ficando mais vazio”. **Doc. Oral:** O informante 6 usa o termo *torneira do poço* ou *tanque*. Ver **Poço de rega** e **Manivela**.

Torno (Do lat. *tornus, i* 'torno') Instrumento utilizado para tapar o orifício de saída de água de um poço. **Nota:** Termo simples. **Doc. Lexicográfica:** Em Pestana (1970: 122), *torno* é o “pau para tapar a bucha do poço”. Ver **Bucha do poço** e **Poço de rega**.

Torno de água (Do lat. *tornus, i* 'torno'; Do lat. *aqua, ae* 'água'; f. hist. 973 *agua*, s. XIII *agua*, s. XIII *aga*, s. XIII *augua*) Bica de água resultante de um jorro mais largo do que grosso que sai com força. **Nota:** Termo composto pelo nome *torno* com o complemento determinativo *de água*. Este termo poderá ter originado o nome Levada dos Tornos. **Doc. Escrita:** Pereira (1989: 679) refere a *Carta Régia* de D. João II, datada de 8 de maio de 1493, que diz: “no que toca às fontes, tornos e olhos de água, visto o acordo que uns e outros tomastes que sem as águas as terras não se podiam aproveitar por razão de que nem em todas nascia água e somente aquelas terras aproveitariam em que nascessem águas a qual cousa era contra o bem

comum, e porque todos igualmente devem ser favorecidos (...) tomarão seu caminho e corrente até darem e se meterem nos rios e ribeiras e nas quais, juntas as ditas águas que das fontes correrem, se tirarão as levadas”. Veríssimo (“Posfácio” in Santos 2017: 155) informa que “segundo determinação do rei D. João I, de cerca de 1425, confirmada por D. João III, as fontes, tornos e olhos de água destinavam-se ao usufruto comum”. A *Carta Régia* de D. João II, datada de 8 de maio de 1493, citada por Pereira (1989: 686), diz que “no que toca às fontes, tornos e olhos de água (...) e porque todos igualmente devem ser favorecidos (...) mandamos que particular algum tenha direito, domínio, nem ação nas fontes, olhos e tornos de água, que em suas terras nascerem”. Branco (1987: 143) cita Ahu (3284), a propósito da descrição da Levada de Santa Luzia, documento datado de 1813: “na rocha do lado de Leste, nascem quatro grandes Fontes do meio dos rochedos, a que chamao os Tornos, que se despenhao na mesma Ribeira de Santa Luzia, e que, com muitas outras agoas vertentes, fazem a abundância da mesma Ribeira”. Ver **Corgo** ou **Córrego**.

Torre do relógio Ver **Casa do relógio**.

Traste Ver **Esplanada da levada** e **Mainel da levada**.

Travessão da levada (De *travessa* + *-ão*; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Parte metálica com abertura em linhas horizontais, colocada nos canais, cobrindo algumas partes destes. **Nota:** Termo composto pelo nome *travessão* com o complemento determinativo *da levada*. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 1), o *travessão da levada* serve para ver se estão acumulados materiais que seja necessário retirar dos canais. **Doc. Oral:** O informante 4 explica que “O travessão da levada é, na ribeira, e qualquer uma ribeira, no azouto, eles que, por exemplo, que a levada que vem, c’o canal da ribeira, toma muita água, aquela que vai fresca passa pa’ baixo e a outra transborda p’ra cima”. O informante 6 indica que “Travessão sei que é uma barragem, que é para as águas ir numa ribeira. A gente faz um travessão que é para a água não descer para o fundo, para ir por onde a gente quer”. Ver **Canal de água** e **Levada**.

Travessia (De *través* sob a f. rad. *travess-* + *-ia*; possivelmente a acp. 'ato de atravessar', que é tardia, estaria ligada ao rad. de (*a*)*travessar*; f. hist. s. XV *travessia*) Um bocado de levada que sai de um canal maior. **Nota:** Termo derivado de *través* com o sufixo *-ia*. Sinónimo de *travessa* e de *derivação*. **Doc. Oral:** O informante 5 usa os três termos: “E tem os acessos... que saem para um lado e para outro do canal principal. São travessias, Travessas ou travessias: «Olha, a travessa da Achada ou travessa do...». Tem aqui o canal, tem o canal principal, a levada principal e, depois, saem as derivações para um lado e para outro”. Acrescenta: “É uma travessa. Uma travessa: «Esta levada está nesta travessa, a levada da travessa X». Aquilo é sempre onde há uma travessa, às vezes pode regar cinco, seis regantes ou um, dois”. Ver **Canal de água** e **Ramal da levada**.

Tripé topográfico (Do lat. *trīpes, ēdis* 'que tem três pés'; De *topografia* + *-ico*) Instrumento de trabalho do topógrafo. **Nota:** Termo composto pelo nome *tripé* e o adjetivo *topográfico*. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), refere-se o uso deste instrumento, no planeamento da construção das levadas. Ver **Topógrafo** e **Levada**.

Trocas novas – Mudanças de dias e horas de rega dos regantes no novo ano de giro. **Nota:** Termo composto pelo nome *trocas* e o adjetivo *novas*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 57) documenta que “os regantes iam à casa do levadeiro ou à Casa da Levada, a fim de tomarem conhecimento em que dia e em que hora calhava o seu dia de rega nas Trocas Novas, isto é, ao longo do giro para o ano em curso”. Ver **Livro do levadeiro**.

Trocas velhas – Dias e horas de rega do ano de giro anterior. **Nota:** Termo composto pelo nome *trocas* e o adjetivo *velhas*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 57) regista que “A água entrava de novo em giro no primeiro dia de maio. Quando o inverno era curto e era necessário regar mais cedo, o levadeiro ponha a água em giro de acordo com as Trocas Velhas, ou seja, de acordo com o Livro da Repartição de Águas do ano anterior”. Ver **Livro do levadeiro**.

Troço de levada (De orig. contr. *troço*; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Um determinado espaço do percurso de uma levada. **Nota:** Termo composto pelo nome *troço* com o complemento determinativo *de levada*. Este termo pode-se confundir com um *braço* ou *ramo da levada* (cf. **Ramal da levada**). Parte da levada que pode oferecer mais perigo, descanso ou melhor linha de vista ao caminhante. **Doc. Escrita:** Marujo (2015: 152) documenta o termo *troço*, ao falar sobre a Levada do Furado: “a distribuição das águas é feita de forma muito concreta, graças a um medidor de caudal mais preciso. Porém, podemos observar que a presente situação deixa ao abandono o troço entre os Lamaceiros

e o miradouro da Portela, sendo quase inutilizado”. Livramento (2016: 18) escreve que “nos Lamaceiros, encaminhamo-nos para a Levada da Ribeira da Janela. (...) O primeiro troço de levada seria percorrido até a primeira Casa dos Levadeiros”. **Doc. Oral:** O informante 5 usa o termo *troço da levada*: “Olhe, este troço da levada não está bom, ou está em mau estado”. **Doc. Lexicográfica:** No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, II: 3646), *troço* é uma “parcela ou fração de uma estrada, caminho, rio...”. Ver **Levada**.

Trotil (Do Ing. *trotyl*) Substância que faz parte de uma mistura explosiva utilizada para fazer explodir a rocha. **Nota:** Termo simples. Nome da química que corresponde ao *trinitrotolueno* (TNT), usado na abertura das levadas. **Doc. Escrita:** Bessa (2004 *apud* Santos 2017: 32) documenta o termo, ao relatar como a Levada do Galhano se fez a “martelo munido a compressor; a esplanada era edificada para nela se cavar a levada; por vezes, desbravando a natureza, trabalhando a pedra com mãos de gigantes, envoltas em nódulos que a dureza e o tempo engrossaram e curtiram, ou fazendo explodir o trotil, balançando-se na ponta do cordame, tentando acertar com o movimento no local onde, exatamente, o explosivo deveria rebentar, abrindo caminho na rocha maciça e abrupta; por vezes, os trabalhadores falhavam o alvo, e o tiro estilhaçava, certo, o corpo de quem o manuseava”. Ver **Pólvora**.

Túnel Ver Furado.

Turbina (Do fr. *turbine* 'turbilhão; furacão [1534]; roda motriz [1822]', do lat. *turbo, ĩnis* 'o que gira em torno') Mecanismo que permite a transformação da força motriz da água em energia elétrica. **Nota:** Termo simples. Elemento constituinte das centrais hidroelétricas. **Doc. Escrita:** Ladeira (2016: 71) escreve “Todas estas levadas confluem a água através de tubos que fazem girar as turbinas da Central Hidroelétrica da Calheta”. **Doc. Oral:** O informante 3 explica que “Eles têm lá em cima uma coisa enorme, leva uns tubos enormes pela rocha abaixo que vai dar lá à turbina. Depois, essa água passa na turbina e vem novamente cá para baixo, pa' uma lagoa que eles têm lá bastante grande e, depois, é distribuída pa' a levada. Estou a falar da Central da Nogueira”. Ver **Central hidroelétrica** e **Turbinar**.

Turbinar (De *turbina* + *-ar*) Movimento das turbinas provocado pela queda forçada da água para gerar energia elétrica. **Nota:** Termo derivado do nome *turbina* com o sufixo *-ar*. **Doc. Escrita:** Sobre a Central Hidroelétrica da Fajã da Nogueira, Pereira (1989: 733) cita o planeamento dos estudos hidrográficos, topográficos e hidroelétricos e os respetivos dados técnicos: “Turbinará as águas da Serra do Juncal, dos Acionistas e da Ribeira de S. Jorge, captadas na origem dos córregos do Abafado, da Urze e do Caldeirão Verde. Terá uma câmara de carga no Pico da Nogueira”. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva”, parte 1, são referidos os guardas de canais que cuidam da desobstrução dos canais de água que sai diretamente das nascentes em cotas elevadas da montanha, para as águas serem turbinadas antes de entrarem nas levadas para a irrigação dos terrenos. Ver **Turbina**.

V

Vagona de bagaço (De *vagão*; De *baga* + *-aço*) Vagão de transporte em carris do bagaço ou entulho de rocha. **Nota:** Termo composto pelo nome *vagona* com o complemento determinativo *de bagaço*. **Doc. Audiovisual:** No Documentário “Água vai, pedra leva” (parte 2), refere-se este meio usado para extrair o bagaço de dentro dos túneis na construção das levadas. Ver **Furado** e **Levada**.

Varanda da levada Ver **Esplanada da levada**.

Varandim da levada (De *varanda*; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Proteção de metal ou de madeira, com a sua malha, que acompanha as passagens mais perigosas dos percursos das levadas. **Nota:** Termo composto pelo nome *varandim* com o complemento determinativo *da levada*. Sinónimo de *varanda* (cf. informante 4), com a variante *varande* (cf. informante 3). Serve para proteger os caminhantes, para não caírem nos abismos da montanha. **Doc. Oral:** O informante 3 refere “O varandim. O varandim do lado? Sim. O varandim. O varande”. O informante 4 usa o termo *varanda*, enquanto o 5 indica o nome *varandim*: “Temos os varandins”. O informante 6 explica: “Varandim da levada é as varandas que as gentes têm... que a gente tem de se agarrar para não cair no abismo”. Ver **Esplanada da levada**.

Vasilha de folha (Do lat. *vasiĭla*, do lat. *vas, āsis* 'vaso, vasilha'; Do lat. *folium, í* 'folha'; f. hist. s. XIII *folla*, s. XIV *folha*) Recipiente para transportar líquidos, feito de folha de Flandres, com uma asa. **Nota:** Termo

composto pelo nome *vasilha* com o complemento determinativo *de folha*. Sinónimo de *vasilha de lata*. Ocorre também com a forma reduzida *folha* e com a forma aumentativa *folhão*. Recipiente usado para ir buscar água à fonte. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 53) explica que “Quanto aos dormentes, eram umas quebradas constituídas na horizontal numa determinada parte do mainel da levada principal cuja finalidade primordial consistia em adormecer ou diminuir a velocidade da água ao longo da sua descida, desde o Cabeço dos Orégãos até à Beira-Mar. Uma segunda finalidade consistia em facilitar a tonada de água pela população, quando, para as suas necessidades domésticas, ia aí buscá-la com *anfusas* de barro ou com *vasilhas de folha* de Flandres, vulgarmente chamadas *folhas*”. **Doc. Oral:** O informante 2 menciona o termo *vasilha*, enquanto o 3 refere *folha* e *bilha*. O informante 4 usa o termo *folhão*: “A gente aqui usava-se era, quando era pa’ acartar a água, usava-se o *folhão*, que era uma *vasilha de lata*, adonde as pessoas traziam leite para a máquina”. **Doc. Lexicográfica:** No *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* (2001, II: 3709), “recipiente de dimensões variadas para guardar, conservar ou transportar líquidos”. Ver **Fonte e Infusa**.

Vice-Presidente da comissão administrativa da levada (Do lat. *vice*, abl. de um subst. fem. *vix* 'vez, sucessão, alternativa'; Do lat. *praesidens, éntis*, part. pres. de *praesidēre* 'estar assentado adiante, ter o primeiro lugar; estar à testa de, dirigir'; De *commissio, ōnis*, rad. de *commissum*, supn. de *commitēre*; Do lat. *administrativus, a, um* 'que é apto, próprio para dirigir negócios'; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Membro da comissão de gestão de uma associação de heréus de uma levada. **Nota:** Termo composto pelo nome *Vice-Presidente* com os complementos determinativos *da comissão administrativa da levada*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 26) atesta que “Em 1908, aquando da escritura dos primeiros Estatutos da Levada do Pico dos Irozes, era juiz ou presidente e tesoureiro da levada o padre Norberto Gonçalves, vigário da freguesia de Gaula, o cura padre João Jorge Bettencourt era o *vice-presidente*”. Ver **Comissão administrativa da levada**.

Vigia da levada (Regr. de *vigiar*; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Trabalhador que vigiava as águas de uma levada particular para evitar desvios ou roubos da água no seu percurso. **Nota:** Termo composto pelo nome *vigia* com o complemento determinativo *da levada*. **Doc. Escrita:** Freitas (2003: 42) transcreve os Estatutos da Levada do Pico dos Eirós, onde se lê: “À Assembleia Geral compete conhecer tudo quanto respeita à associação e é da sua competência especial: estabelecer ou alterar o giro das águas e alterar o preço das rendas; deliberar sobre a conveniência de exigir dos sócios alguma contribuição e fixar a quantia dela; eleger a Direção da Levada; nomear o levadeiro e, quando julgar necessário, *vigias*”. O autor (2003: 50) diz que “os *vigias* eram de dois tipos. Uns tinham por função coadjuvar com os levadeiros no desempenho da sua missão e eram pagos pela Comissão da Levada. Os outros tinham por função vigiar quer de dia, quer de noite, o decurso da água de giro de um determinado regante ou hiréu que lhes pagava a ajustada paga”. Ver **Levada**.

Vigia das levadas Ver **Guarda de canal**.

Vogal da comissão da levada (Do lat. *vocālis, is* 'vogal'; Do lat. *commissio, ōnis*; Do lat. *levata (aqua)* 'água levada'; f. hist. 1067 *levata*, 1258 *Levada* top., s. XV *levada*) Membro da comissão administrativa de uma levada particular. **Nota:** Termo composto pelo nome *vogal* com os complementos determinativos *da comissão da levada*. **Doc. Escrita:** Ribeiro *et al.* (1995: 39), a propósito dos moinhos e águas do concelho de Santa Cruz, atestam que “quanto à Levada da Azenha, no mês de fevereiro de 1840, foi aprovada uma nova Comissão (...) presidente (...) secretário (...) tesoureiro (...) e *vogais*. Também poderiam nomear um levadeiro ou feitor”. Ver **Comissão administrativa da levada**, **Heréu** e **Levada**.

CAPÍTULO V – Análise e discussão dos resultados

Neste capítulo, analisam-se e discutem-se os resultados obtidos na realização do estágio e plasmados neste relatório. Trata-se de uma compilação dos dados reunidos como contributo para a candidatura das levadas da Madeira a Património da Humanidade. No que respeita ao património cultural material das levadas, enquanto paisagem cultural evolutiva, inclui informações sobre o processo de candidatura, sobre o estado da arte ou conhecimento do bem candidato e sobre os canais de irrigação análogos existentes nos vários territórios estudados. Quanto ao património cultural imaterial, no glossário temático das levadas da ilha da Madeira, apresenta-se uma sistematização dos materiais do património linguístico madeirense recolhidos na documentação escrita, digital e audiovisual consultada, bem como na documentação oral obtida a partir da aplicação de um questionário a *levadeiros* e de uma entrevista a um antigo trabalhador na construção de levadas.

1. A candidatura das levadas da Madeira a Património Cultural da UNESCO

O processo de candidatura das levadas da ilha da Madeira a património da UNESCO é um processo exigente, iniciado em 2015-2016 com a apresentação do bem candidato e a sua integração na Lista Indicativa de Portugal a Património da Humanidade da UNESCO (em 2017). As levadas da Madeira integram-se na categoria de bem cultural e, dentro desta, na categoria de paisagem cultural como património evolutivo que apresenta um valor inestimável a ser conhecido e protegido. O bem candidato deve ter um valor excecional universal, respeitando alguns critérios de elegibilidade, apresentados no texto deste relatório.

Assim, as levadas da Madeira parecem cumprir quatro critérios da UNESCO, estando devidamente fundamentados, a saber, o critério (i) “pelo facto de ser uma obra-prima ou um dos bens culturais portugueses de maior genialidade criativa”; o critério (iii) “por desempenharem um papel determinante no desenvolvimento socioeconómico da Madeira desde o século XV até hoje”; o critério (iv) “pelo facto de, na segunda metade do século XIX e particularmente nas décadas de 50 e 60 do século XX, se estenderem nas altitudes dos 600 aos 1000 metros, originando redes secundárias de distribuição”; o critério (v) “por corresponder ao desenvolvimento do povoamento humano tradicional na

ilha da Madeira, enquanto obra sem precedentes na captação da água e na sua distribuição para a agricultura e, mais tarde, para a produção de energia elétrica”.

Quanto às condições de integridade e de autenticidade, o carácter único das levadas da Madeira, na sua relação harmoniosa com a natureza, deverá ser protegido, assim como todos os conhecimentos tradicionais associados a elas. A integridade é uma medida que exige a proteção do bem na sua totalidade, isto é, a conservação do carácter intacto do património e dos seus atributos, devendo ter uma dimensão adequada para permitir uma representação completa das características e processos que transmitem a importância desse bem. A autenticidade das levadas da Madeira é justificada pelo seu funcionamento, nomeadamente as normas de distribuição da água, os princípios que regem a sua gestão e a forma como esta é distribuída. Por conseguinte, como sugere a UNESCO, o património material é inseparável do imaterial, sendo este o que melhor exprime a autenticidade de um bem cultural.

2. As levadas da Madeira e os canais de irrigação em diferentes territórios

As levadas da Madeira caracterizam-se principalmente pela sua multifuncionalidade. Além dos fins convencionais de transporte de água para rega, consumo e uso humano e produção de energia, sempre foram vias de comunicação entre localidades e, cada vez mais, estes canais têm grande peso na vertente turística, com a difusão de caminhadas ao longo da esplanada que acompanha a levada.

No território dos Açores, as levadas não são usadas na irrigação de terrenos agrícolas. Algumas tinham e ainda têm a função de acionar moinhos (moagem de grão), outras são usadas na condução de água para produção de energia elétrica, nas centrais hidroelétricas, e poucas estão inseridas em percursos pedestres.

Nas Canárias, as levadas foram inicialmente usadas na irrigação de terrenos agrícolas, contribuíram para acionar moinhos e transportavam água para consumo e uso humano, estando na atualidade e na maioria deixadas ao abandono, outras subsistem e fazem parte de percursos pedestres.

Em Cabo Verde, as levadas foram utilizadas para abastecer os reservatórios a partir da água das chuvas e das ribeiras, como canais de irrigação dos campos agrícolas. Contudo, no atual contexto climático, este método foi substituído por outros sistemas de irrigação que promovem a poupança de água num território onde esta é um bem escasso.

No território de Portugal continental, com predominância no Norte, existem levadas que apresentam diferentes funções, nomeadamente a irrigação de campos agrícolas, a produção de energia e associadas a percursos pedestres.

Na Suíça, além da funcionalidade de irrigação de campos agrícolas e prados, a água também é usada para mover moinhos e como percurso pedestre, tendo-se encontrado um caso singular de uma levada com a função de abastecimento de água em caso de incêndios.

Quanto ao território de Omã, os *aflaj* surgiram num território muito árido onde a água é um bem escasso. Estas construções estão associadas, desde sempre, ao meio tradicional de povoamento do território, tendo a função de irrigação agrícola e permitindo a subsistência da população. Os *aflaj* foram reconhecidos como Património da Humanidade pela UNESCO, em 2006, pelo seu valor excepcional.

Posto isto, as levadas da Madeira distinguem-se dos canais de irrigação dos outros territórios aqui referidos, na medida em que constituem uma rede multifuncional, densa e complexa (com levadas principais, levadas secundárias e levadinhas), tendo em conta a pequena extensão territorial da ilha da Madeira. Esta obra-prima teve como função primitiva o transporte e a distribuição da água de rega pela população, estando associada aos poios e à moagem dos cereais nos moinhos, desde o início do povoamento, mas também à serragem de madeiras em serras de água. Posteriormente, as levadas foram utilizadas para a produção hidroelétrica e, mais recentemente, tornaram-se um produto turístico conhecido a nível nacional e internacional.

3. O glossário temático das levadas da ilha da Madeira

3.1. Resultados do glossário

A grande extensão, diversidade e abrangência dos termos do glossário refletem a especificidade das levadas madeirenses, a sua identidade única, autenticidade, integridade e multifuncionalidade, enquanto património cultural material e imaterial. Por isso, procurou-se fazer o levantamento e o registo o mais exaustivo possível do léxico associado às levadas da ilha da Madeira, de forma a completar alguns dos pequenos glossários já publicados sobre o tema. Por exemplo, a compilação dos termos associados às levadas, apresentada em Silva e Meneses (1978, II: 505-506), “Terminologia usual”. Os autores sublinham o interesse e a importância do seu vocabulário, afirmando: “É já quatro vezes secular e generalizado em todo o arquipélago o emprego de termos

peculiares destinados a designar as condições e meios de ação em uso no privativo sistema de irrigação madeirense. Embora sejam muito conhecidos e cotidianamente empregados pelas populações rurais, não o são, todavia, para um número considerável de habitantes citadinos e de modo particular para as pessoas que apenas breve e passageiramente visitam a Madeira. A estas, em especial, se destina a pequena «nomenclatura» ou «terminologia» que aqui deixamos esboçada acerca dos nossos aquedutos ou canais de irrigação”.

No formulário de inscrição do bem levadas da Madeira na lista indicativa dos bens portugueses candidatos a Património da Humanidade pela UNESCO (2015-16), escreve-se: “O extenso património imaterial construído à volta do Bem, particularmente linguístico, com expressões que só a população madeirense compreende, são igualmente atributos que expressam a sua autenticidade”. Em rigor, não existirá um léxico específico ou exclusivo associado às levadas da ilha da Madeira, mas sim palavras e expressões, modos de dizer que adquiriram aceções próprias, usadas em determinados contextos, dadas as especificidades sociais e culturais da ilha da Madeira. Posto isto, o vocabulário apresentado neste estudo corresponde à manifestação e/ou expressão do património linguístico, social e cultural, material e imaterial das levadas, que atribuem valores de identidade e autenticidade ao bem candidato a Património da Humanidade.

Os resultados do glossário, em valores numéricos, correspondem a 335 entradas lexicais relacionadas com as levadas da ilha da Madeira: 297 termos, 35 expressões e 3 lemas classificados como outros (nomes de edifícios, instituições ou entidades). Quanto à classificação morfológica dos termos, documentaram-se termos simples e termos compostos por nome + preposição + nome (N+P+N), por nome + adjetivo (N+A) e por nome + nome (N+N). A estes juntam-se os termos derivados, inclusive por derivação regressiva. Predominam claramente os nomes formados por N+P+N, termos compostos por um nome com um complemento determinativo ou de especificação, sobretudo *da levada*, por exemplo: *açude da levada*, *esplanada da levada* e *heréu da levada*. No conjunto da classificação morfológica dos termos, foram obtidos 293 substantivos (simples, compostos e derivados), registando-se apenas 4 verbos.

Quanto ao registo da ocorrência das unidades lexicais no seu contexto de uso, predomina a proveniência da documentação escrita, seguindo-se da documentação oral e da documentação digital e audiovisual. Tendo em conta o número de entradas do glossário, predominam claramente os termos relacionados com estruturas anexas das levadas e a sua gestão e legislação. No caso desta última subárea, ocorrem alguns termos

antigos que parecem já ter caído em desuso, por exemplo: *água da servidão*, *água do meio terço*, *água dos pobres*, *água pia*, *juiz da levada*, *livro do levadeiro*, *livro das trovas velhas*, *livro das trocas novas*, *meia cana*, *meia água*, *meia noite de água*, *meia telha de água*, *meio quarto da levada*, *quarto de levada*, *sétimo de água* e *telha e meia de água*. Muitas destas denominações são subdivisões da água de rega que já não existem.

No que se refere à origem etimológica dos termos, no glossário, encontram-se termos de origem árabe, como: *açude (da levada)*, com o significado de “represa, albufeira, dique ou barragem de água que é captada através de uma levada para um poço ou diretamente para rega”; *adufa (da levada)*, “compartimento ou escoadouro de saída da água de uma levada”; *alvenel* ou *alvanel*, “pedreiro”, ocorrendo a par com este termo de origem latina. Estes termos têm uma grande abrangência, daí a especificação *da levada*. Predominam claramente os vocábulos com proveniência do Latim, como: *água*, *aqueduto*, *heréu*, *levada*, *poço*, *rega* e *regar*. Do Grego, através do Latim, ocorre, por exemplo, o nome *giro*, em *água de giro*, *giro da água*, *giro da noite* e *giro do dia*.

No glossário temático, destaca-se o termo *levada*. De acordo com Santos (2007: 391), “Trata-se do canal que se multiplicou para irrigação das plantações de cana-de-açúcar, sendo um termo madeirense de origem minhota, como tantos outros da paisagem rural da Madeira”. Orlando Ribeiro (1985: 48) escreve que “Em 1452 foi instalada a primeira fábrica de açúcar acionada pela água dos aquedutos (*levadas*) que se multiplicaram para irrigação das plantações de cana-de-açúcar”. Em nota do tradutor (N.T.), regista-se que *levada* é um “termo local de origem minhota, como tantos outros da paisagem rural da Madeira”. Jorge Dias (1952: 191) verificou que as analogias culturais entre a ilha da Madeira e o norte de Portugal são numerosas. A propósito dos moinhos, informa que são movidos pela água e, segundo números oficiais, existem umas 300 *azenhas* na ilha. Escreve que “Estes moinhos costumam ser acionados pela água das célebres *levadas* (extraordinária rede de canais – cerca de 200 – que totalizam uns mil quilómetros de extensão), utilizadas para a irrigação das culturas da ilha”.

Embora o termo *levada* exista em algumas regiões de Portugal continental e nos Açores, somente na Madeira se encontram os termos derivados mais específicos *levadeiro* e *levadagem*, bem como o termo *rocheiro*, derivado de *rocha*, que não estão diocinarizados no *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* nem no *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* da Academia das Ciências de Lisboa. No caso do termo *heréu (da levada)*, enquanto proprietário de uma levada particular, também será exclusivo da ilha da Madeira, existindo nos Açores como arcaísmo de *herdeiro*. Estes

termos revelam bem a importância regional das levadas particulares e públicas e a complexidade da sua gestão no aproveitamento das águas na ilha da Madeira.

Alguns termos e expressões foram atestados na documentação oral, ou seja, apenas foram proferidos pelos informantes. Estes foram: *abrir a água, abrir uma levada, água em distribuição, ajudante de máquina, alvenel, apito, apontador, argamassa, armazenamento da água, baliza, balizar a água, banda de regadios, barra da levada, boca de saída, caixa de derivação, camalhão, canal de água, caudal reforçado, cerro, cobrir a água, cozinheiro, dar por fora, descarga, divisão de caudais, eira, entalhar a água, entalhe ou entalho do poio, estar pelas bordas, facho, ferreiro, gasómetro, horário de rega, ir pela levada abaixo, levada abandonada, levada irregular, levada mãe, levada principal, levantamento topográfico, mandar a água, meter a chapa, mina de areia, mira, passar a ronda, pedreiro, poço de rega, posto de rega, rega por alagamento, rego, sifão, soltar o poço, travessia e varandim da levada*. As expressões “ir pela levada abaixo”, “morrer de sede à beira da levada” e “correr como água na levada” também foram recolhidas da fala dos informantes e são adaptações das expressões nacionais “ir pela água abaixo”, “morrer de sede à beira da ribeira” e “correr como água na ribeira”, mostrando, mais uma vez, a importância sociocultural das levadas na ilha da Madeira.

Outros termos estão registados apenas em documentação lexicográfica, como é o caso de: *a água cansou, adufa da levada, água de repartição, água do canso, água junta, água perdida, cana de água, fazer uma levada, levada de inundação, manancial, meia água, meio poço, meter a levada, molhelha, nitreira, palheiro, quarto de poço, sétimo de água, telha de água, ter água, terra de rega, torna da água e torno*. A documentação lexicográfica consultada enriqueceu o glossário, tal como a documentação oral, adicionando mais dados linguísticos e socioculturais sobre a área de atividade das levadas.

3.2. Análise dos resultados do glossário

Como referido acima, no conjunto das entradas lexicais do glossário, documentaram-se sobretudo termos compostos por N+P+N: *Ajudante de máquina, bico de gás, boca da levada, calcetamento da levada, encarregado de obra, mina de areia, nivelamento de levada, nivelamento das águas, revestimento da levada, rocha da montanha, vagona de bagaço, açude da levada, adufa da levada, bacia de madre d'água, barra da levada, bica d'água, boca de saída, boca do furado, cabeceira da levada, cadastro da levada, madre da levada, cabo da ribeira, caixa da levada (dos acionistas), caixa de derivação, caixilho da levada, captação de água, chapa de ferro, cotovelo da*

levada, dormente (da água), encabeçamento da levada, entalhe do poio, entroncamento da levada, esplanada da levada, galeria de captação da levada, grelha (da levada), interseção de levadas, lanço da levada, leito da ribeira, levada dos heréus, levada de inundação, madre da levada, mainel da levada, mainel principal da levada, nascente da levada, rede de córregos, rede de levadas, levada da sacada, sacada das escorras, talho da levada, torna da água, torno (de água), travessão (da levada), troço da levada, varandim da levada, bucha do poço, câmara de inundação, câmara de carga, casa da levada, casa do guarda de canal, casa do relógio, casa dos engenheiros, conduta da água, cubo do moinho, engenho de açúcar, lanterna de rega, lavadouro de levada, levada do moinho, moinho de água, muro da bucha (do poço), pedra do lavadouro, poço da levada, poço de furna, poço de rega, poço dos heréus, posto de rega, relógio de água, rocha da nascente, serra de água, terra de rega, torneira do tanque, vasilha de folha, água de rega, abastecimento da rede de água potável, água da cabeça, água da levada, água da servidão, água de arrendamento, água de gastos, água de giro, água de herança, água de heréus, água de repartição, água do canso, água do dia, água de meio terço, água de tanque, água dos pobres, anel de água, anel de rega, ano de rega, armazenamento da água, arrendamento da água da levada, arrendatário da água da levada, boca de sacada, caixa da levada, cana de água, caudal de água, caudal da nascente, corneta do levadeiro, cota da levada, distribuição da água, divisão de caudais, estação de medição de caudais, exame da medição, gema do verão, giro da água, giro da noite, giro do dia, guarda de canal, hora de água, hora de rega avulsa, horário de rega, inclinação de 1 por mil, juiz da levada, limpeza da levada, limpeza do canal, livro das trocas novas, livro das trocas velhas, livro do levadeiro, medição das águas, medidor de canal, meia noite de água, meia telha de água, meio braço de água, meio dia de água, meio quarto de levada, noite de água, pena de água, quarto de levada, quarto de poço, quebra de giro, quinhão de água, ramal da levada, renda da levada, ronda do canal, sétimo de água, telha e meia de água, tempo de rega, toque de búzio, associação de heréus, caminho de heréus, canal de água, direção da comissão da levada, estatutos da levada, heréu da levada, levada do Estado, levadinha de calçada, mesa da assembleia da associação de heréus, presidente da comissão administrativa da levada, tesouraria da comissão administrativa da levada, título de posse de água, vice-presidente da comissão administrativa da levada, vigia da levada, vogal da comissão da levada e rega por alagamento.

Os termos compostos por N+A são: *água junta, caudal reforçado, levantamento topográfico, terra batida, tripé topográfico, água vertente, caixa divisória, levada aberta, levada antiga, levada inteira, levada irregular, levada subterrânea, central hidroelétrica, lavadouro público, rocha mole, água perdida, água pia, cálculo hidráulico (das levadas), trocas novas, trocas velhas, assembleia geral (da associação de heréus), comissão administrativa (da levada), comissão administrativa dos aproveitamentos hidroagrícolas, conselho fiscal (da associação de heréus), levada principal e levada particular*. Quanto aos termos compostos por N+N, são: *levadeiro-chefe, meia água, meia cana e meio poço*.

Foram atestados termos derivados sobretudo por sufixação: *aguadeiro (aguada + -eiro), alvenaria (alvenar + -ia), apontador (apontado + -or), arribas (a- + ribas), bagaceiro (bagaço + -eiro), bagaço (bago + -aço), cambota (camba + -ota), cozinheiro (cozinhar + -eiro), engenheiro (engenho + -eiro), ferreiro (ferro + -eiro), fundura (funda + -ura), gasómetro (gás + -o- + -metro), marteleiro (martelar + -eiro), mineiro (mina + -eiro), motorista (motor + -ista), palheiro (palha + -eiro), pedreiro (pedra + -eiro), picareta (picar + -eta), rebentamento (rebentar + -mento), rocheiro (rocha + -eiro), aguagem (água + -gem), agulheiro (agulha + -eiro), travessão (travessa + -ão), camalhão (camalho + -ão), mangueira (manga + -eira), nateiro (nata + -eiro), nitreira (nitro + -eiro), regante (regar + -ante), terrão (terra + -ão), escorralhas (escorras + -lhas), levadeiro (levada + -eiro), acionista (acionar + -ista), levadagem (levada + -agem), olheiro (olho + -eiro)*. Registaram-se também termos formados por derivação regressiva: *apito (de apitar), martela (de martelar), rega (de regar), torno (de tornar)*.

Registaram-se ainda termos simples, como: *acartar, alvenel, argamassa, barra, barraca, broca, buraca, cerro, chaminé, fiscal, funda, furo, guincho, molhelha, pá, pólvora, rede, trotil, afluyente, aqueduto, cale, manancial, travessia, facho, fazenda, fonte, manivela, manta, poça, poio, regar, rego, ribeira, ribeiro, ampulheta, baliza, búzio e sifão*.

No que se refere às expressões, documentaram-se, por exemplo: *abrir uma levada, acartar rocha, dar fogo, desencravar a broca, nivelar a levada, talhar a rocha, encabeçar a água, encabeçar a levada, entalhar a água, estar pelas bordas, fazer uma levada, meter a chapa, meter a levada, entancar a água, limpar os poços, tapar a água, ter água, a água cansou, abrir a água, água em distribuição, arrendar a água da levada, balizar a água, cortar a água, dar a água, dar por fora, ir pela levada abaixo, limpar a levada, mandar a água, medir a água, passar a ronda, quebrar a água e soltar o poço*. Como se

pode observar, são sobretudo sintagmas verbais, formados por um verbo transitivo com o seu complemento direto.

Quanto às palavras que apresentam sinónimos, por vezes, houve dificuldade em separar ou juntar vocábulos que podem ou não ter o mesmo significado. Por exemplo, em distinguir termos como: *cadastro da levada*, *livro do cadastro* e *livro do levadeiro*; *compressor* e *martela*; *açude da levada*, *tornadouro* ou *tornadoiro*, *sacada da levada* e *aqueduto da levada*. De seguida, apresenta-se uma tabela com a sistematização dos sinónimos registados no glossário.

Termos	Sinónimos
<i>açude da levada</i>	<i>tornadouro</i> ou <i>tornadoiro</i> , <i>sacada</i> , <i>aqueduto</i> , <i>barragem</i> e <i>represa de água</i>
<i>água da servidão</i>	<i>água da serventia</i>
<i>água de heréus</i>	<i>água de propriedade</i>
<i>água dos pobres</i>	<i>água da comissão</i>
<i>aguagem</i>	<i>cascata</i> , <i>queda de água</i>
<i>agulheiro</i>	<i>meia cana</i>
<i>ano de rega</i>	<i>período de regadio</i> , <i>período de rega</i>
<i>arribas</i>	<i>falésias</i> e <i>rochas</i>
<i>barra</i>	<i>barrinha</i> e <i>barrana</i>
<i>barraca</i>	<i>barracão</i>
<i>boca de saída</i>	<i>buraco da regadeira</i> , <i>furo da regadeira</i> e <i>bucha da regadeira</i>
<i>bucha do poço</i>	<i>torneira</i> , <i>balucra</i>
<i>cabeceira da ribeira</i>	<i>madre da levada</i>
<i>cabo da levada</i>	<i>madre da levada</i>
<i>cabo da ribeira</i>	<i>cabeceira da levada</i>
<i>caixa divisória da levada</i>	<i>caixa de nó</i> , <i>tornador</i> , <i>caixa de distribuição</i> , <i>casa da água</i> e <i>casinha da água</i>
<i>caixilho da levada</i>	<i>caixa da levada</i>
<i>camalhão</i>	<i>cabeço</i>
<i>câmara de carga</i>	<i>câmara de água</i>
<i>canal de água</i>	<i>levada principal</i> , <i>canal principal</i> , <i>canal superior</i> , <i>banda de regadios</i> , <i>levada geral</i>
<i>casa da levada</i>	<i>casa dos levadeiros</i> , <i>casa de abrigo</i> , <i>casinhas de levadeiros</i>
<i>casa do guarda de canal</i>	<i>casa dos vigias da levada</i> , <i>casa de abrigo</i> , <i>casas da Empresa de Eletricidade da Madeira</i>
<i>casa do relógio</i>	<i>casa da relação</i> , <i>torre do relógio</i>
<i>caudal de água</i>	<i>caudal da levada</i> , <i>caudal de rega</i>
<i>central hidroelétrica</i>	<i>central geradora</i>
<i>conduta da água</i>	<i>sacada</i> , <i>sacadinha</i>
<i>corgo</i>	<i>torno</i> , <i>riacho</i> , <i>ribeiro</i>
<i>distribuição da água</i>	<i>repartição das águas</i>
<i>dormente da água</i>	<i>quebra-pressão</i> , <i>sanca</i> , <i>quebrador</i> , <i>cavalariça</i> , <i>mergulhador</i>
<i>eira</i>	<i>quartel de poio</i>
<i>encabeçamento da levada</i>	<i>encanamento da levada</i>
<i>escorralhas</i>	<i>escorras</i>
<i>esplanada da levada</i>	<i>traste</i> , <i>banqueta</i> , <i>varanda da levada</i> , <i>vereda</i> , <i>camalhão da levada</i> , <i>borda da levada</i> e <i>berma da levada</i>
<i>facho</i>	<i>sezico</i> , <i>guião</i> , <i>farol</i> , <i>murrão</i> , <i>fachiador</i>
<i>fonte</i>	<i>chafariz</i> , <i>fontenário</i> ou <i>fontanário</i>
<i>furado</i>	túnel

<i>grelha da levada</i>	<i>grade</i>
<i>guarda de canal</i>	<i>guarda de obra e rega, vigia do canal, vigia da água</i>
<i>infusa</i>	<i>anfusa, enfusa</i>
<i>infusa</i>	<i>púcara</i>
<i>juiz da levada</i>	<i>administrador da levada</i>
<i>lavadouro de levada</i>	<i>lavador, lavadouros dos tornadoiros, lavadouros comunitários</i>
<i>lavadouro público</i>	<i>lavadouros comunitários</i>
<i>levada</i>	<i>aqueduto, canal, regadeira</i>
<i>levada aberta</i>	<i>levada a céu aberto</i>
<i>levada antiga</i>	<i>levada desaparecida, levada abandonada, levada sem uso, levada desativada</i>
<i>levada do moinho</i>	<i>cumbre do moinho</i>
<i>levada inteira</i>	<i>levada principal e regadeira completa</i>
<i>levada subterrânea</i>	<i>abafadura</i>
<i>levadagem</i>	<i>terral</i>
<i>levadeiro</i>	<i>feitor</i>
<i>levadeiro-chefe</i>	<i>levadeiro principal</i>
<i>livro de levadeiro</i>	<i>livro de repartição das águas e livro do cadastro</i>
<i>madre da levada</i>	<i>origem da levada, cabo da levada, madre de água, cabeceira da levada, cabeça de levada, cabeça, começo da levada, albufeira</i>
<i>manivela</i>	<i>pau-do-balucre</i>
<i>martela</i>	<i>martelo pneumático</i>
<i>medir a água</i>	<i>medir o caudal</i>
<i>moinho de água</i>	<i>moinho de cereais, azenha</i>
<i>nascente da levada</i>	<i>fonte nativa</i>
<i>nascente da levada</i>	<i>fonte, águas vertentes</i>
<i>olheiro</i>	<i>olho de água</i>
<i>pedra do lavadouro</i>	<i>pedra de lavar, laje</i>
<i>picareta</i>	<i>picão</i>
<i>poça</i>	<i>pocinho</i>
<i>poço de furna</i>	<i>tanque de furna, poço subterrâneo</i>
<i>poço de rega</i>	<i>tanque de rega</i>
<i>poio</i>	<i>eito</i>
<i>pólvora</i>	<i>dinamite, fogo</i>
<i>quarto de levada</i>	<i>quarto de água, água de quarto</i>
<i>quebrada</i>	<i>derrocada</i>
<i>ramal da levada</i>	<i>levada secundária, ramo da levada, braço da levada, braço de água, ramo de água, levadinha, regadeira, troço da levada e regueiro</i>
<i>rede de canais</i>	<i>braços de canais</i>
<i>rega</i>	<i>regadura, regadio, regadia</i>
<i>regante</i>	<i>heréu</i>
<i>sacada da levada</i>	<i>açude</i>
<i>serra de água</i>	<i>serragem</i>
<i>tafulho</i>	<i>basculho, mato, rolha</i>
<i>talho da levada</i>	<i>sacada da levada</i>
<i>tornadouro ou tornadoiro</i>	<i>tornador, entalhador de levada, entalhe da levada, caixa de nó, greta, chapa de fundo, pescoço de cavalo</i>
<i>travessia</i>	<i>travessa e derivação</i>
<i>varandim da levada</i>	<i>varanda ou varande</i>
<i>vasilha de folha</i>	<i>folhão</i>

Tabela 2 – Entradas lexicais e respetivos termos sinónimos

A Tabela 2 mostra bem a quantidade, riqueza e diversidade das entradas lexicais que apresentam sinonímia. É o facto de existirem termos mais técnicos e termos menos

técnicos ou populares que origina sinonímia, isto é, diferentes vocábulos que denominam o mesmo conceito, por exemplo: *manivela* (mais popular) e *pau-do-balucra* (termo mais técnico); *banda de regadios* (mais popular), *canal de água* e *canal principal* (termos mais técnicos); *entalhador de levada*, *entalhe da levada*, *caixa de nó*, *greta*, *chapa de fundo* e *pescoço de cavalo* (nomes mais populares) e *tornador*, a par de *tornadouro* e *tornadoiro* (termos mais técnicos); *varanda* (mais popular) e *varandim da levada* (termo mais técnico); *bucha do poço* (designação popular), face a *torneira* e *balucra* (termos mais técnicos); *esplanada da levada*, *traste*, *banqueta*, *varanda da levada*, *vereda* e *camalhão da levada* (vocábulos mais populares), em vez de *borda da levada* e *berma da levada* (termos mais técnicos); *vagona de bagaço* (forma popular) por *vagão* (termo técnico) e *martela* (criação popular) em vez de *martelo pneumático* (termo técnico).

A maior parte dos termos do glossário são de origem popular, o que se compreende pelo facto de as levadas serem uma realidade rural, sobretudo associada à agricultura tradicional de subsistência da população madeirense. Alguns termos apresentam variantes fonéticas e/ou morfossintáticas, por exemplo: *alvenel* (*alvinel* e *alvenéu*), *cale* (*calha*), *entalhe* (*entalho do poio*), *esplanada da levada* (*espada*, *espalda da levada*), *madre da levada* (*madra*), *tornadouro* (*tornadoiro*), *varanda* (*varande*). A maior parte das variantes fonéticas são corruptelas ou formas populares. Outra característica da linguagem popular é a confusão de termos que designam diferentes conceitos, o que acontece através de um processo cognitivo de metonímia ou contiguidade, por exemplo de função, como no caso dos termos *poço* e *tanque*, deixando de distinguir-se o *poço*, que é escavado na terra, do *tanque*, construído e colocado à superfície. De igual forma, os vocábulos *regante* e *heréu* são usados como sinónimos por um dos *levadeiros* entrevistados. Assim, a palavra *heréu* perde o seu significado específico de proprietário de água de uma levada privada, sofrendo um processo de generalização semântica (talvez por este tipo de regante ser cada vez mais escasso na atualidade).

No conjunto das entradas lexicais do glossário, registaram-se poucos termos polissémicos, ou seja, com mais do que um significado, como: *aqueduto* (estrutura que capta a água e a própria levada), *camalhão* (parte dos regos e estrutura de terra na madre da levada), *levadeiro* (responsável pela distribuição da água de rega e responsável pela distribuição de bebidas num convívio), *ramal da levada* (canal de irrigação secundário e pequeno canal que leva a água para os poios).

Quanto à categoria de outros (nomes de associações, instituições ou edifícios), os três nomes registados foram: *Aproveitamentos Hidroagrícolas da Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal*, *Estação de Tratamento de Água dos Tornos* e *Museu da Água*.

Conclusões e considerações finais

Este relatório de estágio de mestrado dá conta de todo o trabalho realizado durante o estágio na SRAAC, de setembro de 2018 a junho de 2019. Depois, ocorreu o pedido de prorrogação da inscrição no mestrado por mais um ano letivo e a desistência até maio de 2020, altura em que houve a alteração da orientação da Universidade da Madeira do Prof. Doutor Thierry Proença dos Santos para a Prof^a. Doutora Naidea Nunes Nunes, com a retoma do estágio e do trabalho de investigação em junho de 2020. Assim, a parte da pesquisa relativa à elaboração de um glossário temático das levadas da ilha da Madeira foi iniciada em junho de 2020, com a nova orientadora, fazendo a recolha patrimonial e linguística do vocabulário associado às levadas da ilha da Madeira, em documentação escrita, digital, audiovisual e oral. A revisão da redação da parte deste relatório relativa ao estágio, capítulos II e III, ocorreu em setembro de 2020.

Nesta parte do relatório, reúne-se a informação pertinente sobre o processo de candidatura das levadas da Madeira a Património Mundial da UNESCO, principalmente os critérios que tornam o bem candidato elegível pelo seu valor único excepcional, integridade e autenticidade. Segue-se a compilação de dados sobre o estado da arte ou conhecimento das levadas da ilha da Madeira, a sua origem e evolução histórica. Conclui-se que as levadas da Madeira se caracterizam principalmente pela sua multifuncionalidade. Além dos fins convencionais de transporte de água para rega, consumo e uso humano e produção de energia, estes canais tiveram uma grande importância também como vias de comunicação entre localidades e, hoje, têm grande peso na vertente turística, com a difusão de caminhadas ao longo da esplanada que acompanha a levada. Depois, procedeu-se à pesquisa sobre outros canais de irrigação similares existentes noutros territórios estudados: Açores, Canárias, Cabo Verde (arquipélagos da Macaronésia), Portugal continental, Suíça e Omã.

Verificou-se que as levadas da Madeira se distinguem dos outros canais de irrigação, na medida em que constituem uma rede multifuncional, densa e complexa, tendo em conta a pequena extensão territorial da ilha da Madeira. Salienta-se que as levadas da ilha da Madeira tiveram como função primitiva a canalização e distribuição da água de rega pela população, estando associadas aos poios e à moagem dos cereais nos moinhos, desde o início do povoamento, assim como à serragem de madeiras em serras de água. Posteriormente, as levadas foram utilizadas também para a produção

hidroelétrica e, mais recentemente, tornaram-se um produto turístico conhecido a nível nacional e internacional.

Procedeu-se ao enquadramento deste estudo na área do património cultural imaterial ou intangível, mais precisamente como património linguístico. Pois, as unidades lexicais associadas às levadas da ilha da Madeira têm grande valor como expressão sociocultural da realidade ou vivência madeirense na construção e identidade do território. Por conseguinte, permitem identificar e caracterizar o bem levadas como paisagem cultural evolutiva, enquanto manifestação de uma prática tradicional e herança social e cultural.

O vocabulário registado no glossário, na sua maior parte de origem popular, enquanto património linguístico e sociocultural madeirense, conta a história da construção das levadas, assim como da sua evolução. Também possibilita comparar o bem com outros comparáveis, mostrando que as levadas da ilha da Madeira não são apenas canais de irrigação como os de Omã, que transportam a água de onde ela existe para onde é necessária para irrigação e consumo humano. A ilha da Madeira caracteriza-se por uma rede de levadas muito densa, tendo em conta o seu pequeno território, desde os grandes canais das montanhas às pequenas regadeiras que chegam aos poios agrícolas. A riqueza e diversidade dos vocábulos, bem como a sua abrangência, desde a captação das águas nas nascentes das montanhas e construção das levadas às suas finalidades de irrigação agrícola e para produção hidroelétrica, com todas as profissões associadas e respetivas funções e instrumentos utilizados, revelam o valor único e excecional das levadas da Madeira.

Assim, destaca-se a sua multifuncionalidade atual, enquanto canais de rega para a agricultura, abastecimento de água à população, produção de energia hidroelétrica, percursos pedestres de comunicação entre localidades (com desenvolvimento urbano, construção de casas ao longo do seu percurso, em alguns casos, por serem antigas vias de trânsito, quando não existiam estradas), moagem de cereais, serragem de madeiras e, mais recentemente, caminhadas ou pedestrianismo (produto turístico de proximidade com a natureza que promove o bem estar físico e o relaxamento mental e emocional), enquanto bem cultural evolutivo.

Deste modo, a grande extensão, diversidade e abrangência dos termos do glossário refletem a especificidade das levadas madeirenses, a sua identidade única, autenticidade, integridade e multifuncionalidade, enquanto património cultural material e imaterial. Os termos recolhidos, nos diferentes tipos de documentação utilizada, permitem contar a

história da construção das levadas, assim como a sua evolução e comparação com canais de irrigação análogos existentes noutros territórios. O glossário temático permite, assim, reunir e sistematizar o vocabulário associado às levadas da Madeira, confirmando a importância e vitalidade atual da rede de levadas densa e complexa da ilha, desde os grandes canais das montanhas às pequenas regadeiras que chegam aos poios agrícolas, tendo um valor único excepcional.

Partindo do glossário temático das levadas da Madeira elaborado com base na documentação consultada, sobretudo documentação escrita, procedeu-se à construção de um questionário onomasiológico (partindo dos conceitos para recolher os termos), a aplicar a *levadeiros* de diferentes áreas rurais da ilha. Este foi elaborado de modo a fazer a recolha de documentação oral e enriquecer o glossário com esses dados linguísticos e socioculturais, vendo até que ponto se confirmava o uso do vocabulário registado e os respetivos significados, assim como novos conceitos, termos e expressões. A recolha de documentação oral incluiu uma entrevista a um antigo trabalhador na construção das levadas, através de um relato de memória, que muito engrandeceu o vocabulário relativo a esse subtema. No glossário, o vocabulário recolhido está organizado por ordem alfabética dos termos referentes à atividade ou prática sociocultural das levadas, enquanto realidades e vivências locais e regionais.

Posteriormente, foi realizada a consulta de documentação lexicográfica variada, desde o *Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa* para retirar informação etimológica, ao *Dicionário de Regionalismos e Arcaísmos* de Leite de Vasconcelos, vocabulários madeirenses publicados, antigas monografias de licenciatura apresentadas à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa (na área da dialetologia, sobre a língua falada na ilha da Madeira e a sua cultura, que incluem termos relativos às levadas) e estudos académicos mais recentes, realizados na Universidade da Madeira, que apresentam glossários onde ocorrem vocábulos associados ao tema das levadas (designadamente dissertações de mestrado e teses de doutoramento). Incluiu-se também a consulta de glossários em dissertações de mestrado de outras áreas científicas, por exemplo da arquitetura, que referem as levadas da Madeira. As entradas do glossário fecham com a informação do *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea* da Academia das Ciências de Lisboa, sempre que as palavras constam neste, e, para alguns lemas, também foi consultado o *Dicionário Online Priberam da Língua Portuguesa*.

Ao organizar as entradas do glossário, sentiu-se, muitas vezes, dificuldade em separar e/ou juntar termos que podem ou não ser sinónimos, apesar do registo dos termos

no seu contexto de ocorrência, confirmando os respetivos significados, assim como da consulta e registo das definições dos termos averbados nas antigas monografias de licenciatura, recentes dissertações de mestrado e de doutoramento, nos vocabulários regionais e em dicionários de língua geral. Esta dificuldade, por exemplo, em distinguir os significados de termos como: *água do tanque* e *água da levada*; *compressor* e *martela*; *açude da levada*, *tornadouro* ou *tornadoiro*, *sacada da levada* e *aqueduto da levada*; *aqueduto da levada* e *levada*; *adufa da levada* e *sacada da levada*; *tornadouro* ou *tornadoiro* e *torno de água*, *torna da água* e *torno* e a expressão *a água cansou* em relação ao termo *água do canso*, entre outros, revela bem a complexidade e a densidade do vocabulário associado às levadas da ilha da Madeira.

Como apresentado no capítulo V, os resultados referentes às entradas do glossário correspondem a 335 termos e expressões relacionados com as levadas da ilha da Madeira: 297 termos, 35 expressões e 3 lemas classificados como outros. Predominam claramente os termos compostos por nomes com um complemento determinativo ou de especificação, ou seja, constituídos por nome + preposição + nome (N+P+N), sobretudo com o complemento *da levada*, por exemplo: *caudal da levada*, *lanço da levada*, *nascente da levada*, *sacada da levada* e *troço da levada*. Seguem-se os termos compostos formados por N+A e por N+N. A estes juntam-se os termos derivados, sobretudo por sufixação, como *levadeiro* e *rocheiro*, formados a partir dos nomes *levada* e *rocha* (com o sufixo agentivo *-eiro*), e os termos simples. No conjunto, foram obtidos 293 substantivos e apenas 4 verbos.

Alguns termos compostos por N+P+N ocorrem na documentação escrita e oral com ou sem o seu complemento determinativo, constituindo variantes morfossintáticas que apresentam ora uma forma simples ora composta, dependendo do contexto de comunicação. Pois, por vezes, a palavra não precisa de especificação, por se estar a falar de uma levada ou da rega, por exemplo: *nascente* e *nascente da levada*; *poço* e *poço de rega*. Encontram-se também termos compostos com dois complementos determinativos ou de especificação, como *bacia de madre de água* e *casa do guarda de canal*, classificados com a estrutura N+P+N. Registaram-se ainda variantes fonéticas de alguns vocábulos, como *aguagem* e *aguage*, *tornadouro* e *tornadoiro*.

No caso de *levadeiro*, é um termo polissémico, uma vez que ocorreu uma ressemantização. Pois, de “responsável pela distribuição da água de rega”, por analogia, passou a designar também o “responsável pela distribuição das bebidas num grupo”. Além de termos polissémicos, ou seja, com mais do que um significado, no glossário há

uma grande quantidade de termos que apresentam sinónimos. Destacam-se os seguintes exemplos: *boca de saída* ou *buraco da regadeira* ou *furo da regadeira* e *bucha da regadeira*; *caixa divisória da levada* ou *caixa de nó* ou *tornador* ou *caixa de distribuição* ou *casa da água* e *casinha da água*; *dormente (da água)* ou *quebra-pressão* ou *sanca* ou *quebrador* ou *cavaliça e mergulhador*; *esplanada da levada* ou *traste* ou *banqueta* ou *varanda da levada* ou *vereda* ou *camalhão da levada* ou *borda da levada* e *berma da levada*; *madre da levada* ou *origem da levada* ou *cabo da levada* ou *madre de água* ou *cabeceira da levada* ou *cabeço de levada* ou *cabeça* ou *começo da levada* e *albufeira*; *tornadouro/tornadoiro* ou *tornador* ou *entalhador de levada* ou *greta* ou *chapa de fundo* e *pescoço de cavalo*. Muitos destes termos são nomes populares que coexistem com os termos mais técnicos, nas denominações dos mesmos conceitos ou realidades. Salienta-se o facto de a documentação oral ter contribuído para o registo de termos e expressões populares ainda não averbados ou documentados, como *martela*, *marteleiro*, *dar fogo*, *barra da levada*, *baliza*, *balizar* e *soltar os poços*.

Em conclusão, os objetivos do trabalho foram cumpridos quase na sua totalidade. Pretendeu-se contribuir para a candidatura das levadas da Madeira a Património Cultural da Humanidade pela UNESCO, pesquisando sobre o estado da arte ou conhecimento sobre as mesmas, com destaque para a sua construção e utilização multifuncional. De seguida, procedeu-se à recolha, sistematização e síntese dos dados existentes sobre canais de irrigação comparáveis nos territórios estudados, como contributo para o estudo comparativo a apresentar na candidatura. Depois, com a elaboração do glossário temático das levadas da ilha da Madeira, fez-se a compilação e sistematização de todas as informações recolhidas na documentação escrita, digital, audiovisual e oral, bem como na documentação lexicográfica consultada, que refletem o conhecimento e as vivências ancestrais e atuais da realidade sociocultural das levadas madeirenses, enquanto património linguístico e cultural material e imaterial. Pretende-se, assim, também contribuir para a concretização de um futuro Museu das Levadas da Madeira, com um centro interpretativo da sua realidade histórica, sociocultural e linguística.

Considerações finais

No decorrer do trabalho de estágio, houve limitações relativamente à temática abordada, existindo por vezes pouca informação na bibliografia e documentação consultada. Esta revelou-se vasta em relação às levadas existentes na ilha da Madeira e reduzida em relação à existência destes canais noutros locais. Trata-se de um facto por si

mesmo significativo, que revela a importância sociocultural das levadas da ilha da Madeira em comparação com outras regiões onde não são tão relevantes. A dificuldade em encontrar e reunir a escassa bibliografia sobre os canais de irrigação de fora da Região Autónoma da Madeira impossibilitou o desenvolvimento do estudo comparativo.

Quanto à parte do trabalho relativa à investigação sobre o vocabulário associado às levadas da ilha da Madeira, destacam-se as limitações no que diz respeito à documentação escrita utilizada, bem como à documentação digital e audiovisual. Devido à grande quantidade e diversidade destas, foi impossível fazer a consulta exaustiva de toda a documentação existente para o levantamento lexical. Porém, procurou-se fazer o máximo possível, no tempo e espaço disponíveis para este relatório, apresentando várias ocorrências dos termos no glossário, com os respetivos contextos de uso, por serem relevantes enquanto património linguístico para a candidatura a Património Cultural da UNESCO.

Relativamente à documentação lexicográfica consultada, também existem algumas limitações neste estudo, uma vez que não foi possível consultar todos os dicionários da Língua Portuguesa, para verificar a informação registada neles sobre os termos estudados. Por isso, optou-se por consultar principalmente o *Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea*, como dicionário de referência da Academia das Ciências de Lisboa.

No que concerne às entrevistas realizadas, as limitações deste estudo dizem respeito ao número limitado de informantes, tanto para a construção das levadas (pelo facto de a maior parte dos trabalhadores que participaram na atividade já terem morrido) como para a atividade de *levadeiro*, embora se tenha tentado abranger o máximo possível de localidades da costa norte e da costa sul, assim como da parte leste e oeste da ilha da Madeira. Faltou entrevistar um responsável por uma associação de heréus das levadas privadas que ainda existem na Madeira.

Teria sido igualmente importante ter feito entrevistas a engenheiros da empresa Águas e Resíduos da Madeira (ARM), de modo a poder recolher o vocabulário usado por estes que, por ser mais técnico, se poderá distinguir do léxico (palavras e expressões) mais popular, utilizado pelos *levadeiros*. Igualmente importante seria ter realizado questionários a agricultores e a técnicos relacionados com o uso da água de rega, nas regiões do continente português onde existem levadas, de modo a aferir até que ponto existem palavras semelhantes e com os mesmos significados ou outros nesta área de atividade. Este estudo permitiria saber quais os vocábulos específicos da Madeira e quais os que também existem noutras regiões do país. No entanto, este trabalho exigiria a

deslocação a essas regiões e seria um tema que constituiria um outro trabalho por si mesmo.

Também seria importante fazer o levantamento e o estudo dos nomes das levadas da ilha da Madeira, parte da toponímia (macro e microtoponímia) madeirense, assim como da toponímia associada a elas, que faz parte do mesmo património linguístico e sociocultural. Todavia, esse trabalho constitui um outro tema e objeto de pesquisa a desenvolver, revelando ainda mais a grande riqueza linguística, histórica, geográfica, sociocultural e económica do bem cultural.

Fontes e Referências bibliográficas

1. Fontes do glossário

1.1. Documentação escrita

Branco, Jorge Freitas (1987), *Camponeses da Madeira. As bases materiais do quotidiano no arquipélago (1750-1900)*, Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Fontinha, S. S., Henriques, Dina e Reis, Fábio (2013), *A Madeira Rural. Rural Madeira*, Funchal: Associação de Desenvolvimento da Região Autónoma da Madeira - ADRAMA.

Freitas, J. L. de Gouveia e (2003), *Levadas e Levadinhas de Hireus da Freguesia de Gaula*, Funchal: Câmara Municipal de Santa Cruz.

Frutuoso, Gaspar (1998), *Saudades da Terra. Livro Segundo*, Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada.

Gouveia, A. (1996), “A agricultura madeirense: dos poios às levadas”. In J. Brito, A. Gouveia, P. Prista, & J. Portela (1996), “A agricultura madeirense dos poios às levadas”, *O Voo do Arado*, Printer Portuguesa Lda., pp. 591-597.

Ladeira, Benvinda (2000), *Ponta do Sol. Lendas e Memórias*, Lisboa: Edições Colibri.

Ladeira, Paulo (2016), *Calheta e Património: uma abordagem*, Calheta: Câmara Municipal da Calheta.

Lamas, Maria (1956), *Arquipélago da Madeira. Maravilha Atlântica*, Funchal: Editorial Eco do Funchal.

Livramento, Marco (2016), *Levadas*, Lisboa: Esfera Poética.

Mestre, Vitor (2002), *Arquitectura Popular da Madeira*, Lisboa: Argumentum.

Pereira, Eduardo C. N. (1989), *Ilhas de Zargo*, vol. I (4ª ed.), Funchal: Edição da Câmara Municipal do Funchal.

Quintal, Raimundo (1994), *Veredas e Levadas da Madeira*, Funchal: Secretaria Regional de Educação.

Quintal, Raimundo (1999), *Levadas e Veredas da Madeira*, Funchal: Edições Francisco Ribeiro, 2ª edição.

Ribeiro, João Adriano, Freitas, Lourenço de G. e, Fernandes, José Baptista (1995), *Moinhos e Águas do Concelho de Santa Cruz*, Funchal: Câmara Municipal de Santa Cruz.

Ribeiro, João Adriano (1998), “O Rabaçal. A Levada Velha”, in Soares, João de Nóbrega, *Uma Viagem ao Rabaçal. Narrativa*, Funchal: Editorial Calcamar, pp. i-xxxix.

Ribeiro, Orlando (1985), *A ilha da Madeira até meados do século XX – Estudo geográfico*, Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa.

Ribeiro, João Adriano (2001), *Machico. Subsídios para a História do seu Concelho*, Machico: Câmara Municipal de Machico.

Ribeiro, João Adriano (2002), *Santana. Memórias de uma freguesia*, Santana: Junta de Freguesia de Santana.

Santos, Rui (1996), *Crónicas de outros tempos*, Funchal: Edição Xarabanda.

Santos, Thierry Proença dos (org.) e Correia, Francisco (fotografia) (2017), *Levadas da Madeira. Uma Antologia Literária*, Funchal: Imprensa Académica.

Velosa, M. T. e V. S. F. (2000), *Faial. Memórias de uma freguesia*, Funchal: Editora Calcamar.

Vieira, José Manuel (2011), *Memórias e Narrativas de Boaventura (Madeira, 1950-1960)*, Lisboa: Edições Colibri.

1.2. Documentação digital

“Câmara de Lobos, Dicionário Corográfico, Levadas”, *Concelho de Câmara de Lobos*. Disponível em

<http://www.concelhodecamaradelobos.com/dicionario/levadas.html>

“Diário das Freguesias: Falta de água é a principal queixa de vários heréus”, *Diário de Notícias da Madeira*. Disponível em https://freguesias.dnoticias.pt/falta-de-agua-e-a-principal-queixa-de-varios-heresus/?fbclid=IwAR3I7UcIPQE7LZ4JWceffo2OIJJaPzPHiHIA2_7ApJNUJro5eg7l_sqPrFU

“Heréu”, *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2021. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/her%C3%A9u>

“Levada do Moinho ou da Lombada ou do Moinho da Lombada e Lugar de Baixo”, *Caminheiros Anónimos da Madeira*. Disponível em <https://caminheirosanonimos.wixsite.com/caminheirosanonimos/copia-levada-da-lombada>

“Levada do Lombo e Paredão ou do Lombo de Dona Isabel”, *Caminheiros Anónimos da Madeira*. Disponível em

<https://caminheirosanonimos.wixsite.com/caminheirosanonimos/levada-lombo-paredao>

“Levada do Moinho ou Levada Grande”, *Concelho do Porto Moniz*. Disponível em <https://www.portomoniz.pt/pt/visitantes/atividades-e-experiencias/levadas-e-veredas/levadas/pr-7-levada-do-moinho>

“Levadas da Madeira (listagem de levadas com a respetiva história e descrição)”, *Caminheiros Anónimos da Madeira*. Disponível em <https://caminheirosanonimosmadeira.blogspot.com/2017/01/levada-da-lombada.html>

“Levadeiro”, Lília Mata, *O Rabo do Gato*. Disponível em <https://o-rabo-do-gato.blogspot.com/>

“Região: Assembleia Geral da Associação Levada dos Piornais decorreu esta manhã”, *Jornal da Madeira*. Disponível em https://www.jm-madeira.pt/regiao/ver/46534/Assembleia_Geral_da_Associacao_Levada_dos_Piornais_decorreu_esta_manha

“Relógios de Água do Caniço – Um Património a Preservar”, *Movimento Juntos pelo Povo*. Disponível em

<https://www.facebook.com/MovimentoJPP/posts/1235465606500598/>

1.3. Documentação audiovisual

Documentário “Água vai, pedra leva”, parte 1.

<https://www.youtube.com/watch?v=BuZXL2jtyMs>

Documentário “Água vai, pedra leva”, parte 2.

https://www.youtube.com/watch?v=0lV_1M8EefQ&t=1s

1.4. Documentação lexicográfica

“Acéquia”, *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2021. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/acequia>

Barcelos, José Maria Soares de (2008), *Dicionário de Falares dos Açores. Vocabulário Regional de Todas as Ilhas*, Coimbra: Almedina.

Barcelos, José Maria Soares de (2009), *Falares do Outro Arquipélago. Flores e Corvo*, Coimbra: Edição do Autor.

Barcelos, José Maria Soares de (2016), *Dicionário de Falares do Arquipélago da Madeira*, Governo Regional da Madeira: Serviço de Publicações da Direção Regional da Cultura.

Dias, Jorge (1952), “Nótulas de Etnografia Madeirense”, *Biblos*, vol. 28, Coimbra, pp. 179-201.

Dicionário da Língua Portuguesa Contemporânea da Academia das Ciências de Lisboa (2001), Lisboa: Editorial Verbo.

Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa (2003), Lisboa: Instituto António Houaiss de Lexicografia.

Fernandes, Danilo José (2018), “Glossário”, *Eleutério Gonçalves Martins de Nóbrega – Uma Enciclopédia Viva – Mouriscas com História*, Funchal: Grupo de Folclore e Etnográfico da Boa Nova.

Macedo, Deolinda Bela de (1939), “Vocabulário”, *Subsídios para o estudo do dialeto madeirense*, Dissertação de Licenciatura, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 21-73.

Nunes, João da Cruz (1965), “Glossário”, *Os Falares da Calheta, Arco da Calheta, Paul do Mar e Jardim do Mar*, Dissertação de Licenciatura em Filologia Românica, Lisboa: Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 119-162.

Nunes, Naidea Nunes (2003), *Palavras Doces. Terminologia e tecnologia históricas e atuais da cultura açucareira do Mediterrâneo ao Atlântico*, Governo Regional da Madeira: Secretaria Regional de Turismo e Cultura/Centro de Estudos de História do Atlântico.

Pereira, Maria do Carmo Noronha (1951-1952), “Glossário”, *Tentativa de um pequeno Atlas Linguístico da Madeira e algumas considerações sobre particularidades fonéticas, morfológicas e sintáticas do falar Madeirense*, Tese de Licenciatura em Filologia Românica, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 191-267.

Rezende, Maria Ângela Leotte (1961), “Glossário”, *Canhas e Câmara de Lobos. Estudo etnográfico e linguístico*, Dissertação de Licenciatura em Filologia Românica, Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, pp. 267-312.

Santos, Maria Florentina Silva (2013), “Glossário”, *À luz das palavras quase esquecidas. Contributo para o estudo dos regionalismos na Ponta do Sol*, Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade da Madeira.

Santos, Thierry Proença dos (2007), “Glossário”, *De Ilhéus a Canga de Horácio Bento de Gouveia: A narrativa e as (re)escritas*, vol. II, Tese de doutoramento em Linguística Aplicada, pp. 366-446.

Silva, António Marques da (2013), *Linguagem Popular da Madeira*, Cadernos Madeirenses, Série II/3, Funchal: Direção Regional dos Assuntos Culturais.

Silva, Fernando Augusto da e Meneses, Carlos Azevedo de (1978), “Levadas. Terminologia usual”, *Elucidário Madeirense*, vol. II, Funchal: Secretaria Regional da Educação e Cultura, 4ª edição, pp. 505-509.

Sousa, Luís (1950), *Dizeres da Ilha da Madeira. Palavras e Locuções*, Funchal.

“Torno”, *Dicionário Priberam da Língua Portuguesa* [em linha], 2008-2021. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/torno>

Vasconcelos, José Leite de, *Dicionário de Regionalismos e Arcaísmos*, Centro de Linguística da Universidade de Lisboa. Disponível em <https://document.onl/documents/dicionario-de-regionalismos-e-arcaismosleite-de-vasconcellos.html>.

2. Referências bibliográficas

2.1. Madeira

Fernandes, Filipa Cristina Gouveia Freitas (2008), “Taparam a água de Cabeça. Discórdias e encenação de status forjados numa levada de heréus”, *VI Congresso Português de Sociologia*, Lisboa: Universidade Nova de Lisboa.

Fernandes, Filipa Cristina Gouveia Freitas (2013), *Pelos Caminhos de Água. As Levadas e veredas da ilha da Madeira como recurso turístico*, Tese de Doutoramento, Universidade de Évora.

Ferraz, Maria de Lurdes de Freitas (1994), *Dinamismo socio-económico do Funchal na segunda metade do Século XVIII*, Ministério do Planeamento e da Administração do Território, Secretaria de Estado da Ciência e Tecnologia.

Fontinha, Susana (2018), “Ensaio ao livro *Levadas* de Marco Livramento”, *Revista Islenha*, Funchal: DRAC.

Gouveia, Adelino (1996), “A agricultura madeirense: dos poios às Levadas”. In J. Brito, A. Gouveia, P. Prista e Portela, *O voo do Arado*, Printer Portuguesa Lda.

Levadas e Central da Calheta (1953), Comissão Administrativa dos Aproveitamentos Hidráulicos da Madeira, Funchal: Junta Geral do Distrito Autónomo do Funchal.

Livramento, Marco (2015), História levada pela água: as levadas são testemunho da epopeia dos madeirenses na conquista da água e da terra. In: *Revista Mais*, Funchal,

Londral, Ana (2014), “Para uma história da Engenharia na Madeira”. In Franco, José Eduardo e Trindade, Cristina, *Que Saber(es) para o Século XXI? História, Cultura e Ciência na Madeira*, Funchal: Esfera da Caos Editores, pp. 149-153.

Macedo, Eduardo Filipe Costa (2014), *Estudo de Caso das Levadas Agrícolas da Madeira – Estudo e entorno ecológico da Levada da Calheta à Ponta do Pargo*, Dissertação de Mestrado em Ecoturismo, Universidade da Madeira.

Marujo, José Xavier Baptista Vieira (2015), *As Levadas da Ilha da Madeira. Uma herança cultural*, Dissertação do Mestrado em Estudos Regionais e Locais, Universidade da Madeira.

Pereira, Eduardo C. N. (1989), *Ilhas de Zarco*, volume I, 4.^a edição, Funchal: Câmara Municipal do Funchal.

Quintal, Raimundo (2007), *Estudo Fitogeográfico dos Jardins, Parques e Quintas do Concelho do Funchal*, Dissertação apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Silva, Pe. Fernando Augusto da e Meneses, Carlos Azevedo de (1984), *Elucidário Madeirense*, vols. II e III (F – N), *fac-símile* da edição de 1946, Funchal.

Sousa, Élvio Duarte Martins (2011), *Ilhas de arqueologia: o quotidiano e a civilização material na Madeira e nos Açores (séculos XV-XVIII)*, Tese de Doutoramento, Universidade de Lisboa.

Teixeira, Dalila Valentina de Freitas (2019), *Caminhos de água. O caso das levadas dos Piornais e da Ribeira da Janela enquanto patrimónios*, Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de Évora.

Vieira, Alberto (2015), *As Levadas. Os caminhos da água na Madeira*, Cadernos CEHA, Centro de Estudos de História do Atlântico.

2.2. Açores

Almeida, Filipe Silva (2015), *Património Molinológico: Proposta para preservação e reutilização de um moinho*, Dissertação de Mestrado, Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Fernando Pessoa.

Mendes, Mário (2017), *Guia dos Percursos Pedestres. Trilhos dos Açores*, Ponta Delgada: Turismo dos Açores.

Rodrigues, Joana (2010), *Contributo arqueológico para o conhecimento dos aquedutos de São Miguel*, Dissertação de Mestrado em Arqueologia, Universidade de Évora.

Sousa, Rui de Martins (2012), “Para uma Antropologia da água doce no arquipélago dos Açores. O aproveitamento das águas do arquipélago dos Açores”, Governo dos Açores. Disponível em <http://siaram.azores.gov.pt/recursos-hidricos/antropologia.agua.doce/intro.html>

“Ilha do Pico”, Cultura Açores, Governo dos Açores. Disponível em <http://www.culturacores.azores.gov.pt/rrbc/listagem.aspx?id=300>

2.3. Canárias

“Acéquia Honda, Acéquia de la Cumbre, Acéquia de Crespo”. Disponível em <http://fichacarta.fedac.org/fichas>.

“Acéquia Marcos y Cordero”. Disponível em <https://silvestrsezcaray.com/los-nascentes-del-água>.

Aguilar Antonio, Rey (1900-1980), *Isla de la Gomera, hermingua, agulo y Vallegranrey*, Las Palmas de Gran Canaria.

Aguilar Ferraz, Francisco (2006), *Molinos de agua en la Gomera*, Madrid: Abaco Livros.

“Irrigação Tenerife”, Geografia Canaria. Disponível em <https://cuadernogeografiacanaria.blogspot.com>

Moreno, Francisco Suárez (1996), *Ingenierías Históricas en el Desarrollo Agrario de la Aldea*, Las Palmas: Ediciones del Cabido Insular de Gran Canaria.

Moreno, Francisco Suárez (2009), *El agua en Canarias. Historia, estrategias y procedimientos didácticos*. Disponível em <https://mdc.ulpgc.es/utills/getfile/collection/MDC/id/136952/filename/174396.pdf>

Moreno, Francisco Suárez (2011), “História del agua en Canarias”, *IX Jornadas de Cultura del Agua* (16 de mayo de 2011). Disponível em <https://jornadasdeculturadelagua.files.wordpress.com/2012/10/historia-y-cultura-del-agua-en-canarias2.pdf>.

Santana, Pedro (2019), “El declive de una acequia histórica”, *Revista Bien Me Sabe.org*, n.º 865. Disponível em: <https://www.bienmesabe.org/noticia/2019/Abril/el-declive-de-una-acequia-historica>

2.4. Cabo Verde

Mendes, Adriano (2009), *Análise Comparativa da rentabilidade de algumas culturas de regadio na Ilha de Santiago em Cabo Verde*, Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade Técnica de Lisboa.

Oliveira (2018), “A pedra do letreiro”. Disponível em <https://apedradoletreiro.blogs.sapo.cv/santo-antao-e-madeira-gemeos-falsos-4955>

Santos, Luizete Salette Dias dos (2015), *Ações de gestão ambiental na mitigação da desertificação em Cabo Verde. Análise de técnicas de conservação do solo e água*, Relatório de Mestrado apresentado à Universidade de Coimbra. Disponível em <https://comum.rcaap.pt/bitstream/10400.26/11479/1/tese%20Luizete.pdf>.

Sequeira, Erik Augusto da Cruz (2015), *Gestão do perímetro de rega da Barragem de Banca Furada: uma proposta*, Dissertação de Mestrado em Engenharia Agronómica - Ramo de Engenharia Rural - Instituto Superior de Agronomia, Universidade de Lisboa.

Silva, António Leão Correia e (1995), “A Sociedade agrária. Gentes das águas: senhores, escravos e forros”. In A.A.V.V., *História Geral de Cabo Verde*, vol. II, Lisboa/Praia: Instituto de Investigação Científica Tropical de Portugal/Instituto Nacional de Cultura de Cabo Verde, pp. 275-359.

2.5. Portugal continental

Azevedo, Fábio Luís Correia de (2014), *Levadas no contexto das paisagens culturais*, Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro.

“Algarve. Noras”. Disponível em <http://algarvevivo.pt/noras-um-testemunho-do-nosso-passado-agricola/>

“Central Elétrica da Lousã”. Disponível em <https://cm-lousa.pt/turismo/o-que-fazer/trilhos/pr3-rota-da-levada>

Correia, Maria Custódia (2019), “O Regadio no Desenvolvimento territorial”, *Rede Rural* n.º 9, Lisboa: R. P. O. – Produção Gráfica.

Dias, Jorge e Galhano, Fernando (2013), *Aparelhos de elevar a água de rega. Contribuição para o estudo do regadio em Portugal*, Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Fernandes, Rosa Maria Antão (2013), *Regadios Tradicionais no Território Português: o caso de Querença no Barrocal Algarvio*, Relatório de Estágio para a obtenção do Grau de Mestre em Arquitetura Paisagista, Universidade do Algarve.

“levada de Pardelhas”. Disponível em <http://walkingportugal.com>

“levada do Piscaredo”. Disponível em <http://municipio.mondimdebasto.pt>

“levada dos Agunchos e Formoselas”. Disponível em <http://gazetadabeira.pt/cultura/>

“levada do Aleixo”. Disponível em <https://cm-rpena.pt/documentos/turismo/>

“levada da Paradela”. Disponível em <https://montanhasmagicas.pt>

“levada de Montesinhas”. Disponível em <https://www.walkingportugal.com>

Mendes, Francisca Maria de Jesus Rosmaninho (2009), *Os Moinhos do Rio Almansor no Concelho de Montemor-o-Novo. Um património a conhecer, preservar e valorizar*, Dissertação de Mestrado apresentada à Universidade de Évora.

“Moinhos Aveiro”. Disponível em <https://www.cm-agueda.pt>

Salesse, Emanuel (2003), “Os que ‘sabiam’ e os que ‘andam baralhados’: funcionamento técnico e social de um regadio”, *Etnográfica*, vol. VII, n.º 1, Lisboa: ISCTE, pp. 33-61.

Vieira, António e Costa, Francisco Silva (2017), *A importância das fontes históricas dos Cursos de água: o caso do rio Ave*, Universidade do Minho.

Wateau, Fabienne (2000), *Conflitos e Água de Rega. Ensaio sobre a organização social no Vale de Melgaço*, Editora Etnográfica Press.

2.6. Suíça

Hogl, Lukas (s/d), *Les bisses et l'évolution de leur technique de construction*. Disponível em <https://core.ac.uk/download/pdf/20649401.pdf>

“Musee des bisses”. Disponível em <https://www.musee-des.bisses.ch>; <https://www.torrent-neuf.ch/le-bisse>; <https://www.trekmag.com/news.les.plus.beaux-bisses-valais>

Pelet, Paul-Louis (1997), “L'inventaire des usines hydrauliques traditionnelles du Valais”, Collection valaisanne. Disponível em <https://torpille.ch/bisses.suisse-romande>

Reynard, Emmanuel (1995), “L'irrigation par les bisses en Valais. Approche géographique”. In Courten, Nathalie de, *Annales Valaisannes*, série 2, Martigny: Société d'Histoire du Valais Romand, pp. 47-64.

2.7. Omã

“Candidatura Aflaj Irrigations System Oman - 2006”. Disponível em <https://whc.unesco.org/>

3. Outras referências bibliográficas

Cabral, Clara Bertrand (2009), *Património Cultural Imaterial: Proposta de uma Metodologia de Inventariação*, Tese de Mestrado, Dissertação Conducente à Obtenção do Grau de Mestre em Ciências Antropológicas, Universidade Técnica de Lisboa, Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas, Lisboa.

Freitas, Alfredo Vieira de (1964), *Era uma vez na Madeira. Lendas, Contos e Tradições da Nossa Terra*, Funchal: Edição do Autor.

Moutinho, J. Viale (2011), *Lendas das Ilhas da Madeira e do Porto Santo*, Funchal: Nova Delphi.

Neves, Tiago Batista (2008), *Canto à Madeira. Poesia popular dum emigrante madeirense*, Funchal: Editorial Eco do Funchal.

Pereiro, Xerardo, “Património Cultural: O casamento entre património e cultura”, *ADRA* n.º 2, Revista dos Sócios do Museu do Povo Galego, pp. 23-42.

Pestana, Antonino Eduardo (1970), *Ilha da Madeira. II Estudos Madeirenses*, Funchal: Edição da Câmara Municipal do Funchal.

Quintal, Raimundo (2011), “Levadas da ilha da Madeira. Da epopeia da água ao nicho de turismo ecológico. Island Madeira's irrigation channels. Of the epic water to the niche of eco-tourism”, *Ambientalmente Sustentável*, I (11-12), pp. 137-155.

Rebelo, Helena (2016), “Os Nomes das Receitas: um Património Linguístico Regional, Nacional ou Internacional? Uma Análise Lexical”. In Pinheiro, Joaquim e Soares, Carmen (eds.), *Patrimónios Alimentares de Aquém e Além-Mar*, Coimbra: Imprensa da Universidade de Coimbra, pp. 283-312.

Rebelo, Helena e Nunes, Naidea (2016), “Regionalismos Madeirenses”, *Dicionário Enciclopédico da Madeira*, Aprender Madeira. Disponível em <http://aprendermadeira.net/article/regionalismos-madeirenses>

Santos, Carlos (1941), *Trovas e Bailados da Ilha. Estudo do folclore musical da Madeira*, Funchal.

Veríssimo, Nelson (2015), “Levadas da Madeira: Candidatura a Património da Humanidade”, *Boletim do CIERL-UMa*, ano 2, nº 1, Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais da Universidade da Madeira, pp. 5-7.

APÊNDICE I

QUESTIONÁRIO SOBRE AS LEVADAS DA ILHA DA MADEIRA

A CONSTRUÇÃO DAS LEVADAS E A PROFISSÃO DE *LEVADIEIRO*

Conhece alguém que tenha trabalhado na construção das levadas?

Como se chamava a profissão do trabalhador que cortava as rochas na construção das levadas? (*rocheiro*)

Que outras profissões existiam? (pedreiro, alveneu, cantoneiro, etc.)

Lembra-se dos aguadeiros?

Lembra-se dos apontadores?

Lembra-se do fiscal?

Que materiais eram utilizados?

Qual é o nome da sua profissão?

O que faz ou deve fazer um *levadeiro*?

Que nome dá a um canal de água?

A limpeza das levadas compete ao *levadeiro*?

Tem alguma preparação específica?

Há quanto tempo exerce a atividade?

Em que zona ou zonas o faz?

Quantos canais tem na sua área de trabalho?

Que nome dá às levadas que já não usam?

As levadas desta zona recebem água de uma maior, numa cota superior?

Como se chama essa levada maior?

Tem algum trabalhador que cuide desse canal?

Como se chama essa profissão?

O que é que esse trabalhador faz?

Para quem trabalha?

AS PARTES CONSTITUTIVAS DAS LEVADAS

Como se chama o lugar onde nasce uma ribeira? (cabo da ribeira)

Que nome dão ao curso de água que corre numa ribeira ou num ribeiro? (leito da ribeira/do ribeiro)

Que nome dão ao local donde brota a água da rocha que é conduzida para uma levada? (nascente da levada)

Como se chama a condução de água de uma ribeira para uma levada? (captação de água)

Como se chama o lugar donde se capta a água e onde tem início a levada? (madre da levada/cabo da levada/cabeceira da levada)

Como chamam o pequeno lago formado pela água da ribeira que abastece a levada? (bacia da madre de água)

Que nome dá à canalização da água de uma ribeira para uma levada? (encabeçamento da levada na ribeira)

E ao canalizar a água para uma levada ou para um rego? (encabeçar a água na levada ou no rego)

Como chama um pequeno curso de água, mais pequeno do que um ribeiro? (corgo ou córrego)

E a um pequeno corgo ou córrego de água que aumenta o fluxo de água de um ribeiro ou de uma ribeira? (afluente)

Que nome dá a uma queda de água numa ribeira, numa madre da levada ou no percurso de uma levada, caindo de determinada altura da rocha? (*aguage* ou aguagem)

Como se chama um lugar na rocha donde brota água, originando um curso de água? (nascente/águas vertentes/bica de água)

E se for um ponto de água mais pequeno que surge do chão? (olheiro/olho de água/mineiro)?

Que nome dá a uma pequena barragem de água que é captada numa levada para um poço, diretamente para rega ou para um moinho de água? (açude)

Que nome se dá ao percurso dentro da rocha escavada na montanha onde passa uma levada? (furado/túnel)

Que nome se dá à entrada de um túnel escavado na rocha, neste caso para a passagem de uma levada? (boca do furado/túnel)

Como se pode chamar a um ponto onde a levada muda de direção? (cotovelo da levada)

Como chamam ao caminho estreito que acompanha a levada? (esplanada/varanda da levada/traste/banqueta/camalhão)?

Como se chama a borda ou parede exterior de uma levada? (mainel da levada)

Como chamam o lugar da levada em que a água é dividida para sair para várias levadas? (caixa divisória/caixa da levada)

E a moldura desse compartimento tem algum nome? (caixilho da levada)

Que nome dá a cada uma das saídas de água da caixa divisória de uma levada? (boca de saída)

Como se chama o local da levada onde existe uma saída da água de rega? (tornadouro/entalhador da levada/sacada)

Como se chama uma pequena construção horizontal numa levada que permite diminuir a velocidade da água na sua descida inclinada? (dormente/quebrador/mergulhador)

Que nome dão à parte metálica com aberturas em linha horizontal, colocada sobre algumas partes das levadas? (grelha/grade da levada)

Como chamam a cobertura em cimento colocada nos canais, cobrindo algumas partes deles? (travessão da levada)

Que nome dão a uma levada que corre descoberta? (levada aberta)

Como chamam à proteção de ferro, arame ou madeira, que acompanha as passagens mais perigosas dos percursos das levadas? (varandim/varanda da levada)

Como chamam uma parte do percurso de uma levada? (lanço da levada)

Que nome dão a uma levada que pertence a proprietários privados? (levada de heréus)

Que nome dão a uma levada que retira água de uma ribeira para ser usada durante o inverno? (levada de inundação)

Que nome dão a uma levada quando a sua quantidade de água não se encontra dividida por outras levadas? (levada inteira)

Que nome dão à abundância das águas que saem das nascentes e correm nos canais e nas levadas? (manancial/caudal)

Como chamam um conjunto de levadas interligadas entre si que levam a água para várias partes de uma freguesia, chegando até aos poios? (rede de levadas)

Como chamam a um pedaço da levada ou a uma das suas saídas de água? (talho da levada)

Como chamam a um determinado espaço do percurso de uma levada? (troço da levada)

Que nome dão a um ponto da levada onde existe uma ranhura para tapar a água de rega e uma abertura para a sua saída? (sacada da levada/tornadouro)

Como chamam a uma levada que deixou de ser usada ou de ser vista e conhecida? (levada antiga/desaparecida)

AS ESTRUTURAS ANEXAS DAS LEVADAS

Que nome dão à construção onde os trabalhadores dos canais pernoitam? (casa de guarda de canal/casa de abrigo)

Há alguma casa para os *levadeiros* ou para guardar instrumentos necessários à limpeza e manutenção das levadas? Como se chama essa construção? (casa da levada/do *levadeiro*)

Sabe se existem construções onde os cantoneiros pernoitavam? Como se chamavam essas construções? (casa do cantoneiro)

Que nome dá a uma construção que transforma a força da água em eletricidade? (central hidroelétrica)

Como se chama a construção onde se acumula a água para abastecer uma central hidroelétrica? (câmara de carga/câmara de água)

Como chamam o irrigar os terrenos cultivados com a água de rega das levadas? (regar)

E a irrigação de terrenos cultivados através da construção de levadas? (rega)

Que nome davam ao antigo artefacto rudimentar feito de um pau com um pano velho molhado em petróleo, utilizado durante a noite para iluminar a rega? (facho)

E o mais recente instrumento utilizado para iluminar os túneis, aquando da sua construção, e para a irrigação à noite dos terrenos cultivados? (lanterna)

Como se chama o guardar a água de rega, por exemplo durante a noite, para poder usá-la durante o dia? (entancar a água)

Como se chama o lugar onde a água é entancada durante a noite para a rega? (poço/tanque de rega)

Como se chama a parte do poço onde fica a sua abertura? (bucha do poço)

E o dispositivo que serve para abrir e fechar o poço? (manivela ou torneira)

Os *levadeiros* têm de retirar os materiais que caem dentro dos poços de rega?

Como chamam a esse trabalho? (limpar os poços/tanques)

Como chamam a um depósito de água que é propriedade de privados? (poço de heréus)

Alguns regantes individuais também têm reservatórios para guardar a sua água de rega, como se chamam? (poços/tanques de rega)

Antigamente, tinham também um reservatório que abasteciam com água da levada para uso doméstico, como se chamava? (poça)

É preciso limpar o depósito de materiais que fica nas levadas? Como chamam esse depósito? (nateiro)

Como se chama o terreno agrícola cultivado que é regado com a água da levada? (poio/eito)

E se for um pedaço do poio cultivado com cebolas ou feijão? (talho/eira)

Que nome se dá ao conduzir a água para os talhos dos poios? (entalhar a água)

Como se chama o local do terreno cultivado que permite a entrada da água de rega? (entalhe/entalho do poio)

E o local da levada onde se tapa a água? (entalhador da levada/tornadouro)

E como se chama ao tirar a água no entalhe? (entalhar a água)

Que nome dão ao terreno agrícola constituído por um ou mais poios regados diretamente com água da levada ou indiretamente a partir de um poço de rega? (fazenda)

Este terreno está cultivado em pequenos entalhes para conduzir a água de rega, como se chamam? (regos)

E se forem entalhes mais largos? (mantas)

Como se chama a pequena elevação de terra entre os dois entalhes de rega? (camalhão)

Como chamam ao pôr mato ou tafulhos nos tornadouros, ao longo do percurso da levada, de modo a poder levar a água para o terreno a regar? (tapar os tornadouros)

Como chamam ao encaminhar da água de rega para o terreno a regar? (tapar a água)

Como se chama o utensílio usado para tapar a água nas levadas? (chapa de ferro/de folha/folha)

Que nome dão ao pôr o utensílio que tapa a água no tornadouro da levada? (meter a chapa na levada)

Como chamam a uma soca ou tufo de erva com uma pedra em cima, com que se tapava a água nos tornadouros? (terrão/torrão)

E à palha de bananeira seca e estrume ou roupa velha que tapa a água na rega? (tafulho/basculho/mato)

Que nome dá a uma pequena retirada de água da levada, de forma improvisada? (agulheiro)

Que nome dão a um local público com uma bica de água potável? (fonte/fontenário ou fontanário)

Como chamavam o recipiente antigo para transportar água da fonte para casa? (infusa/bilha/púcaro/vasilha de folha ou folha)

Como chamavam a um pequeno reservatório feito de pedra na beira de uma levada, servindo para lavar roupa? (poço da levada/lavador de levada)

Como chamavam a pedra colocada nesse lugar, onde as mulheres lavavam a roupa? (laje/pedra de lavar)

E as mulheres que lavavam a roupa nessas pedras e nas ribeiras? (lavadeiras)

E as pias de lavar a roupa em espaços públicos construídas pelo Estado, com água canalizada para a lavagem das roupas em determinados sítios de uma freguesia? (lavadouro ou lavadoiro público)

Como chamam a uma levada que leva água para um moinho? (levada do moinho)

Que nome se dava ao instrumento de medir o tempo colocado numa construção em forma de torre para controlar o uso da água de rega? (relógio de água)

E à antiga construção em forma de torre com um relógio, feita numa determinada localidade, de forma que todos os regantes pudessem controlar o início e o fim do seu tempo de rega? (casa do relógio)

A DISTRIBUIÇÃO DA ÁGUA DAS LEVADAS

Que nome dá ao período de rega das levadas? (ano de rega)

Um ano de rega a que período se refere?

Que nome dão a esse período de rega? (giro)

Como é passada a informação das horas e dias de rega ao agricultor?

Lembra-se de utilizarem os búzios? Para que serviam?

Que medida de água utilizam? (pena de água)

Conhece outras medidas de água? (anel e telha)

Na sua área de trabalho, existem levadas principais e secundárias?

Pode indicar o nome das levadas principais?

E das levadas secundárias?

Como chamam as levadas secundárias ou mais pequenas? (regadeiras/levadinhas)

Como se chama à divisão da água de uma levada principal em várias partes?
(ramais/ramos/braços da levada)

Como chamam o utensílio usado para tapar a água da levada? (chapa)

EXPRESSÕES E PROVÉRBIOS RELACIONADOS COM AS LEVADAS

Conhece a expressão “ir pela levada abaixo”?

E o provérbio “A preguiça morreu de sede à beira da Levada”?

O que significa este dito popular?

Conhece alguma outra expressão semelhante?

Tem alguma história ou episódio interessante sobre as levadas ou a sua profissão que nos possa contar?

APÊNDICE II



Faculdade de Artes e Humanidades
Mestrado em Linguística: Sociedades e Culturas

AUTORIZAÇÃO DE GRAVAÇÃO DA ENTREVISTA

E DADOS DO ENTREVISTADO

No âmbito do Estágio do Mestrado em Linguística: Sociedades e Culturas, na Faculdade de Artes e Humanidades da Universidade da Madeira, solicito a sua participação na construção de um vocabulário associado às levadas da ilha da Madeira, enquanto *levadeiro* ou antigo construtor destes canais de irrigação, respondendo a algumas questões sobre experiências e conhecimentos relacionados com a sua profissão.

Para assegurar o rigor dos resultados e para que a memória se guarde, é desejável proceder à gravação da entrevista. A gravação poderá ser interrompida a qualquer momento, se essa for a vontade do entrevistado.

Gravação: Autorizo ____ Sim; ____ Não.

Divulgação no Estudo Científico: Autorizo ____ Sim; ____ Não.

Totalmente _____; Parcialmente _____

O Entrevistado

O Entrevistador

Nome: _____

Data de nascimento: _____ Estado civil: _____

Local de nascimento (freguesia e concelho): _____

Profissões: _____

Habilitações: _____

Morada: _____

Telefone: _____ Email: _____

Informante nº: _____ Data: _____ Local da Entrevista: _____

ANEXO I



TENTATIVE LIST SUBMISSION FORMAT



STATE PARTY: PORTUGAL

DATE OF SUBMISSION:

Submission prepared by:

Name: Governo Regional da Madeira

E-mail: drf@gov-madeira.pt

Address: Rua Dr. Pestana Júnior, n.º 6, 5º Andar

Fax: (351) 291225112

Institution: Secretaria R. do Ambiente e Recursos Naturais

Telephone: (351) 291207200

Name of Property: Levadas da Madeira

State, Province or Region: Região Autónoma da Madeira

Latitude and Longitude, or UTM coordinates: 32°22'20''N e 33°7'50''N e 16°16'30''W e 17°16'38''W

Description:

O Bem proposto para inscrição na Lista do Património Mundial da UNESCO está situado na Ilha da Madeira e corresponde à ciclópica obra de engenharia hidráulica conhecida internacionalmente pelo nome de 'Levadas da Madeira'.

As levadas (do verbo português levar – para carregar) são um sistema de canais ou aquedutos construídos, ao longo de extensos quilómetros, em grande parte, bordejando montanhas ou através das mesmas, com frequentes traçados sobre rochedos escarpados, para a condução da água desde as suas diferentes origens para os seus usos intermédios ou finais.

As 'Levadas da Madeira' assumem-se, hoje em dia, como um excecional empreendimento multifuncional pois, para além de transportarem água para o consumo humano, para fins agrícolas e para a produção de energia elétrica são, igualmente caminhos de descoberta e contacto com a natureza e com a paisagem agrária, constituindo um "ex libris" do turismo regional.

As levadas são canais onde a água corre em superfície livre todo o ano, em fluxo suave, fruto de um transporte gravítico em canais com pequena inclinação longitudinal:

- Por regra, as implantadas aos 1000 m de altitude, ou a níveis superiores, captam e transportam água até às câmaras de carga das centrais hidroelétricas. São canais cuja função principal é a captação.

- As que recebem a água turbinada nas centrais ou que captam águas em nascentes, ribeiras ou córregos, no limite superior da área agrícola, são canais cuja função principal é a distribuição.

Nas levadas de distribuição (públicas ou de "heréus") sucedem-se as divisórias onde a água é distribuída pelas regadeiras, que periodicamente levam a água até aos tanques ou diretamente até aos terrenos agrícolas.

As regadeiras são canais secundários, nos quais não existe um permanente escoamento de água, nascendo em derivações perpendiculares às levadas principais (com traçados próximos das curvas de nível) pelo que apresentam, naturalmente, declives muito mais acentuados, próximos dos

declives naturais da orografia conhecendo, por vezes, pequenas quedas bruscas, para acompanhar as paredes dos “poios”.

O Bem e os seus limites foram definidos em função do conceito e características permanentes de transporte de água, o que permitiu estabelecer como **Bem a candidatar** a rede de levadas constituída por uma extensão de cerca de **800 km** de canais ou aquedutos públicos principais e particulares principais.

A zona tampão do Bem estende-se por toda a periferia do Parque Natural da Madeira (PNM), criado pelo Decreto Regulamentar Regional n.º 13/93/M, de 25 de maio, uma área protegida que contabiliza um total de 56.700 hectares, o que perfaz cerca de 2/3 da área total da Ilha da Madeira, e na qual estão inseridas a maior parte da rede de levadas a candidatar.

Atendendo ao seu vastíssimo património natural, científico e cultural, a zona em questão integra diferentes estatutos de proteção, no âmbito da Rede Ecológica Europeia – Rede Natura 2000, desde reservas naturais integrais e parciais, paisagens protegidas e zonas de recreio, pelo que, todas as atividades humanas se encontram, neste território, devidamente regulamentadas mediante Planos de Ordenamento e Gestão e por Programas de Medidas de Gestão e Conservação.

Temos também como zona tampão o limite definido pelas regadeiras, pois a existência e funcionamento destas implicará sempre a conservação e proteção da levada principal.

A origem das levadas remonta aos primórdios do povoamento da Ilha da Madeira, no primeiro quartel do século XV, quando a água se tornou necessária para a rega dos campos agrícolas, nomeadamente com a cana-de-açúcar – a primeira cultura de grande valor económico na Madeira – e para o funcionamento dos primitivos moinhos e engenhos de fabrico do açúcar. De destacar que a água transportada pelas levadas foi fundamental para que, na segunda metade do século XV, a Ilha da Madeira se tornasse num dos maiores produtores e exportadores de açúcar da Europa, o “Mundo” de então.

Segundo as crónicas da época, as primeiras levadas eram canais rudimentares, pouco extensos e escavados nos tufos vulcânicos. Quando a rocha, pela sua dureza, não permitia escavar a *caixa da levada*, utilizavam-se alguns segmentos construídos com madeira de espécies endémicas como o til (*Ocotea foetens*) ou barbusano (*Apollonias barbujana*) em forma de calha (Quintal, 2011).

Com a crescente expansão das explorações agrícolas, primeiramente com a cultura da cana-de-açúcar, posteriormente com a cultura da vinha, e atualmente com a cultura da bananeira, a rede de levadas foi crescendo por toda a ilha e a sua construção exigindo técnicas mais avançadas.

As primitivas levadas deram lugar a canais construídos em alvenaria de pedra basáltica, sendo algumas delas aquedutos de calçada basáltica. As secções transversais mais frequentes correspondiam a menos de um metro de largura e a sua profundidade podia variar entre os cinquenta e os setenta centímetros.

As levadas mais recentes lidam com maiores caudais e a sua secção transversal pode atingir um metro e vinte centímetros de profundidade e a sua largura um metro, e o seu comprimento pode atingir dezenas de quilómetros de extensão, sendo o betão ciclópico o material mais utilizado.

Todavia, as levadas continuam a ser canais de irrigação estreitos, a fim de evitar uma grande perda de água por evaporação.

A laboriosa construção das levadas esteve, nos primeiros quatro séculos após o início da colonização da ilha, a cargo da iniciativa particular, levada a cabo por proprietários das nascentes ou dos terrenos a irrigar, quer individualmente, quer reunidos em associações de “heréus”. Os “heréus” são agricultores que possuem uma parte da água da levada, e para o qual pagam a conservação do canal e elegem entre si a comissão administrativa.

A partir do século XIX e face às dificuldades económicas, nomeadamente na agricultura com a crise da produção vinícola, estas começaram a ser construídas pelo Estado ou com o apoio estatal, surgindo então as denominadas “levadas do Estado”.

Até aí, a acção do Estado limitava-se a conceder a exploração dos caudais e a fazer leis sobre a administração das levadas particulares.

A Levada Velha do Rabaçal foi a primeira a beneficiar de financiamento público, tendo as obras de abertura desta levada começado em 1835 e terminado apenas em 1860, o que demonstra as dificuldades técnicas e financeiras de realização de tal empreendimento.

A intervenção do Estado tornou-se muito mais intensa quando, em 1947, a Comissão Administrativa dos Aproveitamentos Hidráulicos da Madeira (CAAHM), fazendo parte do Plano

Nacional de Reestruturação da Hidráulica Agrícola, deu início a um audacioso plano para o melhoramento dos aproveitamentos hídricos da Ilha da Madeira.

O plano, tendo como grande estratega o engenheiro Manuel Rafael Amaro da Costa, consistiu em *conduzir, para as terras secas do sul, as águas perdidas ou mal aproveitadas no norte da ilha, sem prejuízo do alargamento do regadio nessa zona e aproveitar a possibilidade de conjugar perfeitamente a produção de energia* (após constatação que a maioria dos caudais captáveis se situavam acima da altitude dos 1000 m e as zonas de cultivo se iniciava aos 600 m) *o que, salvaguardada a imperiosa necessidade da irrigação das terras, permitia turbinar as águas com uma queda da ordem dos 400 m, antes de as lançar no regadio* (CAAHM, 1969).

Graças à competência e valia técnica e estratégica fundamental desse plano, duas décadas mais tarde, em 1967, tinham sido construídos 400 km de levadas e quatro centrais hidroelétricas. Num curto espaço temporal, quase toda a área arável da ilha estava irrigada (20 mil hectares de terras de cultivo) e instalada uma capacidade de produção hidroenergética superior a 17 mil KVA (15% da eletricidade consumida na Madeira).

A obra da CAAHM, com as necessárias ampliações e melhorias, ainda hoje se mantém atual e essencial à vida económica da Região, constituindo o núcleo central de toda a exploração dos recursos hídricos da Ilha da Madeira.

A rede de levadas, se considerarmos as regadeiras, atinge, presentemente, uma notável extensão aproximada de **3100 km** de canais (públicos principais, públicos secundários e particulares principais), dos quais várias dezenas de quilómetros (\cong 80 km) são em túneis, atravessando e percorrendo toda a ilha como um autêntico sistema circulatório. Contudo, o Bem candidato corresponde especificamente aos canais públicos principais e particulares principais numa extensão total aproximada de **800 km**.

Estamos, sem sombras de dúvida, perante um admirável monumento histórico e cultural, numa ilha com apenas 742 km² de superfície (máximos de 55 km segundo a direção E-W e de 23 km na direção N-S) e um extraordinário exemplo de aproveitamento hidráulico quer a nível nacional quer internacional.

Como curiosidade, refira-se que muitas levadas construídas com o objetivo de irrigar os terrenos agrícolas, também acabariam por ser utilizadas em azenhas e em serras de água. Com efeito, vários destes engenhos foram instalados no percurso de muitas levadas.

Igualmente, pelo facto de, até ao início do século XX, não existir distribuição de água canalizada ao domicílio obrigava a que, nos meios rurais, a população para lavar a roupa tivesse de recorrer às ribeiras e às levadas ou até a alguns poços que serviam de armazenamento de água.

Efetivamente, a excecionalidade do Bem, a continuidade de uma inegável autenticidade funcional garantindo a distribuição de água e quantidade e qualidade a toda a população da Ilha da Madeira, justificam sua inclusão na Lista Indicativa a Património Mundial da UNESCO.

Justification of Outstanding Universal Value:

(Preliminary identification of the values of the property which merit inscription on the World Heritage List)

Para reconhecer o Valor Universal Excepcional das ‘Levadas da Madeira’ importa conhecer a própria história da colonização da ilha e as suas características geomorfológicas.

Quando os primeiros povoadores aportaram à Ilha da Madeira, por volta de 1425, prontamente reconheceram a excelente amenidade do clima e a exuberante fertilidade do solo. Estas condições tão favoráveis da natureza, coroadas por uma encantadora paisagem despertariam as mais animadoras esperanças de uma próspera e vindoura colonização, baseada numa economia agrícola.

Mas, desde logo, se defrontaram com dois obstáculos, talvez julgados insuperáveis: a luxuriante e gigantesca vegetação, e o inverosímil acidentado do terreno, desdobrando-se por entre elevadas montanhas e vales profundos.

Dominar ou resignar-se a estes condicionalismos, foi a intrincada preocupação daqueles colonizadores, a que rapidamente se juntou o problema da água que, embora abundante, se encontrava irregularmente distribuída.

Deu-se então a conquista da terra, em simultaneidade com a conquista da água.

Com denodado esforço começaram por desbastar os matagais e, perante a orografia desfavorável, os destemidos homens edificaram, pelas encostas íngremes da ilha, os milhares de “poios” – pequenos terraços com solo arável e suportados por muros de alvenaria de pedra basáltica – dando assim lugar a peculiares superfícies agrícolas que, ao longo dos tempos se alastraram a toda a ilha a partir do litoral sul.

Contudo, para que estes terrenos pudessem ser explorados com intensidade, constância e proveito, tornou-se necessário estabelecer um método de regadio que compensasse o regime natural de chuvas, muito diferenciado no tempo e no espaço.

A solução, passou pelo engenho e construção de um sistema original de canais de irrigação – *as levadas* – os quais transportariam a água desde as origens das nascentes e caudais das ribeiras até ao seu destino possibilitando assim, o cultivo das terras e o viver quotidiano das suas gentes.

Devido à adversidade das características orográficas dos terrenos e às distâncias das nascentes ou fontes de abastecimento de água, relativamente aos solos a irrigar, a construção das levadas para além de, muitas vezes, levantar problemas técnicos de difícil resolução para a época, foi durante séculos, exclusivamente realizada com a força humana.

Frequentemente, a construção teve de recorrer a “rocheiros”, nome pelo qual eram conhecidos os homens, que trabalhavam suspensos por cordas amarradas em troncos de árvores ou em cabeços de rochas. Metidos em cestos, e enfrentando vários perigos, desde o desprendimento de rochas, à queda no abismo, esses heróicos trabalhadores perfuravam as rochas, abrindo-lhes plataformas para encaixar a levada e empregando nesses trabalhos apenas instrumentos simples e rudimentares como picões, barras, alviões, marrões e enxadas.

A missão de rasgar as escarpas de rocha basáltica, expondo a vida ao perigo em abismos e precipícios localizados em altitudes consideráveis ou perfurando as montanhas em túneis, com centenas de metros de comprimento, a fim de abrir os caminhos para a passagem da água, demonstra o esforço titânico que constituiu a edificação deste admirável e inigualável monumento da Ilha da Madeira.

Infelizmente muitos foram os que perderam a vida nesta missão gloriosa de rasgar as escarpas rochosas para abrir os caminhos para a passagem da água.

A perícia e coragem extraordinária destes construtores ganhou fama já no início do século XVI tendo a mesma atravessado o oceano, como ficou evidenciado numa das *Cartas de Affonso de Albuquerque*, Governador da Índia entre 1509 e 1515, a Duarte Galvão, embaixador do Rei D. Manuel na Abissínia, dando conta do seu plano de implantação do domínio português no Indico através do desvio dos afluentes do curso do Nilo e posterior invasão do Egipto "*Se el rei nosso senhor daa maneira d'oficiaes, esses que cortam as aguas pelas serras da Ilha da Madeira, que lancem no crescimento do nillo per outro cabo, que num vá reguar as terras do cairo, en dous anos he desfeito o cairo e a terra toda perdida; e se daa maneira de passajem ao preste João, na terra de meca, num ha hi nada que fazer, porque os abexis sam valentes homens: vejo as cousas estar armadas pero todo bem, se me el Rei ajudasse e num me desconfortasse*". D. Manuel nunca chegou a satisfazer o seu pedido e o Nilo continuou a fertilizar as terras do Cairo. No entanto, este curioso episódio revela muito bem a capacidade que estes homens revelavam em realizar audaciosos projetos (Cartas de Affonso de Albuquerque, 1884).

A par do impressionante testemunho que revela a capacidade cumulativa do contributo construtivo de várias gerações de madeirenses para garantir a sua sobrevivência tirando proveito da natureza, as ‘Levadas da Madeira’ ostentam um extraordinário património paisagístico, pois ao serem acompanhadas por veredas, proporcionam singulares percursos pedestres.

Graças aos milhares de turistas que as percorrem diariamente, procurando descobrir a floresta original da Madeira, – Floresta Laurissilva, classificada pela UNESCO como Património Natural da Humanidade, considerada como Reserva Biogenética do Conselho da Europa, sítio da Rede Natura 2000 e declarada como uma das 7 Maravilhas Naturais de Portugal – estas são internacionalmente conhecidas e foram responsáveis para que, em 2011, a Madeira fosse considerada, pela Boots nAll Indie Travel Guide, o 4º melhor destino do Mundo para o turismo pedestre.

De facto, através dos passeios a pé pelas ‘Levadas da Madeira’ é possível usufruir de uma natureza resplandecente e em estado puro, desvendar vales onde ocorrem as mais variadas espécies de fauna e flora, muitas delas únicas no Mundo, contemplar paisagens, sentir a presença constante

da água e beneficiar de autênticas cargas energéticas que conduzem à reflexão sobre o ser humano e à sua ligação com as forças da Natureza.

O Bem proposto representa, indubitavelmente, numa pequena ilha atlântica, uma peça notável e invulgar da história e da relação que, em determinadas circunstâncias, o ser humano e o seu engenho pode estabelecer com a água, respeitando-a como bem comum e essencial à vida e à atividade produtiva, características que conferem às levadas uma dimensão universal e um valor excecional.

A sustentabilidade dos recursos hídricos na Ilha da Madeira compromete a definição de uma adequada política de planeamento, assumindo o respetivo Plano Regional da Água, primacial importância na valorização, na proteção e na gestão de tais recursos, bem como na harmonização com as diversas atividades económicas, mediante a racionalização dos seus usos.

O Plano Regional da Água da Madeira, em compatibilização com os diversos planos de gestão territorial nomeadamente, o Plano de Gestão da Região Hidrográfica, o Plano de Ordenamento do Território da Região Autónoma da Madeira, o Plano de Ordenamento Turístico, o Plano Regional de Ordenamento Florestal da Região Autónoma da Madeira, e os diversos Planos Diretores Municipais assenta numa abordagem conjunta e interligada de aspetos técnicos, económicos, ambientais e institucionais envolvendo os diversos utilizadores da água, com o objetivo de estabelecer de forma estruturada e programática, uma estratégia de gestão integrada, que promova a utilização racional da água, em articulação com o ordenamento do território e a conservação e a proteção do ambiente, alicerces fundamentais para a conservação dos atributos do Bem ‘Levadas da Madeira’.

No que concerne à gestão da rede das ‘Levadas da Madeira’ esta é, quase na totalidade, definida pelo Governo Regional da Madeira, fazendo nela intervir entidades exclusivamente públicas do Sector Empresarial Público que gerem a grande maioria dos caudais das levadas, todas integrantes do domínio público.

As poucas levadas particulares que ainda subsistem têm a sua gestão a cargo de Comissões, com estatutos próprios, ao serviço dos respectivos “heréus”, garantindo o fornecimento de água aos seus associados. Curiosamente, um princípio de funcionamento participativo dos heréus nas decisões de interesse comum, previsto nos seus estatutos, prevaleceu ao longo da história. Contudo, dado o frequente desequilíbrio financeiro dos orçamentos das levadas particulares, a tendência histórica tem sido, a da transferência das mesmas para a gestão pública.

Acessoriamente, naquilo que se refere à garantia do entorno das levadas, intervêm, ainda, vários departamentos tutelados pela Secretaria Regional do Ambiente e dos Recursos Naturais, do Governo Regional da Madeira.

As ‘Levadas da Madeira’ são indiscutivelmente um património cultural tão excecional que transcende as fronteiras nacionais e se reveste de carácter inestimável para as gerações atuais e futuras. Assim sendo, a proteção permanente deste património é da maior importância para toda a humanidade.

Criteria considered to be met [see Paragraph 77 of the *Operational Guidelines*]:

(Please tick the box corresponding to the proposed criteria and justify the use of each below)

(i) (ii) (iii) (iv) (v) (vi) (vii) (viii) (ix) (x)

Criterion (i): Representar uma obra-prima do génio criador humano

Perante as características geomorfológicas da Ilha da Madeira, a edificação dos milhares de quilómetros de canais de irrigação só foi possível através do esforço colossal e tenacidade dos homens que revelaram uma inteligência e uma quase perfeita adequação para a época.

A edificação das levadas exigiu, ao longo de quase seis séculos, um trabalho árduo, do qual sobressaiu a grande persistência do povo madeirense no domínio da natureza. Arrancando dos sítios menos acessíveis os preciosos caudais que foram conduzidos, ao longo de extensos e sinuosos percursos, durante quilómetros, e inscrevendo-os harmoniosamente na paisagem, como se dela desde sempre fizessem parte.

As condições especiais do meio e particulares da região determinaram a construção de uma majestosa obra-prima, tornando-a num dos mais importantes bens culturais portugueses de indiscutível genialidade criativa.

Criterion (iii): Constituir um testemunho único ou pelo menos excepcional de uma tradição cultural ou de uma civilização viva ou desaparecida

A construção das levadas iniciou-se com o povoamento da Ilha da Madeira, em meados do século XV, e desde então tem desempenhado um papel determinante no desenvolvimento socioeconómico da região.

As levadas são indissociáveis do modo como o espaço tem sido aproveitado há quase seis séculos refletindo uma associação harmoniosa entre os elementos biofísicos naturais e humanos.

São monumentos vivos da persistente luta da população madeirense para garantir a sobrevivência neste espaço atlântico e que celebrizaram internacionalmente a Ilha da Madeira, constituindo no imaginário local todo um historial de vida e morte.

De vida, porque essencial à irrigação das terras e à sobrevivência das populações.

De morte, porque, várias vezes, a sua construção foi acompanhada pela perda de vidas. É conhecida a história de um pároco que, retornado de cerimónia fúnebre em que teve de se deslocar ao local praticamente inacessível onde estavam sepultados os restos mortais de um trabalhador, exclamou algo próximo de “a minha alma pode lá voltar mas o meu corpo não!”. Em morte, também resultaram alguns incidentes relativos a conflitos relativos ao uso e ao direito pelas águas.

Criterion (iv): Representar um exemplo excepcional de um tipo de construção ou de conjunto arquitetónico ou tecnológico ou de paisagem que ilustre um ou mais períodos significativos da história humana

A rede de ‘Levadas da Madeira’ sofreu inevitáveis evoluções registadas ao longo dos séculos em função das técnicas e materiais próprios das diferentes épocas.

A primeira fase de construção das levadas surgiu em meados do século XV e estendeu-se, provavelmente, até meados do século XVI. Neste período, as levadas eram canais pouco extensos, escavados na rocha e construídas em áreas litorais, não tendo sido ultrapassado o limite da zona agrícola mais rica (os 300 m de altitude).

Do século XVI e até finais do século XVIII a construção evoluiu para cotas superiores, entre os 300 e os 600 m, mas não ultrapassando a encumeada dorsal da ilha.

Na segunda metade do século XIX e especialmente nas décadas de cinquenta e sessenta do século XX deu-se a perfuração da cordilheira central, tendo sido, para tal, construídos extensos túneis o que possibilitou trazer a água da vertente norte da ilha para a vertente sul. As levadas eram canais, mais extensos que os túneis, executadas em alvenaria de pedra basáltica, substituídas posteriormente por construção em betão ciclópico. As levadas principais deste período estenderam-se por patamares de nível aproximadamente constante (a maioria nas altitudes dos 600 e dos 1000 m) dando depois lugar a redes secundárias de distribuição.

Ainda se encontram em uso levadas muito antigas que, por interesse próprio dos respectivos “heréus” e pela sua localização, continuam ainda operacionais.

Os perfis longitudinais das levadas são também um exemplo excepcional de um tipo de construção que se manteve ao longo dos tempos. Alimentando-se em interceções das correntes rápidas das ribeiras de vales abruptos, as levadas reconfiguram essas águas em fluxos de água suaves, encaminhando-as do Norte para o sul da ilha, quase sempre através de um declive mínimo (1/1000 m/m).

Criterion (v): Ser um exemplo excepcional de povoamento humano tradicional, da utilização tradicional do território ou do mar, que seja representativo de uma cultura (ou culturas), ou da interação humana com o meio ambiente, especialmente quando este último se tornou vulnerável sob o impacto de alterações irreversíveis

As ‘Levadas da Madeira’ são um notável exemplo do desenvolvimento de uma obra sem precedentes na captação da água e sua distribuição para a agricultura, para o consumo humano e para a produção de energia elétrica possibilitando assim a vivência e o bem-estar de toda a população madeirense.

Ao longo da História, as levadas assumiram um papel fundamental na vida das populações. Foi em torno do seu percurso por entre montanhas e áreas de cultura que a ilha assentou o seu quotidiano.

As levadas são vias de condução de água, mas também caminhos de acesso aos espaços agrícolas e florestais e por consequência vias privilegiadas para a fruição de um património natural e cultural, pelo turismo e em especial pelo Turismo de Natureza.

Statement of authenticity and/or integrity [see Paragraphs 78-95 of the *Operational Guidelines*]:

A afirmação do carácter único das ‘Levadas da Madeira’ assenta em três fatores distintivos que lhe conferem autenticidade: Carácter único da relação do Homem com a Natureza numa situação de escassez e adversidade dos elementos naturais – a água, o solo e a orografia; Carácter sábio desta relação resultado de um conhecimento profundo dos elementos naturais; Carácter único de multifuncionalidade ao longo dos diversos períodos da história.

A continuidade funcional no espaço e no tempo, bem como as particularidades que caracterizam o seu funcionamento, nomeadamente: as regras de distribuição da água; os princípios que norteiam a sua gestão; a forma como esta tem sido assegurada, consoante a sua natureza associativa ou pública; os interesses económicos e sociais que se confrontaram ao longo de quase seis séculos e as lutas travadas pelas populações em defesa do direito à água conferem às ‘Levadas da Madeira’ indiscutivelmente garantias de uma inegável autenticidade.

O extenso património imaterial construído à volta do Bem, particularmente linguístico, com expressões que só a população madeirense compreende, são igualmente atributos que expressam a sua autenticidade como exemplos:

O **“Levadeiro”** – Tem um papel de destaque pois é aquele que controla a água de rega durante os giros, sendo também responsável pela sua distribuição pelas regadeiras da sua zona de rega. Esta figura, no passado, distribuía a água, munido duma ampulheta, dum relógio ou de um búzio e desempenhava também o papel de mediador dos conflitos, tensões e discórdias. Como na sua atividade chegava a todos regantes, frequentemente, era portador de mensagens entre vizinhos mais distantes.

A **“Comissão da Levada”** – Órgão de gestão da Levada democraticamente eleito pelos “heréus”.

A **“Madre da levada”** ou **“Cabo da Levada”** – Designação da origem da levada.

A **“Esplanada”** – É a estreita vereda que em geral acompanha contígua e paralelamente a levada em quase toda a sua extensão. É geralmente aproveitada como servidão e caminho quer para os moradores das vizinhanças quer por caminhantes nos percursos de descoberta da Natureza.

O **“Rocheiro”** – Trabalhador que demolia ou saneava as rochas criando as plataformas necessárias à construção da levada, trabalhos que obrigavam a se suspender frequentemente nas escarpas.

O **“Giro”** – É o período decorrido entre uma rega de qualquer terreno e a sua previsível rega subsequente.

A **“Época de Giro”** – É o período do ano em que se rega com água de cabeça (água controlada pelo levadeiro) também designado de período de rega estival.

Os **“Heréus”** – Agricultores que construía as levadas e que, por essa via, detinham sobre elas os direitos de propriedade, assumindo responsabilidades de gestão e de manutenção.

A **“Cana”** – Unidade de medida de terreno equivalente a uma área de 30 m².

A **“Pena”** – Caudal de 1 l/min.

O **“Anel”** – Medida de caudal correspondente a oito penas.

A **“Telha”** – Medida de caudal correspondente a oito anéis, ou seja, a 64 l/min.

O **“Lanço”** – Sítio onde passa uma regadeira.

A **“Regadeira”** – O termo pode ser usado em duas situações distintas, mas diretamente interligadas. Por um lado, designa as levadas secundárias que servem para distribuir a água nos lanços para os terrenos agrícolas e, como medida de caudal, corresponde a 900 penas, i.e., a 15 l/s.

O **“Tornadoiro”** – Local onde se efetivam as “tornas” da água, i.e., onde se franqueia ou se bloqueia a água para determinado regante com o direito a determinado tempo de uso de água de rega. Geralmente estão numerados de acordo com a ordem real de rega no campo.

Associadas ao heroico esforço de construção das levadas surgem, também, diversas *lendas das levadas* que se confundem com a realidade histórica e que são populares na Ilha da Madeira. Todas elas têm como protagonista uma senhora de idade avançada, *uma Velha*, como diz o povo. No entanto, a História da Madeira não diz quem tenha sido, porventura e conforme pesquisas no folclore madeirense essa *Velha* anónima, pode ter sido alguma antiga morgada e que outrora tenha mandado construir uma levada e depois na construção a mesma se tenha intrometido.

A tradição popular dá-nos algumas versões acerca da famigerada *Velha*, com alguns pontos de semelhança, mas também com as suas variantes, como sendo a *Lenda da Levada do Moinho*, a *Lenda da Levada Abandonada*, a *Lenda da Levada da Velha Avarenta* ou *Lenda da Levada da Bendita Velhinha*.

Damos o exemplo da *Lenda da Levada do Moinho*. Dizem algumas pessoas de idade, talvez por terem ouvido de tradição oral, que a levada do Moinho tenha sido mandada construir por uma Velha, que nela gastou a sua vida e fortuna. *“E ainda contam os antigos que, durante muito tempo, outra coisa não se fazia senão desbravar o cerrado arvoredo, cortar rochas com uma picareta, fazer parede e paredes e outros serviços para assentar os mainéis da levada. E à medida que trabalhavam os servos, a obra ia progredindo e também aumentavam os anseios e diligencias da boa Velhinha que pressentia cada vez mais perto o termo da sua longa vida. Desde o início, tinham decorrido cerca de doze anos, e durante os quais a velhota desembolsava dinheiro e murmurava orações para que Deus a conservasse, pelo menos até ao final da obra. Por fim, eis que os trabalhadores vieram anunciar à velhota que estava terminada a sua obra. Tinha-se feito alguma coisa de útil para os homens. Havia-se realizado uma grande obra de misericórdia: dar de beber a quem tem sede: aos homens, aos animais, às plantas e às terras ressequidas.*

Contentíssima, ela ordenou aos trabalhadores que fossem “encabeçar” a água na levada, enquanto outros servos levavam de rede a ver funcionar a levada da sua iniciativa. Quando viu a água a avançar pela levada, a Velha, doida de contentamento, mas cheia de vaidade e presunção, querendo ser a primeira a servir-se, lavou as mãos e com elas, em concha, bebeu e depois exclamou:

*“Levada, minha levada,
Levada que aqui me tens:
Uma vida inteirinha,
Que se chama o bem dos bens,
E uma pipa de patacas
E um quarto de vinténs!”*

Diz-se que morreu ali mesmo, vendo-se nisto um castigo de Deus, porque em vez de lhe dar graças, mostrara-se vaidosa e presunçosa com a obra que tinha realizado. De qualquer modo, quem hoje for à Levada do Moinho e apurar o ouvido, poderá perceber no murmúrio da água corrente: Era uma vez... uma velha que construiu uma levada...” (FREITAS, 1964).

De facto, as ‘Levadas da Madeira’ – obra intemporal, edificada em harmonia com os desígnios de preservação ambiental dos valores florestais, naturais e paisagísticos – tornaram-se um símbolo de espírito e expressão importante para a comunidade regional, um elemento principal de orgulho, cultura e congratulação de toda a população madeirense.

Pelas suas características multifuncionais essenciais à sobrevivência de toda uma população o Bem ‘Levadas da Madeira’ possui todos os elementos necessários para exprimir o seu Valor Universal Excecional encontra-se em bom estado de conservação. Os processos que podem gerar efeitos adversos encontram-se controlados, espelhando, assim as condições de integridade do bem.

Comparison with other similar properties:

(The comparison should outline similarities with other properties on the World Heritage List or not, and the reasons that make the property stand out)

Do ponto de vista tecnológico, não sendo um sistema de irrigação exclusivo da Madeira, o Bem ‘Levadas da Madeira’ distingue-se, de outros sistemas hidráulicos seus congéneres, pelas suas especificidades, nomeadamente no que concerne às condições adversas de acessibilidade e edificação conferidas pela geomorfologia da ilha e pela grandiosa extensão de canais ou aquedutos (3100 km) erigidos numa ilha de pequena dimensão (742 km²).

Na comparação com bens inscritos na Lista do Património Mundial, as ‘Levadas da Madeira’ partilham com o Bem “Aflaj Irrigation Systems of Oman”, a principal finalidade de condução e distribuição de água, de um modo exclusivamente gravítico, para a irrigação agrícola e abastecimento de água para uso doméstico. Contudo, este sistema construído em solo com topografia suave, ou com diferenças de cotas pouco significativas, distingue-se das características orográficas nas quais foi edificada a rede de ‘Levadas da Madeira’ exigindo tal uma tenacidade heróica e engenho colossal.

No contexto da Região Biogeográfica da Macaronésia damos igualmente conta da existência de canais de irrigação semelhantes nas Ilhas Canárias. Estes canais chamados de “acequias” surgem aquando da necessidade de exploração dos aquíferos, dada a absoluta carência de águas superficiais (nascentes e ribeiras). Para tal e segundo registos históricos recorreram a profissionais da Ilha da Madeira, os quais definiram como sendo os “*mestres de sacar água*”, para serem os pioneiros na realização das primeiras infraestruturas hidráulicas como poços, galerias e de canais “acequias” de irrigação. Contudo, face ao regime especial de propriedade privada, conhecido como “*heredamientos ou heredades*”, no qual a posse da água era propriedade mantida através de pais para filhos ou herdeiros, tendo o mesmo persistido até ao início do século XX, bem como à sobre exploração e esgotamento dos aquíferos, não houve uma estratégia concertada para a criação de uma rede de canais de irrigação e a sua expansão por todo o território.

Assim sendo, numa perspetiva histórica e dimensional as ‘Levadas da Madeira’ representam uma obra sem paralelo. Pois, desde os primórdios da sua construção, no século XV, que as levadas foram sendo estoicamente construídas ao longo de diferentes épocas, dentro de uma disciplina expansionista e consagrando a utilização da água como bem comum, nas suas múltiplas funções: irrigação agrícola, abastecimento da população, produção de energia hidroelétrica e recurso turístico.

Esta estratégia permitiu estabelecer um autêntico sistema hidrográfico artificial, verdadeiramente notável, pela sua conceção, realização e importância fundamental para a subsistência de toda a população e do desenvolvimento económico da Região.

A visão holística dos nossos antepassados em harmonizar os dois elementos hostis – rochas e água – do qual sobressaiu a grande persistência do povo madeirense no domínio da natureza, possibilitou uma mudança radical da paisagem, tornando-a mais rica em vegetação e bastante produtiva e, por conseguinte, criando um mosaico diversificado entre agricultura e floresta, constituindo presentemente um excelente cartaz turístico.

De facto, do ponto de vista cénico, as ‘Levadas da Madeira’ propiciam paisagens deslumbrantes de uma riqueza ecológica e ambiental única, tornando-se assim num monumento incomparável no Mundo.

Bibliografia

Academia Real das Ciências de Lisboa - *Cartas de Affonso de Albuquerque*, Tomo 1 Lisboa, 1884.

BAPTISTA, J. M. - *A água na Ilha da Madeira*, Vegeta. Anuario de la Facultad de Geografía e Historia, 2013.

CAMACHO, Paulo – *Água corre há 92 anos nas levadas – O rasgo nas montanhas era inevitável*. In: Diário de Notícias, 1988.

CÉSAR, César Figueira – *Ilha da Madeira “Paraíso terrestre” - sua história, povo e mentalidade*, - *Aspeto social, económico, turístico e cultural*. Funchal: Editorial Eco do Funchal, 1985.

Comissão Administrativa dos Aproveitamentos Hidráulicos da Madeira (CAAHM) - *O aproveitamento da Água na ilha da Madeira*, Ministério das Obras Públicas, Lisboa, 1969.

Comissão Administrativa dos Aproveitamentos Hidráulicos da Madeira (CAAHM) - *Os aproveitamentos Hidráulicos e a Electrificação da Madeira*, Ministério das Obras Públicas, Lisboa, 1969.

COSTA, Manuel Rafael Amaro da – *O aproveitamento de água na Ilha da Madeira*. In: Revista Das Artes e da História da Madeira, N.º 4, pp.18-19, Funchal, 1950.

- COSTA, Manuel Rafael Amaro da – *O Aproveitamento da água na Madeira II - A marcha da obra através do temp.* In: Revista Das Artes e da História da Madeira, N.º 5, pp. 14-21, Funchal, 1951.
- COSTA, Manuel Rafael Amaro da – Os aproveitamentos hidráulicos da Madeira III - Marcha atual – questões à margem do plano. In: Revista Das Artes e da História da Madeira, VOL. II, N.º. 11, pp. 6-11, 1952.
- FERNANDES, Filipa - *A água de heréus na Lombada da Ponta do Sol.* In: *Xarabanda Revista* N.º. 16, pp. 51-57, 2007.
- FERNANDES, Filipa - *A água de Regadio na Lombada da Ponta do Sol: Conflitos e Discórdias na Levada do Moinho.* In: Revista *Islenha* N.º 42, pp.122-131, 2010.
- FERNANDES, Filipa - *A cultura da água: da patrimonialização das Levadas da Madeira à oferta turística.* In: *Pasos revista de Turismo y Patrimonio Cultural*, Vol.8, 2010.
- FREITAS, P.º Alfredo Vieira de Freitas – *Era uma vez... na Madeira. Lendas, contos e tradições da nossa terra.* Funchal: Edição do Autor, 1964.
- FREITAS, Manuel Pedro S. – *Histórias da Levada da Velha.* In: *Revista Girão* – Vol. II, N.º 12. pp. 41-45, 1994.
- LAMAS, Maria – *Arquipélago da Madeira – Maravilha Atlântica.* Funchal: Editorial Eco do Funchal, 1956.
- LIVRAMENTO, Marco – *História levada pela água: as levadas são testemunho da epopeia dos madeirenses na conquista da água e da terra.* In: *Revista Mais*, Funchal, 2015.
- LONDRAL, Ana – *Para uma história de engenharia na Madeira.* In: *Que saber (es) para Séc. XXI: história, cultura e ciência na Madeira*, Lisboa, 2014.
- MESTRE, Victor – *Arquitectura popular da Madeira, Lisboa: Argumentum, 2002.*
- MOUTINHO, José Viale – *Lendas das Ilhas da Madeira e Porto Santo.* Funchal: Nova Delphi, 2011.
- NEVES, H. C. & VERÍSSIMO, N - *Levadas da Madeira, Proposta de Classificação como Património da Humanidade. Estudo Prévio de Candidatura*, Funchal, 1995.
- PEREIRA, Eduardo C. N. - *Ilhas de Zargo*, 4ª ed., Funchal: Câmara Municipal do Funchal, 1989.
- PRAM, Plano Regional da Água da Madeira. Funchal: Secretaria Regional do Ambiente e Recursos Naturais, 2007.
- QUINTAL, Raimundo - *Levadas e Veredas da Madeira*, 3ª ed.. Funchal: Edições Francisco Ribeiro, 2001.
- QUINTAL, Raimundo - *Levadas da Madeira: Caminhos de água, Caminhos de descoberta da Natureza.* In: 2010.
- QUINTAL, Raimundo - *Levadas da Ilha da Madeira. Da epopeia da água ao nicho de turismo ecológico.* In: *Ambientalmente Sustentável*, Vol. I, número 11-12, 2011.
- QUINTAL, Raimundo - *Levadas da Madeira, monumentos criados por heróis anónimos.* In: *Rua Larga - Revista da Reitoria da Universidade de Coimbra*, N.º 37, 2013.
- SILVA, F. A. & MENESES, C. A. - *Elucidário Madeirense*, Volume II. Funchal: DRAC, Secretaria Regional Turismo e Cultura, 1984.
- SILVA, Fernando Augusto da – *Pela História da Madeira: Digressão através de alguns livros e arquivos.* Funchal: Camara Municipal do Funchal, 1947.
- SOUSA, M. Odília P. – *Levada dos Moinhos.* In: *Revista Folclore*, 48 horas a Bailar SRARN, 2002.
- SOUSA, João José de – *As Levadas.* In: *Revista Atlântico*. pp. 40-47, Funchal,
- VIEIRA, Alberto – *As Levadas da Madeira – Do privado ao público.* In: *Diário de Notícias*, Funchal, 2001.
- VIEIRA, Alberto - *História e Autonomia da Madeira.* CEHA-Biblioteca Digital, Funchal, 2003.
- VIEIRA, Alberto – *As Levadas. Os caminhos da água na Madeira.* Cadernos de divulgação do CEHA. N.º 9, Funchal, 2015.
- VIEIRA, António – *As Levadas da Madeira - A sua importância para o desenvolvimento e permanência do Homem nesta terra.* In: *Revista Origens*, pp. 47-52, 1999.

Documentos Anexos


ANEXO 1 – Mapa de localização do bem “Levadas da Madeira”

ANEXO 2 – Registo fotográfico do bem “Levadas da Madeira”

ANEXO 3 – Vídeos relativos ao bem “Levadas da Madeira”

ANEXO 4 – A zona tampão do bem “Levadas da Madeira” está acautelada ao abrigo da alínea d) do ponto 1 do artigo 13º do Decreto Legislativo Regional 17/2014/M “Reestrutura o sector público empresarial regional área da gestão das águas e dos resíduos, mediante a fusão das empresas concessionárias e a criação de um único sistema multimunicipal na região”.

Anexo II



"LEVADAS da MADEIRA"

600 ANOS A VIVIFICAR A TERRA MADEIRENSE

21 de maio 2019
Auditório do Museu da Eletricidade - Casa da Luz

9:00h Receção dos participantes
9:30h Sessão de abertura com a presença da Secretária Regional do Ambiente e Recursos Naturais e do Presidente da Comissão Nacional da UNESCO
10:00h Pausa para café

Moderador: Professor Dr. Thierry Proença dos Santos, Universidade da Madeira

10:30h "Património Mundial e desenvolvimento sustentável"
Dr.ª Clara Bertrand Cabral, Comissão Nacional da UNESCO
11:00h "Paisagem da Cultura da Vinha da Ilha do Pico: Como a Natureza e os Picarotos quiseram que fosse!"
Dr. Manuel Paulino Costa, Parque Natural do Pico
11:30h "Levadas da Madeira" - o trabalho conducente a Património da Humanidade"
Eng.º Manuel Filipe – Instituto das Florestas e Conservação da Natureza, IP-RAM
12:00h Conferência - Dr. Rui Rebelo, Empresa de Eletricidade da Madeira
12:15h Debate
12:45h Almoço livre

Moderador: Dr. Marco Livramento, Diário de Notícias

14:30h "As Levadas da Madeira: passado, presente e futuro"
Professor Dr. Rui Carita, Universidade da Madeira
14:45h "Levadas da Madeira: monumentos criados por heróis anónimos"
Doutor Raimundo Quintal, Centro de Estudos Geográficos – Instituto de Geografia e Ordenamento do Território, Universidade de Lisboa
15:00h "Bioindicadores dos taludes das Levadas da Ilha da Madeira"
Doutora Susana Fontinha, Secretária Regional do Ambiente e Recursos Naturais
15:15h Debate
15:45h Pausa para Café

Moderador: Dr. Ilídio Sousa, Associação Insular de Geografia

16:15h "Levadas da Madeira e a sua importância na atividade turística regional"
Dr.ª Dorita Mendonça, Direção Regional do Turismo
16:30h "Gestão dos Recursos Hídricos na RAM"
Eng.ª Nélia Sousa, ARM-Água e Resíduos da Madeira S.A.
16:45h Debate
17:15h Sessão de Encerramento - Presidente do IFCN, IP-RAM